



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Engenharias

# CULTURA ARQUITECTÓNICA IDENTITÁRIA: DO CÂNONE AO MESTIÇO CONTEMPORÂNEO

CARLOS VASCONCELOS MATIAS

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**ARQUITECTURA**  
(Ciclo de Estudos Integrado)

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Cláudia Sofia Beato

Covilhã, Janeiro de 2016

# DEDICATÓRIA

Aprendi e não esquecerei que força é uma palavra que não deve ser proferida de livre ânimo, pois poucos conhecem o que de facto ela é, ou representa. Merece-se e conquista-se, seja com os actos que demonstramos e inspiramos aos demais, seja com o amor incondicional com que abraçamos os que nos são próximos.

Tudo o que me resta, e posso, é agradecer pela educação, pela família, pelo amor e pelo apoio – tudo o que fez de mim o Homem que sou, e o que espero vir a ser.

**Agradeço e dedico esta dissertação aos meus pais e à minha ‘vovó’, Luísa Cabral Vieira Vaz, que apesar de não ter presenciado a minha graduação académica esteve, e está, comigo no coração.**

# AGRADECIMENTOS

Prof.<sup>a</sup> Dra. Claudia Sofia Beato | Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Vaz Milheiro | Prof. Dr. Miguel Santiago

Maria Joaquina do Botelho Vasconcelos Matias | Sebastião R. Matias

Alexander Simões | Ana Marta | Ana Seborro | Ana Vinagre | André Baptista | André Ferrinha | Afonso Arribança | Bruno d'Almeida | Daniel Araújo | Daniel Carvalho | Davide Fernandes | Fábio Mesquita | Federico Cerro | Filipa Peres | Filipa Pimpão | Frank Santos | Henrique Vinagre | Joana Nunes | Joana Paço | José Pinto | Luís Carlos (Luca) | María Candela | Maria Monteiro | Mariana Morais | Marisa Silva | Marlene Claro | Nelson Augusto | Nuno Valério | Rita Silva | Rogério Galante | Rui Vieira | Sara Augusto | Tiago Bandeira | Tiago Ferreira

Isabel Rocha (CCB) | Columbia University (GSAPP Transcripts) | Megan Smith (Routledge - Taylor & Francis Group) | Fabrizia Vecchione (OMA/AMO) | Jorge Ferreira (Caleidoscópico Edições) | Molly Mikolowski (A Literary Light - Bellevue Literary Press)

## RESUMO + PALAVRAS CHAVE

O presente trabalho tem por objetivo estudar a cultura enquanto elemento essencial da linguagem arquitectónica, tendo-se desenvolvido uma série de artigos – que num conjunto formam a presente dissertação –, cujo objectivo é fazer a base para uma possível compreensão de como passámos de uma cultura de cânones, para uma cultura mestiça. A globalização talvez seja o principal impulsionador para o sucedido, uma vez que hoje não existem fronteiras e a informação não se encontra mais contida, mas sim livre para deambular pelo território e por quem se manifestar interessado.

O âmbito do estudo incluiu uma revisão dos conhecimentos que se iniciou com reconhecimento in situ, em vários ambientes usados para a compreensão do que se pretendia dissertar, bem como a leitura, e, análise de artigos, bem como de livros e até imagens.

Esta dissertação pretende-se constituir como uma interrogação sobre a questão identitária e o seu comportamento no território contemporâneo. Este, visto por muitos como um conjunto de fragmentos acoplados a uma decadência e por outros como um espaço de oportunidades – o lugar onde a possibilidade não é uma mera ilusão. A investigação concentra-se numa tentativa de construção mental, no leitor, onde este conseguirá obter uma melhor compreensão do território contemporâneo e as suas metamorfoses integradas não só na cultura passada como na corrente – considerada em parte a mais relevante para o presente e futuro das sociedades.<sup>1</sup>

Mesmo ao dissertar sobre temas bastante díspares, tentou demonstrar-se sempre uma preocupação humanista com a organização do espaço em geral, seja na escala arquitectónica ou urbana. O interesse central está no estudo das manifestações pelas quais o homem organiza o seu espaço, seja este uma cabana primitiva ou a cidade contemporânea. Ao longo dos textos, são expostos os conteúdos “simbólicos” das sociedades e das cidades, as diferenças culturais, religiosas, psicológicas, e, principalmente, a simbologia das formas resultantes. Em oposição clara à Carta de Atenas, que pretendia eliminar as diferenças e conflitos da cidade moderna, que são precisamente no que se faz centrar o tema desta dissertação – a questão identitária. Para J. Rykwert estas diferenças e, ou peculiaridades regionais/nacionais, são exatamente o que tornam as cidades, lugares mais sedutores.<sup>2</sup>

Tenta-se assim que o “Moderno” seja um conceito omnipresente para a interpretação de toda a dissertação, uma vez que concentra nele a importância de ter feito de charneira, em muitas culturas, entre o vernáculo e o moderno, e conseqüentemente, hoje, o contemporâneo. As transformações ocorridas no território, são analisadas como o resultado de um conjunto de agentes, sejam eles privados ou públicos – de certa forma, os “propulsores” do crescimento das cidades. A relação sempre difícil entre estes dois agentes, juntamente com a imigração/emigração, em procura de casa, convocam a arquitectura para uma resposta

---

<sup>1</sup> RYKWERT, Joseph. - “The Seduction of Place: The History and Future of Cities”, 2012.

<sup>2</sup> Ibidem.

consequentemente e necessariamente nova. No passado, aos arquitectos pedia-se-lhes<sup>3</sup> uma resposta rápida e racional. Estes autores, mais do que uma solução estilística, responderam com uma perspectiva urbana – uma visão que para além da resolução de um problema continha uma componente ideológica.

Hoje, o problema centra-se na falta de um modelo de ordem/beleza para gerar um entendimento identitário de local, e de união do povo. Compreendeu-se que de facto para que se compreenda a situação existente nas cidades contemporâneas, não poderia haver uma centralização num modelo, como no passado, mas precisamente na diferença, que Rykwert tanto defende como bela e correcta. No fim, a preocupação centra-se no apontamento de um possível descontrolo, uma vez que na falta de um modelo não existe um controlo para além das burocracias aristocráticas e, em certos casos, corruptas. O presente e futuro ocupam o último capítulo, como tema conjunto, e detém aí a sua centralidade teórica, fazendo assim o somatório e análise dos artigos anteriores, de modo a gerar o enfoque no tema da questão identitária, na sua complexidade e incompreensão.

#### **Palavras-Chave:**

identidade, nação, pesquisa, reflexão, crítica, estilo, evolução, metamorfose, cultura, arquitectura, contemporâneo, moderno, espaço, território, futuro, cidade, presente, linguagem, regionalismo, crescimento, observação, cognição, ética.

---

<sup>3</sup> Referência às épocas temporais do passado em que se viu necessário repensar a cidade, e a forma como a sua população habitaria o espaço urbano, ou devia. Dá-se como exemplo, os retornados durante o período da guerra colonial; e o momento pós-revolução dos cravos (25 de Abril), onde foi necessário fornecer fogos a uma população forçosamente rústica pelo seu ex ditador - António de Oliveira Salazar, estadista. Seria então necessário mencionar o nome de Nuno Portas (Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo) que a seu encargo conduziu o SAAL - Serviço de Apoio Ambulatório Local -, que “teve a grande vantagem de não vir responder a uma solicitação da população mas de a ter provocado. Ele foi o catalizador para uma organização popular face a uma administração herdada do fascismo.” (Arq. Filipe Lopes)

## ABSTRACT + KEYWORDS

This work aims to study the culture as an essential element of architectural language, having developed a series of articles that form this thesis, which aims to make the base for a possible understanding of how we have gone from a culture of canons, to a mixed culture. Globalization may be the main driver for the current result, because today there are no boundaries and the information is no longer contained but free to roam the territory and who manifest interest in her.

The scope of this study included a review of the knowledge that began with the recognition *in situ*, various environments used to understand as well as reading and analysis of articles, books and even images.

This work is intended to be as a question about the identity issue and their behavior in the contemporary territory. This, viewed by many as a collection of fragments coupled to a decay and by others as an opportunity field where the possibility isn't a mere illusion. The research focuses on a mental construction attempt in the reader, where it will be able to get a better understanding of the contemporary territory and its integrated metamorphoses not only in the past as well today's - considered in the most relevant part for the present and future of societies.<sup>4</sup>

Even to speak about quite disparate themes, tried to demonstrate a humanistic concern for the organization of space in general, whether in urban or architectural scale. The main interest is the study of events in which man organizes it's space, be it a primitive hut or the contemporary city. Over the texts, they expose the "symbolic" content of societies and cities, cultural, religious, psychological, and especially the symbolism of the resulting forms. In clear opposition to the Charter of Athens, intended to eliminate the differences and conflicts of the modern city, it is precisely when it does focus the theme of this work - the identity issue. For J. Rykwert these differences and, or regional/national peculiarities, are exactly what make cities most seductive places.<sup>5</sup>

An attempt is made as soon as the "Modern" is ubiquitous concept for the interpretation of the whole dissertation, since it focuses on him the importance of having done hinge, in many cultures, between the vernacular and the modern, and consequently, today, contemporary. The changes occurring in the territory are analyzed as the result of a range of actors, both private and public - in a way, the "drivers" of growth of cities. The relationship, always difficult, between these two agents, along with immigration/emigration, searching for a better home, summon the architecture for an answer and consequently necessarily new architecture. In the past was asked

---

<sup>4</sup> RYKWERT, Joseph. - "The Seduction of Place: The History and Future of Cities", 2012.

<sup>5</sup> Ibedem.

to architects,<sup>6</sup> a quick and rational response. These authors, more than a stylistic solution, responded with an urban perspective – a view that in addition to solving a problem contained an ideological component.

Today, the problem focuses on the lack of a model of order/beauty to generate an understanding of the local identity, and unity of the people. He realized that in fact that it's understood that the situation in the cities today, there could be no centralization in a model, as in the past, but precisely the difference that Rykwert advocates as beautiful and correct. At the end, concern is focused on pointing a possible uncontrolled, since the absence of a template there is no control beyond aristocratic bureaucracy and, in some cases, corrupt. The present and future occupy the last chapters, of the theme set, and then holds its theoretical centrality, thus making the summation and analysis of previous articles, in order to generate the focus on the theme of identity issue in its complexity and misunderstanding.

**Keywords:**

identity nation, research, reflection, criticism, style, evolution, metamorphosis, culture, architecture, contemporary, modern, space, territory, future, city, gift, language, regionalism, growth, observation, cognition, ethics.

---

<sup>6</sup> Reference to past time periods in which they saw a need to rethink the city, and how its population inhabit urban space, or should. It gives as an example, returnees during the period of colonial war; and the post-revolution of the carnations time (April 25), where it was necessary to provide fire to a rustic population forcibly by their former dictator - António de Oliveira Salazar, statesman. It would then be necessary to mention the name of Nuno Portas (Secretary of State for Housing and Urban Planning) that his commission conducted the SAAL - Local Support Ambulatory Service - which "had the great advantage of not coming respond to a request of the population but to have provoked. He was the catalyst for grassroots organizing face to an inherited administration of fascism." (Arch. Filipe Lopes)

# ÍNDICE :

INTRODUÇÃO.....	1
00_ A ORIGEM DAS ESPÉCIES ARQUITECTÓNICAS: SELECÇÃO NATURAL OU SOBREVIVÊNCIA DO MAIS APTO.....	3
00.1_ DARWIN E A SUA TEORIA.....	3
00.2_ “CIRCUNSTÂNCIAS FAVORÁVEIS À PRODUÇÃO DE NOVAS FORMAS ATRAVÉS DA SELECÇÃO NATURAL”.....	5
00.3_ “EXTINÇÃO CAUSADA PELA SELECÇÃO NATURAL”.....	9
01_ CONCEITOS INTRODUTÓRIOS À ANÁLISE CULTURAL: QUESTÃO IDENTITÁRIA E OBSERVAÇÃO COMO MÉTODO.....	13
02_ CONHECIMENTO COMO CATALISADOR DE CRIATIVIDADE.....	27
03_ DA UNIDADE À CIDADE.....	35
03.1_ A INVENÇÃO DA CIDADE.....	36
03.2_ O BAIRRO.....	41
03.3_ A CASA.....	44
03.4_ O APARTAMENTO.....	53
03.5_ A CIDADE DEPOIS DA CIDADE – UTOPIA E DISTOPIA.....	57
04_ UMA GÉNESE: ANGOLA; SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE; MUNDO.....	61
04.1_ ANGOLA.....	62
04.11_ UMA IDEIA DISTORCIDA DE ÁFRICA.....	63
04.12_ GABINETE DE URBANIZAÇÃO COLONIAL: O PROCESSO DE BRANQUETIZAÇÃO.....	68
04.13_ ARQUITECTOS E PROJECTOS: TÉCNICA E COLONIALISMO PORTUGUÊS.....	71
04.2_ SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE.....	76
04.3_ PEQUIM E O MUNDO (GLOBALIZAÇÃO).....	81
05_ CÂNONE, AESTHESIS E A RUPTURA.....	88
06_ METAMORFOSES CULTURAIS E DECADÊNCIA.....	98
07_ ARCH(SALES)MAN: CONTEXTO DO SÉC. XXI.....	112
08_ PRESERVAÇÃO CULTURAL E OS VÁRIOS TIPOS DE ABORDAGEM.....	121
08.1_ CONTEXTUALIZAÇÃO À PRESERVAÇÃO.....	121
08.2_ PARASITA.....	129
08.3_ CAMUFLAGEM.....	131

08.4_ PENETRAÇÃO .....	132
08.5_ DESCONFIGURAÇÃO/DESCONSTRUÇÃO .....	134
08.6_ FORJA.....	137
08.7_ PAGUROIDEA .....	139
08.8_ INTERPRETAÇÃO .....	141
<b>09_ ARQUITECTURA DE ANSIEDADE: TRANSGRESSÃO; CENÁRIO TURÍSTICO .....</b>	<b>146</b>
<b>10_ CAMP OF FAITH: THE FUTURE.....</b>	<b>158</b>
<b>11_ REGIONALISMO CRÍTICO, GLOBALIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO .....</b>	<b>177</b>
11.1_ REGIONALISMO CRÍTICO .....	178
11.2_ EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO E CONSEQUENTE PRESERVAÇÃO/RECUPERAÇÃO DO PATRIMÓNIO EDIFICADO.....	182
<b>12_ CONSIDERAÇÕES FINAIS: IDENTIDADE, COGNIÇÃO E ÉTICA.....</b>	<b>198</b>
12.1_ AFIRMAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE IDENTIDADES CULTURAIS: O CASO EURO- PEU .....	198
12.2_ ESQUECER PARA PRESERVAR: COGNIÇÃO COMO MÉTODO.....	202
12.3_ A MORAL E ÉTICA NA ARQUITECTURA: POR UMA COMUNIDADE ACTIVA!.....	208
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>220</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>225</b>

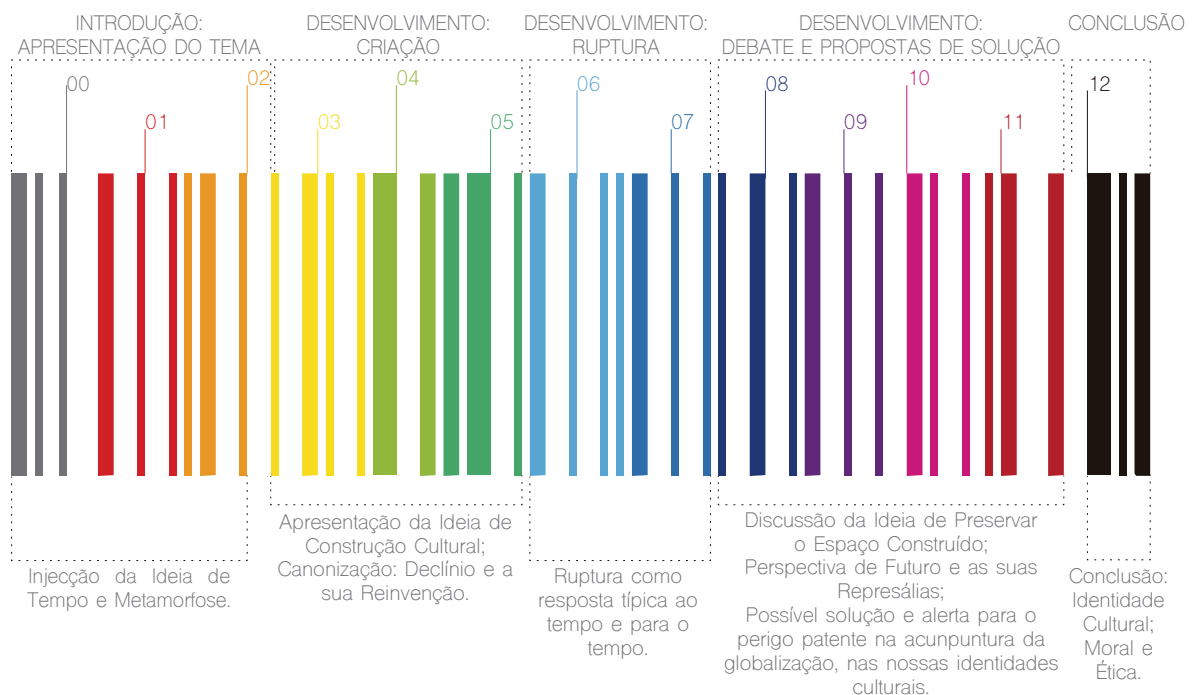
“No man ever knew, or can know, what will be the ultimate result to himself, or to others, of any given line of conduct. But every man may know, and most of us do know, what is a just and an unjust act. And all of us may know also, that the consequences of justice will be ultimately the best possible, both to others and ourselves, though **we can neither say what is best, or how it is likely to come to pass.**”

– John Ruskin (1862) “Unto This Last”, p.8.

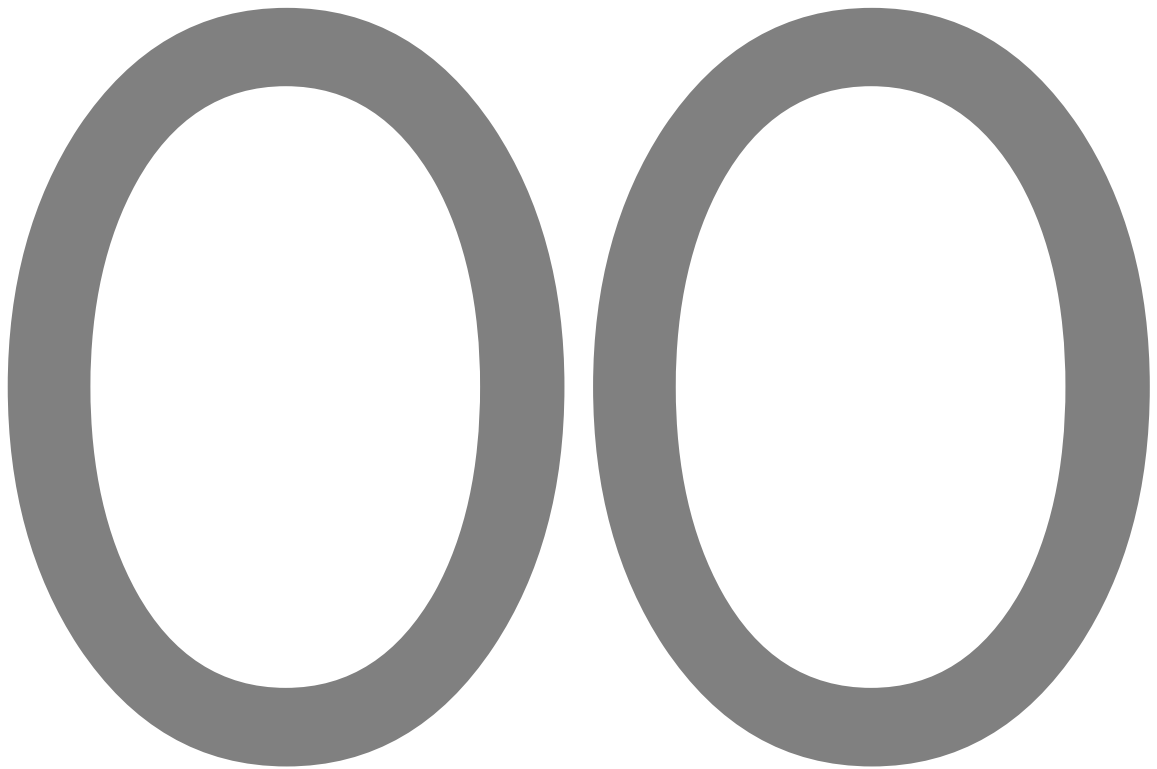
# INTRODUÇÃO

Prevê-se que com esta dissertação se consiga construir uma ideia construtiva e crítica, sempre aberta a debate, acerca do tema principal – a questão da cultura identitária na Arquitectura. Para que tal aconteça, organizou-se toda a estrutura da dissertação com base num esquema colorido a que se pediu emprestada a aparência de um código de barras, sendo que cada cor representa um capítulo, – sob a forma de artigo –, de modo a construir o conjunto necessário para a clarificação do tema, uma vez que a sua interpretação é alvo de subjectividade individual.

O esquema compreende-se como um código de barras<sup>7</sup>, tal como já foi referido, sendo que os espaços vazios representam o que não é mencionado quando se fala de tópicos, aqui, em debate e integrantes do espaço contemporâneo. Pretende-se a desmistificação da ideia de Arquitectura contemporânea como algo lunático que absorve egos e expelle o Homem da sua concepção teórica.



<sup>7</sup> Ao contrário do que se pensa os códigos de barras não são lidos pelas suas barras negras, mas pelos espaços vazios.



# 00\_ A ORIGEM DAS ESPÉCIES ARQUITECTÓNICAS: SELECÇÃO NATURAL OU SOBREVIVÊNCIA DO MAIS APTO

## 00.1\_ DARWIN E A SUA TEORIA

"Assim, para concluir, não deixeis qualquer homem crer ou sustentar, devido a uma falta de sobriedade ou a uma moderação mal aplicada, que um homem pode ir longe ou atingir grande conhecimento da palavra de Deus, ou do livro das obras de Deus, isto é, em religião ou em filosofia; mas deixai que todo o homem se esforce por progredir e ser cada vez mais proficiente numa e noutra, numa jornada interminável." <sup>8</sup>

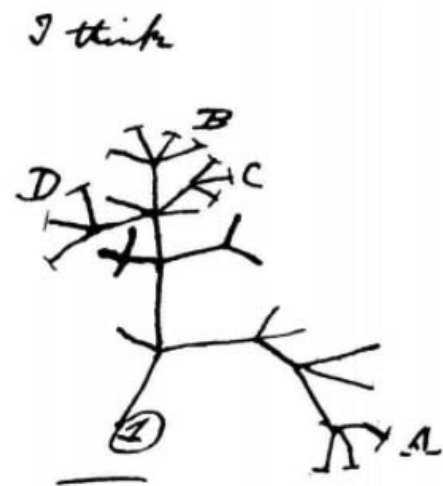


Ilustração em "Origem das Espécies" | Charles Darwin | 20.04.2015

Contrariamente à visão difundida pela Bíblia<sup>9</sup> e que acompanha o Homem por um longo período, pressupõe-se que, segundo Trattner (1956), "as espécies são fixas (imutáveis), tendo cada uma aparecido no mundo por um acto especial da criação. Assim, no segundo capítulo do Génesis, mostra-se-nos a Divindade apanhando um torrão de terra e aproximando-se, ao pé da letra, das narinas para insuflar-se o sopro da vida."

O entendimento a respeito do evolucionismo não era novidade quando surgiu no lançamento do livro de Darwin.<sup>10</sup> Ele já teria sido afirmado por Lamarck<sup>11</sup>, mas apresenta uma falha em dois aspectos de difícil transposição para aquele momento específico – o primeiro estava relacionado aos cálculos das idades insuficientes para a realização da origem das espécies vivas por meio da evolução e a segunda mediante as inscrições antigas que demonstravam nenhuma mudança significativa nos últimos três a quatro mil anos. A situação mudou de aspecto no transcurso do séc. XIX com os estudos sobre a formação minerais e dos estratos da crosta, como também das inúmeras descobertas de civilizações

<sup>8</sup> BACON, Francis (1605) "Of the Proficiency and Advancement of Learning, Divine and Human."

<sup>9</sup> "E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas fôlego da vida: e o homem foi feito alma vivente". (Génesis, 2:7).

<sup>10</sup> THEODORIDIS, Nicolas (2015) "Arquitetura das Ideias." Paco Editorial.

<sup>11</sup> Lamarck propôs que a evolução das espécies seria mediante a maior ou menor utilização de certos órgãos e que certas conformações seriam possíveis de serem transmitidas hereditariamente.

desconhecidas, além dos fósseis de animais extintos<sup>12</sup>. Com isso, “a história evolutiva (...) está de acordo com as provas oriundas de outras duas áreas da ciência totalmente diferentes: o estudo do registo fóssil pelos paleontólogos e a anatomia comparada das espécies vivas, pelos taxonomistas.”<sup>13</sup>

Considerada como uma ideia essencialmente perigosa, segundo o título do livro de Dennett (1998:43)<sup>14</sup>, ele afirma que: “O que Darwin viu foi que simplesmente admitindo-se que essas poucas condições existiam na hora do aperto – condições para as quais ele podia oferecer amplas evidências – o processo resultante levaria necessariamente a indivíduos nas futuras gerações com tendência a serem melhor equipados para enfrentar os mesmos problemas de falta de recursos com que os indivíduos da geração de seus pais se defrontaram. Esta ideia fundamental, portanto – a perigosa ideia de Darwin, a ideia que gera tantos insights, agitação, confusões e ansiedade – é, na verdade, bastante simples.”<sup>15</sup>

A ideia de selecção natural foi elaborada mediante um produto de ideias anteriores que circulavam há anos na Europa. Quem exerceu maior influência neste aspecto em Darwin foi Thomas Malthus, ministro protestante, que lançou sob anonimato “Um Ensaio sobre o Princípio do Povoamento e a sua Influência no Melhoramento futuro da Sociedade”. Sua obra<sup>16</sup> por despertar um interesse no intelectual e forneceu a Darwin a solução para o seu problema: a luta pela sobrevivência, ou melhor, a selecção natural.

A evolução darwiniana representa uma continuidade e uma ruptura – continuidade do impulso intelectual pela revolução científica, e ruptura pois, “provocava uma alteração fundamental daquela harmonia uniforme, ordenada e previsível do mundo cartesiano-newtoniano, admitindo a mudança, a luta e o incessante desenvolvimento da Natureza.”<sup>17</sup>

Portanto, a (re)descoberta científica da mutabilidade dos espécies esbarrava de frente contra os postulados exarados na Bíblia, de uma criação estática e centralizada no Homem. O Universo agora estava totalmente dessacralizado. Nas palavras de Tarnas (1999) “A teoria darwiniana que desacreditava a narrativa da criação encontrada no Gênesis, a validade da revelação da Escritura tornara-se totalmente problemática. Era muito difícil que o Homem houvesse sido moldado à imagem de Deus, se ele também era descendente biológico de primatas sub-humanos. O que impediu a evolução não fora a transfiguração espiritual, mas a luta pela sobrevivência biológica. Com Newton soube-se que o peso da Ciência tendera a dar

---

<sup>12</sup> MONDIN (1987) p.117/118. Ver também Trigger (2011:99 a 106 - Reações Antievolução) a maneira como os achados arqueológicos suscitaram diversos debates na sociedade e os achados fósseis nos EUA.

<sup>13</sup> BARBOUR (2011) p.120

<sup>14</sup> Considerado por Remy Chauvin como “o mais darwinistas dos darwinistas” (DENNETT, 1998:27).

<sup>15</sup> Dennett é considerado um filósofo materialista evolucionista, pois afirma que a evolução é furto de um processo arbitrário e sem sentido e a selecção natural um processo automático e impessoal que segue um algoritmo formado por uma regra formal composta de etapas simples. Para uma contraposição das ideias de Dennett, aconselha-se Haugh (2006, p.27-39), em que o autor no capítulo 02, - “A ideia perigosa de Darwin” - efectua uma série de digressões frente as postulações materialistas de Dennett.

<sup>16</sup> O fundamental na obra de Malthus é o ensaio de que a população cresce em razão geométrica e os meios de subsistência crescem em razão assimétrica, criando uma desigualdade entre as forças de povoamento e da produção agrícola, fazendo com que este seja o maior obstáculo para o aperfeiçoamento da sociedade.

<sup>17</sup> TARNAS (1999) p.312.

suporte ao argumento pela existência de Deus com base nas evidências de um plano no Universo: depois de Darwin, o peso da ciência era lançado contra este argumento. A evidência da história natural parecia mais plausivelmente compreensível em termos dos princípios evolucionários da selecção natural e da mutação fortuita do que em termos de um Planejador transcendental.”

“The State of the Art of Architecture, really attempts to capture this idea that architecture is something extremely broad, that takes on many, many different forms, and that **is mutable**. It changes over time.”<sup>18</sup>

From the Cave to the Condo, 2014 | Zip Match Blog | 20.04.2015

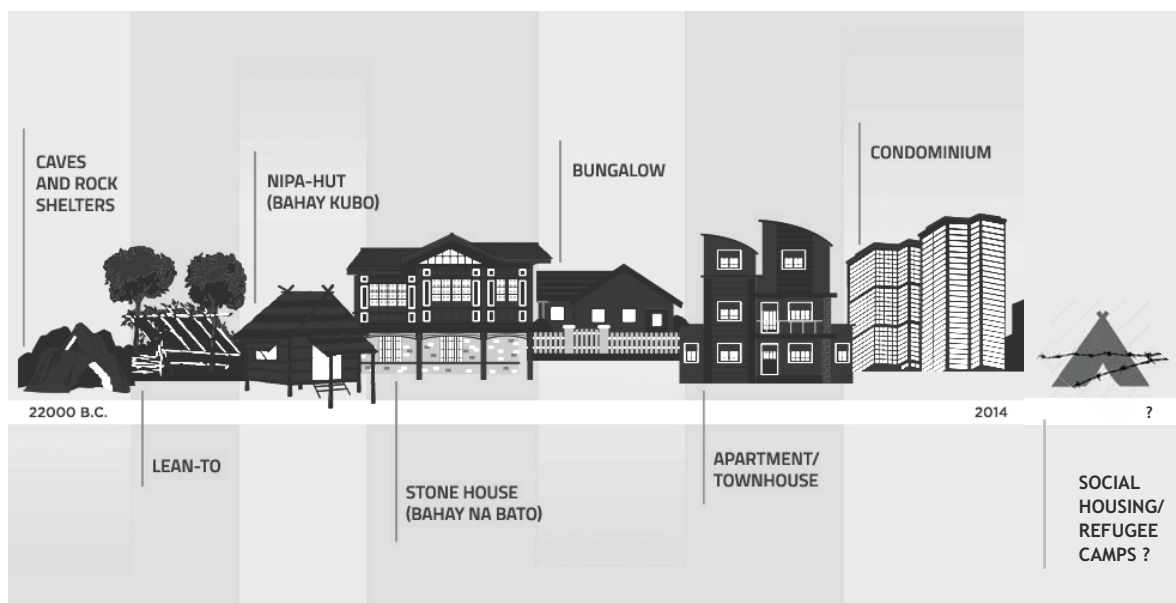


Ilustração da Evolução da Habitação | Autor Desconhecido | 20.04.2015

## 00.2\_ “CIRCUNSTÂNCIAS FAVORÁVEIS À PRODUÇÃO DE NOVAS FORMAS ATRAVÉS DA SELECÇÃO NATURAL”

Comecemos por explicar que a postura adoptada neste capítulo é a de uma analogia<sup>19</sup>, em certa parte, de modo a conseguir transparecer como deixar bem claro que a

<sup>18</sup> GRIMA, Joseph (2015) “AD Interviews: Joseph Grima / Chicago Architecture Biennial.” ArchDaily.

<sup>19</sup> Na Filosofia Moderna, é um processo efectuado através da passagem de asserções facilmente verificáveis para outras de difícil constatação, realizando uma extensão ou generalizando probabilística do conhecimento.

importância da mutação é inquestionável a quando de cultura e arquitectura falamos. Este tema é extremamente complexo e como tal foram introduzidos, este e, outro sub-capítulo com a mesma temática do próprio livro que Charles Darwin escreveu, “*On the Origin of Species*”, onde apresenta a Teoria da Evolução. Para efeito de simplificação assumo-se que se irá preservar de forma parcial o texto original, com a particularidade de que irá ser substituída a palavra “espécie” por Arquitectura (estilos, movimentos, tendências, abordagens, entre outros), demonstrando a compatibilidade de discurso associado ao processo crítico e científico das temáticas abordadas. **A existência de muita variabilidade individual (e com isto pretende-se fixar a opinião pessoal bem como os diversos padrões de gosto/belo) é evidentemente favorável à acção da selecção natural.** “A Natureza permite que a selecção natural opere ao longo de períodos de tempo muito extensos, mas não infinitos, pois dado que todos os organismos tentam apoderar-se de todos os lugares na economia da natureza, **se houver alguma (arquitectura) que tarde em modificar-se e aperfeiçoar-se, deixando de acompanhar os seus concorrentes, acabará por ser exterminada.** Adicionalmente, pelo menos alguns dos descendentes têm de herdar as variações favoráveis; caso contrário, a selecção natural não entra em acção.”<sup>20</sup>



Contraste entre o Bairro 'La Cava' e o bairro 'San Isidro' | © Natacha Pisarenko | 20.04.2015

No caso da selecção metódica, pode ter-se um criador que selecciona apontamentos arquitectónicos com determinadas características, tendo em conta um objectivo específico. Se os apontamentos puderem fundir-se livremente, o seu trabalho falhará por completo. É então necessário um controle do produto final tendo como base o planeamento prévio dos apontamentos. **Mas quando acontece haver muitos criadores/arquitectos que, apesar de não terem qualquer intenção de modificar um estilo, movimento, tendência e/ou abordagem, possuem um ideal de perfeição em comum/semelhante, podemos estar certos de que este processo de selecção inconsciente vai lentamente provocar alterações e melhoramentos no estilo, movimento, tendência, abordagem, mesmo não havendo separação dos indivíduos seleccionados.**<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> DARWIN, Charles (2009) “Origem das Espécies: Através da Selecção Natural ou a Preservação das Raças Favorecidas na Luta pela Sobrevivência.” Coleção Planeta-Darwin, Planeta Vivo. Tradução de Ana Afonso.

<sup>21</sup> Salienta-se os Arquitectos do modernismo, e como cada um se destacou de forma diferente pelas suas manifestações teóricas semelhantes.

A convergência de ideais desempenha um papel muito importante na natureza, pois consegue assegurar, puro e uniforme, o carácter dos sujeitos com os mesmos ideais. Os que possuem distanciamentos e se recusam a fazer as tais convergências, acabam por perdurar alguns anos mas sem a capacidade de obter sucessão. Ou seja, o isolamento também desempenha um papel importante na modificação dos estilos, movimentos, tendências e/ou abordagens, através da selecção natural. Numa área confinada, ou isolada, desde que não seja muito grande, as condições de persistência, são geralmente uniformes em todo o território.<sup>22</sup> Assim, a selecção natural tenderá a modificar todos os sujeitos variáveis de uma espécie da mesma maneira e ao mesmo tempo. Não é por acaso que os apoiantes do conceito – ao qual pedirei emprestado a Kenneth Frampton –, de “Regionalismo Crítico” não aceitam propriamente muito bem os chamados “radicalismos”. Nestas áreas, por estarem isoladas, a fusão com os habitantes dos territórios vizinhos torna-se difícil e por vezes até inexequível. O maior avanço que contrariou esta ideia foi talvez a globalização, que é por sua vez, uma forçosa reconciliação com a diferença, ou pelo menos hipótese de compreensão.

“Depois de ter acontecido uma alteração física das condições de vida (clima, elevação do solo, etc.), **o isolamento é também muito importante na prevenção da imigração de organismos melhor adaptados a essas novas condições; assim, os novos lugares disponíveis na economia natural daquela região vão poder ser ocupados por aqueles que já lá habitavam, (e não forçosamente por imigrantes que não se sentiriam propriamente confortáveis, podendo recorrer naturalmente ao turismo).**

O simples decorrer do tempo, por si só, não tem uma acção nociva nem benéfica no âmbito da selecção natural. Faço aqui esta observação porque tem sido erroneamente afirmado que o passar do tempo desempenha um papel crucial na modificação das (arquitecturas), como se todas as formas de vida estivessem necessariamente a passar por um processo de variação, por alguma lei inata. **O decurso do tempo apenas tem importância – e aqui sim, a importância é grande – na medida em que proporciona o surgimento de novas variações proveitosas, e, conseqüentemente, a sua selecção, acumulação e conservação.**

Se procurarmos na natureza a comprovação da verdade destas afirmações, e observarmos qualquer pequena área isolada, como uma ilha, onde apesar do número de habitantes ser pequeno, uma grande parte das espécies que lá existem é endémica<sup>23</sup>, ou seja, foi lá produzida, e não existe em qualquer outra parte do mundo. Assim sendo, à primeira vista parece que uma ilha no meio do oceano oferece condições particularmente favoráveis à produção de novas (arquitecturas). Mas podemos estar rotundamente enganados, pois para aferirmos se uma área pequena e isolada, como uma ilha oceânica, é mais favorável ao surgimento de novas (arquitecturas) que um grande território aberto, como um continente, teríamos de recuar no tempo e comparar as ocorrências de tal fenómeno num período equivalente – e esse exercício é impossível.” Ou seja, podemos verificar que existe uma maior variação de estilos, movimentos, tendências e/ou abordagens em ambientes isolados e de

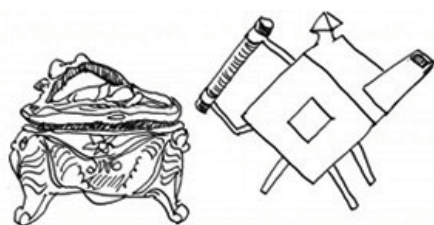
---

<sup>22</sup> Saliencia-se a existência de “Escolas” pertencentes ao conceito do Regionalismo Crítico.

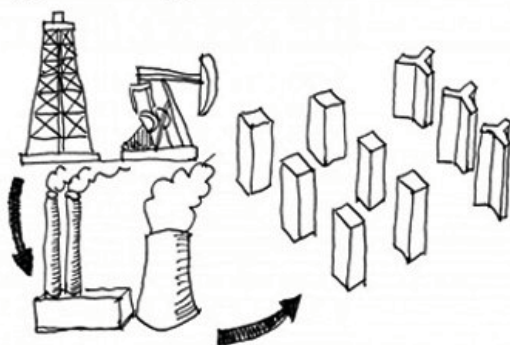
<sup>23</sup> Em biologia, botânica e zoologia chamam-se endemismos (do grego endemos, ou seja, indígena) grupos taxonómicos que se desenvolveram numa região restrita. (CAIXINHAS, Maria Lisete (1999) “Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira da Cultura, Edição Século XXI”, Volume X, Editorial Verbo, Braga.)

proporções reduzidas, contudo devemos afastar-nos dessas afirmações pois não existem provas suficientemente plausíveis e sustentadas.

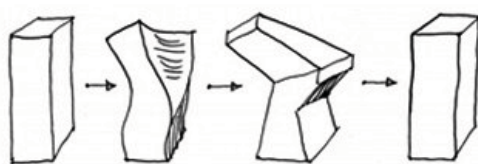
Apesar de o isolamento ser muito importante para a formação de novas (arquitecturas), estou inclinado a acreditar que em termos globais o tamanho da área é mais importante, particularmente para a produção de (arquitecturas) que se venham a provar capazes de prevalecer durante longos períodos e de se dispersarem numa grande área. **Numa área grande e aberta, não só há mais probabilidade de surgirem variações proveitosas, porque são muitos os (exemplares de cada tipo de arquitectura) que aí habitam, mas também as condições de vida são muito mais complexas, devido à grande variedade de (arquitecturas) existente. E se algumas destas muitas (arquitecturas) se modificarem e se aperfeiçoarem, as outras ou melhoram num grau correspondente ou são exterminadas.**<sup>24</sup> Adicionalmente, cada nova forma, logo que esteja bastante melhorada, será capaz de espalhar-se por toda a área, aberta e contínua, entrando assim em competição com muitas outras formas (...). De acrescentar que as grandes áreas, ainda que hoje sejam contínuas, podem em tempos ter sido fraccionadas, pelo que geralmente os efeitos favoráveis do isolamento terão contribuído para esta diversidade. Por fim, concluo que, apesar de as áreas pequenas e isoladas serem em alguns aspectos altamente favoráveis à produção de novas (arquitecturas), nas grandes áreas o processo de modificações é normalmente mais rápido. Mais importante ainda, as formas novas produzidas nas grandes áreas e que já saíram vitoriosas na luta com muitos dos seus inimigos vão ser aquelas que se espalharão mais vastamente, e que darão origem a um maior número de variedades e de (arquitecturas). Desempenharão, portanto, um papel mais relevante na história e transformação do mundo vivo.



**From artisan to industrial**



**Industrialism creates modernism**



**Modernism to neomodernism to postneomodernism**

“The Quest to “Liberate” Architecture from Modernism’s Evils: An Interview with Nikos Salingaros” | ©Nikos Salingaros | 21.04.2015

<sup>24</sup> Referência às metodologias aplicadas pelas autarquias, na requalificação dos núcleos históricos, através da demolição em massa de grande parte do tecido urbano, ou pior, um “esventrar” dos corpos individuais, para que apenas a fachada seja mantida. Esta ideia, a mais tendenciosa por grande parte das autarquias e profissionais de Portugal.

Em jeito de resumo, tanto quanto é possível resumir este assunto extremamente complexo das circunstâncias favoráveis ou desfavoráveis ao aparecimento de novas (arquitecturas) através da selecção natural, dir-se-ia que, ao nível dos seres vivos terrestres, as grandes áreas continentais, que já passaram por diversas oscilações de nível, terão oferecido as condições mais favoráveis para a produção de muitas formas de vida novas, capazes de durar muito tempo e de se dispersarem por várias regiões.

Admite-se perfeitamente que a selecção natural actua de forma extraordinariamente lenta. Tendo alguns dos antigos (tipos de arquitectura) sofrido as tais necessárias adaptações às novas condições de vida, as relações mútuas entre os outros (tipos de arquitectura) são também perturbadas, o que acabará por fazer com que outros espaços fiquem livres, prontos a serem ocupados por formas melhor adaptadas. Tudo isto acontece muito lentamente. Apesar de todos os (tipos de arquitectura) diferirem ligeiramente uns dos outros, por norma é preciso esperar muito para que uma diferença vantajosa ocorra em várias partes do organismo.

O processo de selecção natural pode ser lento, mas se o homem, limitado, consegue tanto através da sua selecção artificial, não consigo imaginar um limite para a quantidade de modificações, para a beleza e para complexidade das coadaptações de todos os seres vivos, tanto entre si como com as suas condições físicas de vida, que foram causadas, no longo decurso do tempo, pelo poder de selecção da natureza, ou seja, pela sobrevivência do mais apto. <sup>25</sup>

### 00.3\_ “EXTINÇÃO CAUSADA PELA SELECÇÃO NATURAL”



Habitações “Pruitt-Igoe”, St. Louis (EUA), 1954 | Minoru Yamasaki | 30.04.2015

“Architectural Education ever since the Bauhaus, and continuing to the present day without interruption, teaches students to interpret built forms according to very peculiar abstract criteria, and not through their own biologically-evolved senses and cognitive intelligence. This is radical training in sensory denial: desensitizing people so that their interpretation of the world can be defined by others with an agenda.” <sup>26</sup>

<sup>25</sup> DARWIN, Charles (2009) “Origem das Espécies: Através da Selecção Natural ou a Preservação das Raças Favorecidas na Luta pela Sobrevivência.” Coleção Planeta-Darwin, Planeta Vivo. Tradução de Ana Afonso.

<sup>26</sup> SALINGAROS, Nikos (2013) “The Quest to “Liberate” Architecture from Modernism's Evils: An Interview with Nikos Salingaros.” Interview conducted by Vanessa Quirk, ArchDaily.

Devido à elevada progressão geométrica do aumento do número de (tipos de arquitectura), cada área está já totalmente preenchida de (tipos de arquitectura). Assim, consoante as formas melhor adaptadas ao meio aumentam de número, as mais fracas diminuem. Podemos observar que qualquer forma que apenas existe representada por um número reduzido de indivíduos está provavelmente condenada à extinção, ou devido ao aumento temporário do número dos seus (rivais). Mas podemos ir ainda mais longe: à medida que vão surgindo novas (arquitecturas), a menos que admitamos que o número de formas diferentes pode continuar a crescer indefinidamente, temos de concluir que é forçoso que formas antigas, menos adaptadas, desapareçam.<sup>27</sup>

Pode-se então concluir que, ao longo do tempo, a “selecção natural” favorece o surgimento de novos tipos de arquitectura, o que obriga a que as mais antigas passem a ter menos (tipos de arquitectura), uma vez que o factor da novidade é extremamente aliciante quando aliado a melhorias de qualidade de vida, tornando-se cada vez mais raras, chegando por fim a serem extintas, quando não preservadas correctamente ou devidamente pensadas para que o ambiente no seu entorno não as danifique mais do que o próprio tempo. **Os ambientes que vivem uma competição mais cerrada com os tipos que estão em processo de variação e aperfeiçoamento são as que sofrerão mais, podendo portanto extinguir-se, ou aniquilar-se mutuamente.** No capítulo em que Charles Darwin aborda a “luta pela sobrevivência”, consegue-se apurar que as variedades da mesma espécie e espécies do mesmo género ou de géneros próximos são aquelas que, porque têm quase a mesma estrutura, constituição e hábitos, entram em competição mais feroz umas com as outras, por intermédio dos seus ocupantes; conseqüentemente, cada (tipo de arquitectura) nova, durante o seu processo de formação e teorização<sup>28</sup>, vai tendencialmente agredir, de certa forma, mais severamente os seus “parentes” mais próximos, tentando exterminá-los e ocupar o seu lugar.<sup>29</sup>

Ainda sobre o caso da imagem anterior, complexo habitacional Pruitt-Igoe em St. Louis, Robert Venturi, arquitecto americano e teórico, publicou o seu livro “Complexity and Contradiction in Architecture” (1966) onde ele criticava a “fórmula estética” da arquitectura modernista. Venturi argumentou que a causa para o desastre da arquitectura modernista teria sido a concentração exclusiva na resolução da função correcta e na privação aos edifícios destes elementos, pelos quais a arquitectura “fala” com as pessoas, e ainda na privação à arquitectura da sua linguagem e personalidade. O resultado deste pecado foi a sua proliferação de “máquinas para viver” impessoais pelas quais o habitante não se pode relacionar.

Robert Venturi pensou que a linguagem arquitectónica consistia em sinais e símbolos claros, que são na verdade uma parte integral da arquitectura, mas que existe “fora” da sua utilidade funcional. O seu livro foi provavelmente um diagnóstico correcto e na sua base pode

---

<sup>27</sup> DARWIN, Charles (2009) “Origem das Espécies: Através da Selecção Natural ou a Preservação das Raças Favorecidas na Luta pela Sobrevivência.” Colecção Planeta-Darwin, Planeta Vivo. Tradução de Ana Afonso.

<sup>28</sup> SALINGAROS, Nikos (2013) “The Quest to “Liberate” Architecture from Modernism's Evils: An Interview with Nikos Salingaros.” Interview conducted by Vanessa Quirk, ArchDaily.

<sup>29</sup> Um exemplo seria o CIAM IV, Atenas (Grécia), em 1933. Aqui, a publicação da Carta de Atenas; A Cidade funcional (The Functional City), onde o documento final, terá sido redigido por Le Corbusier, definia traçados rígidos para o futuro da Arquitectura e da cidade por ela composta.

ser deduzido contramedidas efectivas – se a arquitectura teria sido privada da sua linguagem, esta deveria ser renomeada, ou criada.<sup>30</sup>

No complexo habitacional Pruitt-Igoe em St. Louis, foi implementado os princípios da Carta de Atenas (CIAM IV) em 1933, de acordo com a qual, onde a cidade é uma rede com bairros residenciais, industriais e recreativos combinados. Pruitt-Igoe foi apenas um modelo de conjunto construído por linhas de blocos de apartamentos. Nos assentamentos construídos, deixaram de existir fachadas como nas ruas tradicionais, e a ruína de edifícios do século XIX – pátios únicos cercados por alas laterais escuras.

Apesar das correctas suposições e incomparavelmente melhores condições de habitação do que no complexo do edificado pré-existente, composto por edifícios antigos. Pruitt Igoe mudou ao longo de vários anos, desde favelas devastadas a gangues de adolescentes, isto fez com que a maioria dos moradores simplesmente abandonasse as suas casas, resultando na demolição de todo o complexo em 1972.

O seu desmantelamento, em 1972, é fundamentalmente considerado o fim simbólico do planeamento urbano modernista, bem como da era do CIAM IV. Este complexo habitacional foi o resultado de um processo contínuo social, durante um largo período de tempo de quase 20 anos.



Demolição das Habitações “Pruitt-Igoe”, St. Louis (EUA), 1972 | Minoru Yamasaki | 30.04.2015

---

<sup>30</sup> VENTURI, Robert (1966) “Complexity and Contradiction in Architecture.”

O1



# 01\_ CONCEITOS INTRODUTÓRIOS À ANÁLISE CULTURAL: QUESTÃO IDENTITÁRIA E OBSERVAÇÃO COMO MÉTODO

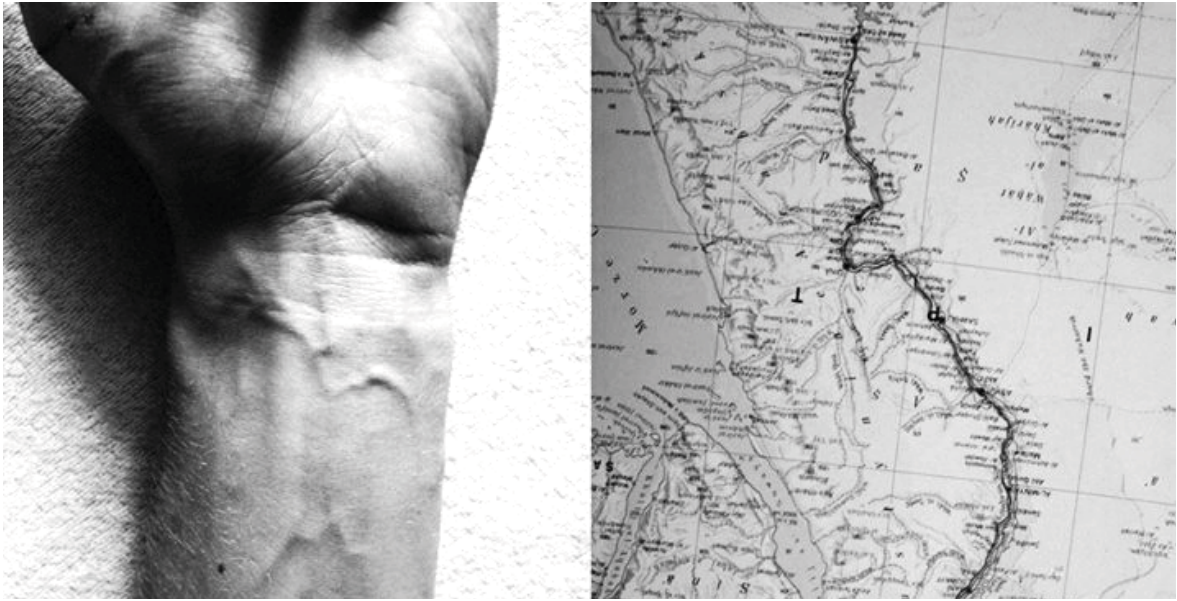


Imagem Metafórica das Raízes Culturais num Determinado Território. Autor Desconhecido. | 30.04.2015

*“Quem tem imaginação, mas não tem cultura, possui asas, mas não tem pés.”<sup>31</sup>*

Este capítulo prende-se ao estudo do que são os conceitos básicos e introdutórios que basilar o tema desta dissertação. Para uma clarificação dos conceitos base, aqui compreendidos, ir-se-à providenciar noções e apontamentos adaptados(as), apoiados(as) nos testemunhos de escritores, poetas, sociólogos, psicólogos, filósofos, políticos, artistas, e arquitectos.

Compreende-se que a questão identitária é uma preocupação hoje-em-dia, especialmente pelas ameaças ao território por parte da cidade, a indústria e, maioritariamente, o Homem. Com a massificação nas cidades – demográfica e construtiva –, engolem-se sub-regiões, e campos rurais que outrora suportariam a cultura vernácula. A continuidade está patente na própria prossecução da ideia de identidade arquitectónica, e como tal, compreende uma aceitação do passado, através de uma leitura, conservadora ou progressista, capaz de ressuscitar elementos extintos, ou em vias de extinção característicos de uma zona em particular. Dá-se a exemplo a questão portuguesa e salienta-se o caso controverso d’a casa portuguesa que nunca existiu, sendo esta um mestiço híbrido entre culturas existentes na

---

<sup>31</sup> JOUBERT, Joseph

península ibérica, e algumas de fora (por contágio de expansões muçulmanas, entre outras situações que ocorreram no passado).

*“Eu sei  
O tempo é o meu lugar  
O tempo é minha casa  
A casa é onde quero estar  
Eu sei”<sup>32</sup>*

É importante realçar que a hipótese que aqui se coloca compreende uma leitura e interpretação do passado, sempre, conscientes do futuro e mais importante do presente – condição que o Homem nunca pode negligenciar uma vez que é a sua realidade. Identifiquemos o problema da identidade como uma questão óssea. Pode revelar-se elástica, quando jovem, seguindo-se de rígida, e quando não se ‘cuida’ dela, fracturada e frágil. Ainda que existam todas estas fases é necessário erguer uma narrativa selectiva e parcial – através da observação criteriosa e da leitura crítica. Ainda assim, deve apoiar-se na solidez dos factos que permitem a compreensão do passado, sendo que **“já que de uma interpretação se trata, não de verdade, não precisa de ser limitada por nenhuma espécie de timidez: o seu vigor depende da capacidade para conciliar todos os dados disponíveis e sobretudo do seu grau de explicabilidade (...)”**<sup>33</sup> Pode-se ainda afirmar que, em alguns casos, **“alguns factos do passado são muito mais importantes do que outros”**.<sup>34</sup>

Uma das dificuldades da leitura da questão identitária em arquitectura reside, sobretudo, na “ousadia da imaginação no aproveitamento dos dados”<sup>35</sup> para conciliar o conhecimento do projecto de Arquitectura, com outras áreas científicas – tais como, sociologia, filosofia, ciência, arte, entre outros.

Certamente não deixa de ser pertinente, segundo a reflexão de José Manuel Sobral, em que, entre vários autores salienta a importância de Adrian Hastings, em “The Construction of Nationhood: Ethnicity, Religion and Nationalism” (1977), onde a génese antiga da nação é reforçada pelo factor étnico, onde, um “grupo humano que partilha uma identidade cultural e uma linguagem falada”<sup>36</sup> é fortalecido por um ideal comum de nação-estado; e Smith, em “Nationalism Identity” (1991), e “Nationalism and Modernism” (1998), onde o processo de transformação de etnias em nações é determinante e envolve uma concepção da identidade nacional que não corresponde a um dado estável.<sup>37</sup>

---

<sup>32</sup> RAMIL, Vítor - “A Ilusão da Casa”

<sup>33</sup> MATTOSO, José - “Introdução à biografia de D. Afonso Henriques”, D.Afonso Henriques, Lisboa, Temas e Debates, p.18, 2007

<sup>34</sup> RYKWERT, Joseph - “The Use of History”, Lotus, nº81, p.129, 1994

<sup>35</sup> MATTOSO, José - “Introdução à biografia de D. Afonso Henriques”, D.Afonso Henriques, Lisboa, Temas e Debates, 2007

<sup>36</sup> HASTINGS, Adrian - “The Construction of Nationhood: Ethnicity, Religion and Nationalism”, 1977.

<sup>37</sup> SOBRAL, José Manuel - “A formação das nações...”, op. cit., p.1103, p.1005, 2002

No livro “Modernidade Inquieta”, Rui Jorge Garcia Ramos afirma que, “**A questão da identidade e, especificamente, da identidade nacional pode assim constituir-se como hipótese pertinente para uma interpretação da arquitectura deste período.** Ou seja, permite aprofundar a convicção de que existe um elo, a que se chama questão identitária, entre obras, arquitectos e tempos diversos. **Não se tratando de um assunto exclusivo da arquitectura, a questão identitária é parte de «um dinamismo essencial» que define a sociedade e a sua vida cultural e com ela o processo da arquitectura portuguesa, como já referiu José-Augusto França, «num sistema de forças que explodem ou se equilibram, se estruturam, destruturam e reestruturam».** A identidade pode assim ser vista como problema subjacente, base implícita ou explícita da produção arquitectónica até ao fim dos anos de 1960, que tem no tema da habitação um campo dilecto de exploração. O levantamento desta realidade histórica, e a sua verificação no estudo das obras arquitectónicas, permite uma reformulação da questão da identidade nacional como estrutura ética e moral onde se produz a arquitectura, numa conflitualidade de origem diversa, sinal de continuidade ecléctica – independente da origem no Picturesque, nas Beaux-Arts, no Movimento Moderno ou na sua crítica – e da tradição do seu pragmatismo construtivo.”<sup>38</sup>



Toulou Roundhouse, Hua'An County Architecture, China. | 30.04.2015

**A questão identitária cultural centra-se na recorrente ideia de um passado revisitado com um olhar sobre o presente, e, particularmente, como uma crítica construtiva ao movimento moderno em arquitectura e urbanismo.** Tal ideia é identificada, subtilmente, no trabalho de Joseph Rykwert, onde no seu mais recente livro – “The Seduction of Place: The History and Future of Cities” (2002) –, volta a tratar as questões urbanas, mas ao contrário do seu primeiro livro – “The Idea of the Town: the Anthropology of Urban Form in Rome, Italy, and the Ancient World” (1988) – que se interessava mais pelo passado das cidades, para a ideia da cidade na

---

<sup>38</sup> RAMOS, Rui Jorge Garcia - “Modernidade Inquieta: Arquitectura e identidades em construção; desdobramento de um debate em português” (Ed. Afrontamento, 2015)

antiguidade, o livro actual tem um claro interesse pela cidade contemporânea, e como o subtítulo da tradução indica, pelo futuro das cidades.

Arrisca-se frisar que **a Arquitectura é a avó do tempo**, pois sem os traços temporais e consequentemente culturais seria impossível, ou muito difícil definir, o que é o tempo – datá-lo. Ou seja, se não houvesse algo que pudesse envelhecer e, ao mesmo, tivesse alguma durabilidade, como é que saberíamos da existência de tantas culturas que já (co)existiram, no Planeta, e não mais. Seria extremamente complicado definir onde começava uma era e, onde acaba. **Mas onde ficamos nós no tempo?**

Assim, pretende-se defender que os vários registos (reliquias e ruínas) de Arquitectura são reflexo da mente sócio-cultural, bem como política, de determinada época temporal.

O importante na compreensão que se pretende assegurar, não é apenas a ideia construída isolada, mas também a ideia imaterial – originária do pensamento e da reflexão; a conceptualização efectuada por uma sociedade. A construção empírica é um campo de estudo extremamente interessante para quem se ocupa do estudo da Arquitectura – a vernácula. **O tempo muda e, as vontades alteram-se com ele.**

Este pensamento leva a pensar no livro 'Architecture without Architects' de Bernard Rudofsky. Neste, ele enuncia a importância da construção 'naïf' – a construção vernácula, que tanto varia consoante o tempo, os costumes, e as regiões.



*"La arquitectura vernácula escapa a los ciclos de la moda. Es casi inmutable, ciertamente inmejorable, puesto que sirve a su propósito a la perfección.... El origen de las formas de la arquitectura vernácula y sus métodos constructivos hunden sus raíces en el pasado distante."* <sup>39</sup>

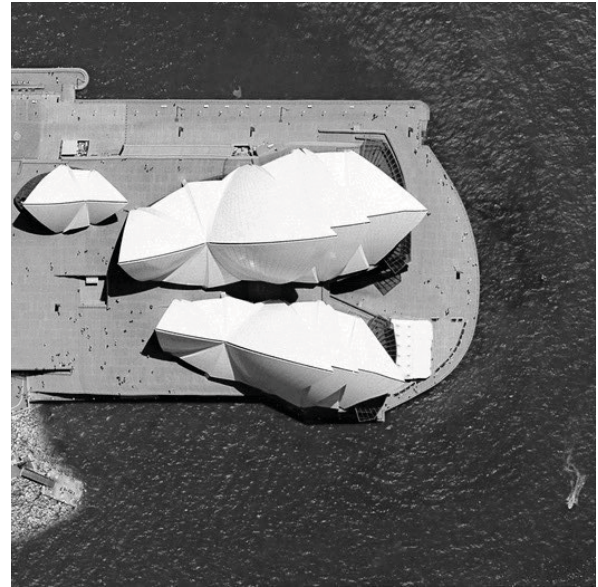
Israel, em "Architecture Without Architects", de Bernard Rudofsky. | 23.04.2015

A citação transmite-nos a importância do pensamento como método intuitivo de projectar a Arquitectura. Esta mesma ideia, consegue-se encontrar numa outra mente da literatura, Hermann Hesse, que defende no seu aclamado livro *Siddhartha*, a importância dos pensamentos 'naïf' como elemento reinante do Mundo – a essência de todas as matérias da terra. A intuição do pensamento, é uma realidade puríssima que poucos hoje conseguem sentir, uma vez que no século XXI não existe mais espaço para pensamentos livres de detalhes inconvenientes e aborrecidos, a que chamam de 'moderno'. Isto comprova-se, em Hermann

---

<sup>39</sup> RUDOFSKY, Bernard - "Architecture without Architects"

Hesse, no seguinte excerto do livro acima referido: «*Siddhartha disse: Por vezes tive ideias, sim, e conhecimentos. Senti por vezes, por uma hora ou por um dia, sabedoria dentro de mim, tal como sentimos a vida por dentro do nosso coração. Foram muitas as ideias, mas seria difícil eu partilhá-las contigo. Sabes, Govinda, esta é uma das ideias que descobri: a sabedoria não pode ser partilhada. A sabedoria que um sábio tenta partilhar soa sempre a loucura.*»<sup>40</sup>



Sydney Opera House, de Jorn Utzon | 23.04.2015

É curioso este pensamento, tangente à inércia do mundo moderno para com os sentimentos e a vida – o ‘*sangreal*’<sup>41</sup> do Planeta Terra e do tempo; da humanidade. Perde-se cada vez mais tempo a reunir dinheiro para poder ter uma boa vida e proporcioná-la aos entes queridos futuramente (raras excepções que se faz para si próprio em mente). Olvida-se o sentimento de viver e amar a vida. O tempo não pára, e necessita-se cada vez mais de construções megalómanas incapazes de corrigir as cicatrizes do ‘mundo moderno’. Alguns, os chamados ‘Starchitect’ compreenderam que a percepção espacial de uma cidade não é possível sem edifícios de referência – edifícios capazes de serem usados como elementos de organização do espaço.<sup>42</sup> Relembra-se palavras algures esquecidas do nosso querido Prof. Fernando Távora, que disse, algo de conteúdo idêntico: a Arquitectura nasceu quando o Homem deambulou pelo deserto e lá espetou uma estaca de madeira. Esta, como o Prof. Fernando Távora tenta transmitir, organiza o espaço ao direccionar toda a atenção para um ponto – os chamados pontos marcantes.

"A arquitectura, enquanto distinta da construção, é uma acto interpretativo e crítico. Detém uma condição linguística diferente daquela prática da construção. Um edifício é interpretado quando os seus

---

<sup>40</sup> HESSE, Hermann - "Siddhartha"

<sup>41</sup> Referência ao Santo Gral. Expressão do francês 'sang-real', que significa sangue real.

<sup>42</sup> LYNCH, Kevin - "A Imagem da Cidade"

mecanismos e princípios retóricos são revelados. Esta análise pode ser conduzida num número de modos diferentes, de acordo com diferentes tipos de discurso; entre estes estão a **teoria**, a **crítica**, a **história** e o **manifesto**. Um acto de interpretação está também presente nos diferentes modos do discurso representacional: desenho, escrita, realização de maquetas, e por aí fora. **A interpretação é também integral ao acto de projectar.**"<sup>43</sup>

Para esta dissertação ser eficaz do ponto de vista prático, ir-se-á enumerar algumas directrizes, subentendidas, capazes de providenciar a devida orientação ao longo do discurso – **enquadramento geográfico; enquadramento histórico; enquadramento económico; enquadramento político; o enquadramento sócio-cultural e também o psicológico**).<sup>44</sup> Este último deve ser um dos mais cruciais, capaz de unificar todos – o terreno, a forma, a função e o **prazer**. Fala-se em prazer, pela necessidade de retornar a discussão em torno desta palavra, quando se fala de arquitectura identitária – uma arquitectura capaz de reflectir o povo que a habita, constrói e sonha.

De facto, como diz Benévolo (2007), **“a exequibilidade técnica, a conveniência económica e a forma exterior foram controladas separadamente, e ninguém controlou o produto como um todo único”**. Para que isto não continue a acontecer – correndo o risco de se apagarem traços de um passado rico e de interesse público –, reforça-se a importância do que foi escrito anteriormente. Lembra-se a Arquitectura que é feita para o Homem, sem Arquitectos; sem pessoas que façam Arquitectura para outros Arquitectos; **sem hipocrisia**.

Na prossecução da ideia de produção em massa, mas agora aplicada à Arquitectura, a **técnica moderna** (referindo-se ao contemporâneo e não ao modernismo) foi capaz de criar novas cidades. Mas, cidades que não davam resposta às verdadeiras necessidades da população e que davam origem a novas problemáticas – pobreza, morte das cidades-satélite periféricas à cidade, aniquilação do quotidiano social característico, entre outros, não menos importantes.

*“Os arquitetos não falam mais: apenas balbuciam coisas sem sentido. Quantas vezes esta advertência tem sido feita recentemente, com estas ou com palavras semelhantes, nesta ou naquela língua? Seria inútil e cansativo proceder a uma contagem: o que parece ter sido também totalmente inútil foi essa mesma admoestação, pois o panorama à nossa volta continua uma algaravia deprimente e insensata. Se os arquitetos não falam mais, supõe-se que alguma vez devam ter-se exprimido de modo não apenas coerente como adequado e atraente. Quando foi isso? Por certo, mesmo na atualidade alguns arquitectos continuam falando conscientemente, continuam a propor um discurso arquitetônico – mas não se consegue citar mais que um Lloyd Wright aqui, um outro mais além (e isto, com reservas). Não parece restar dúvidas, no entanto, que os momentos em que a arquitetura constituiu, globalmente considerada, um discurso significativo pertencem ao passado. O arquiteto grego (o da Antiguidade, bem entendido, pois a arquitetura comum das cidades gregas atuais não passa, lamentavelmente, do nível tristemente baixo de um estilo internacional bastardo de nítidas influências americanas) sabia o que falava, conhecia aquilo com que falava, e o mesmo se pode dizer do arquiteto do gótico, da renascença – mas não, obviamente, dos arquitetos de todos os neos, o neogótico, o neoclássico, etc. Que se pretende dizer com isso? Que esses homens tinham formulado, ou formulavam, um estoque preciso de conceitos e de signos do qual retiravam os elementos para propor uma arquitetura onde cada elemento se define por si*

---

<sup>43</sup> COLOMINA, Beatriz (1988) "Architectureproduction", New York, Princeton Architectural Press.

<sup>44</sup> Idem.

*só e, ao mesmo tempo, em relação aos demais, num discurso que responde a determinadas necessidades do homem da época e que este compreende.”*<sup>45</sup>

Compreende-se que o autor Teixeira Coelho Netto identifica o problema da actualidade, sendo as “novas” banalizações do moderno e de todas as suas vertentes e movimentos. Quando ele escreve que o Arquitecto grego, o Gótico e o da Renascença sabiam o que falavam e conheciam aquilo com que falavam; menciona a importância da tradição e da procura pela adaptação dos novos conceitos. Pretende, salientar não só a importância da adequada proporção crítica envolta na Arquitectura, como também o seu sucesso entre o povo na sua generalidade. **A observação e estudo, com base no conhecimento construído do passado, é algo que deve pertencer à rotina do Arquitecto. Defende-se que só com a observação/compreensão dos ossos do corpo, a mente pode entender a composição.**



Panteão, em Roma, Itália. J. Hendron. | 23.04.2015

Steven Holl é um Arquitecto conhecido por todo o Mundo pelo seus edifícios do pós-modernismo, que permitem que a luz, e o espaço livre, co-habitem os edifícios e a paisagem, juntamente com o Homem – num sentido fenomenológico. Estar-se-ia, v.g., a falar do ‘MIT’s Simmons Hall’ e o ‘Bloch Building’ no Museu de Arte Nelson-Atkins na cidade do Kansas. O ‘Times’ chamou-lhe o “America’s best architect” (Melhor Arquitecto Americano), em 2001. Num artigo intitulado “The Pantheon: A Lesson in Designing with Light” (O Panteão: Uma Lição sobre Projectar com Luz), para o Studio 360, em 2015, o Arquitecto descreve o que foi conhecer este edifício, e como isso alterou a sua percepção do que é a Arquitectura.

S. Holl cresceu na Península Olímpica, em Washington, onde ele e o seu irmão construíram elaboradas casas-na-árvore no seu quintal. “Tínhamos sempre uma série de construções a acontecer,” lembra-nos. “Foi uma transição natural, ao continuar com a

---

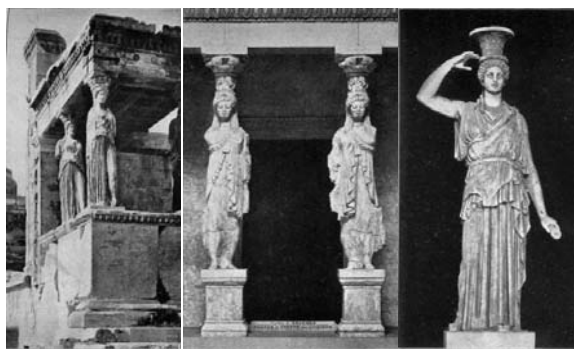
<sup>45</sup> NETTO, J. Teixeira Coelho - “Construção do Sentido na Arquitectura”.

*Arquitectura.*” S. Holl estudou na Universidade de Washington, e depois foi estudar para Roma. “*Eu não deixei o Pacífico Noroeste antes dos 20 anos,*” diz. “*Fui basicamente transportado de Seattle para Roma.*” A mudança foi claramente um choque, “a dimensão e beleza e do espaço arquitectónico em Roma – para alguém como eu, foi uma revelação,” diz. O edifício que mais impacto teve no Arquitecto foi o Panteão, o templo romano com cerca de 2000 anos.

“*I had an agreement with the guards,*” revela S. Holl. “*They would let me in before the tourists, and I would study how the light changed. It was enormously interesting because every day was different. If there was a rain through the oculus, there would be silver elements in the light, or if it was a humid day, there was a shaft of light. As it progressed toward summer, the light would project at different angles every morning. You could tell the changing of the seasons by just going in there every day.*” Foi como a sensação de ficar apaixonado, revela.

O comportamento do Panteão, em resposta à natureza influenciou claramente o trabalho de S. Holl. “*Someone asked what my favorite material was, and I said light. I really believe in a certain sense you can sculpt with light. I think architecture should connect, like the Pantheon does, to the atmosphere, to the seasons, to the sunlight, to the air, to the wind. That, to me, is essential.*”

Este tipo de observação que S. Holl descreve, quase erótica, acaba por encontrar o perfil do Arquitecto Vitruviano, concebido por Vitruvius no primeiro capítulo do “*De Architectura Libri Decem*”, no seu primeiro ‘livro’ – “*A Educação do Arquitecto*”. É necessário ao Arquitecto assumir a natureza, e planear através da observação e estudo histórico as suas obras. Nesta linha de pensamento enquadra-se a história das cariátides, de extrema importância, contudo pouco conhecida.



1\_ Cariátides do Erecteion de Atenas | H. B. Warren;

2\_ Carótides do Tesouro, em Delfos;

3\_ Carótides na Vila Albani, em Roma | Anderson.

| 24.04.2015

“5. A wide knowledge of history is requisite because, among the ornamental parts of an architect's design for a work, there are many the underlying idea of whose employment he should be able to explain to the inquirers. For instance, suppose him to set up the marble statues of women in long robes, called Caryatides, to take the place of columns, with the mutules and coronas placed directly above their heads, he will give the following explanation to his questioners. Caryae, a state in Peloponnesus, sided with the Persian enemies against Greece; later the Greeks, having gloriously won their freedom by victory in the war, made common cause and declared war against the people of Caryae. They took the town, killed the men, abandoned the State to desolation, and carried off their wives into slavery, without permitting them, however, to lay aside the long robes and other marks of their rank as married women, so that they might be obliged not only to march in the triumph but to appear forever after as a type of slavery, burdened with the weight of their shame and so making atonement for their State. Hence, the architects of the time

*designed for public buildings statues of these women, placed so as to carry a load, in order that the sin and the punishment of the people of Caryae might be known and handed down even to posterity.”*<sup>46</sup>

No seu primeiro ‘Livro’, Vitruvius define a Arquitectura e os conhecimentos necessários à formação do Arquitecto. Sendo que a **“ciência do arquiteto”** compreende tanto a prática quanto a teoria. A primeira requer a experiência e a segunda torna-se necessária para explicar o engenho e a racionalidade. É, portanto, repleta de várias disciplinas e saberes como **geometria**, **filosofia** e **música**. Desta forma, o arquiteto deve atingir a técnica guiada por **artis studium**, **ingenium** e **sollertia**.

*“Nesse canteiro, a sollertia adquire posto superlativo, pois não se desliga do talento natural (ingenium), fortalecido pelo exercício e aliado ao estudo das artes, constituindo-se como uma “competência” na qual a ciência, a formação doutrinal, o domínio dos preceitos consagrados dirige plenamente a habilidade prática”*<sup>47</sup>

Vitruvius, além de descrever os saberes imprescindíveis ao arquiteto, ressalta ao longo do texto as qualidades e virtudes necessárias ao exercício profissional. **Liberto de arrogância e avareza**, características que ofuscariam os aparentes valores da arte, incumbe ao arquitecto **buscar sempre a qualidade máxima e perfeição**, uma vez que este seria o seu maior bem: a ciência dos preceitos. Neste contexto, a prática corrente de ‘clientelismo’, o oportunismo profissional e os valores ligados à acumulação ilimitada de fortuna são duramente criticados. O Arquitecto deve **zelar pela dignidade e boa fama**, uma e outra inseparáveis da competência na arte, a qual não se esgota na habilidade técnica mas requer o domínio da *scientia*, o mestre de várias disciplinas e erudições.

Ainda no primeiro livro, expõe as seis partes da arquitetura: **ordinatio**, **dispositio**, **eurythmia**, **symmetria**, **decor** e **distributio**. Os termos *ordinatio* e *dispositio* aparentam-se como conceitos idênticos, embora quando se processe ao seu estudo se incorporem como realidades distintas. Vitruvius define o primeiro como a adequação dos elementos da obra à justa medida, tendo como finalidade obter proporções e simetria. *Dispositio* entende-se como obtenção de uma obra elegante considerando a qualidade, o que, actualmente, é interpretado como composição correcta dos volumes tendo em conta as dimensões reais da obra a ser edificada. *Symmetria* é definida como harmonia entre as diversas partes de uma obra, calculada através de uma unidade eleita como módulo, abrangendo a forma total do edifício. Muito próximo ao significado do termo anterior, *eurythmia*, de acordo com D’Agostino, *“exacerba a distância que as especificações quantitativas ou abstratas da ordem harmónica podem guardar da consecução da beleza, sempre a consumir-se no domínio qualitativo do visível”*. O *decor* compreende a utilização das regras rígidas, ou seja a escolha adequada das colunas, da ornamentação, dos locais salubres e convenientes e da orientação solar. *Distributio*,

---

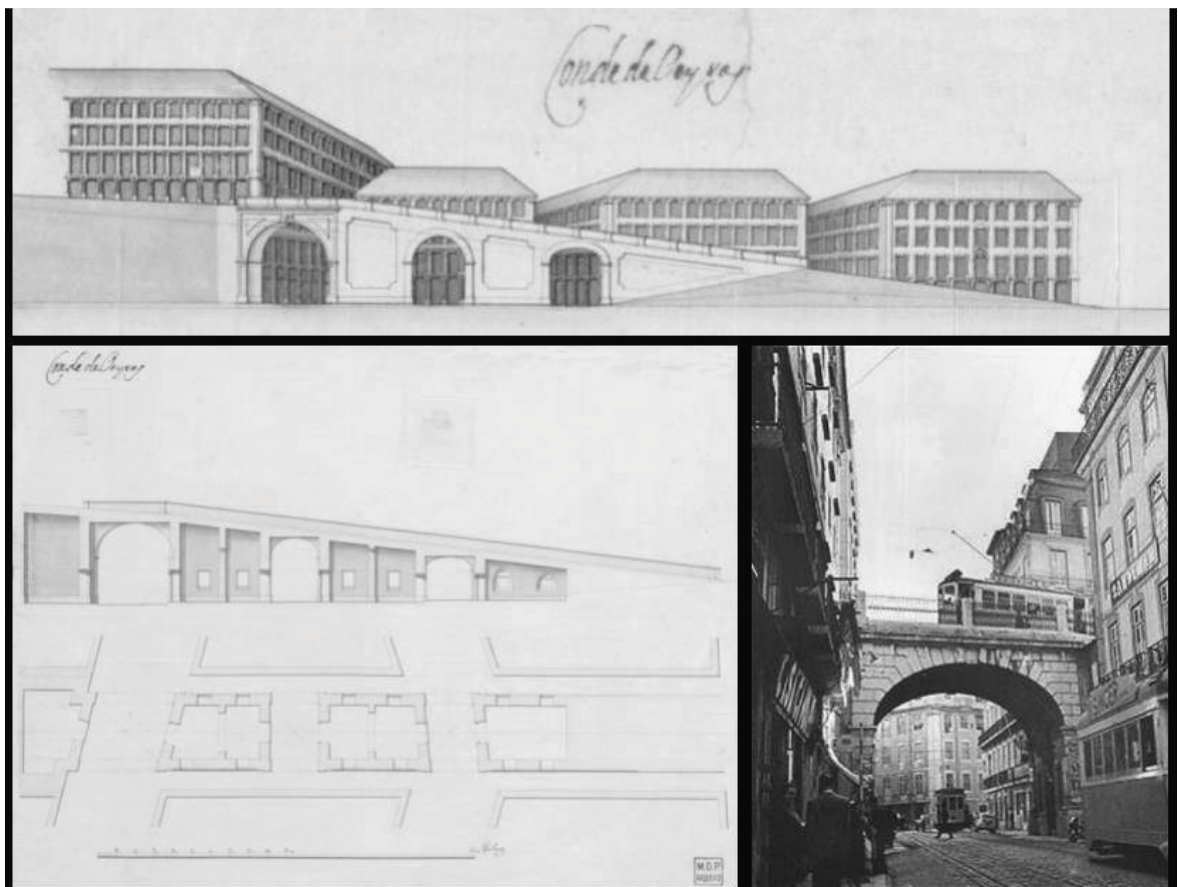
<sup>46</sup> Vitruvius, M.P. (15 BC) “De Architectura”, Livro I, A Educação do Arquitecto; Tradução de Morris Hicky Morgan (1914) Harvard University Press.

<sup>47</sup> D’Agostino, Mário Henrique Simão - A beleza e o mármore. O tratado de architectura de Vitruvius e o renascimento. São Paulo, Annablume, 2010.

por fim, seria a conveniente distribuição do terreno e dos recursos, sendo de responsabilidade do Arquitecto administrar as despesas e os gastos da obra.

Posto isto, o Arquitecto deve possuir capacidades técnicas e naturais, capazes de fazer com que se aproxime ao 'Génio' que o filósofo I. Kant descreve. Este, deve ainda conseguir analisar uma cultura, nunca a descaracterizando mas aplicando o seu modo de a ver, com precisão e engenho rigoroso. Normalmente uma cultura depende da religião, tradição e política. Estes conseguem manipulá-la de forma a que esta se assuma naturalmente de forma diferente de região para região – de país para país, de continente para continente...

Em suma, é ainda inexistente uma forma ideal de analisar uma cultura, sendo que a opinião pública dos anciãos é uma peça chave muito importante, uma vez que são estes os detentores do empírico e conhecedores dos costumes tradicionais do passado.



Viaduto da Rua do Alecrim, Lisboa, Portugal | Fotomontagem de Pedro Ressano Garcia Arquitectos | 01.05.2015

Existe, porém, um elemento que é comum em todas técnicas de análise cultural – a **observação**. A estimulação sensorial ocular é sempre uma poderosa ferramenta que pode auxiliar em muito a análise pretendida. Em qualquer uma delas, esta, assume-se como sendo a base da compreensão, sendo que a audição é a segunda mais importante.

A fotomontagem acima representa o actual viaduto na famosa Rua do Alecrim, em Lisboa. O primeiro troço da Rua do Alecrim dá-se por uma subida acentuada que assenta em

dois arcos de volta abatida, construídos sobre armazéns abobadados, com entrada pela rua de S.Paulo. O viaduto foi construído após o Terramoto de 1755, por ordem expressa do Marquês de Pombal. Este primeiro 'excerto' da rua foi ocupado por escritórios comerciais e de navegação, e pelo Hotel Bragança.



Cais das Colunas, Terreiro do Paço, Lisboa. | 01.05.2015

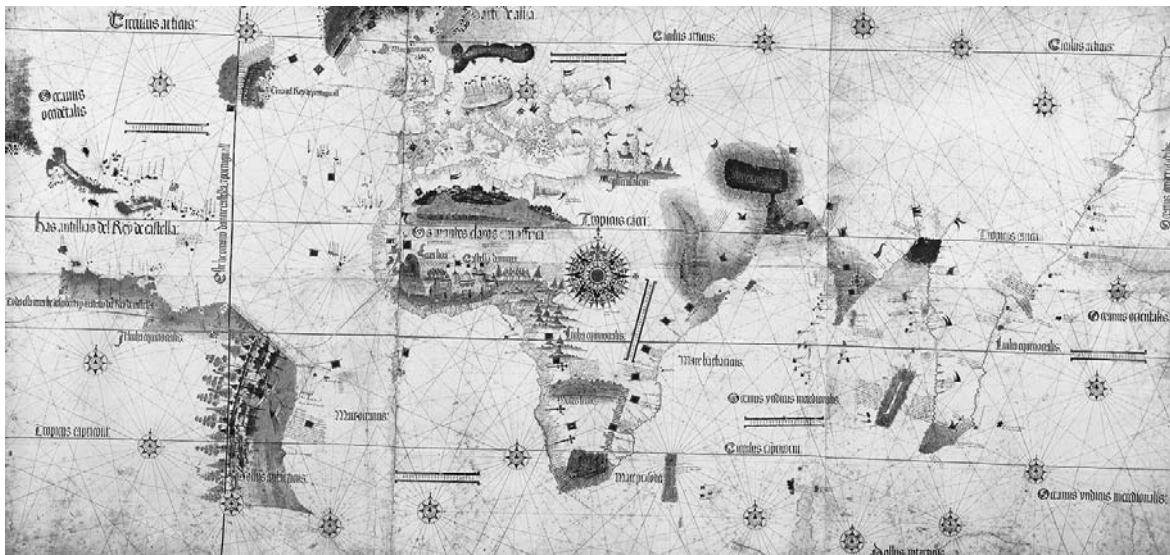
Ainda que seja uma peça marcante, hoje fulcral para o fluxo do Cais Sodré à Praça de Camões, nem sempre assim aconteceu. “*Antigamente os edifícios ali, eram conhecidos por ter vãos virados para a praia.*”<sup>48</sup> Curiosamente esta ocorrência é comum na cidade de Lisboa, mesmo que não sendo claramente visível repara-se que a cidade possui uma série de construções antigas para melhorar os fluxos urbanos. Este tipo de observação foi algo com que os Arquitectos/engenheiros a cargo da obra do viaduto planearam ainda que de forma talvez inconsciente. Hoje, a ligação de Lisboa com a frente ribeirinha é quase sagrada, talvez por vontades de ‘paisagem turística’, mas a verdade é que sempre existiram (sem ostentação). O próprio miradouro térreo, Cais das Colunas, da Ribeira das Naus, que controla o término da Praça do Comércio e penetra o rio, é um membro ainda visível da antiga ligação de Lisboa com o seu Tejo.

Esta, foi sempre a entrada nobre de Lisboa e nos degraus de lioz do Cais das Colunas, vindos do rio, desembarcaram chefes de estado e outras figuras de destaque. Entre eles, Isabel II, de Inglaterra, e Gungunhana, último imperador do Império de Gaza (Moçambique). Isto é simplesmente um gesto, um sinal, da cultura lisboeta. Ainda que na altura da sua construção a monarquia soube interpretar a situação, tirando partido disso sob a esteira de uma natureza poética. Sucintamente prende-se com uma apreciação ponderada e fidedigna. A leitura pode variar, mas a observação deve ser sempre fiel ao que inicialmente se tenta honrar/realçar. Ou seja, a formalização não é o que se discute, mas sim a intenção inscrita na manifestação.

---

<sup>48</sup> Pedro Ressano Garcia, 2015, Ciclo de Conferências “Moviment.A”

*“As armas e os barões assinalados, / Que da ocidental praia Lusitana,  
Por mares nunca de antes navegados, / Passaram ainda além da Taprobana,  
Em perigos e guerras esforçados, / Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram / Novo Reino, que tanto sublimaram;”*<sup>49</sup>



Planisfèrio de Cantino (1502), a mais antiga carta náutica portuguesa conhecida, mostrando o resultado das viagens de Vasco da Gama à Índia, Colombo à América Central, Gaspar Corte Real à Terra Nova e Pedro Álvares Cabral ao Brasil, com meridiano de Tordesillas assinalado. | 01.05.2015

“The telescope demonstrated that an instrument could be superior to the naked eye - there are mountains on the moon but it looks smooth to unassisted vision (...)”<sup>50</sup>

Os portugueses podem ter sido pioneiros da globalização, há 500 anos atrás<sup>51</sup>, mas por certo não o são hoje. Compreenda-se que, graças ao Google Earth, é agora possível ver, no seu ecrã, cada detalhe do nosso planeta. Não apenas o grande globo azul que os satélites permitem perceber, do espaço, confirmando a intuição de Eluard que “a Terra é azul como uma laranja”<sup>52</sup>; não apenas as lentas deslocações das placas continentais, que a rapidez é demasiado lenta para o olho humano, e os padrões de veias dos rios e serras que os cruzam. Hoje, a tecnologia permite-nos ver florestas e vales, cidades e aldeias, blocos de fogos e quintais. Do outro lado do mundo quase que conseguimos ver pela sala de estar de alguém em Timbuctoo ou espiar um encontro familiar em Tonga. Fizemos com que fosse impossível velejar em direcção ao desconhecido, como Ulisses. O “folle volo”, o “mad flight”

<sup>49</sup> CAMÕES, Luís Vaz de. Os Lusíadas.

<sup>50</sup> GILBERT-ROLFE, Jeremy - "Frank Gehry: The City and Music". Routledge. 2002.

<sup>51</sup> CARVALHO, Manuel - “O dia em que Portugal deu o salto para o Mundo.” Jornal Público, 2015.

<sup>52</sup> ELUARD, - “The Earth is blue like an orange.”

que Dante atribui ao rei de Ítaca não é mais possível, a menos que sob vigilância humana. Aniquilámos a privacidade.<sup>53</sup>

“Happy is the country that has no geography.”<sup>54</sup>

Os parâmetros de análise detalhada de uma cultura dependem e variam sempre entre culturas. Uma forma simples de as analisar é usando este esquema triangular abaixo. Este, retirado, por este autor, da dissertação de Luís Manuel de Jesus Cunha, intitulada de “A Nação nas malhas da sua identidade: O estado novo e a construção da identidade nacional.” Para este autor, a identidade cultural nacional é a alma nacional, sendo que identifica a cultura portuguesa como sendo uma só, na sua dissertação. Claro que se formos minuciosos, encontraríamos vários regionalismos, ou pelo menos 3 grandes principais: Norte, Centro (Interior e Litoral) e Sul (Alentejo e Algarve). A Arquitectura não foge a isto, e muito menos a cultura que se vai desdobrando para unificar um povo só.

---

<sup>53</sup> MANGUEL, Alberto (2013) “Once Upon a Place: Architecture & Fiction” (Prefácio).

<sup>54</sup> MUNRO, Saki H.H.

02



## 02\_ CONHECIMENTO COMO CATALISADOR DE CRIATIVIDADE



Fotografia de uma Família Feliz dentro de sua Casa. | Autoria Desconhecida | 10.05.2015

*“Não existe arquitectura moderna. Existe boa e má arquitectura.”* <sup>55</sup>

O autor António Morais (1993), defende na sua tese de doutoramento, que **“o acto de concepção de um projecto tem por base a criatividade humana.”** Porém, este processo nunca pode ser apenas fruto das deduções meramente lógicas, pois existem outros factores que estão envolvidos no acto de criar, como a sua cultura, a sua experiência, o público alvo, os valores estéticos defendidos, entre outros factores. Desta forma pode-se afirmar que sem a forte análise deste conjunto de factores o produto final será deficiente, inerte ao mundo que o rodeia.

Mas a criatividade não necessita, obrigatoriamente, ser um sinónimo de diferença plástica. Pode muito bem ser o modo como formalizamos a matéria – a direcção e organização do espaço, a valorização espacial ou até o próprio material.

*“Não é obrigatório ser-se Arquitecto para pensar como é que se sente bem, o conforto do lugar, a escala, a proporção, a relação com a paisagem – mais dramática, mais íntima...”* <sup>56</sup>

**A cidade é a nossa casa. O fascínio do lugar público é um lugar de partilha, e crescimento intelectual.** Como nos posicionamos em relação a ela, o que decidimos fazer com ela... Isto é a necessidade de preocupação organizacional espacial que devemos ter como premissa – os sentimentos. A banalização nas cidades com as chamadas ‘caixas, caixinhas e caixotes’, como uma receita para o sucesso não pode ser aclamado ou valorizado, sob um

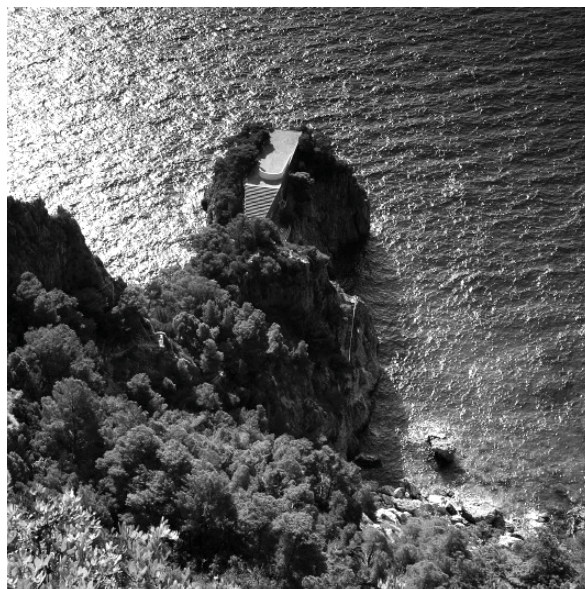
---

<sup>55</sup> AALTO, Alvar.

<sup>56</sup> GORDON, Bak. Entrevista para a ‘A Casa e a Cidade’ (2013)

efeito genérico de qualidade assegurada e soberania de poderio perante tudo o resto. É, na verdade, a anunciação do abandono da cultura. A relação dramática com a paisagem é algo a valorizar e incentivar entre os criativos. Um bom conselho, talvez seja o conhecimento da cidade – conheçam-na e percorram-na, para que ela mostre o que é, e o que precisa. Uma vez que construam para vocês, antes de mais, e que conheçam a vossa casa, tudo será mais fluído.

*“Existe aqui uma relação idêntica à ocorrente entre a linguagem utilizada no dia a dia por nós e o pensamento que a nossa mente produz. A linguagem por nós utilizada, ao transmitir o pensamento que elaboramos, não só estabelece a comunicação pretendida com o exterior, como igualmente modela esse mesmo pensamento, aquando da transmissão, determina-o, reduzindo quase sempre o pensamento elaborado às capacidades e limites da própria linguagem. A dimensão da linguagem não é tão vasta quanto as possibilidades imaginativas do nosso pensamento, obrigando-nos, por vezes, a pronunciar a vulgar frase: Não sei se me faço compreender. Somos assim prisioneiros da nossa própria linguagem.”*<sup>57</sup>

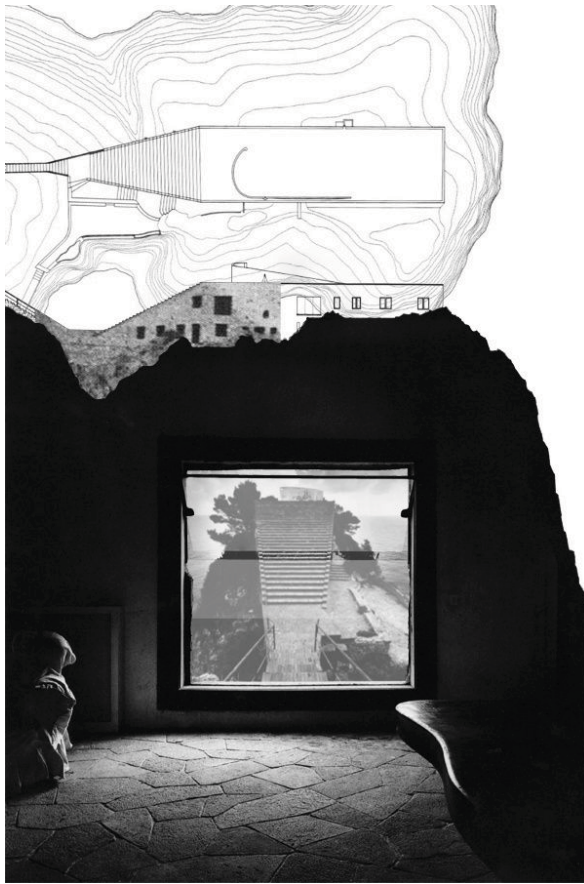


Villa Malaparte, em Capri | Arq. Adalberto Libera | 10.05.2015

A casa Malaparte, em Capri (Itália), é precisamente uma edificação **construída pela linguagem da paisagem** e não apenas pela função. Foi planeada para ser uma casa onde se pudesse respirar, antes de qualquer função, à partida, definida como certa. A liberdade que a casa assume permite sonhar, fascinando – na sua identidade cultural intacta. Esta casa é precisamente o reflexo de uma casa mediterrânea – o espaço livre em pódio e a reinar a paisagem de forma livre. A ‘rua’, à entrada da casa, serve os seus patronos como um pátio majestosamente tímido e típico. Agora é necessário admitir que esta casa não teria sido possível sem o conhecimento da cultura mediterrânea, sem uma experiência empírica de local.

---

<sup>57</sup> MORAIS, António. (1996)



Montagem da Villa Malaparte | Autorialia Desconhecida | 10.05.2015

A referência à palavra 'catalisador', no título, direcciona-se para a capacidade de refinamento qualitativo do processo conceptual na arquitectura. Obviamente tem de se objectivar o que é prudente usar, e não; o que é coerente; o que é de interesse público investigar; o que é necessário solucionar; no fim, o que é a Arquitectura e o que faz um Arquitecto capaz.

O que a Arquitectura promete não pode ser a simples solução banal e segura, com que nos deparamos constantemente nas ruas por onde deambulamos no território - as tais soluções balizadas pelas caixas como solução universal e inquestionável de todos os problemas. Esta ideia, apenas é válida quando os arquitectos defensores desta tendência puderem mostrar-se capazes de trabalhar a caixa com qualidade, capaz de contornar as perdas culturais do passado que da tendência derivam. Seja, se estes fizerem perdurar alguns dos traços culturais locais, mesmo que metaforicamente, ou então se o conseguirem fazer de modo a não machucar o entorno, se existente. Não se pretende de modo algum repudiar esta tendência, mas alertar os praticantes da mesma, para o perigo que enfrentam. Uma coisa é certa. Esta tendência não é a solução para os problemas que as cidades enfrentam, a não ser que o façam por motivos económicos. Ainda assim, não se sabe até que ponto será capaz de satisfazer toda a população<sup>58</sup> - classe baixa, média (quando existente) e, alta. Uma consequência obviamente notória desta tendência é a ideia ilusória de que uma caixa pode

---

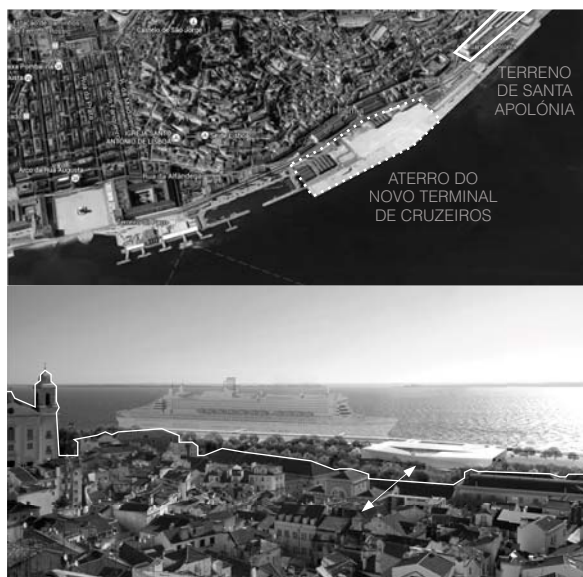
<sup>58</sup> KUNSTLER, James - TEDx Conference "How bad architecture wrecked cities": While describing a black, 'boxy' facade. "There's not enough prozac in the world to make people feel okay about going down this block. This is the back of Boston city hall, the most important and significant building in Albany, (excuse me) in Boston."

resolver um programa de forma integrada, e mais crítico, um problema urbano. Como se pode observar no projecto abaixo, o Terminal de Cruzeiros de Lisboa (projecto de 2010, por construir) do Dr. Arq. Carrilho da Graça, é um projecto que marca a paisagem urbana com uma volumetria traumática, pela simplicidade morfológica e volumétrica – uma olisipografia. **A verdade é, que se resolveu o programa. Mas será que resolve o problema urbano que Lisboa enfrenta de momento com o porto? Será que os habitantes de Alfama vão gostar de ver a sua frente ribeirinha alterar-se, ou encobrir-se?** Uma coisa é certa. É necessária uma intervenção na zona, pois é a chegada e saída de muitos, e de momento o local não contempla de uma beleza natural que deveria ter.

Recentemente, o vereador do Urbanismo da Câmara de Lisboa, Manuel Salgado, defendeu, "*numa visão de futuro*", o demolição da estação ferroviária de Santa Apolónia para dar lugar a um espaço verde com ligação ao rio Tejo. "*Pensando no longo prazo, é uma área com enorme potencial*" para acolher um espaço verde, afirmou Manuel Salgado, relacionando-o com a possível concretização do porto de contentores do Barreiro, o que permitiria "*desactivar a área portuária em conjunto com uma reorganização da área ferroviária*" na capital. Se tal futuro(?) da famosa Estação Ferroviária sempre se concretize, o espaço livre seria imenso, mas o que justificaria tirar o porto a Lisboa? O turismo? Ou melhoramentos na qualidade de vida de famílias que ali vivem há largas gerações? Pergunta-se.

*"A possibilidade de criar relações significativas com o território, entendido em sentido lato, tem sido talvez a principal referência objectiva que os meus projectos procuram construir. Refiro território com o sentido de suporte, de invariância que acolhe a nossa presença e que já está por ela marcada. Num determinado ponto o território tem uma certa constituição geológica, forma topográfica, animais e plantas sob o céu, sol, frio ou chuva. Vivemos sobre a terra e construímos com tudo o que está disponível. Podemos construir o que quisermos, mas não podemos deixar de construir com sentido."* <sup>59</sup>

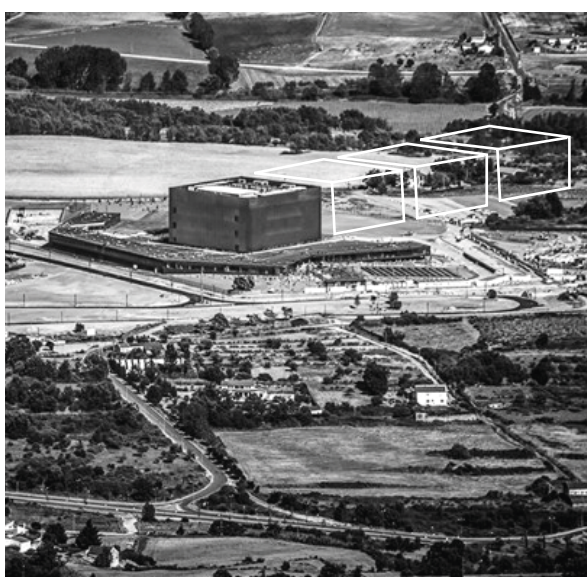
Projecto do Terminal de Cruzeiros de Lisboa |  
Arq. Carrilho da Graça | 10.05.2015



Um outro caso, da mesma natureza, encontra-se dentro do território do Concelho da Covilhã – o Data Center da PT, do mesmo Arquitecto acima referido. O projecto é um corpo “estranho” ao local e é composto por um programa complexo, e por aí primo do Terminal de Cruzeiros de Lisboa, com uma diferença de idades de 5 anos. Será isto o início de uma segregação de qualidade arquitectónica para as cidades? Tudo o que necessitar de uma escala XXL, será formulado mediante uma base estereotipada, e sem aparente conexão com o entorno regional. Se sim, coloca-se então novamente a pergunta do projecto anterior, quanto à

<sup>59</sup> CARRILHO DA GRAÇA, João - “A arquitectura é perigosa”, 1994.

sua pertinência. Neste projecto, o Arq. Carrilho da Graça teve uma atitude prematura, com o seu monólito. **Quando este foi finalizado, a população da Covilhã desconectou-se socialmente não só do troço de tecido urbano como do antigo aeródromo e quintas agrícolas, assumindo por cansaço o objecto como paisagem distante - uma “nuvem” petrificada.** Surpresa foi, para a população, quando na inauguração se soube que não era apenas um que viria a surgir, mas um conjunto deles alinhados sem qualquer orientação aparente - quatro monólitos. Num território tão majestoso como o eleito, a Cova da Beira, seria de esperar um pouco mais de intervenção arquitectónica, ainda que este seja de uma natureza ‘industrial’. Seria de esperar que a primeira obra do Arquitecto na zona, há anos atrás - a Ponte da Ribeira da Carpinteira -, lhe tivesse ensinado algo que aos demais não fez, a educação serrana, a cooperação com a Natureza/paisagem e as adversas condições climáticas.



Fotomontagem de Carlos Matias. Projecto do Data Center PT | Arq. Carrilho da Graça | 10.05.2015

O Arquitecto Spyridon Kaprinis expõe a 'verdade subjectiva'<sup>60</sup> de Kierkegaard, em 2012, na *Architectural Review*, realçando que para o filósofo: "(...) *it is clearly subjective truth that counts in life. How we believe matters much more than what we believe, since the 'passionate inwardness' of subjective adherence is the only way to deal with our anxiety. Passionate attachment to a palpable falsehood, Kierkegaard supposed, is preferable to detached conviction of the obvious truth. Mild acceptance of traditional, institutional religion is useless, since god's existence can only be appreciated on wholly subjective grounds.*" afirmando de seguida que "a educação arquitectónica precisa mais de Kierkegaard [e menos Hegel]".<sup>61</sup> Inicialmente, gerou-se um conflito, neste autor, acerca do que realmente importa mais - se o pensamento, ou se a construção do mesmo; se o mundo psicológico ou o físico; se o mundo do sonho ou o da razão pura. Acontece que para resolver este conflito para com o assunto, foram consultados escritos do filósofo Kierkegaard e com a seguinte frase tudo se

<sup>60</sup> KIERKEGAARD, Søren - "Concluding Unscientific Postscript", 1846.

<sup>61</sup> Referência a um comentário ao artigo "Schumacher slams British architectural education" (A.R. 2012), de Patrik Schumacher.

simplificou: “**O povo pede o poder da palavra para compensar o poder de livre pensamento a que ele foge.**” Ou seja, como Humanos temos a capacidade de fazer e praticar uma série de artes e até alcançar a mestria nas mesmas, a questão fundamental centra-se na capacidade reflexiva da produção. Caso não sejamos capazes de ‘*cogitare et reflectere*’ – do latim, pensar e reflectir –, que esperança poderemos nós ter neste mundo em que o futuro das cidades e da arquitectura já não se apoia nos seus especialistas, mas sim na política e na economia. Que esperança para haver para o futuro, e a sua qualidade, sem o pensamento e a reflexão crítica do que faz sentido construir. Agora pergunta-se. Será que faz sentido metade das construções com que co-habitamos? O crítico James Howard Kunstler pensa precisamente nesta situação e acredita que não, com base na sua conferência no TEDx, intitulada de “How bad architecture wrecked cities”, onde ao descrever uma fachada cega disse que “**There's not enough prozac in the world to make people feel okay about going down this block.** This is the back of Boston City Hall, the most important and significant building in Albany, (excuse me) in Boston.” Com este devaneio espera-se, ter-se conseguido construir o conflito, em vós, necessário para suscitar interesse na discussão individual do tema.

Contrariamente ao que afirma o Arquitecto Bjarke Ingels – antigo pupilo de Rem Koolhaas –, que visualiza a Arquitectura como uma ‘parteira’<sup>62</sup> (de ideias/pensamentos), nem sempre tem espaço para ocorrer. Este cenário enigmático onde vários arquitectos, e outros profissionais, criaram é hoje um problema – uma catástrofe, capaz de se tornar no nosso pior pesadelo – uma quebra histórica para o futuro. O Arquitecto Rem Koolhaas, numa conferência, disse que “**I think architecture is gone.** It’s a very interesting question whether it is gone forever or whether under certain circumstances, we can imagine that it will come back. In case, **it is gone for now.**”<sup>63</sup> Fica a questão, para vossa ilação. O desafio, para nossa preocupação.

O trabalho do Arquitecto Oscar Niemeyer, não poderia ficar fora deste pensamento, pois é a própria expressão da questão identitária no presente – uma interpretação coerente, e humana, fidedigna à sua cultura tropical. Disse o próprio que, “no meu trabalho eu sempre coloquei os artistas, os pintores, e os escultores. **A Arquitectura não pode ser vista como uma coisa isolada,** pois quando o Arquitecto faz o projecto, e ele está traçando uma parede, ele imagina se vai ser uma pintura, uma parede de pedra, uma escultura, e o artista não vem depois para colocar o quadro.”<sup>64</sup>

Isto, centra-se no que o galardoado escritor José Saramago, pelo Nobel da Literatura, expôs no documentário “A Vida é um Sopro”, onde comenta que “**trata-se de ser fiel a princípios. Nem sequer é as tácticas, ou a estratégias de ordem política, conquista de poder. Não tem nada que ver com isso. Simplesmente, trata-se de princípios e, não podemos renunciar a eles. Oscar Niemeyer, não renunciou e, nem o felicito. Não felicito o Oscar por não ter renunciado. Não lhe agradeço, porque simplesmente é uma expressão de sua própria humanidade.** Eu creio que é uma pessoa que está em paz consigo mesmo. E, estar em paz consigo mesmo, não é fácil. Não é, porque vivemos num mundo de contradições, de tensões.

---

<sup>62</sup> INGELS, Bjarke. Nowness, - “I like the idea of an Architect as a midwife”. 2015.

<sup>63</sup> KOOLHAAS, Rem. “Paul S. Byard Memorial Lecture”. Columbia University, 2009

<sup>64</sup> NIEMEYER, Oscar. Documentário “A vida é um sopro.”

No fundo vivemos num temporal. E, manter o rumo, no meio desse temporal, com ventos que sopram de todos os lados, isso Oscar conseguiu.”<sup>65</sup>

“Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos, sem responsabilidade talvez não mereçamos existir.”<sup>66</sup>



Igreja da Pampulha | Arq. Oscar Niemeyer | 11.05.2015

A evolução da natureza prevê o início e o término da nossa actividade, é necessário uma adaptação às evidências e, conseguir operar neste ‘tumulto de contradições’. A segurança é a natureza insatisfeita do Homem, mas também ocupa assim o seu lugar na destruição. É impossível prever qual a veia correcta que se deve seguir e, por isso, defende-se aqui a expressão natural atenta ao entorno, tal como a que Niemeyer possuía.

---

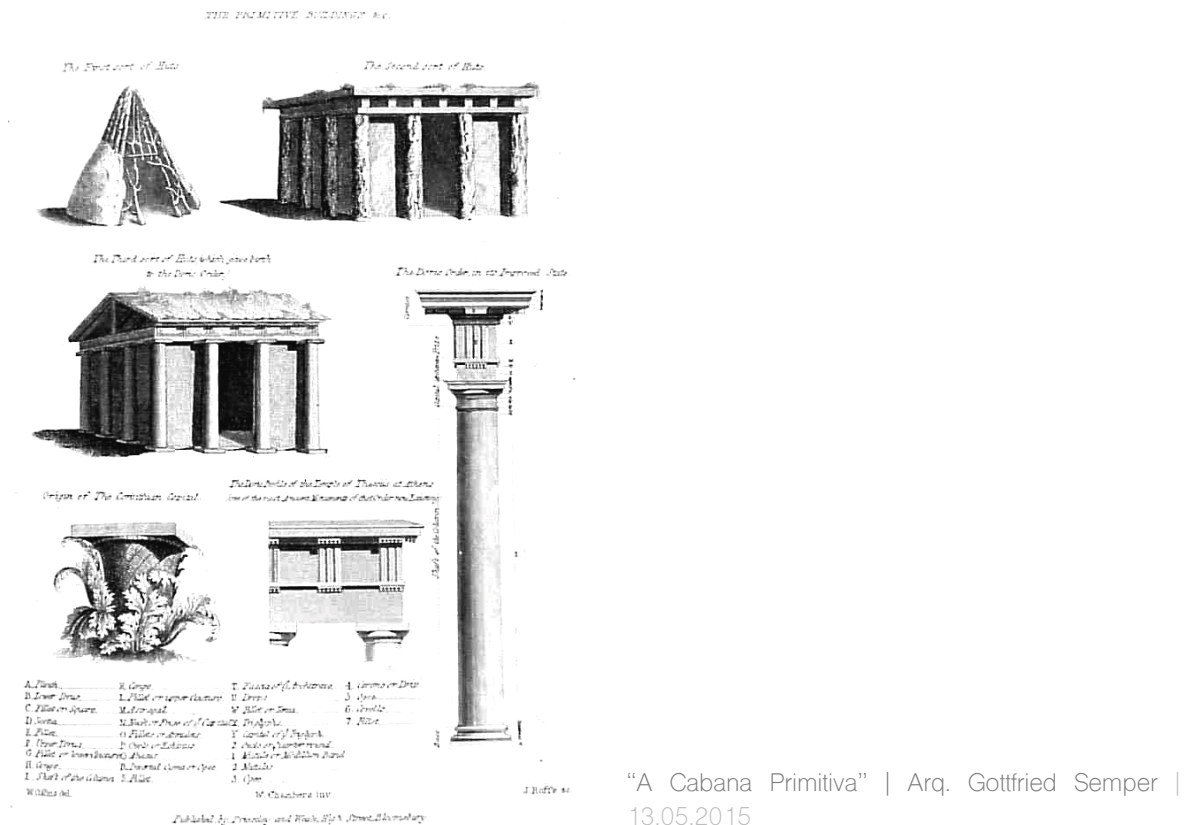
<sup>65</sup> SARAMAGO, José. “A vida é um sopro.”

<sup>66</sup> SARAMAGO, José (1994) “Cadernos de Lanzarote”.

03



## 03\_ DA UNIDADE À CIDADE



“A Cabana Primitiva” | Arq. Gottfried Semper | 13.05.2015

“A condição natural da arquitectura é sempre a de uma situação “exposta”. Talvez seja esta a sua única exposição real. Os edifícios são construídos à escala natural, com os materiais verdadeiros, são experimentáveis (utilizáveis) e desenham contextos.”<sup>67</sup>

Recordemos os primórdios da Arquitectura – a cabana primitiva. Esta, alimentava-se do sentido de vizinhança e conforto com o entorno, nunca colocando de parte os restantes membros da comunidade. Estes, faziam-se circundar do fogo, para protecção, alimento, e conforto. O Fogo, é a Casa; a Casa é a união. Para Gottfried Semper, a Arquitectura possui quatro elementos principais – a **Lareira**, a **Plataforma**, o **Telhado** sob colunas, e por fim a **Parede** ou algo não estrutural (têxteis, fibra, etc.), para protecção das condições climatéricas.<sup>68</sup>

Tudo no mundo, do Homem, pressupõe uma construção ou pelo menos uma manifestação de humanização do território. O Homem só consegue lacrar um sítio como seu, ao erguer lá o seu lar – o seu fogo; a sua protecção. Com o tempo, o Homem evoluiu e com ele as técnicas e os contextos, que desenhou. São estes, a Casa, o Bairro, o Apartamento, e a Cidade. Concomitantemente, a Invenção da Cidade – Utopia, e a Cidade depois da Cidade –

<sup>67</sup> PEREIRA, Alexandre Marques. “Exposição (ARX Portugal) de inauguração do Centro Cultural de Belém” (1993).

<sup>68</sup> SEMPER, Gottfried (1851) “Die vier Elemente der Baukunst”.

Distopia. O bom e o mau. Algo com que o Homem arranjou particularmente um interesse, durante o seu percurso em vida. Todo o Homem possui vontades, e essas partem de um pressuposto social, que lhes é inculcado pela sociedade, de modo a que possam pensar o que se quer para o futuro, e o que pode acontecer se na sociedade houver pessoas sem uma função contributiva. Seja, torna-se compreensível o sonho do Homem, tal como se compreender que exista o pesadelo. Uma coisa não cancela a outra, mesmo sendo elas díspares.

### 03.1\_ A INVENÇÃO DA CIDADE



The Challenges of Re:Coding L.A.' | Autoria Desconhecida | 13.05.2015

“O lugar onde cresce uma grande cidade não é o local dos espichados trapiches, docas e fábricas, meros depósitos de produção, nem o local das intermináveis medidas dos que acabam de chegar ou os desancoradouros de partida, nem o local dos mais altos e custosos edifícios ou lojas vendendo artigos de todo o resto do mundo, nem o local das melhores escolas e bibliotecas, nem o local onde corre o dinheiro, nem o local de maior número de moradores.

Onde se vê a cidade com a mais encorpada geração de oradores e bardos, onde se vê a cidade que é por eles amada e por seu lado os compreende e ama, onde não há monumento a heróis senão no trivial dos atos e palavras, onde está em seu lugar a parcimônia e em seu lugar a prudência, onde com leis só vagamente se preocupam os homens e as mulheres, onde o escravo não se vê nem se vê o senhor de escravos, onde a um só tempo o povo se levanta contra o abuso incontido daqueles que com seu voto elegeram, onde homens e mulheres com bravura fazem-se ouvir – como ao silvo da morte atira o mar seus vagalhões que varrem sem arrebatção – onde a autoridade externa só vem depois da autoridade interna, onde o cidadão é sempre o ideal e a meta, e o presidente, o governador, o prefeito, nada mais são que funcionários pagos, onde às crianças se ensina a serem leis de si mesmas e a serem dependentes de si mesmas, onde da equanimidade é dado o exemplo dos fatos, onde as especulações da alma são cercadas de estímulo, onde nas ruas andam as mulheres em movimentos públicos igualadas aos homens, onde elas formam na assembléia popular e ali têm seus lugares como os dos homens, onde fica a cidade dos mais leais amigos, onde fica a cidade da pureza dos sexos, onde fica a cidade

dos mais sadios pais, onde fica a cidade das mães de corpos mais belos: é aí que cresce a grande cidade".<sup>69</sup>

Tal como muitas cidades, algumas nasceram de ruínas de antigas povoações ou até mesmo foram resultado de migrações demográficas que procuravam uma melhor qualidade de vida. **A cidade é uma criação histórica particular; nem sempre existiu, mas começou num certo momento da evolução social e pode acabar, ou ser radicalmente transformada.** Não existe por uma necessidade natural, mas sim por uma necessidade histórica, que tem um início e pode ficar inane.

O ambiente construído não passava de uma modificação superficial do ambiente natural, imenso e hostil, no qual o homem começou a mover-se, o abrigo era uma cavidade natural ou um refúgio de peles sobre uma estrutura simples de madeira. O abrigo das sociedades neolíticas não é apenas um abrigo na natureza, mas um fragmento de natureza transformado segundo um projeto humano, compreende os terrenos cultivados para produzir e não apenas para apropriar do alimento, os abrigos dos homens e dos animais domésticos, os depósitos de alimento produzido para uma estação inteira ou para um período mais longo, os utensílios para o cultivo, a criação, a defesa, a ornamentação e o culto.

**A aldeia passa a ser cidade no momento que as indústrias e os serviços não são mais executados pelas pessoas que cultivam a terra, mas por outras que já não tem essa obrigação.** Assim nasce o contraste entre dois grupos dominantes. Enquanto as indústrias e os serviços desenvolvem-se através da especialização, a produção agrícola cresce utilizando estes serviços e instrumentos. A sociedade torna-se capaz de evoluir e planear a sua evolução. **A cidade, centro motor da evolução, transforma-se a uma velocidade muito maior do que a aldeia** e, mostra mudanças muito profundas da composição e das atividades da classe dominante que influi sobre toda a sociedade. A revolução urbana começa no crescente fértil, onde o território é coberto com uma vegetação desigual. A planície é fértil, mas só consegue ser cultivada por onde passa ou pode ser conduzida a água. Os rios, os mares e o terreno aberto às comunicações favorecem as trocas de mercadorias e notícias; os céus, quase sempre serenos, permitem ver, à noite, os movimentos regulares dos astros e facilitam a previsão do tempo. Foi num local assim, que algumas sociedades neolíticas encontraram um ambiente capaz de produzir recursos muito mais abundantes. Como cultivo de cereais e árvores frutíferas, e parte dos produtos eram acumulados para trocas comerciais – a economia. Esta, surge com o aumento da produção agrícola, a concentração do excedente nas cidades e ainda o aumento de população e de produtos, garantido pelo domínio da cidade sobre o campo.

“Ele aspirava nada menos que à abolição dos males da Revolução Industrial, à eliminação dos cortiços e dos apinhados bairros industriais. Tudo deveria ser conquistado sem suscitar o antagonismo de qualquer grupo, nem mesmo dos proprietários. Esperava-se criar novas formas de riqueza publica por meio de uma completa inversão de valores, sem nem mesmo esperar que algum partido político, solidário a tais princípios, estivesse no poder.”<sup>70</sup>

---

<sup>69</sup> WHITMAN, Walt. Fragmento de Song of the Broad Axe. 1819-1892.

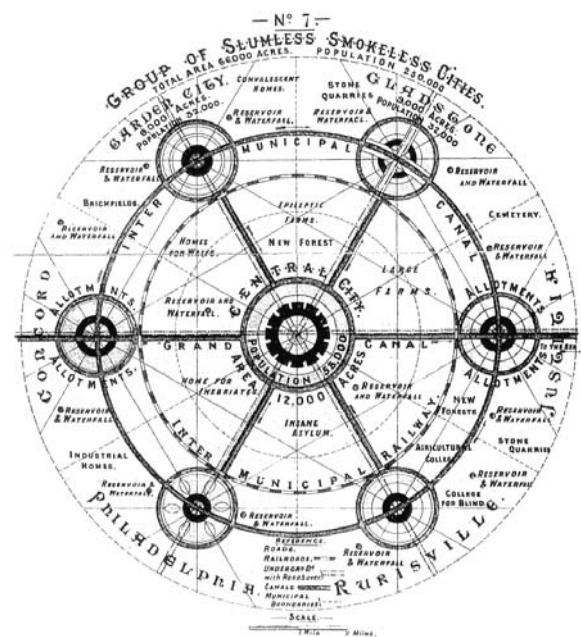
<sup>70</sup> GIEDION, 1995, pág. 805.

Assim, nasce a desordem, e os problemas das cidades, e com isso as chamadas utopias que tanto os Arquitectos e Urbanistas se deliciaram a imaginar. Muitos foram os processos evolutivos das cidades, como se compreende que cada uma possui uma natureza e configuração diferentes. Compreendendo-se que também os tipos de utopias são diferentes, uma vez que a natureza das mesmas é também alterada consoante as preocupações, e/ou problemas existentes.

Como seria de esperar, a cidade tornou-se de certa forma um animal insaciável, e não conseguiu conhecer os seus limites de expansão e crescimento – umas cresceram de forma saudável e outras passaram a ser cidades-fábrica. Estaríamos portanto em plena Revolução industrial, entre os séculos XVIII e XIX, e as condições de vida diminuiram drasticamente pondo em perigo o sonho da cidade, de outrora. Após a Revolução Industrial, em 1902, nasce a Cidade-Jardim de Ebenezer Howard, a primeira.

A visão utópica de Howard foi uma tentativa de resolver os problemas de insalubridade, pobreza e poluição nas cidades por meio de desenho de novas cidades que tivessem uma estreita relação com o campo. Ele apostava nesse casamento cidade-campo como forma de assegurar uma combinação perfeita com todas as vantagens de uma vida urbana cheia de oportunidades e entretenimento juntamente com a beleza e os prazeres do campo;

“... cidade e campo devem estar casados, e dessa feliz união nascerá uma nova esperança, uma nova vida, uma nova civilização”.<sup>71</sup>



Plano Genérico para a Cidade Jardim | Ebenezer Howard | 13.05.2015

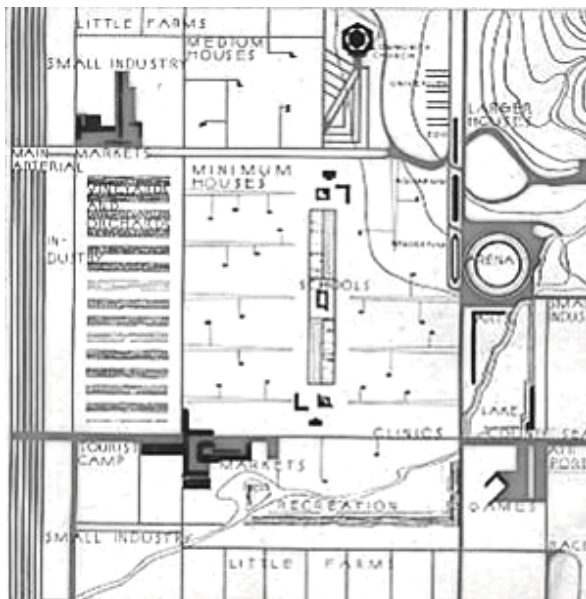
Desta união, o movimento das pessoas de cidades congestionadas se daria naturalmente como um íman para uma cidade próxima da natureza que ele considerava ser fonte de vida, riqueza e felicidade. A indústria deslocar-se-ia para o campo como estratégia de desenvolvimento económico simultaneamente a produção agrícola que teria mercados prontos da cidade próxima ao núcleo rural.

<sup>71</sup> HOWARD, Ebenezer. Cidades-Jardins de amanhã. Tradução: Marco Aurélio Lagonego, Introdução: Dácio Araújo Benedito Otoni. São Paulo, Estudos Urbanos, Série Arte e Vida Urbana, Hucitec, 1996, p. 108.

Sua intenção não era criar um subúrbio jardim, mas uma entidade cidade-campo em combinação permanente com dimensões controladas. A zona agrícola agiria como um amortecedor contra o crescimento incontrolável do centro populacional. **Para Howard, quando uma cidade atingisse a sua capacidade de suporte, novas cidades deveriam ser formadas em torno de uma cidade central de 58.000 habitantes, um núcleo cultural, formando uma constelação de cidades interligadas por meio de ferrovias e rodovias.**

Howard concebia sua Cidade-Jardim de forma a propiciar aos homens mais liberdade numa vida comunitária renovada, ao contrário de empreendedores, que pensam somente na produtividade e rendimento. De acordo com Dácio Otoni (Introdução. In HOWARD, Ebenezer. Op. cit.), ele tinha a síntese conciliadora entre o socialismo e o individualismo, pois não acreditava no liberalismo do Estado Inglês e nem na acção do Estado socialista controlador de todas as atividades. Reduzia o papel do Estado ao município e acreditava que sua cidade-jardim poderia ser uma empresa privada.

Anos mais tarde, sensivelmente em 1932, surge o plano utópico – a "Broadacre City", de Frank Lloyd Wright, a maravilhosa cidade que prometia o "American Dream" de forma largamente utópica e romântica. De certa forma a sua cidade expurgava a essência da metrópole, e parabenizava as comunidades campestres. Idealizava portanto uma cidade auto-suficiente, capaz de estabelecer condições favoráveis ao agricultor, contrariamente ao conceito greco-latino de comunidade citadina – dirigido à concentração e discussão crítica entre os cidadãos.



“Os planos urbanísticos de Wright se resumem numa cidade-monstro a que chama **Broadacre City**, espalhada na área de um país. Nela os vizinhos se olham de telescópio e se visitam de autogiro, tão separados podem estar entre si, vivendo em parte do trabalho agrícola e em parte de um trabalho industrial realizado dentro da própria casa. A isso chama, enfaticamente, “descentralização da indústria”, volta ao campo, luta contra a megalópole etc.”<sup>72</sup>

Broadacre City | Arq. Frank Lloyd Wright | 13.05.2015

Wright gostava de citar R.W. Emerson, poeta e filósofo americano, que dizia que **“as cidades forçam o crescimento e tornam os homens loquazes e divertidos, no entanto, artificiais”**. R.W. Emerson, foi o fundador do transcendentalismo, que segundo ele, existiria uma realidade espiritual superior que está em correspondência com o mundo material. Os homens situam-se

<sup>72</sup> ARTIGAS, Vilanova. Caminhos da arquitetura: Vilanova Artigas. São Paulo, Cosac & Naify, 1999.

entre os dois mundos; pela compreensão e pela experiência da natureza eles podem, no entanto, transcender a sua existência material e participar do mundo espiritual. Foi por meio dos escritos de Emerson, assim como pelos escritos de Henry David Thoreau, que a concepção transcendentalista da natureza como fonte de experiência religiosa deu à revalorização da natureza um impulso considerável. Este pensamento, é patente entre as comunidades residentes das extremidades dos estados americanos e, também pelas comunidades amish.

“Wright, embora fosse do interior, nunca foi exatamente introvertido ou casmurro, mas também não era artificial. Wright julgava que a artificialidade era o resultado da vida antinatural e a grande e tumultuosa metrópole industrial era fundamentalmente anti-natural. **“O nosso destino democrático não pode ser cumprido pelo simples industrialismo, por maior que ele seja”**, escreveu ele. **“Somos dotados, por natureza, de uma vasta agronomia. Na proporção humana do industrialismo e da agronomia, produziremos a cultura que cabe à democracia orgânica...”** <sup>73</sup>

Opondo-se à ideia de centralização, que sempre esteve associada à grande cidade; e à ideia da “grande fábrica”, que se associava à ideia de exploração e divisão social do trabalho, **acreditava que a centralização urbana deveria desaparecer**. Broadacre City representaria um novo tipo de aglomeração na qual deixaria de existir uma separação física entre o campo e a cidade e onde os benefícios de ambos os lugares estariam plenamente disponíveis. Só o contato com a natureza poderia devolver o homem a si mesmo, permitindo um harmonioso desenvolvimento da pessoa totalmente.

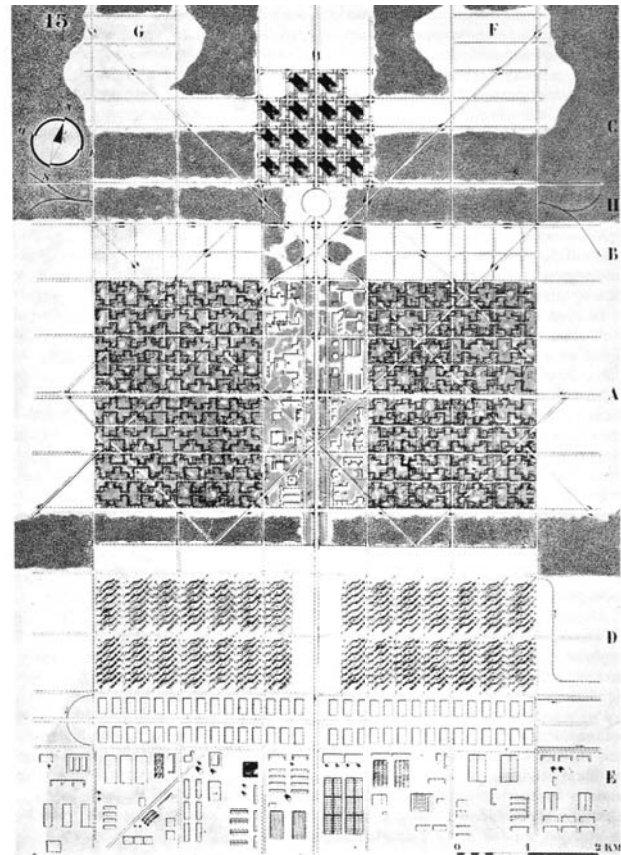
Consequentemente surge por volta da mesma altura, entre 1924–1933, a “*Ville Radieuse*” – A Cidade-Máquina, de Le Corbusier. Esta, prometendo uma maior organização do sistema centralizado, rejeitado pelo americano F.L. Wright. Projectada para integrar meios eficazes de transporte, bem como uma abundância de espaço verde e luz solar. A cidade de Le Corbusier, do futuro, não só iria oferecer aos seus residentes um estilo de vida melhor, como contribuiria para a criação de uma sociedade melhor. Embora **radical, rigoroso** e quase **totalitário** na sua **ordem, simetria e padronização**, estes, foram os princípios propostos por Le Corbusier, que tinha uma extensa influência no planeamento urbano moderno. Estes princípios elevaram o desenvolvimento de novas tipologias de habitação de alta densidade, em essencialmente quase todas as cidades modernas da altura. Portugal não foi uma excepção, e dá-se a exemplo o edifício do “Bloco das Águas Livres”, de Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral, em 1953.

De acordo com os ideais modernistas de progresso (que incentivavam a aniquilação da tradição), a “*Ville Radieuse*” foi o emergir de uma ‘tabula rasa’: **era para ser construído através da demolição das cidades vernáculas europeias**. A nova cidade iria conter arranha-céus, pré-fabricados e idênticos, espalhados por uma vasta área verde e organizados numa grelha cartesiana, permitindo que a cidade funcionasse como uma máquina.

---

<sup>73</sup> BLAKE, Peter. Os grandes arquitetos: Frank Lloyd Wright e o domínio do espaço. Rio de Janeiro, Record, 1966, p. 112.

"The city of today is a dying thing because its planning is not in the proportion of geometrical one fourth. The result of a true geometrical lay-out is repetition, The result of repetition is a standard. The perfect form."<sup>74</sup>



La planimetria della Ville Radieuse (Le Corbusier).  
A, abitazioni; B, alberghi e ambasciate; C, città degli affari; D, industrie; E, industrie pesanti (fra le due i depositi generali e i docks);  
F, G, nuclei satelliti con caratteri speciali (per es., città degli studi, centri del governo, ecc.); H, stazione ferroviaria e scorporo.

Plano da "Ville Radieuse" | Le Corbusier |  
14.05.2015

## 03.2\_ O BAIRRO



Bairro das Estacas | Arq. Ruy D' Athougua |  
14.05.2015

<sup>74</sup> LE CORBUSIER. (Charles-Edouard Jeanneret-Gri)

Penso que o elemento fulcral que se deve debater nos bairros é o espaço de comunicação, interação e mobilidade. Por isto, pretendo dizer todo o espaço público, nomeadamente o espaço térreo e o espaço de circulação. Hoje em dia, já pouco se fala nestes espaços quando procuramos casa para comprar. O que passou a interessar já não é o próprio conceito de bairro que antigamente compreendia uma capacidade semi-auto-suficiente. Ou seja, existia quase tudo o que era necessário à vida, num raio de deslocação humana consideravelmente reduzida. O Bairro era um espaço de partilha entre os cidadãos, e hoje este ambiente já foi tão banalizado ou empobrecido socialmente que nunca se fala nos espaços propriamente ditos do bairro. Hoje, o que nos preocupa é se a 'casa' possui garagem ou não; se está muito longe do emprego; se possui uma creche/escola por perto; etc.

O que me preocupa é precisamente os espaços intersticiais por entre as edificações... Quando falamos em bairro temos obrigatoriamente que falar em rua e em espaço público, pois é este que comanda e organiza o bairro. A questão da habitação é uma questão de unidades e organização das mesmas. O que compõe o espaço do bairro é na verdade o espaço de circulações, tanto exterior, como interior.

“Os portugueses aceitam mal a ideia do exterior.

De certa forma temos tendência para nos isolarmos no interior da casa.

**Mas este sentimento deve ser contrariado”**  
para assegurar a durabilidade do Bairro. <sup>75</sup>



Bairro da Bouça | Arq. Álvaro Siza Vieira | 14.05.2015

O que se perdeu nos bairros é a capacidade destes conseguirem criar relações sociais, tão típicas dos bairros. Esta relação é algo que não deveria ser apagada da essência do bairro, mas na verdade o que deveria acontecer seria um retorno ao conceito original. Esta natureza que estava tão patente no Bairro das Estacas, encontra-se também no Bairro da Bouça do Arq. Siza Vieira. Quando o Siza contraria o perfil urbano da Bouça, e o desenha em espinha perpendicular à rua viária, acaba por conseguir criar uma “espécie” de pátios comunitários, de modo a conseguir recriar a ideia de relações e comunicações humanas.

Esta premissa da sociabilidade não é assim tão nova. Um dos melhores bairros da história, é já bem antigo e dá pelo nome de '*Familistère de Guise*'. Este complexo habitacional, continha na sua génese as premissas do bairro: sociabilidade, companheirismo, sentido de

<sup>75</sup> LOBO, Inês. Documentário "O Bairro". RTP.

vizinhança, responsabilidade social, áreas saudáveis, espaços de comunhão, espaços livres, e espaços privados.



*Familistère de Guise* | Jean-Baptiste Godin | 14.05.2015

Jean-Baptiste Godin mandou construir o Familistério para os seus próprios trabalhadores, no século XIX e XX. A primeira etapa, a mais urgente, era segundo Godin a de melhorar as condições de alojamento e de vida das famílias, atribuindo-lhes condições “equivalentes às riquezas”. Estas condições partiam desde: salubridade do alojamento, luminosidade, circulação do ar, acesso a água potável, lavandaria, chuveiros, piscinas, escolas, teatro, biblioteca. **Este tipo de infra-estrutura foi concebido para além dos aspectos materiais da obra, conduzir a uma elevação moral e intelectual do trabalhador, permitindo-lhe encontrar a auto-estima e a independência par-a-par com a sociedade burguesa.**

Quando se fala neste tipo de relações pensa-se que pode até ser demasiado utópico o pensamento do Arquitecto, mas a verdade é que a essência destes projectos está nas manifestações não controladas do que os habitantes geram. O Arquitecto é meramente uma parte do plano que regula a habitação multifamiliar. Dá-se a exemplo o conjunto habitacional na Avenida Infante Santo, Lisboa (1954-1959), do Arq. Alberto José Pessoa. Os edifícios estão ladeados por uma via rápida, algo que apresentaria então um ponto negativo para a habitabilidade daqueles edifícios. Porém, o Arquitecto decidiu assegurar uma distância desse ponto, e conseguiu isso com a altura. Dessa decisão, resultaram espaços separados cirurgicamente da rua, de modo a que o que acontece nos espaços públicos elevados – uma espécie de pracetas, é uma sentimento independente controlado de bairro. Seja, na verdade este projecto acaba por ser um bairro e não apenas um conjunto de edifícios de habitação.

Conjunto habitacional na Avenida Infante Santo, Lisboa. Arquitetos Alberto José Pessoa (1919–1985), Hernâni Gandra (1914–1988) e João Abel Manta (b. 1928) | ©FCG/BA | 15.05.2015



### 03.3\_ A CASA



"O que é uma casa?"

Saramago responde que para Baltasar Sete-Sóis e Blimunda Sete-Luas era **olharem-se**; que para Jesus era **estar acompanhado** por Maria de Magdala;

que para o pintor H era **uma forma do deserto**; e que para Ricardo Reis era **um lugar de trânsito e de vida em suspenso**.

Saramago secciona o edifício para se revelarem as intimidades da vida quotidiana." <sup>76</sup>

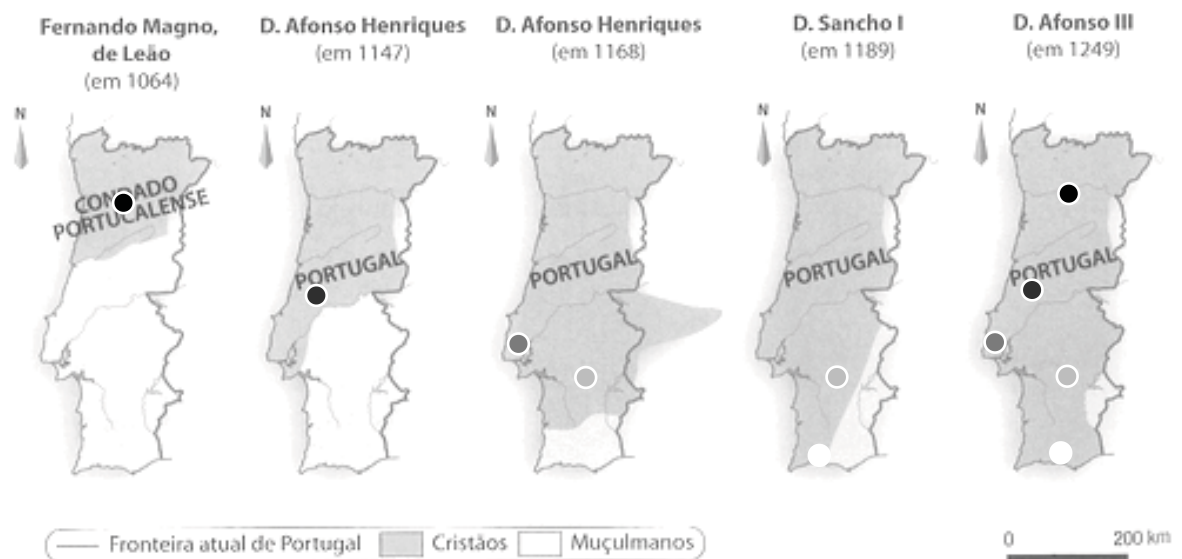
Casa Alentejana, Portugal. | Autoria Desconhecida | 15.05.2015

O sentido da "casa", é entendido como lugar cósmico da intimidade e da identidade. Mas a casa é também o lugar do quotidiano e um elemento mediador entre homem e paisagem. Esta manifestação tão humana, de necessitar do seu espaço, e construí-lo à sua imagem, é um tanto ou pouco erótica. Na verdade penso que a casa é um organismo individual capaz de satisfazer uma família com pouco. O muito pertence às cidades, onde a

<sup>76</sup> PARRA BAÑÓN, José Joaquín (2004) "Pensamento Arquitectónico na Obra de José Saramago: acerca da arquitectura da casa." Lisboa. Editorial Caminho.

casa perde o significado circunscrito na sua natureza, e migra para uma unidade. Não compreende as características da casa, apesar de que as pessoas se habituem e cometam o erro de lhes chamar casa, é um apartamento. Culturalmente o português não se sente completamente bem ao relacionar-se com o exterior, quando este é compartilhado com casas demasiado próximas. A intimidade é algo que naturalmente distingue o português e a casa(?) portuguesa.

Ainda que, para que livremente se possa falar de “casa portuguesa”, seja necessário que se entenda a história do país, naturalmente. A expansão e conquista do território face aos muçulmanos foi absolutamente determinante para a reconfiguração do que viria a ser a típica casa portuguesa, que na verdade não faz sentido existir tal conceito, pela sua forma genérica. Tal como se pode comprovar nas ilustrações, em baixo, compreender-se-à que de facto o Reino de Portugal foi uma expansão e como tal o povo português seria desde esta altura um povo de conquistas, e de absorções culturais. Este, conseguiu absorver culturas como a de Andaluzia e, naturalmente, a Muçulmana. Foi um processo lento que durou cerca de 200 anos, sendo finalizado pela conquista definitiva do Reino do Algarve, em 1249, marcando o fim da ocupação muçulmana em Portugal. Nesta data ficaram definidos os limites do país, quase totalmente inalterados até hoje, tal como se poderá observar pelas ilustrações.



Conquista do Reino de Portugal (e 'descoberta' das casas-tipo) | Autoria Desconhecida | 15.05.2015

Dito isto, torna-se óbvio que Portugal absorveu em grande parte a cultura muçulmana na região centro-leste e sul do território. A história diz, e a Arquitectura demostra-nos que o povo português não foi apologista da destruição cultural já existente e do património edificado. Houve reestruturações, como é claro, mas de forma geral as edificações mais sólidas conseguiram perdurar pelos anos e, influenciar as regiões locais pelos anos vindouros.

No caso do Alentejo, o tipo de casa que se encontra, é uma fuga à unidade e uma procura de individualidade despegada de relações físicas com outros volumes. As casas

habitam os campos. São as estacas no deserto, que tanto Távora descrevia ser a Arquitectura. O branco, é poético hoje, pois na altura da construção deste tipo de casa, era por questões empiricamente acordadas – protecção contra a exposição solar, reserva de calor para as baixas temperaturas da noite, entre outros. Hoje, o branco assume-se como uma espécie de doença febril que contamina todo o território português sob um erro não menor que o de Raul Lino, ao presumir que a casa portuguesa era, as suas próprias experiências e interpretações.



Casa em Monsaraz (esq), e uma casa contemporânea, pelos Arq. Aires Mateus (dir) | 15.05.2015

**A casa portuguesa não existe.** Ou pelo menos não como se pensa que existe. É uma metáfora. Presume uma leitura atenta ao local, e não ao estilo. Na verdade isto não é novidade ou tampouco inovador. Este tipo de relação é extremamente semelhante à cultura arquitectónica do sul de Itália – em Toscana. Contudo, há uma coisa que os italianos compreenderam melhor que nós. Eles compreenderam que o espaço da casa é sagrado e contemplam-no com lentos e cónicos percursos de entrada e saída, das propriedades. Uma casa em Itália é uma propriedade – situa-se e não é situada. Esta situação é algo que poderia muito bem ser encontrado em Portugal, especialmente no Alentejo, onde existe espaços e contextos semelhantes.

Hoje, perde-se um pouco esta percepção do que foi a casa portuguesa (alentejana), e começa a fazer-se leituras/interpretações diversas do território. É exemplo disso a contaminação da costa algarvia, que o turismo mascarou. Contudo isto acontece, ainda que em menor intensidade, no próprio Alentejo.



Casa em Toscana, Itália. | Autoria Desconhecida | 16.05.2015



Adega Borba, Alentejo, Portugal. | Autoria Desconhecida | 16.05.2015

A realidade que se faz ver hoje-em-dia pelos montes alentejanos é a do abandono, pois as famílias que ali produziam azeite, vinho, e criavam gado, hoje não existem na sua intensidade original, e muitas dessas propriedades, nos montes, encontram-se em devoluto e em risco de desaparecerem. Por vezes a venda deste património a privados consegue proteger e fazer perdurar traços do nosso passado, a custos relativos – tudo tem um custo. Dando o exemplo do Castelo de Alcácer do Sal – uma fortaleza híbrida da cultura muçulmana (1186) com a portuguesa, onde eventualmente foi convertida num convento.



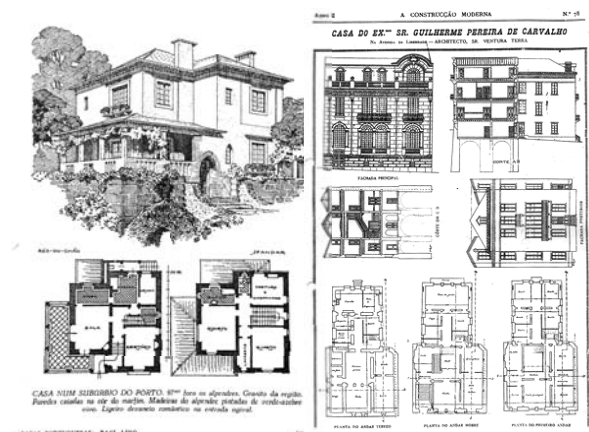
Castelo de Alcácer do Sal. | Autoria Desconhecida | 16.05.2015

Mas a casa portuguesa não se limita apenas à Arquitectura sulista de influência árabe. Em Portugal existe ainda as casas do: Norte e Beira Interior, Litoral Centro, Sintra e Cascais, e as do Ribatejo. Tais casas não vão ser debatidas em detalhe, ou a sua contextualização pois o que nos interessa para o discurso é a essência do que representa a casa.

Em Portugal a essência da Casa detém um valor muito familiar: essencial, nas zonas rurais; social, nas zonas pobres; colectiva, nas zonas urbanas; imponente, nas zonas de férias da classe alta. A casa sofreu uma grande reabilitação na altura da queda do regime, onde o Estado designou Nuno Portas, secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, que fez nascer o Serviço Ambulatório de Apoio Local (SAAL), no âmbito do qual viria a ser construída habitação social nas cidades de Lisboa, Porto e Setúbal, e também no Algarve, entre 1974 e 1976. Sendo que ocorre ainda um outro bairro da operação SAAL, em Évora, a 1977, da autoria do Arq. Álvaro Siza Vieira.

Ainda que o território português não tenha, para efeitos genéricos, um protótipo de casa portuguesa, existiram várias tentativas ao longo da história da arquitectura. Inicialmente penso que com Raul Lino, o (des)afamado Arquitecto, para uns moderno, e para outros conservador. O Arquitecto do regime, como muitos lhe chamaram, tinha bem claro na sua mente o que pensava da casa portuguesa e do que ela deveria ser.<sup>77</sup>

Casa no Porto, de Raul Lino (esq) e Casa de Guilherme Pereira de Carvalho, de Ventura Terra (dir) | 16.05.2015



<sup>77</sup> LINO, RAUL. “Casas Portuguesas.”

“A questão da Casa Portuguesa, na passagem para o século XX, é reflexo do debate sobre a identidade política, cultural e artística como manifestações da procura de uma identidade original portuguesa. Com raízes no século XIX — mas, para alguns autores, com ressonâncias desde o século XII (França, 1967) —, esta inquirição cruza-se com o romantismo e o movimento garretiano, manifestação provocadora que aponta a nossa terra, lugar revigorante e factor de autenticidade, como matriz insuperável da portugalidade. **A proposta de regresso à terra, vista como inevitabilidade moderna, implica uma distinta interpretação da realidade envolvente que, sob diferentes manifestações, confronta um Portugal velho a um outro que se deseja novo.**

(...) Contudo o debate das questões identitárias na abertura do século XX, registado igualmente em toda a Europa, incluía, de certa maneira, outro confronto onde se escrutinavam os caminhos da modernidade, condição determinante no rumo da arquitectura e da afirmação do Movimento Moderno. Nele se inscreve a **controvérsia** sobre o problema da habitação e da sua solução tipológica, em Portugal travada entre os arquitectos Ventura Terra (1866–1919) e Raul Lino (1878–1974), que defendiam, respectivamente, o prédio plurifamiliar e a casa unifamiliar. **A tensão entre uma acção progressista, suportada na crença da ciência e da técnica, como única resposta eficaz face às condições de vida na cidade contemporânea (em Terra), e uma reacção à perda da identidade cultural, como defesa da tradição construtiva e da proximidade do homem/natureza (em Lino) é registada nos seus projectos, artigos e entrevistas.** Apesar deste confronto, Terra e Lino partilham uma disponibilidade moderna, ou seja a mesma necessidade de reflectir sobre o legado da história e sobre os novos modos de fazer arquitectura como resposta a uma sociedade em mudança.”<sup>78</sup>

Acima de tudo a casa, deve conseguir providenciar as necessidades actuais dos seus ‘usuários’ ou ocupantes. Uma casa não pode ser algo medíocre, com vista no lucro pessoal, ou tampouco, por causa da sua construção. Uma casa é o fogo primitivo, que protegia o ser humano do frio e dos perigos. Mas porque é que se fala hoje em bairro, rua, e cidade e se deixou de falar de casa? É simples. O território que antigamente era contemplado com pequenos apontamentos de casas, hoje, sofreu uma adaptação ao crescimento demográfico e o sistema deixou de funcionar. Foi então necessário um aumento considerável das capacidades de albergue de famílias no território e isso impulsionou o aparecimento do bairro, na cidade.

Assegurada a sua qualidade, torna-se importante controlar a atmosfera da casa e do seu entorno. O transporte da luz e da paisagem para o interior da casa causa um drama, a que o Arquitecto manipula a seu belo prazer para assegurar o conforto.

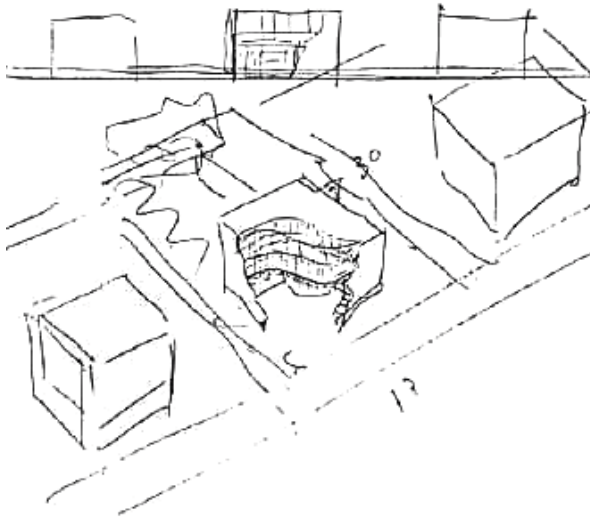
“**Para criar, há-que romper.**” (GORDON, Bak) O esforço de construir um mundo do zero, é algo com que o Arquitecto tem de conviver diariamente, ou então assumir a importância da indução. Este, é o ‘modelo’ que contribuiu para que hoje, tenhamos um espólio mundial de casas tão ‘fora do normal’ e maravilhosas. Os sons, os materiais são fascinantes, e conseguem recriar atmosferas do passado, e que contrariar a ‘caixa branca’ da actualidade. O Arquitecto Siza Vieira consegue obter esta quase efeito memorial conceptual do passado com a Casa Beires, onde quebra o protótipo medíocre de unidades sem carácter, e a desconstrói para criar o efeito original.

Existe então uma série de técnicas de produção arquitectónica para casas. Contudo, está no génio crítico a sua relevância na cidade. Seja, um tema muito aliciante agora seria abordar-se Zumthor, e as suas atmosferas poéticas (se assim lhe quiserem chamar), porém

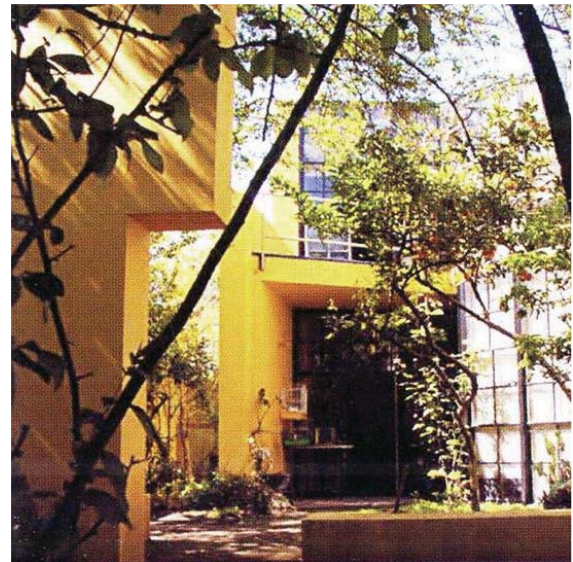
---

<sup>78</sup> RAMOS, Rui Jorge Garcia. “Casa Portuguesa.”

perder-se-ia a direcção desta dissertação. O essencial é compreender o controlo da paisagem e das relações para com o território.



Esquisso da Casa Beires, em Póvoa de Varzim |  
Arq. Álvaro Siza Vieira | 16.05.2015



Casa Beires, em Póvoa de Varzim | Arq. Álvaro  
Siza Vieira | 16.05.2015

“Quando eu tento identificar as intenções estéticas que me motivaram no processo de projectar edifícios, eu chego à conclusão que os meus temas variam entre o lugar, o material, a energia, a presença, as recordações, as memórias, as imagens, a densidade, a atmosfera, a permanência e a concentração. Durante o curso do meu trabalho, eu tento dar a estes termos abstractos, conteúdos concretos relevantes à cessão afectiva, mantendo na minha cabeça que estou a construir **algo que irá fazer parte de um lugar, parte de um circundante, que irá ser usado e amado, descoberto e legado, abandonado, e porém até detestado** – em suma, que irá ser vivido, no sentido mais amplo.”<sup>79</sup>

A atmosfera, é o que consegue produzir o conforto espacial capaz de nos transmitir confiança no espaço inconscientemente. “We sense the mood or atmosphere of a setting before we are even conscious of it. We group entities before details. it is a focused vision and

---

<sup>79</sup> ZUMTHOR, Peter. Peter Zumthor Works : Buildings and Projects, 1979-1997, Hardcover, 1997, Lightness and Pain

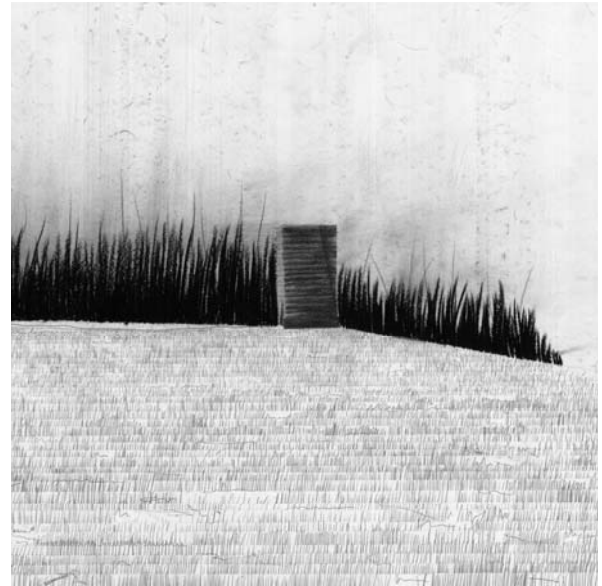
an atmospheric observation simultaneously.” (Juhanni Pallasmaa) Um Arquitecto que consiga alcançar a compreensão disto, e a consiga (re)produzir, consegue uma ‘casa’ com um efeito, não só, intemporal mas ideal. A relação com a paisagem é essencial e o clima é meramente um filtro com que devemos estar habituados a manipular para que ajude a vivência do Homem. A habitabilidade depende sempre da relação do Homem com o seu passado-presente-futuro, e com a natureza. Deve-se usar “muita luz porque é grátis”<sup>80</sup>; os materiais da zona para não criar uma deslocação matéria; e depois decidir de que modo queremos que o Homem circule entre o interior e o exterior – uma espécie de nuance entre luz e materiais.

Mencionar a palavra ‘atmosfera’ e não proferir o nome Zumthor, é um acto de pura negligência, neste meio. Diria, esta referência conseguiu construir toda a sua carreira com uma espécie de isolamento autista, que se vê justificado aquando visitados os seus edifícios, e lidos os seus deliciosos livros, e restante produção textual. Penso “que **se deve igualmente a uma certa deformação teórica que inscreve a escrita da arquitectura entre o foro fenomenológico e o estilismo poético**”<sup>81</sup> que faz com que os Arquitectos portugueses, entre outros, apreciem quase a um extremo de adoração e, para alguns canonização. Algo em que se desconfia que P. Zumthor iria repudiar. A crítica de Arquitectura, Ana Vaz Milheiro, no artigo que escreve a propósito da sua exposição no Lx Factory (Lisboa), intitulado “A Forma Bonita – Peter Zumthor em Lisboa”, já aqui mencionado, relaciona-o com um outro mestre do passado, Louis Kahn, em que os relaciona da seguinte forma: “A remissão de Kahn para os “inícios” faz-se num sentido primitivista que lhe possibilita construir formas viscerais; já Zumthor, não obstante a carga emocional que coloca nas suas descrições, apela a uma consciência histórica: as suas formas são cultas.” Aconselhando-nos, ainda, a reler o que P. Zumthor escreveu sobre Valls: “Inicialmente formulámos as nossas ideias em termos teóricos, ideias sobre os rituais de purificação e de higiene, acerca da interacção mútua entre lugar, arquitectura e banhos: ideias, desejos, sonhos... mais tarde... visitei os banhos turcos em Budapeste, Istambul e Bursa. Regressei dessa viagem com uma imagem mental...”<sup>82</sup> Também de um crítico de Arquitectura, Paul Goldberger, no seu artigo “Swiss Mistique” para a Vanity Fair, distancia P. Zumthor da Arquitectura japonesa – que também é conhecida por ter semelhante relação entre Arquitectura e Natureza, – na medida em que afirma que **o Arquitecto, parece ver as suas próprias memórias, como os elementos definidores na sua estética.** “There was a time when I experienced architecture without thinking about it,” escreve P. Zumthor sobre a casa de sua tia. “Sometimes **I can almost feel** a particular door handle in my hand, a piece of metal shaped like the back of a spoon. That door handle still **seems to me** like a special sign of entry into a world of different moods and smells. **I remember** the sound of the gravel under my feet, the soft gleam of the waxed oak staircase, **I can hear** the heavy front door closing behind me as I walk along the dark corridor and enter the kitchen, the only really brightly lit room in the house. **Memories like these contain the deepest architectural experience that I know. They are the reservoirs of the architectural atmospheres and images that I explore in my work as an architect.**”

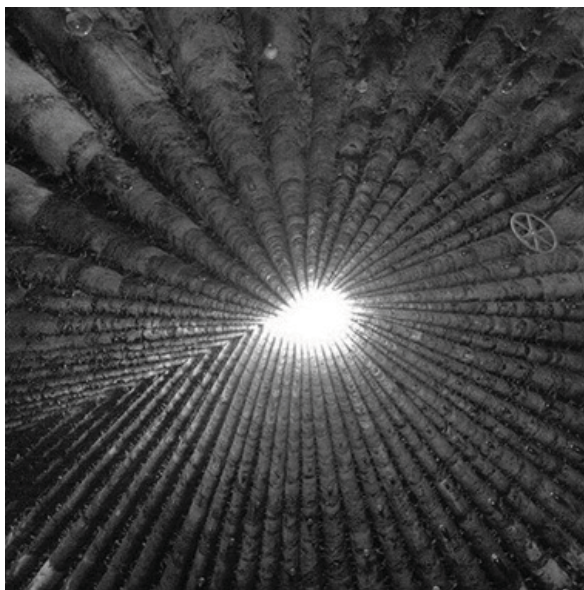
<sup>80</sup> GEHRY, Frank O. “Note to Self.”

<sup>81</sup> MILHEIRO, Ana Vaz. “A Forma Bonita – Peter Zumthor em Lisboa”

<sup>82</sup> ZUMTHOR, Peter. 2007: 91



Esquiço para a “Bruder Klaus Field Chapel” | Arq. Peter Zumthor | 17.05.2015



“There was a time when I experienced architecture without thinking about it. Sometimes I can almost feel a particular door handle in my hand, a piece of metal shaped like the back of a spoon. I used to take hold of it when I went into my aunt's garden. That door handle still seems to me like a special sign of entry into a world of different moods and smells. I remember the sound of the gravel under my feet, the soft gleam of the waxed oak staircase, I can hear the heavy front door closing behind me as I walk along the dark corridor and enter the kitchen, the only really brightly lit room in the house.”<sup>83</sup>

“Bruder Klaus Field Chapel” | Arq. Peter Zumthor. | 17.05.2015

---

<sup>83</sup> ZUMTHOR, Peter. “Pensar a Arquitectura.”

## 03.4\_ O APARTAMENTO



Edifício de Habitação Gallaratese, em Milão | Arq. Aldo Rossi | 18.05.2015

Este deriva obrigatoriamente da densidade populacional e escala do local. Temos de ter em conta que numa cidade o espaço é distribuído muito minuciosamente de modo a assegurar espaço livre para o convívio e para a interacção humana.

Os apartamentos, nascem de uma necessidade de agregar habitações para várias pessoas. Nasceu na verdade no império romano, com as *'insulae'*, que significa ilha e/ou quarteirão. Distinguem-se das *'domus'* (casas) por serem destinados à população mais desfavorecida. São parecidos com os prédios de hoje em dia, por causa da sua configuração em andares. Eram destinadas a aluguer e eram bastante pequenas com, normalmente um quarto, que chegava a albergar famílias inteiras. Embora a cidade de Roma tivesse rede de esgotos, as *insulae* não tinham casas de banho. A sua construção era muito frágil, feita de madeira e tijolo, o que fazia das *insulae* alvos a incêndios.

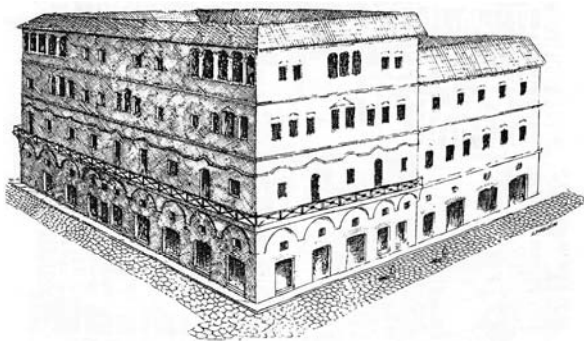
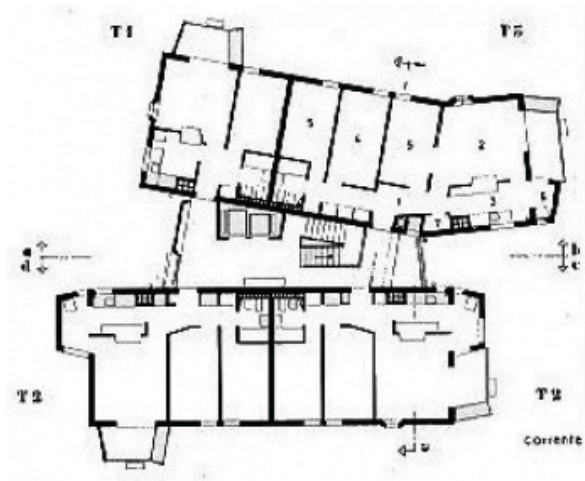


Ilustração de uma insulae Romana. | Autoria Desconhecida | 18.05.2015

Em Portugal manifestou-se, talvez pela primeira vez, depois da grande reconstrução da Baixa de Lisboa, tendo como base o albergue de pessoas que teriam perdido as suas casas, na sequência do Sismo de Lisboa de 1755. O modelo era bastante simples: 1 'loggia' e 3 pisos acima. O primeiro piso era destinado a lojas, e os 3 acima era para habitação. Durante o regime salazarista houve uma tentativa por parte do Arq. Ventura Terra, ao introduzir a habitação geminada e em banda, como uma necessidade à qual não se poderia escapar. Tanto morfológicamente como urbanisticamente, o crescimento das cidades não conseguiriam suportar as casas que se faziam na altura; foi necessário introduzir-se a casa de estilo francês/inglês do início do século XX, pois verificara-se que seria mais sustentável condensar o espaço da habitação e erguê-la em altura.<sup>84</sup> O seu auge foi depois da queda do regime salazarista, em 1974, e tal como Nuno Portas, o Arq. Nuno Teotónio Pereira teve um papel muito importante quanto à construção de habitações. Entre 1948 a 1972 foi consultor de Habitações Económicas na Federação das Caixas de Previdência, tendo realizado o primeiro concurso para habitações de renda controlada.



Habitação de interesse social para Olivais Norte, Lisboa, 1959. Arquitetos Nuno Portas, Nuno Teotónio Pereira e A. Pinto de Freitas | 20.05.2015



'Bloco das Águas Livres', em 1953. Arquitetos Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral | 20.05.2015

<sup>84</sup> RAMOS, Rui Jorge Garcia, "Ser moderno em 1900: a arquitectura de Ventura Terra e Raul Lino."

O 'Bloco das Águas Livres' é considerado o prédio perfeito porque simboliza a vida moderna, a vida quotidiana do nosso tempo – mesmo 50 anos depois. O Arq. João Afonso, que co-comissariou a primeira exposição retrospectiva dedicada a Teotónio Pereira (2004), explica porque é que o "Bloco das Águas Livres", inspirado na Unidade de Habitação de Corbusier, tem este significado: **"É uma casa já pensada para uma família reduzida, que já não tem empregada. A sala e a cozinha têm um uso moderno, um espaço unitário. Ali podemos reconhecer o paradigma onde vivemos: não temos ninguém que vá à cozinha por nós. A Unidade de Habitação é onde Le Corbusier formalizou o seu sonho de habitação para o homem moderno."** Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa pensaram o corpo como uma **pequena comunidade independente**. Às áreas de habitação introduziram-se escritórios e lojas, e a circulação exterior entre os espaços é permitida por grandes corredores. Os edifícios possuíam áreas de serviço comuns, como lavandarias, garagens, salas de condomínio ou os jardins e espaços verdes interiores, da autoria de Gonçalo Ribeiro Telles. Um programa decorativo, foi ainda introduzido, englobando murais, mosaicos, vitrais e relevos, caracterizando as áreas de uso coletivo; **é a inclusão "da arte na rotina quotidiana, dessacralizando-a"**.<sup>85</sup> O interior dos apartamentos foram concebidos de forma inovadora. Os espaços eram amplos, confortáveis, permitindo o "bem receber" e recriando as qualidades das moradias familiares num apartamento.<sup>86</sup>



Mural no terraço do Bloco das Águas Livres | 20.05.2015

Hoje, para falar de Apartamentos é quase obrigatório mencionar o RGEU – Regulamento Geral de Edificações Urbanas, que é o conjunto de leis que protegem a projecção de habitação, e outros, de modo a que qualquer um possa habitar este, sem dificuldades. Ainda que contenha algumas lacunas no que toca a acessibilidades para pessoas

<sup>85</sup> MILHEIRO, Ana Vaz, 2002

<sup>86</sup> TOSTÕES, Ana. 2009

com incapacidade motora. Não só na regulamentação que nos relembra, de certa forma de um modo soberano, as medidas mínimas consideradas ideais para uma espaço habitável. O Apartamento do século XXI, não é algo livre, é algo útil e funcional. Talvez porque a nossa economia se encontra num estado tão precário, esta situação esteja a ser usada por Arquitectos, para justificarem grande parte da falta de ajustes programáticos.

“Como é costume dizer-se, o Arquitecto tem que estar atento ao mundo, mas por outro lado, tem que ser um bocado ‘esquizoide’. Porque quando tem que desenhar, o mundo é uma folha A4.”<sup>87</sup>



Bloco de Habitação Rua do Teatro | Arq. Eduardo Souto de Moura | 20.05.2015

Basicamente a tipologia do apartamento estagnou desde a segunda metade do século XX, até ao século XXI. Surge agora uma tendência nova que é a de não haver um grande desenvolvimento do programa tipológico – os chamados apartamentos de solteiro ‘T0’. Surge agora o apartamento ‘*clean*’, ou puro, associado erroneamente ao movimento minimalista de design industrial. A ideia é, basicamente, retirar tudo o que possa significar um gasto desnecessário e aumentar a simplicidade dos detalhes necessários de modo a simplificá-los. Por exemplo, os puxadores das portas desaparecem, passando estas a ser painéis deslizantes ou pivotantes; as gavetas deixam de ter puxadores, e começam a ter ranhuras em negativo, ou simplesmente nada; e o mesmo acontece com as mobílias... Tudo desaparece do espaço doméstico.

O preenchimento do Apartamento do século XXI, é facilmente encontrado em lojas suecas IKEA, pois a mentalidade corrente é a do movimento constante, fazendo com que as pessoas gostem de mobilar a própria casa com objectos possíveis de montar, e desmontar, facilmente para se mudarem e/ou até imigrarem/emigrarem em busca de emprego, bem como melhor qualidade de vida. Há uma coisa muito importante para o casal do século XXI: arranjar um emprego decente, um(a) companheiro(a), construir um lar, e ser feliz.

---

<sup>87</sup> SOUTO DE MOURA, Eduardo.



IKEA Campaign of Marketing | IKEA | 20.05.2015

### 03.5\_ A CIDADE DEPOIS DA CIDADE - UTOPIA E DISTOPIA



The city as scenery of a horizontal and vertical traffic flow. Filme "Metropolis" (1926) | Fritz Lang | 22.05.2015

Alguns teóricos que se debruçam sobre a temática dos fundamentos da utopia consideram-na uma resposta à sociedade, algo como um espelho invertido. Jerzy Szachi indica que "a utopia de More pode ser lida como uma resposta, por exemplo, à pergunta: Como seria a sociedade caso não existisse a propriedade privada?" (1972). A palavra utopia

ganhou as suas dimensões semânticas – a projeção de algo positivo, um sonho à partida inalcançável – no século XVI, com a obra *Utopia*, de Thomas More:

A palavra “utopia” passou a existir com a publicação do pequeno livro de More, em dezembro de 1516.

More cunhou-a ao fundir o advérbio grego ou – “não” – ao substantivo tópos – “lugar” –, dando ao composto resultante uma terminação latina. No relato fictício do livro, “Nenhures” é uma ilha recém-descoberta, situada em alguma parte do Novo Mundo. O sentido que “utopia” veio a adquirir enquanto substantivo comum – uma sociedade perfeita, ou a sua descrição literária – afigura-se legítimo quando nos reportamos ao título completo do livro, que é “Sobre a Melhor Constituição de uma República e a Nova Ilha de Utopia”.<sup>88</sup>

Desde o século XVI, utopia é um “não-lugar”, um “nenhures”. Concomitantemente, a utopia rejeita o que existe, e projeta uma nova composição social. Sendo assim, o lugar, isto é, o espaço, é essencial para o conceito em discussão, como enfatiza Paul Ricoeur, no livro *Ideologia e utopia*:

“[...] comecemos pela ideia principal do nenhures, implícita na própria palavra “utopia” e nas descrições de Thomas More: um lugar que não existe em nenhum lugar real, uma cidade fantasma; um rio sem água; um príncipe sem povo, etc. [...] Deste “nenhum lugar”, é lançado um olhar exterior à nossa realidade, que repentinamente parece estranha, nada sendo já tido como certo. O campo do possível está agora aberto para além do atual; trata-se, portanto, de um campo para maneiras alternativas de viver.”<sup>89</sup>



Shangri-la, do filme “*Sky Captain and the World of Tomorrow*” (2004). | 22.05.2015

Enquanto durante o século XVI engendrou-se a palavra utopia, no século XX fortaleceu-se a palavra distopia.<sup>90</sup> Depois das frustrações históricas – a falência dos regimes socialistas e, principalmente, as guerras mundiais em 1914 e 1945 –, a literatura e o cinema dedicaram-se à narrativa das grandes distopias: **Admirável mundo novo** (1932), de Aldous Huxley; **Fahrenheit 451** (1953), de Ray Bradbury; **Metropolis** (1927), de Fritz Lang; **Equilibrium** (2002), de Kurt Wimmer; **V de Vingança** (2005), de James McTeigue. Em um tempo futuro, esses cenários – ancorados na realidade, apresentam sociedades opressoras, nas quais características do mundo moderno foram potencializadas – a produção em série e o consumo; o controle do governo e a manipulação da informação.

<sup>88</sup> LOPES, 2011, p. XV

<sup>89</sup> RICOEUR, 1986, p. 88

<sup>90</sup> JACOBY, 2007, p. 31.



Cenas do Filme “Equilibrium” (2002) | 22.05.2015

Ao invés de projectar um “mundo melhor”, as distopias, partindo do contexto em que foram projectadas, intensificam os possíveis desdobramentos de características específicas da sociedade. Para se compreender a distinção entre utopia e distopia, recorre-se às palavras de Russel Jacoby, no livro “Imagem imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica”: **“as utopias buscam a emancipação ao visualizar um mundo baseado em ideias novas, negligenciadas ou rejeitadas; as distopias buscam o assombro, ao acentuar tendências contemporâneas que ameaçam a liberdade”**.<sup>91</sup> Contudo quando desenvolvidas por meio da arte, literatura e cinema, provocam o leitor, suscitando uma série de reflexões acerca da condição humana. Desta forma, alguns críticos sugerem pensarmos a distopia como um espelho invertido, com o qual nos identifiquemos, ainda que não directamente.

“a interpretação alegórica procura compreender a intenção oculta de um texto pelo deciframento de suas figuras. [...] A alegoria, no sentido hermenêutico tradicional, é um método de interpretação dos textos, a maneira de continuar a explicar um texto, uma vez que está separado de seu contexto.”<sup>92</sup>

Da inversão, surge, em algumas obras, a faceta alegórica, uma tendência que é evidenciada no romance “Ensaio sobre cegueira”, de José Saramago. No livro, o autor apresenta-nos um mundo que é abalado por uma epidemia que tem como efeito secundário uma cegueira. Esta, leva a humanidade, nesse ambiente e nesse momento histórico indefinidos, a perceber suas fraquezas; sem a visão, sem a percepção do outro, não há organicidade, não há futuro – a síntese da distopia. Ainda que, observando os discursos das personagens, em que Saramago evidencia uma preocupação – uma esperança ‘anormal’, no contexto do cenário construído pelo autor. “Haverá um governo, disse o primeiro cego, Não creio, mas, no caso de o haver, será um governo de cegos a quererem governar cegos, isto é, o nada a pretender organizar o nada, Então não há futuro, disse o velho da venda preta, **Não sei se haverá futuro, do que se trata agora é de saber como poderemos viver neste presente.**”<sup>93</sup>

<sup>91</sup> JACOBY, 2007, p. 40

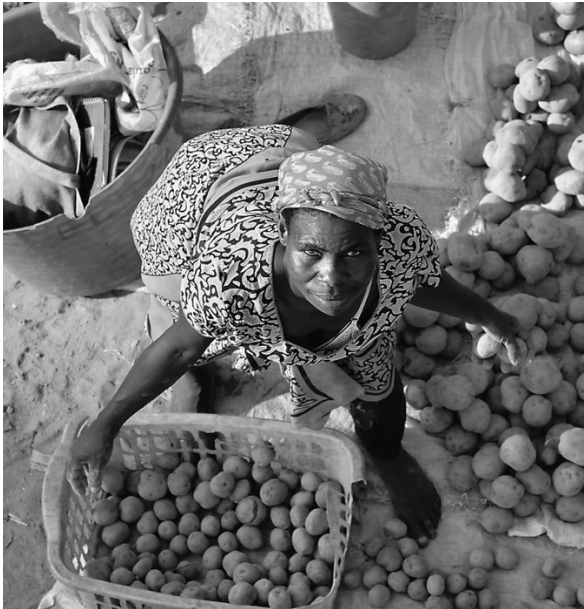
<sup>92</sup> COMPAGNON, Antoine. 1999, p. 56.

<sup>93</sup> SARAMAGO, José. “Ensaio sobre a cegueira.” 1995, p. 244

04



## 04\_ UMA GÉNESE: ANGOLA; SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE; MUNDO



“Temos de vir a este fim do mundo para encontrar as coisas mais antigas e mais arcaicas e também as mais actualizadas, as mais extraordinárias coisas com que sonhei há 30 ou 40 anos e que agora estão a tornar-se realidade no solo de África. Guedes considera que a pintura e a escultura não são somente artes de prazer mas deviam ser aplicadas às casas, à vida social, à vida espiritual, à vida da imaginação.... Construí casais extraordinárias em Moçambique, uma arquitectura de imaginação, e estou muito feliz por estar aqui a ver realizações que, não podendo ser vistas no Ocidente, aparecem num novo mundo que está em estado de fermentação - África.”<sup>94</sup>

Rocha Pinto, Luanda | © Nuno Andrade | 24.05.2015

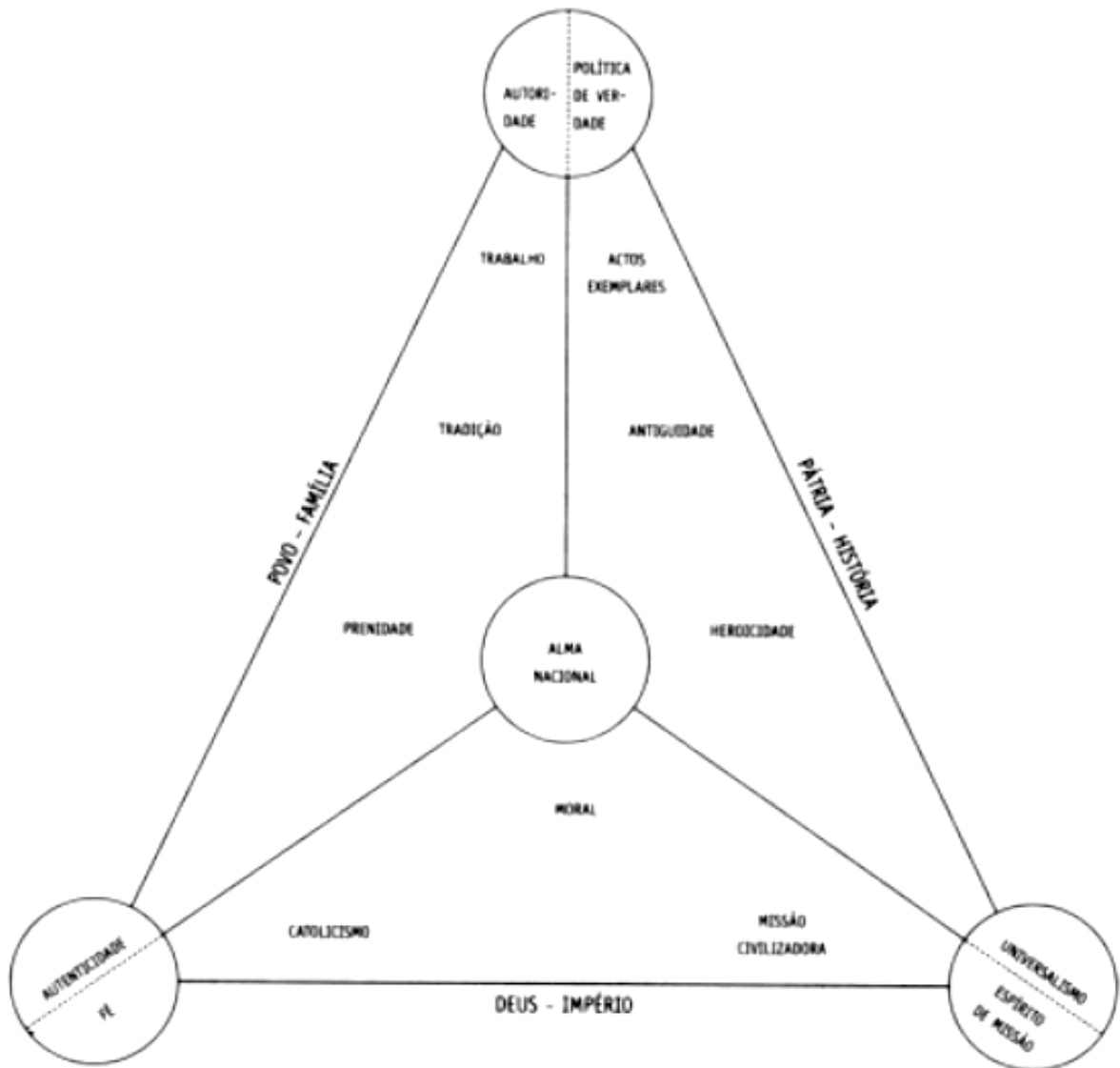
Tal como tudo o que existe, pressupõe uma génese. Esta, pressupõe uma criação, sendo que a que interessa para esta dissertação é a cultural – povo, território, política, arte, pensamento, entre outros que a completam. Pensa-se banalmente que a cultura é normalmente “idas ao museu, teatro, cinema, concerto, e até visitas a galerias de arte...” Enganam-se. O que define a cultura são as ruas - o povo, a língua, as arestas dos edifícios, as volumetria dos bairros, as caras sorridentes e tristes, a história, e a situação sócio-política em que o local é inserido.

Para simplificar esta análise, que se considera balizada de algum misticismo e até confusão assume-se a seguinte regra de investigação cultural – Esquema Triangular de Definição de Cultura (cfr abaixo) –, para todo o desenrolar teórico e prático que esta dissertação prevê. Este esquema, retirado da dissertação de Luís Manuel de Jesus Cunha, divide-se em 4 grandes partes: ao centro, a Alma Nacional; e nas margens derivadas do centro, a Autoridade e Política de Verdade, o Universalismo e Espírito de Missão, e a Autenticidade e Fé.<sup>95</sup>

---

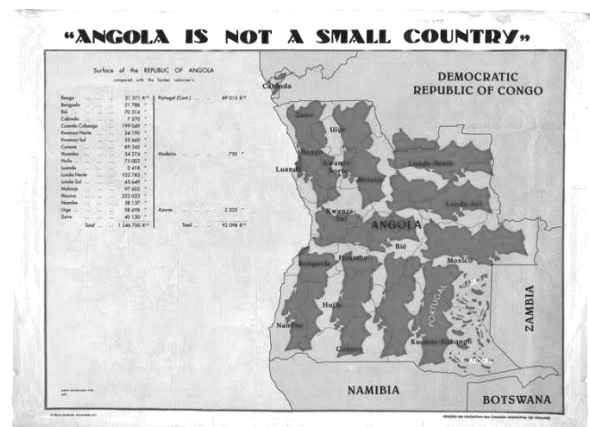
<sup>94</sup> TZARA, Tristan (1962) Comunicação de Amâncio/Pancho Guedes no Congresso Internacional da Cultura Africana, Salisbúria/Harare.

<sup>95</sup> CUNHA, Luís Manuel de Jesus. “A Nação nas malhas da sua identidade: O estado novo e a construção da identidade nacional.” 1994.



Esquema Triangular de Definição de Cultura. | A autoria Desconhecida <sup>96</sup> | 05.04.2015

## 04.1\_ ANGOLA



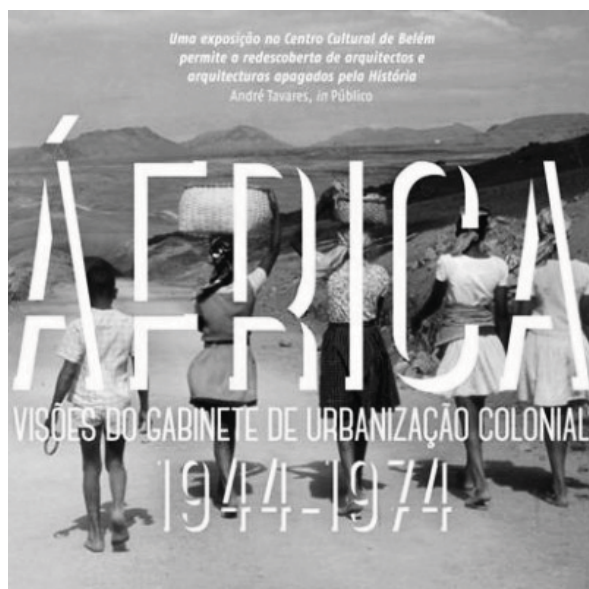
“Angola não é um país pequeno” | A autoria Desconhecida | 25.05.2015

<sup>96</sup> Idem.

“A ausência de um Conhecimento da África percorre toda a “panorâmica visual”. (...) Essas marcas culturais (...), bem como as diferenciações sociais organizadas pelo colonialismo, não só entre brancos e pretos, mas também entre brancos e brancos, e sobretudo no seio dos próprios africanos em que a clivagem indígena/assimilado é ignorada, sendo no entanto fundamental para compreender a arquitectura habitacional.”<sup>97</sup>

Este capítulo inicia-se com uma fotografia de Angola, país com grande espólio de riquezas culturais. Inicia-se o capítulo com esta “origem” pela simples questão de que se localiza no continente mais antigo do Planeta Terra, e também por ter sido uma colónia portuguesa, onde ocorreram forçosamente metamorfoses culturais cuja repercussão é hoje visível e sentida.

## 04.11\_ UMA IDEIA DISTORCIDA DE ÁFRICA



Cartaz de Divulgação com fotografia de Luís Possolo, enquanto arquitecto durante o Estado Novo. | Autoria Desconhecida | 25.05.2015

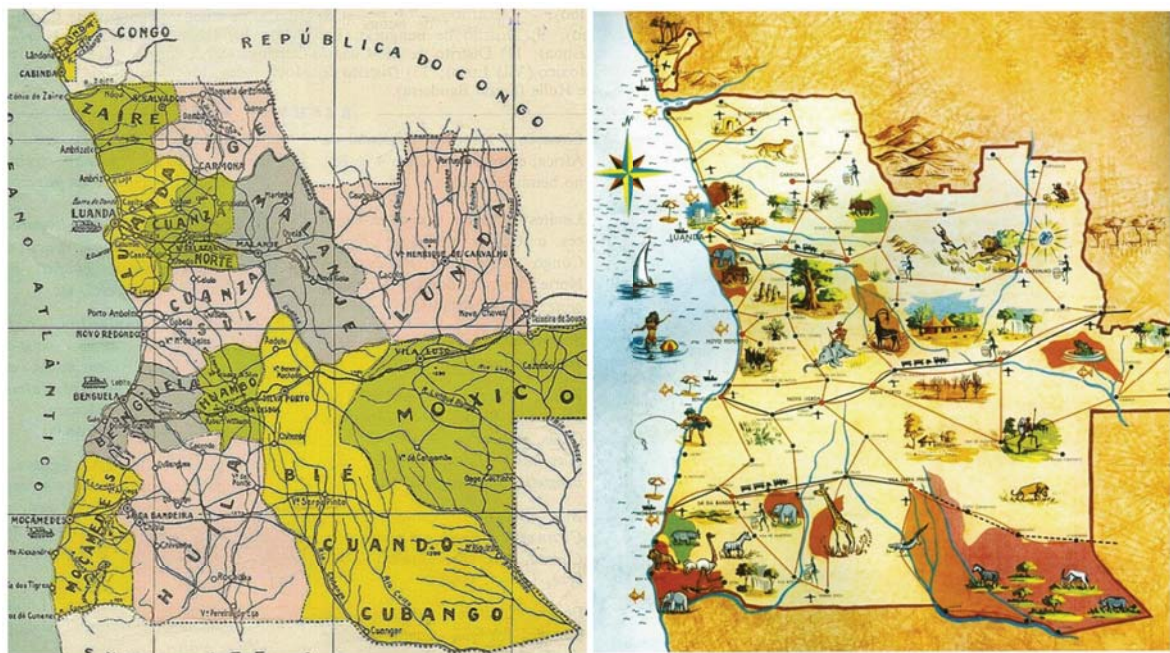
Tomam-se as palavras emprestadas “Visão”, “paisagem”, “representação” do desdobrável da exposição “África - Visões do Gabinete de Urbanização Colonial”, sob a curadoria da Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Vaz Milheiro, como sendo as três noções centrais. “Se as cronologias fundadoras destas noções são diferenciadas bem como a sua evolução, **elas convergem essencialmente a partir do século XIX que fabrica as matrizes do colonialismo,**

<sup>97</sup> VIEIRA, Miguel Pais; HENRIQUES, Isabel Castro (2013) Catálogo da Exposição "Arquitectura colonial em debate - Reflexão sobre a produção arquitectónica marcada pela ideologia da época: África - Visões do Gabinete de Urbanização Colonial (1944 - 1974)" Rede Angola. (Consultado em: <http://www.redeangola.info/especiais/africa-visoes-do-gabinete-de-urbanizacao-colonial-1944-1974-uma-leitura-critica/>)

adquirindo uma dimensão classificatória comum que remete para interpretações das realidades marcadas pela história, pela cultura, pelos imaginários das sociedades.”<sup>98</sup>

Dirigindo-nos para a leitura, por parte dos europeus, da África, estas noções foram nomeadamente “úteis e eficazes” no colonialismo assegurando a consolidação de “imagens desvalorizantes dos homens e das sociedades africanas,” imagens essas que podem muito bem permanecer, ainda hoje, na imaginação dos europeus, e particularmente portugueses.

A Exposição, que ambicionaria um enfoque nos registos das observações coloniais, acaba por deixar evidenciar, no texto e nas imagens, as concepções das culturas africanas, lembrando uma paisagem lisa e simplificada que integra a natureza exuberante, o primitivismo das populações, o exotismo das realidades, a homogeneidade das formas sociais e das comunidades africanas. A ausência do conhecimento da África, por parte da população geral, percorre toda a “panorâmica visual”,<sup>99</sup> onde foram introduzidos registos fotográficos (da época) de uma forma decorativa, representando homens e mulheres africanos<sup>100</sup>, com o intuito de lembrar o visitante da africanidade da Exposição, permitindo alimentar a nostalgia, e o sentimento poético, de uma África exótica, de pôr-de-sóis rubros, de animais raros e exóticos, de ‘tribos primitivas’, e até de um espectro de cor forte e padronizada.



Mapa Ilustrativo do Território Angolano - fauna, flora, e população | Autoria Desconhecida | 25.05.2015

<sup>98</sup> VIEIRA, Miguel Pais; HENRIQUES, Isabel Castro (2013) Catálogo da Exposição "Arquitectura colonial em debate - Reflexão sobre a produção arquitectónica marcada pela ideologia da época: África - Visões do Gabinete de Urbanização Colonial (1944 - 1974)" Rede Angola. (Consultado em: <http://www.redeangola.info/especiais/africa-visoes-do-gabinete-de-urbanizacao-colonial-1944-1974-uma-leitura-critica/>)

<sup>99</sup> MILHEIRO, Ana Vaz (2013) Catálogo da Exposição “ÁFRICA - Visões do Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1974)”. CCB. Página 10.

<sup>100</sup> As fotografias eventualmente feitas pelos arquitectos nas suas viagens pelos locais de construção têm uma matriz pretensamente etnográfica. Se mostram as populações em ambientes rurais, povos ‘incivilizados’ materialmente ‘atrasados’, não referem nunca a miséria dos musseques, facto que iria contrariar a pretensa acção (ou pelo menos a dimensão dessa acção) de construção de habitações urbanas para os ‘novos’ cidadãos portugueses, vulgo assimilados.

Inseminar os projectos e orientar crítica e pedagogicamente o imaginário do visitante é certamente o objectivo da **exposição**, que pretende que “cada visitante se aperceba, ao seu próprio ritmo, das nuances performativas desta produção... (...) que se transfigura ao ritmo das urgências do tempo colonial, caracterizando hoje parte da paisagem africana construída destes cinco países e conferindo-lhe uma identidade patrimonial distinta de outros antigos territórios coloniais” <sup>101</sup>.

“Se a língua portuguesa é um elemento cultural importante mas recente no longo curso da História, outras línguas, muitos outros factores culturais e civilizacionais, historicamente seculares, marcam a singularidade e a diversidade identitária destes cinco países, que uma dominação colonial de menos de um século, se construiu fronteiras e impôs soluções políticas e económicas, não pôde destruir.” <sup>102</sup> Pelo que, a “paisagem africana construída”<sup>103</sup> não pode deixar de conter as marcas das diferenças culturais, da humanidade africana e das suas estratégias históricas, que lhe fornecem singularidade, especificidade, diversidade. Essas marcas culturais estão assumidamente ausentes desta exposição, uma vez que esta apenas se centra no período em que o G.U.C. operou e teve influência (1944–1974), “bem como as diferenciações sociais organizadas pelo colonialismo, não só entre brancos e pretos, mas também entre brancos e brancos, e sobretudo no seio dos próprios africanos em que a clivagem indígena/assimilado é ignorada, sendo no entanto fundamental para compreender a arquitectura habitacional.” <sup>104</sup>



Exposição “ÁFRICA - Visões do GUC (1944-1974)”, no CCB, Lisboa | Arq. Luís Possolo | 25.05.2015

---

<sup>101</sup> MILHEIRO, Ana Vaz (2013) Catálogo da Exposição “ÁFRICA - Visões do Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1974)”. CCB. Página 10.

<sup>102</sup> VIEIRA, Miguel Pais; HENRIQUES, Isabel Castro (2013) Catálogo da Exposição "Arquitectura colonial em debate - Reflexão sobre a produção arquitectónica marcada pela ideologia da época: África – Visões do Gabinete de Urbanização Colonial (1944 – 1974)" Rede Angola. (Consultado em: <http://www.redeangola.info/especiais/africa-visoes-do-gabinete-de-urbanizacao-colonial-1944-1974-uma-leitura-critica/>)

<sup>103</sup> MILHEIRO, Ana Vaz (2013) Catálogo da Exposição “ÁFRICA - Visões do Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1974)”. CCB. Página 10.

<sup>104</sup> VIEIRA, Miguel Pais; HENRIQUES, Isabel Castro (2013) Catálogo da Exposição "Arquitectura colonial em debate - Reflexão sobre a produção arquitectónica marcada pela ideologia da época: África – Visões do Gabinete de Urbanização Colonial (1944 – 1974)" Rede Angola. (Consultado em: <http://www.redeangola.info/especiais/africa-visoes-do-gabinete-de-urbanizacao-colonial-1944-1974-uma-leitura-critica/>)

Nesta exposição marcadamente urbana, não há a casa rural do colono branco pobre ou 'enselvajado'<sup>105</sup>, não há habitações dos assimilados, não há musseques.<sup>106</sup> Fica em falta ainda os registos demográficos e de saúde que justificaram a actividade colonial, bem como a verdadeira dimensão, e urgência, dos projectos de urbanização colonial.

A cidade de Luanda concentra 3 cidades numa só. Encontramos a cidade "colonial" – centro administrativo, dos negócios e urbanizada antes de 1974, depois os "*musseques*" – onde moram a maioria dos cidadãos, e ainda os **subúrbios de luxo**, no seguimento da linha ferroviária de Benguela e, após a zona industrial. Há então uma incompreensão do território e paisagem africana que é importante mencionar para que se consiga perceber a natureza cultural pré-existente, bem como a metamorfoseada.



Organização Tipológica da Cidade de Luanda, África. | Autoria Desconhecida | 26.05.2015

Rumando um pouco atrás de tudo o que se apresentou, nomeadamente a partir de 1962, a febre da construção civil e o lançamento da indústria, fascinou cada vez mais as

<sup>105</sup> Visível nos arquivos fotográficos que representam a arquitectura popular angolana construída ao longo de todo o período de "povoamento com naturais da Metrópole 1920-1974". Usa-se aqui a expressão de CASTELO, Cláudia (2007), *Passagens para África*. Porto, Edições Afrontamento.

<sup>106</sup> A palavra musseque tem origem no kimbundo (mu seke) e significa areia vermelha. A um dado momento, musseque, passa a designar os grupos de palhotas, que se adensam no alto das barrocas e que por semelhança à SEKE (vermelho ocre) toma o nome do material (areia) sobre o qual se implantam. O seu desenvolvimento está intimamente ligado ao da cidade propriamente dita. A partir de 1962, a febre da construção civil e o lançamento da indústria, fascina cada vez mais as populações rurais que abandonam os seus locais de origem e migram para a cidade grande, Luanda. Estas gentes instalam-se nos musseques e reagrupam-se segundo as suas origens. Os musseques passam a designar o espaço social dos colonizados, assalariados, reduto da mão de obra barata e de reserva, ao crescimento colonial, colocados à margem do processo urbano, surgindo como espaço dos marginalizados, e cuja fisionomia está em constante transformação.

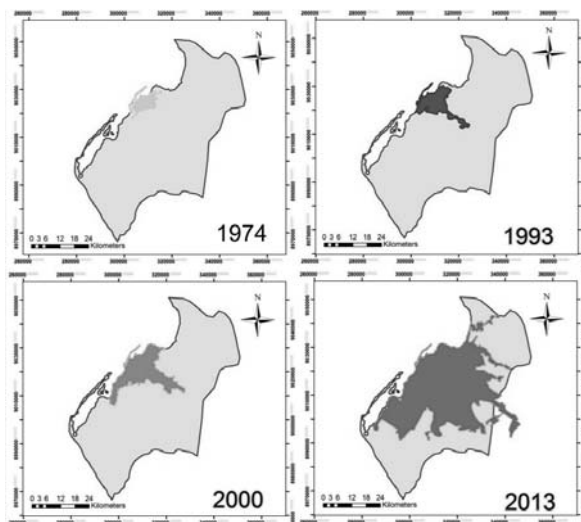
populações rurais que abandonam os seus locais de origem e migraram voluntariamente para a cidade grande, Luanda. Estas pessoas vieram a instalar-se nos, que se viriam a denominar, “*musseques*” e reagrupam-se segundo as suas origens territoriais. Os *musseques* passam a designar o espaço social dos colonizados, assalariados, reduto da mão de obra barata e de reserva, ao crescimento colonial, colocados à margem do processo urbano, surgindo como espaço dos marginalizados, e cuja fisionomia está em constante transformação.

Retomando então ao ponto, antes deste último parágrafo, em 1974, Luanda conta com quase meio milhão de habitantes onde se inclui 340.000 africanos. “**Nessa época, na planta da cidade, já se podem distinguir três grandes zonas de *musseques***, organizadas segundo as principais linhas de expansão da cidade: a este – localizam-se os *musseques* mais antigos, Sambizanga, Mota, Lixeira, Marçal, Rangel (o mais populoso), Adriano Moreira e Cazenga (o mais extenso); a sul – Calemba, Cemitério Novo e Golfe; a sudoeste – Catambor e Prenda.”<sup>107</sup>

No meio da cidade nova e completamente engolido pelas novas avenidas, e respectivas construções, localiza-se o pequeno bairro operário. **O aspecto construtivo diferenciado surge de acordo com a origem dos seus habitantes, a sua ocupação e o grau de adaptação à cidade; existe sempre um traço comum - a organização do espaço.**

O *musseque* é fechado sobre si mesmo, num entrelaçado complexo e orgânico de ruelas, “*pracetas*” e corredores. As ruas são estreitas, verdadeiros corredores ou espaços de passagem, por vezes chegando a adquirir a largura de um homem. Estes corredores são delimitados pelas próprias construções e por vedações, sustentadas por estacas, e fechadas com diversos materiais recuperados do lixo e/ou abandonados nas obras (lata e outros desperdícios), fazendo lembrar verdadeiras paliçadas, interrompidas por janelas e portas com as mesmas características.

A configuração caótica e fechada, favoreceu, a formação da personalidade e da identidade local no seio do povo, o desenvolvimento da resistência ao colonialismo e a construção de um espírito revolucionário, que tanto inspirou poetas, contadores de histórias e cantores populares.



Expansão da Cidade de Luanda entre 1974-2013. | Fonte: [www.usgs.gov](http://www.usgs.gov) | 26.05.2015

<sup>107</sup> QUELHAS, Anabela (2006) “Musseques de Luanda.” Blog ‘arkivão’.

A população actual de Luanda é de 4,5 milhões de habitantes, perto dos 5 milhões (8 vezes mais que em 1974) provocando a exaustão da cidade, com ¾ da população a viver em *musseques*.<sup>108</sup>

Ao longo de três décadas, os *musseques* deixam de ser bolsas da malha urbana de Luanda, passando a grandes manchas disformes, ao redor do núcleo urbano, que foram crescendo desconsoladamente e desordenadamente, ignorando qualquer determinação urbanística, absorvendo cada vez mais pessoas, e sem condições de salubridade.

As casas, ou se preferirem, os espaços precários destinados à função de habitar, são construídas em adobe, com frágeis fundações, outras, não passam de barracas ou refúgios improvisados; concentram-se junto das estradas, desadaptadas à morfologia dos terrenos de suporte, não resistindo por vezes às enxurradas da época das chuvas torrenciais e com esgotos a céu aberto.

A inexistência de infra-estruturas, redes de abastecimento de água, electricidade, recolha de esgotos, águas pluviais e de lixos, é uma constante ameaça à saúde pública – que resulta em surtos de doenças como malária, tuberculose, cólera, hepatite, mortalidade infantil elevada, etc. – empurrando esta gente, esquecida e amontoada ao longo dos anos, para níveis de extrema pobreza.

## 04.12\_ GABINETE DE URBANIZAÇÃO COLONIAL: O PROCESSO DE BRANQUETIZAÇÃO

“(…) como resultado das equipas multidisciplinares de arquitectos, engenheiros, peritos em medicina tropical e climatologia que aqui trabalham, desenvolve-se uma arquitectura “de representação” colonial, funcional e tectonicamente sólida, que evolui em três fases estilísticas. Primeiro, inspirando-se na arquitectura popular portuguesa do Alentejo e, genericamente, do Sul do país, numa versão “mais mediterrânica”, equivalendo ao período de vigência do GUC (1944-1951). Depois, testando tipologias mais monumentalizadas e historicistas, associadas aos regimes ditatoriais, reflectindo mudanças legislativas que reprimem o uso do termo “colonial”, foi substituído o nome original deste organismo por Gabinete de Urbanização do Ultramar (GUU, 1952- 1957). Mais tarde, deixando-se contaminar pelas tradições construtivas locais e ensaiando uma primeira expressão de “nativismo africano”, antecipando visões de autonomia e independência. Este momento, muito tardio e, em comparação com as fases anteriores, com menos concretizações no terreno, corresponde à actuação da Direcção de Serviços de Urbanismo e Habitação da Direcção-Geral de Obras Públicas e Comunicações do Ministério do Ultramar (DSUH/ DGOP-MU, 1958-1974).”<sup>109</sup>

Criado em Dezembro de 1944, por iniciativa do então Ministro das Colónias Marcelo Caetano, o Gabinete de Urbanização Colonial<sup>110</sup>, com sede em Lisboa, aparece no panorama

<sup>108</sup> QUELHAS, Anabela (2006) “Musseques de Luanda.” Blog ‘arkivão’.

<sup>109</sup> MILHEIRO, Ana Vaz (2013) Catálogo da Exposição “ÁFRICA - Visões do Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1974)”. CCB.

<sup>110</sup> MILHEIRO, Ana Vaz (2013) Catálogo da Exposição “ÁFRICA - Visões do Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1974)”. CCB. (Decreto 34173 de 06.12.1944.)

institucional colonial português como um organismo comum a todas as colónias de África, sendo publicado no Boletim Oficial de Angola, em Janeiro de 1945. Os diferentes artigos que o constituem definem as suas atribuições. **“Estudar os problemas da urbanização colonial e promover a elaboração de planos de arranjo e expansão das cidades e vilas das Colónias africanas. Promover os levantamentos topográficos dos aglomerados populacionais de acordo com um programa de estudos. Elaborar instruções para as autoridades e corpos administrativos sobre o ordenamento e crescimento das povoações. Transitariamente enquanto não existirem órgãos especiais, competirá ainda ao Gabinete de Urbanização Colonial “estudar e promover a elaboração de projectos dos tipos de habitação mais convenientes para os europeus nas diversas regiões das Colónias e superintender nos estudos do plano de construções hospitalares nas Colónias”.** <sup>111</sup>

É no âmbito do GUC (1944–1951) que se desenvolve a “primeira fase estilística”<sup>112</sup> de “uma arquitectura de representação colonial, funcional e tectonicamente sólida (...) inspirando-se na arquitectura popular portuguesa do Alentejo”<sup>113</sup>, que desempenharia a função fundadora “de uma aprendizagem arquitectónica”.<sup>114</sup> Ora, a criação do GUC nada “inicia”<sup>115</sup>: esta afirmação elimina o papel preponderante na urbanização do território angolano da obra desempenhada pela construção da linha de Caminho de Ferro de Benguela<sup>116</sup> e das políticas e das acções de Norton de Matos, quer como governador (1912–1915), quer como Alto-Comissário (1921–1924). **“O Estado Novo, nesta como noutras matérias coloniais, nada inaugurou, apenas retomou as teses de desenvolvimento colonial, que se enquadravam nos projectos concebidos pelos homens da Primeira República.”** <sup>117</sup>

Os “artefactos expostos” não podiam evidentemente deixar de se apresentar como “materiais com um potencial ideológico forte”<sup>118</sup>, mas a questão preocupante reside na ideia de que “essa conotação” ideológica colonial “não se encontrava no olhar técnico dos arquitectos e dos engenheiros que produziram estas visões”.<sup>119</sup> Se é difícil compreender como é que um qualquer artefacto pode libertar-se, do pensamento, da mão e do olhar de quem o fabrica,

---

<sup>111</sup> Boletim Oficial de Angola em 3 de Janeiro de 1945.

<sup>112</sup> MILHEIRO, Ana Vaz (2013) Catálogo da Exposição “ÁFRICA - Visões do Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1974)”. CCB. Página 10, Folheto da Exposição.

<sup>113</sup> Idem.

<sup>114</sup> Idem.

<sup>115</sup> Idem.

<sup>116</sup> O CFB construído entre 1903-1929 promoveu a criação de inúmeras cidades e povoações sobre as estruturas que sucessivamente serviram de estaleiro à obra e também colonatos nas áreas atribuídas nas margens do traçado do caminho-de-ferro. Ver BUCHAN (1926) *The Chronicles of a Contractor*. KATZENELLENBOGEN (1973) *Railways and the Copper Mines of Katanga*. E ainda: *Uma Experiência de Colonização em Angola em oito volumes publicados entre os anos de 1937 e 1949 pelo próprio CFB*.

<sup>117</sup> VIEIRA, Miguel Pais; HENRIQUES, Isabel Castro (2013) Catálogo da Exposição “Arquitectura colonial em debate - Reflexão sobre a produção arquitectónica marcada pela ideologia da época: África – Visões do Gabinete de Urbanização Colonial (1944 – 1974)” Rede Angola. (Consultado em: <http://www.redeangola.info/especiais/africa-visoes-do-gabinete-de-urbanizacao-colonial-1944-1974-uma-leitura-critica/>)

<sup>118</sup> MILHEIRO, Ana Vaz (2013) Catálogo da Exposição “ÁFRICA - Visões do Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1974)”. CCB. Página 10, Folheto da Exposição.

<sup>119</sup> Idem.

metamorfoseando-se como se tivesse uma dinâmica própria, torna-se insustentável a ideia da neutralidade da técnica.

Sobre a neutralidade dos arquitectos e dos engenheiros envolvidos pode-se encontrar muita informação nos textos de João Aguiar e de Mário de Oliveira. Todo o trabalho de Aguiar<sup>120</sup> é um longo conjunto de justificações da diferenciação das condições habitacionais propostas para brancos e pretos sendo que a população africana assimilada, que representava em 1960 menos de 1% da população africana do território, é utilizada como a prova do não racismo das políticas governamentais. A diferenciação proposta é feita, na proximidade ideológica dos textos contemporâneos, de Verwood<sup>121</sup> na África do Sul e resumem a proposta de que os planos de urbanismo devem conter grandes zonas de protecção<sup>122</sup> destinadas a separar as comunidades diferentes entre si – brancos e pretos/indígenas/mestiços. Um pouco mais tarde, com o fim do Estatuto dos Indígenas e sob a influência de Adriano Moreira, a argumentação de Mário de Oliveira é mais cautelosa e refinada, e é como manifestação de respeito, que a separação é oferecida (?) aos africanos para que exista a possibilidade de estes viverem conforme os seus hábitos e costumes.<sup>123</sup>

**A importância do pensamento dominante nas intervenções arquitectónicas ou urbanísticas nos territórios coloniais não só não deve como não pode ser usada de forma apaziguadora de um severo juízo crítico, quando estudamos, por exemplo, as intervenções projectadas e construídas no leste africano por Ernst May.<sup>124</sup> A proposta dos métodos industriais na resolução da questão do alojamento urbano para as populações africanas e o**

---

<sup>120</sup> Ao arquitecto João Aguiar são atribuídos planos, antepianos e desenhos que em alguns casos não representam mais do que o levantamento das construções e arruamentos existentes. Na Exposição não é dada informação crítica sobre as razões do Plano de Urbanização de Luanda executado em 1951 poucos anos depois do Plano De Gröer/Moreira da Silva (1942), sobre o Plano de Lourenço Marques (1952), contrariado pelas autoridades administrativas da cidade, nunca concretizado e substituído em 1967 pelo Plano coordenado localmente por Mário de Azevedo. Nas ausências, também a polémica com a equipa de José Porto e Ribeiro Alegre, autores do Plano para a Cidade da Beira (1946) onde é possível ler as diferentes interpretações da actividade profissional nos territórios coloniais. A Resposta ao Parecer do Gabinete de Urbanização Colonial acerca do ante projecto de Urbanização da Cidade da Beira publicada pelos autores do Plano é um texto minucioso de mais de 100 páginas.

<sup>121</sup> VERWOERD, Hendrik (1901-1966) membro do governo e depois primeiro-ministro sul-africano responsável pela elaboração e aplicação da legislação do *apartheid*. Ver os textos que enquadravam a chamada “política de boa vizinhança entre as diferentes comunidades” Population Registration Act e Group Areas Act ambos de 1950 e Reservation of Separate Amenities de 1953.

<sup>122</sup> AGUIAR, João (1952), “...nous montre la localisation de l'Unité Résidentielle Indigène para rapport au noyau Urbain européen dont elle est séparée par une large zone de protection destinée à l'agriculture et où toutes les conditions mentionnées se trouvent réalisées. » referindo-se especificamente ao Plano Geral de Urbanização de Vila Péry. Em: AGUIAR, João, L'habitation dans les pays tropicaux. Lisboa, Página 12.

<sup>123</sup> OLIVEIRA (1962) “O ideal das sociedades multirraciais paritárias implicou sempre, na mais lúdica tradição portuguesa, o respeito pelas formas de vida privada dos grupos étnicos que foram integrados no povo português” Em: OLIVEIRA, Mário de, Problemas Essenciais do Urbanismo no Ultramar. Lisboa, Páginas 10 e 11.

<sup>124</sup> MAY, Ernst (1886-1970) arquitecto alemão responsável pelas operações de construção habitacional no município de Frankfurt nos anos de 1920, organizador juntamente com Le Corbusier, Walter Gropius, Siegfried Giedion e Hans Schmidt do Segundo Congresso Internacional da Arquitectura Moderna em 1929, autor de um conjunto alargado de projectos na URSS entre 1930 e 1933. Viveu e trabalhou em África entre 1934 e 1953.

uso do betão e de materiais modernos nas tipologias de habitação evolutiva<sup>125</sup> mostram a óbvia compatibilidade entre as soluções de linguagem moderna na arquitectura e o conforto habitacional das populações locais.



Nairobi (Kenia) 1937-38 | Ernst May | 26.05.2015

## 04.13\_ ARQUITECTOS E PROJECTOS: TÉCNICA E COLONIALISMO PORTUGUÊS



Fotografia da Exposição “ÁFRICA – Visões do Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1974)”, CCB | FG+SG. | 26.05.2015

---

<sup>125</sup> Ver os planos para as unidades residenciais de Nairobi de 1938-1939, as “Growing Houses” de 1953 e os Edifícios residenciais de Port Tudor em Mombasa dos anos 1952-1956.

“As metodologias de trabalho seguidas permitem o aprofundamento de uma “arquitectura burocrática” e normalizada nas suas soluções funcionais e construtivas, através da concepção de edifícios-tipo que se disseminam pela então África Portuguesa. **É, portanto, uma produção que se transfigura ao ritmo das urgências do tempo colonial, caracterizando hoje parte da paisagem africana** construída destes cinco países (Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique) e conferindo-lhe uma identidade patrimonial distinta de outros antigos territórios coloniais.”<sup>126</sup>

Se a Exposição pretende essencialmente mostrar a produção do G.U.C. naturalmente marcada pela ideologia colonial, deve sublinhar-se o aparente incómodo sentido pelos seus autores que, dando-se conta da ausência da dimensão africana, registam no seu plano de trabalho “três fases estilísticas”, a terceira das quais (1958-1974), aquela em que o Gabinete, se terá deixado “contaminar pelas tradições construtivas locais ensaiando uma primeira expressão de «nativismo africano», antecipando visões de autonomia e independência”.<sup>127</sup>

Nas linguagens arquitectónicas usadas existem de facto diferenças importantes, mas estão sobrepostas no tempo, funções e autores. Como por exemplo podemos enunciar o projecto para a residência do director dos Serviços de Saúde do Hospital de Luanda, de Galhardo Zilhão, datado de 1947 onde encontramos alguma dificuldade em o diferenciar, ou distanciar, das moradias projectadas para o Restelo na mesma época; o edifício do Jardim Escola Berta Craveiro Lopes, de 1948 que segue os modelos construídos na metrópole; os edifícios escolares (liceus e escolas técnicas) que alternam sem justificação aparente entre a repetição dos modelos portugueses e a tentativa moderna de uma arquitectura tropical; ou ainda uma arquitectura híbrida<sup>128</sup> e formalmente inconsequente usada em alguns edifícios públicos, em que se procurava a monumentalidade dos modelos metropolitanos e a pretensa integração climática através de uma cobertura tradicional, em quatro águas e de desproporcionada dimensão. Se alguém tentou ensaiar de forma consistente uma primeira expressão local de arquitectura urbana e moderna terá sido Vasco Vieira da Costa com o projecto do Mercado do Kinaxixi (já demolido) no início dos anos 50, vários anos antes da chamada “terceira fase estilística”.

---

<sup>126</sup> MILHEIRO, Ana Vaz (2013) Catálogo da Exposição “ÁFRICA - Visões do Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1974)”. CCB.

<sup>127</sup> MILHEIRO, Ana Vaz (2013) Catálogo da Exposição “ÁFRICA - Visões do Gabinete de Urbanização Colonial (1944-1974)”. CCB. Página 10, Folheto da Exposição.

<sup>128</sup> Edifício da Fazenda no Largo da Mutamba em Luanda, Edifício da Fazenda para a cidade de São Tomé e Edifício da Associação Comercial em Bissau entre outros.



Mercado de Kinaxixe, Luanda 1951-1952 | Vasco Vieira da Costa | 26.05.2015

Num texto de 1958 publicado no Jornal Cultura, em Luanda, pelo Arq. António Veloso, onde este estuda a questão habitacional angolana através de uma recolha de opiniões entre arquitectos e outros profissionais envolvidos e da sua própria reflexão sobre a matéria. **É perceptível que o problema do alojamento urbano tem leituras diferentes conforme os autores: referem-se casas do Estado, bairros económicos ou ainda bairros operários para uma população com diferentes condições materiais de vida; os funcionários administrativos, os trabalhadores ou operários vindos da metrópole e os africanos assimilados preenchem o campo dos potenciais candidatos à construção habitacional do Estado.** Não existia no final da década de 1950 qualquer política habitacional para as populações exteriores a este universo<sup>129</sup> e é numa linguagem cuidada, para que seja possível ultrapassar o filtro da censura política, que o Arq. António Veloso nos propõe que **a discussão da questão habitacional só faz sentido se tiver como objecto central “a construção de casas para todos”.**<sup>130</sup>

As informações e a análise contidas neste texto de 1958 não perderam até à data da independência de Angola nenhuma actualidade. Num trabalho publicado em 1973, elaborado em Luanda e apresentado no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, Ramiro Monteiro descreve com auxílio dos elementos estatísticos do Censo de 1970 e dos dados colhidos nos ficheiros da polícia, a situação habitacional que se vivia em Luanda<sup>131</sup>, o número de casas construídas nos musseques e as casas de iniciativa do Estado. Da população recenseada em 1970, cerca de 475 mil habitantes (124 mil europeus, 38 mil euro-africanos e 313 mil africanos) foram considerados 210 000 habitantes vivendo nos catorze musseques identificados da cidade. Em trabalho de campo efectuado nos anos iniciais da

---

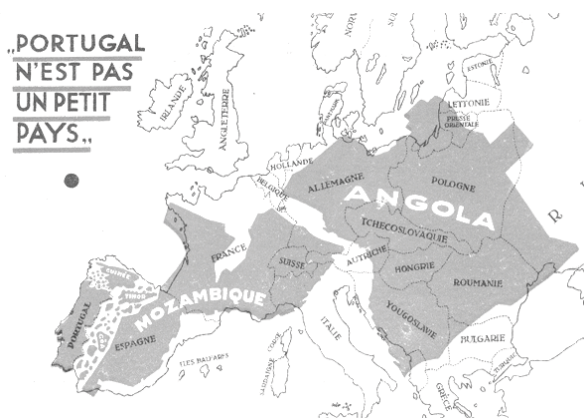
<sup>129</sup> Ver também as soluções habitacionais propostas por Vasco Vieira da Costa para as populações locais no trabalho Luanda. Plano para a Cidade Satélite nº3. Trabalho datado de 1948.

<sup>130</sup> Título do artigo citado de António Veloso publicado no nº 2/3 de Janeiro de 1958 no Jornal Cultura.

<sup>131</sup> MONTEIRO, Ramiro Ladeiro (1973), A Família nos Musseques de Luanda. Subsídios para o seu Estudo. Luanda, Edição do FASTA.

década de 1970<sup>132</sup>, 85 por cento das casas construídas nos musseques por autoconstrução tinham cobertura em chapa zincada, 63 por cento tinham paredes em pau a pique e 28 por cento em painéis de madeira, 73 por cento tinham o pavimento cimentado e 23 por cento em terra batida tendo-se neste ultimo item assistido a uma melhoria considerável porque em 1960 a percentagem de casas com o pavimento em terra batida era o mais vulgar. Daí que os textos publicitários de valorização da política habitacional anunciada pelos governos central e provincial ao longo do período estudado, não devam ser considerados sem que uma avaliação quantitativa, disponível nos Censos efectuados a partir dos anos de 1940, seja criteriosamente tida em conta.<sup>133</sup>

Como está implícito, no período colonial, houve uma forte tentativa do regime para criar uma identidade nacional capaz de suplantar quaisquer dúvidas acerca da soberania portuguesa. O ditador Salazar foi o maior impulsionador desta iniciativa, tendo designado alguns arquitectos mais ‘amigos’ das suas políticas, como Raul Lino, para o ajudar a apurar uma identidade cultural para a nação portuguesa. Assim, disse várias vezes, que “o povo português apreende por intuição notável o sentido profundo da transformação que se opera e tem por natureza ou educação secular o sentido de um destino nacional que nada tem a ver com a modéstia dos seus recursos e o baixo nível da sua instrução”.<sup>134</sup>



“Portugal não é um país pequeno”, mapa ilustrado de propaganda sobre a expressão da presença portuguesa no Mundo. Edição do Secretariado de Propaganda Nacional, Lisboa. Organizado por Henrique Galvão | Autoria Desconhecida | 27.05.2015

Uma realidade capaz de descrever bem a cultura vernácula portuguesa que na verdade não possui uma só identidade. Um povo de uma identidade mestiça, bem como os povos das nossas colonial antigas. O Arquitecto Francisco Aires Mateus disse, numa conferência na

<sup>132</sup> O número de habitações com abastecimento de água ou energia eléctrica era residual e coincidia com a população europeia, comerciante, que habitava os musseques. Os pontos de abastecimento de água potável, colectivos, construídos a partir de 1960 em cada musseque, variavam entre as situações mais favoráveis no Golfe e no Prenda em que se estimava que cada chafariz servisse 916 e 1318 moradores respectivamente e as situações mais difíceis, nos musseques do Zangado e do Rangel com 3624 e 5088 moradores por cada chafariz instalado. Informação recolhida em MONTEIRO (1973) páginas 251 a 299.

<sup>133</sup> VIEIRA, Miguel Pais; HENRIQUES, Isabel Castro (2013) Catálogo da Exposição "Arquitectura colonial em debate - Reflexão sobre a produção arquitectónica marcada pela ideologia da época: África – Visões do Gabinete de Urbanização Colonial (1944 – 1974)" Rede Angola. (Consultado em: <http://www.redeangola.info/especiais/africa-visoes-do-gabinete-de-urbanizacao-colonial-1944-1974-uma-leitura-critica/>)

<sup>134</sup> SALAZAR, António Oliveira. (1943) :37

Universidade Lusíada de Lisboa (2015), que: “não houve modernismo puro em Portugal”.<sup>135</sup> Esta afirmação causou descontentamento por parte de alguns arquitectos mais conservadores, bem como outros do período mestiço do nosso modernismo – entre eles, Bartolomeu da Costa Cabral que pessoalmente afirma que existiu modernismo em Portugal. Bem, parece que o objectivo do estadista Salazar não previa expurgar as diferenças culturais do povo português e por isso incentivar que a cultura mestiça se unisse com uma só: **“servimo-nos das lições da nossa história, da observação caseira e alheia para irmos assentando com segurança os alicerces da nossa construção política”**.<sup>136</sup> A ideia de um povo disperso afrontava as políticas de Salazar bem como, muito provavelmente, o preocupava. Salazar foi na Arquitectura um rufião, na Cultura um hipócrita, na educação um autoritário, na economia um herói, e na história ficou um ditador.



Arquitectura Colonial Portuguesa: Antigo Teatro em Namibe, Angola | © Walter Fernandes | 27.05.2015

A ditadura condicionou Portugal durante grande parte do séc. XX, procurando reger todos as parcelas e sectores do quotidiano à vontade do Estado. Os arquitectos portugueses, inicialmente conformados a uma política de encomenda do Estado Novo, são influenciados com o modernismo, com forte impacto nos anos 40. A nova visão pré-concebida que a arquitectura deveria aproximar-se dos anseios do cidadão, numa linguagem internacional que

---

<sup>135</sup> AIRES MATEUS, Francisco. (2015) Ciclo de conferências “Arquitetura e Reabilitação”. Universidade Lusíada de Lisboa.

<sup>136</sup> SALAZAR, António Oliveira. 1935:375

conduziria à própria reorganização da cidade. Essa visão é fortemente influenciada pela produção arquitectónica brasileira (através do Brazil Builds), que se revelaria essencial, pois do ponto de vista climático era muito semelhante ao clima africano, existindo diversas soluções e técnicas que poderiam ser trasladados para aquele contexto – uma delas, a plasticidade do betão cru.

## 04.2\_ SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE



A casa principal da roça Boa Entrada. São Tomé e Príncipe | Francisco Nogueira | 27.05.2015

Até à independência, as colónias portuguesas experimentam um conjunto de intervenções arquitectónicas e urbanísticas influenciadas pelo modernismo brasileiro. Seguidamente, a maioria dos arquitetos regressa a Portugal, introduzindo novas contribuições estilísticas na paisagem urbana portuguesa, mas alguns partem para o Brasil.

O território colonial português e suas abordagens foram extremamente ditatoriais, havia directrizes vindas de Lisboa para racionar o território das colónias, seja em qual delas fosse. Contudo há uma situação interessante a realçar, descrita por Rui Paes Mendes, doutor em Geografia Humana, investigador do Centro de Estudos e Ordenamento do Território, FL-UP.

O entendimento da arquitectura modernista na África portuguesa é compreensível como uma reacção a uma prática de arquitectura e urbanismo defendida e implementada pela ditadura portuguesa que conduziu os destinos do Estado (e suas colónias) de 1926 a 1974. Essa concepção estatal, que **bebia influências em vários países e colónias**, construiu um imaginário formal imperial pouco dinâmico que reproduzia um mesmo modelo de "fazer" a

cidade e era idêntico independentemente do espaço geográfico do imenso império português, mas que teve nas parcelas africanas – territórios urbanisticamente (quase) virgens – o palco ideal para sua concretização.

**Todo o processo era submetido à vontade do Estado, em Lisboa:** desde a localização (nos novos aglomerados que foram sendo construídos durante a ditadura) até os projectos, arquitectos, engenheiros, etc., pouco sobrando para uma concepção livre e imaginativa, pese embora em África, em virtude da distância de Lisboa e vizinhança das colónias com outras realidades coloniais (francesa, belga e britânica), existisse maior liberdade formal do que na metrópole. A partir de 1948, dá-se uma reacção a esse tipo de arquitectura, conduzida por uma geração que tinha sido influenciada pelo CIAM e princípios de Le Corbusier. Esses jovens arquitectos seguiam e admiravam os arquitectos modernistas brasileiros, fazendo leitura e interpretação atenta do imaginário modernista que se produzia no Brasil. Em face da resistência, quase negação, na sociedade e poderes políticos de Lisboa ao advento dessas ideias, muitos desses arquitectos embarcam (ou regressam) a África, considerando ali existirem mais oportunidades para praticarem arquitectura livre dos espartilhos ditatoriais de uma arquitectura imperial e regionalista.<sup>137</sup>

“Quando a família se desfaz, desfaz-se a casa, desfaz-se o lar, desatam-se os laços de parentesco para ficarem os homens diante do Estado isolados, estranhos, sem arrimo e despidos moralmente de mais de metade de si mesmos.”<sup>138</sup>



A casa principal da Uba-Budo. São Tomé e Príncipe | Francisco Nogueira | 27.05.2015

---

<sup>137</sup> MENDES, Rui Paes, O modernismo e suas abordagens em Moçambique e Angola.

<sup>138</sup> SALAZAR, António Oliveira, 1937:133-4).



A casa principal da Nova Moka. São Tomé e Príncipe | Francisco Nogueira | 27.05.2015

O património arquitectónico colonial português de São Tomé e Príncipe, é absolutamente esmagador no que toca aos detalhes e sensibilidade de adaptação da Arquitectura portuguesa ao local e cultura. Pode-se dizer que de todos os colonizadores nós, fomos dos que menos chocou com a identidade cultural das colónias. Às palavras de Vanessa Rato apresenta-se uma descrição poética do que é hoje o património deixado ao abandono “saímos da cidade e começamos a rodar pelo asfalto rumo ao interior. **À direita e à esquerda, uma malha exuberante de verde. Aqui e ali, por entre a vegetação, as casas típicas da ilha, palafitas com os seus delicados telheiros e alpendres de madeira, panos coloridos a fazer de portas e janelas.** Suspensas por todo o lado, fruta-pão, jacas, mangas e bananas vão correndo pela paisagem. Depois, de repente, **o paraíso acabou e uma enorme cidade-ruína emerge do meio da selva como um monstro a erguer-se do passado.**

Localizada na província de Lobata, a **antiga roça Rio do Ouro**, agora conhecida como roça Agostinho Neto. Fundada em 1865, esta foi em tempos a sede da Sociedade Agrícola Valle Flôr, a maior e mais importante das explorações de cacau e café de São Tomé e Príncipe. **Hoje é o mais imponente dos escombros que o império colonial português deixou** neste pequeno país suspenso sobre a linha imaginária do Equador.

Se o apocalipse aconteceu, começou aqui: um **edificado oitocentista** a decompor-se coberto de musgo, humidade e dejectos; depois, sobre os destroços, a vida dos mais de mil são-tomenses que habitam hoje a Rio do Ouro; velhos, adultos, jovens e crianças descendentes de antigos escravos e serviçais angolanos, moçambicanos e cabo-verdianos, homens e mulheres que foram comprados e vendidos ou emigraram e que, durante o século XIX e princípio do século XX, quando São Tomé e Príncipe se tornou no maior produtor mundial de cacau, habitaram estes mesmos espaços, rodeados pelo mesmo pano de fundo de palmeiras e coqueiros.

Uma imensa alameda calcetada compõe o eixo a partir do qual este mundo se organizou então e se organiza ainda hoje: na ponta mais baixa da avenida, a antiga casa senhorial, na ponta mais alta, a dominar uma colina, o susto de imponente do antigo hospital, com a enfermaria dos homens de um lado e a das mulheres do outro, ambas, hoje, ocupadas por famílias, tudo corredores vazios e portas fechadas, algumas trancadas a cadeado. A

maternidade fica por detrás – uma carapaça morta e esvaziada, só tecto e paredes exteriores. A antiga capela também ainda lá está, a dominar no alto as sanzalas, o complexo habitacional originalmente destinado aos trabalhadores comuns.

Com a independência, em 1975, foi a esses trabalhadores que a habitação e exploração das roças acabou por ser entregue, como assalariados sob a égide do Estado. Hoje, na maior parte destas unidades não há emprego – nada se produz, nada se faz. As pessoas têm “vidas privadas”. Quer dizer que trabalham noutros sítios ou não trabalham de todo. E complexos como este, em São Tomé, são às dezenas.”<sup>139</sup>



Exemplo de Arquitectura Africana (sem conhecimento da localização) | Autoria Desconhecida | 28.05.2015

A Arquitectura de África, assim como outros aspectos da cultura de África, é excepcionalmente diversa. Muitos grupos etno-linguísticos em toda a história de África tiveram suas próprias tradições arquitectónicas. Em alguns casos, os estilos mais amplos podem ser identificados, tais como a arquitectura ‘Saheliana’ da África Ocidental. Um tema comum em grande parte arquitectura tradicional Africana é o uso de escalonamento fractal. Pequenas partes da estrutura tendem a ser semelhantes às peças maiores, como uma aldeia circular feita de casas circulares.<sup>140</sup>

As Grandes Pirâmides de Gizé são consideradas como um dos maiores feitos arquitectónicos de todos os tempos, e uma das 7 Maravilhas do Mundo Antigo.

Como a maioria das tradições arquitectónicas em outros lugares, a arquitectura africana tem sido objecto de inúmeras influências externas desde os primeiros períodos para os quais a evidência é evidente. Arquitectura ocidental teve também um impacto nas zonas costeiras desde

---

<sup>139</sup> RATO, Vanessa. “Temos 10 anos para salvar as roças de São Tomé e Príncipe.” Jornal Público. 2013.

<sup>140</sup> EGLASH, Ron. African Fractals Modern Computing and Indigenous Design. 1999.

o final do século XV, e agora é uma referência importante para muitos edifícios de escala maior, particularmente nas grandes cidades.

A Arquitectura africana usa uma grande gama de materiais. Encontra-se em **estruturas de palha, varas de madeira, barro, tijolo de barro, terra batida e pedra**, com a preferência por materiais diferentes por região: no norte de África, com a pedra e taipa, no “*Corno de África*” com o muro de pedra e argamassa, na África Ocidental para a lama/adobe, na África Central para sapé/madeira e materiais mais perecíveis, no sudeste e sul de África para a pedra e palha/madeira.

Existe então, variados tipos de estruturas que se podem encontrar ao longo do continente africano. Entre elas, destaco as do tipo: **Esférica/‘Domical’ (colméia); Cone em cima do cilindro; Cone com postes e cilindro de adobe; Cobertura de duas ou mais águas; Cone piramidal; Rectângulo arredondado e com telhado inclinado nas extremidades; Quadrado, Cúpula ou telhado plano em caixa de argila; Quadrangular em torno de um pátio aberto, ou Cone.**<sup>141</sup>



Mesquita ‘Missiri’ Africana, em Frejus, França. | Autoria Desconhecida | 28.05.2015

---

<sup>141</sup> Hull, Richard W. (1976) “African Cities and Towns Before the European Conquest.” New York : Norton. p. 71.

## 04.3\_ PEQUIM E O MUNDO (GLOBALIZAÇÃO)



Edifício CCTV. OMA | Iwan Baan | 29.05.2015

Este é o panorama da grande parte do espólio patrimonial português nas antigas colónias – “a decompor-se coberto de musgo”.<sup>142</sup> Torna-se necessário então ter uma preocupação crítica para a reabilitação dos patrimónios preciosíssimos do Mundo. Sejam estes antigos ou os históricos, pois ganharam o seu lugar e posição de destaque na história.

O Arquitecto que tem vindo a concentrar grande importância na decisão entre projectar a Arquitectura por escalas de proporções – M, L e XL, é Rem Koolhaas. No seu discurso de aceitação do galardão da Arquitectura – o Prémio Nobel Pritzker, que representa o maior reconhecimento público para um arquitecto; Koolhaas disse, “**Unless we break our dependency on the real and recognized architecture as a way of thinking about all issues, from the most political to the most practical, liberate ourselves from eternity to speculate about compelling and immediate new issues, such as poverty, the disappearance of nature, architecture will maybe not make the year two-thousand-fifty. Thank you.**”<sup>143</sup> Este, é um arquitecto capaz – um visionário. Apesar de que assumindo os seus erros no seguimento dos seus próprias declarações, acusa-se por errar em alguns sentidos; mais importante ele pensa. Reflectir sobre um assunto, e passar esse testemunho aos demais, já é por si só um grande feito. Relativamente ao seu edifício em Pequim, o Edifício CCTV, diz: “It’s the kind of building that doesn’t have a single identity, and your slightest movement in the city actually changes the building completely. Sometimes it’s a circle, but sometimes it’s a tower or a hammer. Sometimes it’s a very forceful

---

<sup>142</sup> RATO, Vanessa. “Temos 10 anos para salvar as roças de São Tomé e Príncipe.” *Jornal Público*. 2013.

<sup>143</sup> KOOLHAAS, Rem. “Ceremony Acceptance Speech.” *Jerusalem, Israel*. 2000.

building. Sometimes it's a very weak or almost awkward building. This is, for me, the most new dimension of it. **It's a building that has an almost unlimited amount of different identities.**"<sup>144</sup> Aqui Koolhaas explica, por modestas palavras, que quando se intervém à escala XL, numa cidade é necessário compreender a contextualização da mesma. Neste caso estamos a falar de Pequim – uma cidade com cerca de 20 milhões de habitantes, numa área aproximada de 16.801 km<sup>2</sup>, e capital da República Popular da China. Seja, é uma cidade completamente diversificada no que toca a vivências, tal como em qualquer zona metropolitana do mundo.



Extensão da Rede de Metro de Pequim para 2015. | China Tourist Maps | 29.05.2015

É curioso, pois hoje-em-dia **conhece-se uma cidade em pelo menos duas formas: pelos seus edifícios mais altos (identificando assim a sua maior preocupação ou devoção), ou pelo mapa da rede de transportes da cidade (identificando assim os seus fluxos mais importantes).** Bem, se tal coisa fosse aplicada numa investigação o resultado seria que para a primeira hipótese, no caso de Nova Iorque, o edifício World Trade Center 3, é um complexo de **escritórios, hotel, e revenda** – sendo que possui interesses em **negócios empresariais, e turismo**; já para a segunda hipótese, em Pequim, a rede de metro revela que existe uma centralidade nesta cidade muito bem definida na zona histórica – revelando interesses no turismo e ligações às periferias.

Pequim, tanto possui bons bairros como bons espaços, mas tal como em todas as zonas metropolitanas também existe o lado negro – as periferias. Neste caso acontece que mesmo na cidade existe muita pobreza nos bairros tradicionais, e bairros sociais, como seria de esperar.

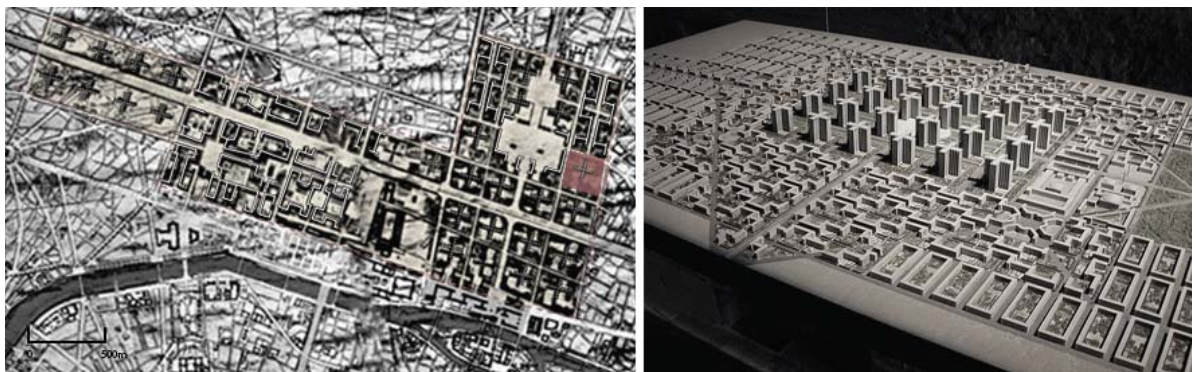
---

<sup>144</sup> KOOLHAAS, Rem. "There's Been Very Little Rethinking Of What Cities Can Be." Fast Company, Co.DESIGN. 2015.



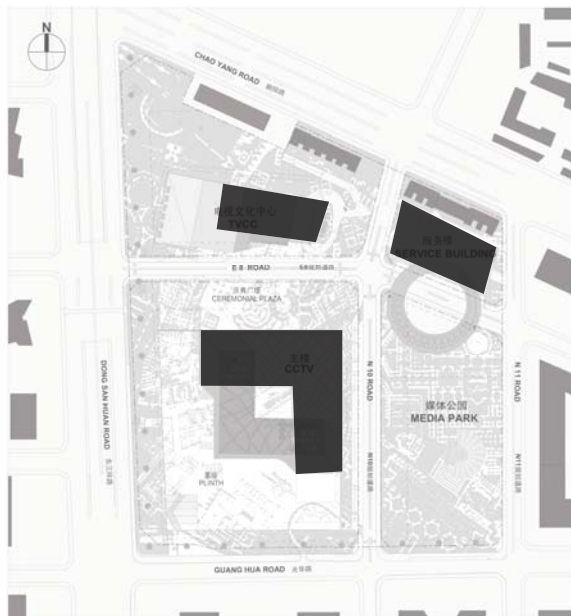
Bairro de Pequim, no artigo “Pequim a duas linhas”, na ‘Ponto Final’. | Sónia Nunes | 29.05.2015

O povo chinês é um povo orgulhoso e extremamente conservador, tais traços culturais não poderiam deixar de surgir na ‘análise’ do território da cidade. A verdade é que também este conservadorismo se faz sentir nas ruas, ainda não violadas pela política. Infelizmente o comum neste tipo de situações é a demolição de grande parte de ‘património cultural’ – e meto em aspas pelas simples questão de que penso que não é pelas ruas serem antigas e as casas envelhecidas, que devemos repudiar a cultura que construiu esse contexto arquitectónico. Imagine-se que em Roma se tivesse demolido os edifícios para alargar as ruas e ocupado as praças por arranha-céus destinados a empresas. Em 1925, Le Corbusier não teve problemas em afirmar, com o seu ‘*Plan Voisin*’ que demoliria 3 km<sup>2</sup> de Paris, com a excepção das portas da Bastilha, para fim de memorial. Ainda que as suas razões fossem de saúde pública, uma vez que houve habitações declaradas como inabitáveis por perigo de contaminação por tuberculose, continua a por-se a questão do efeito apagador ser um erro. Seria algo muito pouco característico, e hoje aquela zona é uma das mais características de Paris. Já dizem os anciãos, o ditado português, “maçã boa perto de maçã podre, apodrece a boa”, ou seja; após a (des)culturalização, que se pode observar na Cidade Radiosa na qual Corbusier se baseou para traçar o ‘*Plan Voisin*’, abrir-se-ia a hipótese de continuar a construir torres, e edificações fora da escala corrente, ameaçando todo o cenário cultural envolvente tipicamente parisiense.



À esquerda o “Plan Voisin”, e à direita a “Cité Radieuse” | Le Corbusier | 30.05.2015

O importante é que não nos esqueçamos do território, mesmo quando o trabalho do Arquitecto vai contra o que na verdade gostaria de ver. Ou seja, o espaço público – os transeuntes são a cidade, são a alma dos edifícios tal como caranguejos eremitas que se apropriam de uma casca que não a sua de modo a se puderem proteger. **O que interessa é pensar, reflectir e discutir.** O território jamais pode sofrer de actos de egoísmo dos lobbistas e políticos, mas sim tirar partido da participação pública, para as decisões do espaço urbano.



Desenho de Implantação dos Edifícios no terreno do CCTV | OMA | 30.05.2015

Numa área de 473, 000 m<sup>2</sup>, o grupo OMA decidiu ocupar com edificações apenas 15% do terreno facultado pelo cliente. Esta opção é onde reside o respeito pela cultura chinesa. Rem Koolhaas e Ole Scheeren decidiram ter como principal preocupação criar uma nova centralidade para esta zona onde estão previstas a construção de uma serie de arranha-céus. Compreendendo e tendo completa noção de que o problema deste tipo de edificações é que criam um distanciamento horrendo com a escala humana tendo como principal consequência a desumanização do espaço, resolveram criar 70% de áreas ajardinadas, e manter os 15% para circulações viárias. Ao articularem a volumetria do arranha-céus de uma forma menos abrasiva para o terreno, conseguiram libertar grande parte do programa do solo, conseguindo ainda criar uma zona pública para os transeuntes e cidadãos.<sup>145</sup> Conseguiu-se ainda uma transposição poética do espaço público – e portanto, a cidade –, para a fachada

<sup>145</sup> KOOLHAAS, Rem - “How can we make a high-rise building that is not about height. **How can we make a high-rise building that can define a place rather than just occupy it?**”

através dos arranhões que revelam o mapa da cidade antiga, como método mediático para com os transeuntes, turistas e locais. O Futuro da Cultura Arquitectónica Contemporânea é, nada mais nada menos que estes pequenos gestos, que poucos demonstram preocupação. Não sei até que ponto Koolhaas e Scheeren não usaram este projecto para criticar a tendência de privatização do espaço por privados, que é já recorrente neste tipo de empreendimentos. Ora pensemos bem no contexto em que se insere este projecto – estamos na cidade onde está localizada a Cidade Proibida – antigo palácio imperial da China desde meados da Dinastia Ming até ao fim da Dinastia Qing, conhecido por ser como o nome indica proibida, sendo somente para o imperador, sua família e empregados especiais terem permissão para entrar no conjunto de prédios do palácio. Acho extremamente curioso que seja precisamente a 7km do antigo palácio outrora interdito ao público, que Koolhaas e Scheeren projectam o complexo da CCTV – à distancia de uma grande avenida e uma rua.

"Na era da globalização, o processo de fazer arquitetura desdobra-se operativamente entre a estrutura, pele e organização interior. A pele, sendo mais permeável a um re-styling, efemera e transmuta a sua presença correspondendo a diferentes estímulos; uma pele responsiva não se refere unicamente a uma mensagem ecológica, corresponde também a uma figura emblemática e possui uma dimensão comunicacional." <sup>146</sup>



CCTV | OMA | 30.05.2015



Dancing Houses em Praga | Frank Gehry | 25.05.2015

<sup>146</sup> DUARTE, Rui Barreiros. "Arquitetura, Representação e Psicanálise." Caleidoscópio. 2012.

Acrescentando, que "a realidade tem sido lida como sendo uma superficialidade controlada, enfatizada por um sistema indutor de informação persuasiva e dirigida, fazendo com que a sociedade não identifique, absorva ou relacione em profundidade as verdadeiras questões, facilitando que se estabeleçam padrões de influências geridos por "opinion makers". Trata-se de uma reflexão sobre os valores, a simbologia e a realidade dos dias de hoje no mundo da arquitectura, da arte e não só." <sup>147</sup> Sendo que se viabiliza desta forma educar estes chamados "opinion makers" a pensar correctamente, e como tal induzindo-lhes substância nas suas opiniões.

A Origem é sempre algo que não deve ser negligenciado aquando projectamos o território, mesmo quando desenhamos uma simples fachada envidraçada. Dou o exemplo de muitas das caixas de vidro, ou betão, que cada vez mais ocupam os nossos centros históricos rejeitando qualquer tipo de conexão ou relação com o passado. Aproveitam-se do factor histórico para não terem identidade – são inócuos.

Le Corbusier escreveu que a Arquitectura Árabe possui um ensinamento, para todos, extremamente profundo através do percurso pedonal. O entendimento do percurso para a devida percepção do espaço é nada mais nada menos que o processo correcto para a boa leitura dos espaços que habitamos/visitamos. Não é à toa que o Homem quando visita um espaço novo absorve cada detalhe diferente do seu quotidiano, recorrentemente tira fotos constantemente a tudo. Isto acaba por ser uma reacção perfeitamente natural, quando passamos muito tempo no mesmo sítio acabamos por começar a banalizar o espaço e quando trabalhamos no local, bem... penso que nem será preciso mencionar o efeito nocivo do uso constante do carro. É mesmo necessário usar tanto o carro para circular em menos de 1 km? Deixa-se à vossa inferência.

"Arab architecture gives us a precious lesson. It is appreciated by walking on foot; it is by walking, by moving, that one sees the order of the architecture developing. It's a principle contrary to that of baroque architecture, which is conceived on paper, around a fixe theoretical point. I prefer the lesson of Arab architecture." <sup>148</sup>



Mesquita do Xequê Zayed, Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos. | Autoria Desconhecida | 24.05.2015

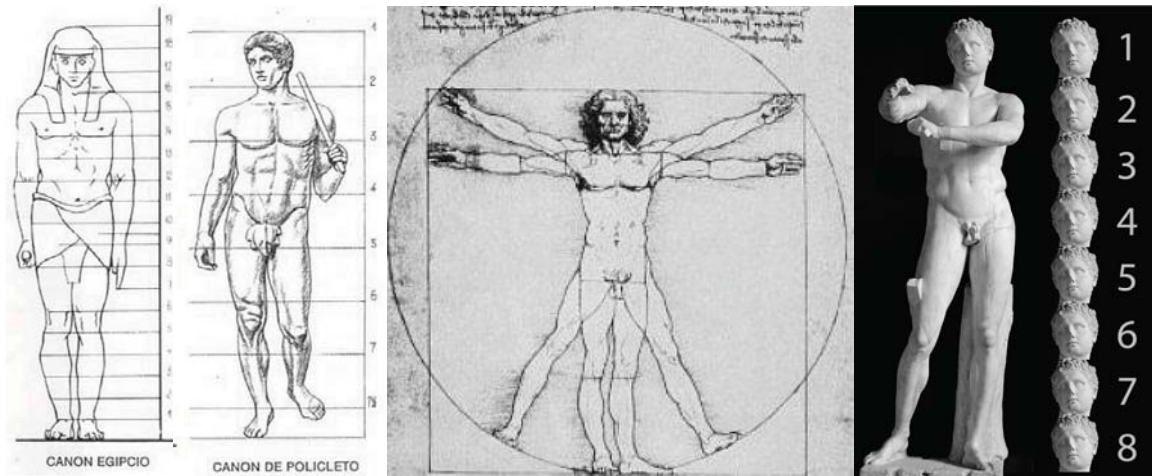
<sup>147</sup> DUARTE, Rui Barreiros. "Arquitetura, Representação e Psicanálise." Caleidoscópio. 2012.

<sup>148</sup> LE CORBUSIER. Oeuvre Complète 1929-1934, p. 24.

05



## 05\_ CÂNONE, AESTHESIS E A RUPTURA



1-Cânone Egípcio; 2-Cânone de Policleto; 3-Cânone Vitruviano; 4-Cânone de 8 Cabeças (Actual) |

31.05.2015

Admite-se que existe (ou existiram) de facto cânones de beleza e gosto. É crucial que se compreenda que estes, diferem de indivíduo para indivíduo, e de cultura para cultura. Acontece que torna-se inevitável falar da *aesthesis* (estética). Têm o termo estética sempre o mesmo significado? Evidentemente que não. O autor Schlegel entende-o por filosofia da arte, toda a ciência nova criada por Alexander Gottlieb Baumgarten.<sup>149</sup> Estabelece uma relação de exclusão entre o discurso filosófico e a arte, entre o pensador e o artista: ou é o conceito ou é a obra, mas não os dois a mesmo tempo, a reflexão evidencia o equívoco fundamental que se encontra no coração do pensamento estético em si mesmo.

Pode-se traduzir em palavras que o que é sensível, deriva do afecto, suscita o entusiasmo ou a reprovação, emociona ou deixa indiferença? Questão que desencadeia outras: a que necessidades ou a que exigências responde este desejo de transcrever em conceitos o que é da ordem da intuição, da imaginação ou da fantasia? É preciso admitir a existência de uma pulsão de linguagem que força a dizer o que é sentido para, por exemplo, transmitir a alguém esta experiência? O reconhecimento daquilo que qualificamos de belo, tanto na natureza quanto na arte, impulsiona-nos a pedir a aprovação de outro, ou a sua desaprovação?

A complexidade deste problema é facilmente percebida ao pensarmos nas expressões da linguagem comum: “Deixa-me sem respirar!” ou “Não tenho palavras para dizer o que sinto”, ou seja, deixa uma sensação de pura perda por ignorância, confusão ou preguiça por cansaço.

Quer dizer que os sentimentos, as emoções, os factos da sensibilidade, nomeadamente aqueles que derivam da contemplação, não derivam do conhecimento, visto que, ao invés do entendimento da razão, dos factos, eles não podem adquirir o estatuto de um conhecimento comunicável próximo do saber científico.

<sup>149</sup> BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. “AESTHETICA”. t. I, 1750; t. II, 1758.



Ilustração de autor desconhecido. | 31.05.2015



Quadro "Noite Estrelada" | Vicent van Gogh | 31.05.2015

Admite-se então que no que toca à compreensão/tradução da arte pela percepção ou interpretação, que o resultado será sempre mudo, ou insatisfeito. Por exemplo, a 'Noite Estrelada' de Vincent van Gogh foi pintada de memória e não a partir de uma paisagem, como de costume. Esta, privou de ser a pedra angular das suas futuras obras, sendo que durante sua estadia no asilo, van Gogh dedicou-se a pintar sobre todas as paisagens da região de *Provence*. Pretende-se, que se compreenda a importância da interpretação no papel do juízo de belo ou gosto. O seu valor é por si só o mais importante da obra, mesmo que este varie de pessoa para pessoa. O factor comunicativo/mediático da matéria é de uma absoluta importância no mundo da Arquitectura, é o mediador entre a obra e o Homem.



“Aquilo que é estético não é observável a olho nú. É apenas observável por um outro olho – o do espírito.”<sup>150</sup>

Alegoria da Caverna de Platão (1604) em Albertina, Vienna | Jan Saenredam, segundo Cornelis van Haarlem | 31.05.2015

Para falar de interpretação e contemplação é crucial mencionar o autor Pareyson por sucessão torna-se também necessário recorrer a Riconda, que interpreta bem o seu pensamento. **Considera-se que numa filosofia de interpretação, os conceitos de sujeito e consciência devem ser abandonados a favor do conceito de pessoa.** A relação sujeito-objecto deve ser substituída pela relação pessoa-verdade. Diante dessa consideração, compartilha-se que a pessoa é a coincidência paradoxal de autorrelação e heterorrelação – uma relação para a qual a pessoa é autorrelação, relação de si consigo, que se resolve num processo interpretativo que remete ao ser como horizonte no qual ele, como qualquer outro é. Essa interpretação da pessoa na sua relação com o ser é, ao mesmo tempo, a interpretação que a pessoa dá ao ser e este à pessoa. A pessoa não pode relacionar-se consigo mesma sem relacionar-se com o ser, e o ser não é acessível à pessoa senão se relacionar com o ser. No entanto, o ser não pode reduzir-se a esta relação instituída na sua possibilidade.<sup>151</sup>

A pessoa não pode ser definida em termos de pura subjetividade, esclarece Riconda, porque ela, “a pessoa constitui-se como perspectiva vivente sobre o ser não poder ser definido em termos de pura objetividade. O ser é para compreender-se como inexauribilidade, capaz de dar-se em infinitas perspectivas que suscitam sem nunca reduzir-se a nenhuma delas ou a sua totalidade”.<sup>152</sup> A pessoa, enquanto é aberta ao ser, é aberta ao outro, às outras pessoas e ao universo, justifica Riconda: [...] Existe uma originária cosmicidade e sociabilidade da pessoa. Porque como foi visto esta abertura do ser, pode-se realizar concretamente só através de uma interpretação pessoal do ser, no sentido que o ser não se dá senão na interpretação que faz a pessoa, os outros e o cosmo como termos de interpretação são dados só naquela perspectiva vivente sobre o ser que é a pessoa, como sujeito da interpretação.<sup>153</sup>

A interpretação parece constituir não uma forma particular de conhecimento entre diversas outras formas de conhecimentos acessíveis ao homem, mas a única forma de conhecimento que é especificamente própria do homem. A mesma convicção é corroborada em seguida: “porque o homem é uma pessoa”, escreve Pareyson, “e o seu operar é sempre

<sup>150</sup> DOMINGUES, José António. Aula de “Estética e Criticismo”. UBI. 2015.

<sup>151</sup> RICONDA, Giuseppe, *Ermeneutica dell'esperienza religiosa e ontologia*, p. 358.

<sup>152</sup> Idem.

<sup>153</sup> RICONDA, 1986, *EERO*, p. 358.

dirigido a formas, o único conhecimento do qual ele pode dispor é precisamente a interpretação.”<sup>154</sup>

Se a interpretação é conhecimento, admite-se não haver conhecimento para o homem, a não ser como interpretação. Na verdade, Ciglia enfatiza: interpretar é captar, compreender, ir além, adentrar. O conceito de interpretação é o resultado da aplicação ao conhecimento de dois princípios fundamentais para a filosofia do homem.<sup>155</sup> Pareyson afirma que, “o princípio graças ao qual todo o agir humano é sempre e ao mesmo tempo receptividade e actividade é o princípio segundo o qual todo o agir humano é sempre de carácter pessoal”.<sup>156</sup> Considerando o ‘conhecimento’ à luz desses dois princípios, temos, precisamente, a interpretação. O objectivo da interpretação exige vida própria e um carácter inconfundível, e portanto, bem determinado. Por ser irrepetível e singular é que algo é susceptível de interpretação. Quem interpreta quer oferecer uma interpretação pessoal na sua singularidade. Não subsistiria nem a possibilidade nem a necessidade da interpretação onde não houvesse formas a conhecer nem pessoas que pretendam conhecê-las.

“I’ve learned that people will forget what you said, people will forget what you did, but people will never forget how you made them feel.”<sup>157</sup>



The Vietnam Veterans Memorial | Maya Lin | 31.05.2015

Como seria de esperar, nem sempre ‘isto’ aconteceu. O que hoje acontece é uma repercussão da nossa cultura atormentada pelo estilo internacional que determinaram o limiar do fim de toda a possível propagação e evolução cultural. Não se defende que o estilo internacional tenha sido um erro, muito pelo contrário, foi uma charneira importante para que hoje possamos compreender que os cânones pertencem a ninguém; eleva-se a sua importância na medida em que ajudou a evoluir muitas culturas para um modernismo mais adaptado à realidade – entre eles pode-se enunciar Frank Lloyd Wright que se distanciou do

<sup>154</sup> PAREYSON, Luigi. ETF, 2005, p. 23.

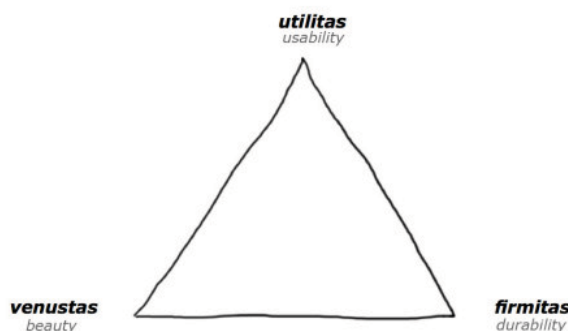
<sup>155</sup> CIGLIA, Francesco Paolo. ELIFLP, 1995.

<sup>156</sup> PAREYSON, Luigi. ETF, 2005, p. 172.

<sup>157</sup> ANGELOU, Maya.

estilo internacional com a chamada arquitectura orgânica. Ainda assim, é importante compreender o porquê desta tendência de internacionalização e estipulação do belo. Penso que tudo começa com os gregos e por sucessão, os romanos.

Quando Marcos Vitruvius Polião define no seu primeiro 'Livro', no capítulo 1: "In all matters, but particularly in architecture, there are these two points:—the thing signified, and that which gives it its significance. That which is signified is the subject of which we may be speaking; and that which gives significance is a demonstration on scientific principles. It appears, then, that one who professes himself an architect should be well versed in both directions. He ought, therefore, to be both naturally gifted and amenable to instruction. Neither natural ability without instruction nor instruction without natural ability can make the perfect artist. Let him be educated, skilful with the pencil, instructed in geometry, know much history, have followed the philosophers with attention, understand music, have some knowledge of medicine, know the opinions of the jurists, and be acquainted with astronomy and the theory of the heavens."<sup>158</sup> Ele começa a traçar o perfil do que seria um arquitecto ideal – a perfeição. Mas, esta canonização do arquitecto não acaba aqui, eventualmente toda sua obra – '*De Architectura Libri Decem*', composta por dez livros, determina o ideal e a perfeição para a arquitectura quase ao limite. De forma genérica podem enunciar-se os seus três princípios: "*Utilitas*" (comodidade e função); "*Firmitas*" (solidez); e "*Venustas*" (beleza). Sem estes, a Arquitectura produzida nunca poderia ser considerada vitruviana ou bela.



Duomo di Milano, Ilustração em '*De architectura*', 1521 | Vitruvius | 08.06.2015

Inicia-se então uma época em que a inspiração é trocada pela inovação e o controlo, ou administração, como lhe quiserem rotular. Começa então a fazer-se a pergunta que nunca antes se fez na História da Arquitectura 'O que é Arquitectura, e o que é Engenharia?' Esta é uma grande dificuldade para muitas pessoas, consideradas normais e sem estudos científicos em Arquitectura.

"What is originality? To see something that has no name as yet and hence cannot be mentioned although it stares us all in the face."<sup>159</sup>

<sup>158</sup> VITRUVIUS POLIÃO, Marcos. "*De Architectura Libri Decem*". Livro 1. Cap. 1.

<sup>159</sup> NIETZSCHE, Friedrich. "*The Gay Science*". 1882.

Ao longo deste processo entrámos num período em que o tecido intelectual no mundo da Arquitectura sofreu de operações científico-tecnológicas direccionando-se para a indústria metalúrgica, de modo a que todas as atenções do Homem passam a ser a inovação construtiva – estruturas: simples ou complexas. Estamos portanto a falar do século XIX, em que um dos mais marcantes acontecimentos foi a Exposição Universal de 1889, em que o governo parisiense anunciou uma competição de design arquitectónico para um monumento que seria construído no Campo de Marte, centro de Paris. Mais de 100 designs foram submetidos ao concurso. O comité do Centenário escolheu o projeto do Eng. Gustave Eiffel, onde uma torre com uma estrutura metálica tornar-se-ia, então, a estrutura mais alta do mundo construída pelo homem, com 324 metros de altura. A Arquitectura adopta então estes conceitos ‘estranhos’: estrutura, tonelada, altura, complexidade, dimensão, fusão, cálculo, treliça e outros.

"Imagine for a moment a giddy, ridiculous tower dominating Paris like a gigantic black smokestack". To the modern eye, it's almost inconceivable to imagine the city without that most famous of tours. But this icon of the French capital, indeed of the country itself, was not met with universal acclaim upon the unveiling of its design in the late nineteenth century. During its construction a group of 300 writers, painters, sculptors and architects launched a campaign to "protect" the beauty of Paris from Gustave Eiffel's 324 metre-tall feat of iron lattice engineering. The "Artists' Protest" which raised the "smokestack" objection would ultimately fail and the rest is of course history, albeit one that has seen the tower facilitate the discovery of cosmic rays, survive two world wars and earn its designer a considerable fortune from the entrance fees before it became state property. Arguably the most recognisable expo structure in the world, with a legacy that contemporary fair organisers can only dream of, the Eiffel Tower was the jewel in the crown of the Paris Exposition Universelle of 1889 through which visitors would enter the fair. In 2010 this "beautiful climbing frame for energetic tourists" (Paul Greenhalgh) welcomed its 250 millionth visitor – not bad for a temporary structure, originally scheduled for demolition in 1909. <sup>160</sup>

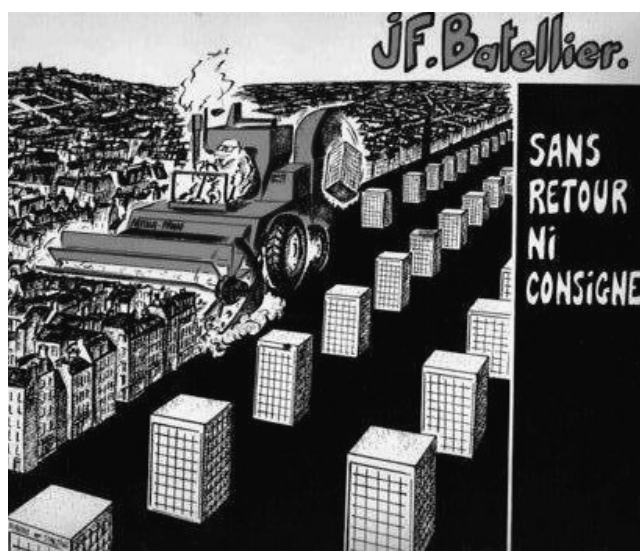


Ilustração "Sans Retour Ni Consigne" | Jean-François Batellier | 10.06.2015

Após a primeira metade do século XX, com o estilo internacional, e sem explicação, esta canonização da arquitectura desaparece, ou pelos menos sai enfraquecida, apesar de

---

<sup>160</sup> SHIPWRIGHT, Fiona. "Beautiful Climbing Frame - The Eiffel Tower". Uncube Magazine.

todos os revivalismos que surgem no séc. XVIII, atingindo seu auge no séc. XIX e chegando até meados do século XX. Compreende-se que provavelmente chegámos a um estado de saturação por parte da comunidade e que com a instabilidade económica, social e política, esta última cada vez mais corrupta,<sup>161</sup> e a primeira cada vez mais facciosa, a tender para os pobres ficarem mais pobres e os ricos ficarem mais ricos<sup>162</sup>. Numa entrevista aos geógrafos do *Jornal Hérodote*, Paul Rabinow afirmou que **a arquitectura, no final do século dezoito, torna-se política**. Claro que em períodos anteriores, como por exemplo, durante o Império Romano ela já tinha sido política. O que torna tão particular o século dezoito?<sup>163</sup> “Não quis dizer que a arquitectura não era política antes do século dezoito e que tal aconteceu apenas nessa época. O que quis dizer foi que **no século dezoito assiste-se ao desenvolvimento de uma reflexão sobre a arquitectura em função de objectivos e técnicas de governo das sociedades. Começa a surgir uma forma de literatura política que se interroga sobre como deve ser a ordem de uma sociedade, o que deve ser uma cidade, tendo em conta as exigências de manutenção da ordem; e tendo em conta, também, que se devem evitar epidemias, evitar revoltas, permitir uma vida familiar decente e moral**. Em função desses objectivos, como conceber simultaneamente a organização de uma cidade e a construção de uma infra-estrutura colectiva? Como devem ser construídas as casas? Não estou a dizer que este tipo de reflexão não aparece senão no século dezoito, digo apenas que no século dezoito tem lugar uma reflexão profunda e geral sobre estas questões. Se consultarmos um relatório policial da época – os tratados estão consagrados às técnicas de governo – descobre-se que a arquitectura e o urbanismo ocupam um lugar extremamente importante. Foi isso que quis dizer.”<sup>164</sup> (Michel Foucault)

Confirma-se que a arquitectura teve, na sua história, patronos capazes de satisfazer parte das suas ambições e proliferar, situação que se vem a alterar quando a igreja perde grande parte do seu poderio absoluto e começa a haver uma distribuição de poderes – quando a política passou a ser a principal gestora do território, começaram a haver discussões públicas das quais resultou uma massa crítica que aboliu a generalização, através da liberdade. E onde outrora existiu um cânone de perfeição para o Homem universal – o homem vitruviano ‘de Leonardo da Vinci’ –, hoje, existe uma total desorientação de ordem. **Talvez o problema (?)**

---

<sup>161</sup> Referência ao esquema, acima, sobre a corrupção no mundo, publicado pelo Independent, em Novembro de 2015 (<http://www.independent.co.uk/news/world/politics/the-one-map-which-shows-the-worlds-most-corrupt-countries-a6692976.html>)

<sup>162</sup> THATCHER, Margaret (1990) No momento clássico de Thatcher, onde explica que o povo beneficiou das reformas económicas, mesmo que o distância entre ricos e pobres fosse mais ampla. Ela explica que os liberais efetivamente prefeririam o pobre mais pobre, se apenas a distância fosse menor, porque os ricos seria menos ricos. (“The liberals effectively would rather the poor be poorer if only the gap could be smaller, because the rich would be less rich.” - <https://youtu.be/pdR7WW3XR9c>)

<sup>163</sup> Paul Rabinow refere-se a uma entrevista que Michel Foucault deu aos geógrafos do *Jornal Hérodote* (1976) e publicado no livro *Power/Knowledge* sob o título “Questions on Geography” [“Questions à Michel Foucault sur la géographie”]. Mas na verdade, é bem provável que Rabinow se esteja a referir à entrevista “L’oeil du pouvoir” [“The Eye of Power”] integrada na mesma edição. Aí, respondendo a Michelle Perrot que pergunta “Então, a chave era a arquitectura? De facto, e a arquitectura enquanto modo de organização política?”, Foucault afirma: “A questão parece-me, é que a arquitectura começa no final do século XVIII a envolver-se em problemas de população, saúde e em questões urbanas. Antes, a arte de construir correspondia à necessidade de manifestar o poder, a divindade e a força. (...) Depois, no final do século XVIII, novos problemas emergem: torna-se uma questão de usar a disposição do espaço para fins económico-políticos.”

<sup>164</sup> FOUCAULT, Michel (1976) “Questions on Geography.” *Jornal Hérodote - Power/Knowledge*.

esteja precisamente aqui, o facto de já não existirem directrizes de beleza fez com que tudo o que fosse diferente obtivesse uma atenção e atractividade de interesse público. Depois o que acaba por ser criticado como ridículo e absurdo para os sábios, é curioso para o homem comum<sup>165</sup>. Lembra-se aqui a citação de Paul Greenhalgh ao descrever o panorama da Torre Eiffel: “beautiful climbing frame for energetic tourists”. Como é óbvio o comentário não se toma como pejorativo apenas porque abordar o turismo. Contrariamente a essa ideia, é uma dimensão cujo o nosso quotidiano não pode mais fugir. Vivemos hoje uma mascarada paz mundial cuja passividade nunca se viu outrora. Acaba por ser normal que hoje se viaje mais e que, por sua vez, o turismo seja uma das grandes manifestações culturais da nossa Era – com o término das fronteiras na Europa, a facilidade de entrada nos vários destinos turísticos do mundo e o acesso global à informação por via da tecnologia.



Relatos Jornalísticos da Estação Televisiva Portuguesa, 2015 | RTP | Montagem de Carlos Vasconcelos Matias | 26.02.2015

Hoje os alvos de atentados, se tivermos alguma atenção e concentração, são às ruínas, como se veio a comprovar pelos actos hediondos e terroristas do *Daesh*. O sucedido acontece porque se percebeu que o interesse público hoje em dia é mais desperto quando há risco para a vida humana e/ou vestígios da antiguidade (herança cultural) que, estes últimos, são alvo de viagens turísticas e fonte de rendimento e até orgulho regional/nacional. Hoje o valor do artefacto assumiu uma escala de importância e relevância tal, que não se admitem

<sup>165</sup> LINHARES, Ludgero Arruda (2015); É médico pela FMUL e especialista em Psiquiatria.

atentados aos mesmos por parte de ninguém. E atenção que este é protegido até dos “atentados” da luz do sol e do frenético flash das máquinas fotográficas. Assume-se então o turismo como parte integrante da actividade cultural de todo o Mundo.

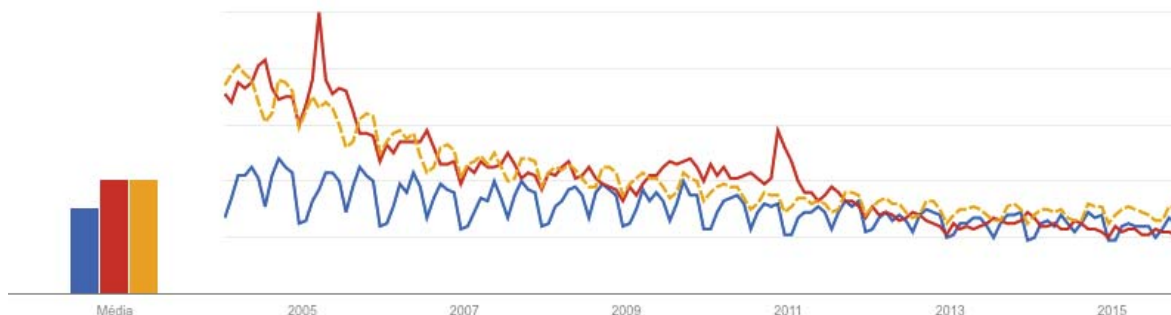


Gráfico de Interesse Público Mundial onde se observa que a **Arquitectura** (AMARELO) e o **Turismo** (VERMELHO) caminham lado a lado, já a **Cultura** (AZUL), que teria alguma distância pelas mais variadas razões, encontra alguns pontos em comum com a Arquitectura e Turismo, a partir de 2012 (aprox.). | Google Trends 2015 | 08.06.2015

Mas não fica apenas por aqui. Hoje começa-se a encontrar um respeito mais localizado e presente nos centros históricos das cidades e países. **A vilegiatura detém hoje um poderio** inconsciente que influência grande parte das decisões políticas de ordenamento do território bem como a sua conservação. Esta, **é hoje o “modus operandi” de uma percentagem significativa da raça humana**. O que antes era indesejável, hoje, graças ao marketing, é um paraíso de férias – uma pausa da agitada e barulhenta cidade.

Está a Arquitectura em vias de extinção? Bem... Pensa-se que Corbusier tentou re-estabelecer as directrizes com as suas várias manifestações, bem como com a Carta de Atenas. Esta, criticada por muitos por faltar-lhe a humanidade.<sup>166</sup> Reflectiu-se depois que o Modernismo<sup>167</sup> poderia estar, na verdade, desajustado o que veio dar origem ao pós-modernismo e a um possível pós-pós-modernismo. Agora, houve-se que **Rem Koolhaas é no século XXI o que Le Corbusier começou por ser no século XX**.<sup>168</sup> Será isto por causa de todos os seus estudos críticos e preocupações quanto ao rumo da Arquitectura? Não se pensa que ele crie directrizes, como se tratasse de um guia. **Pensa-se que ele seja completamente Darwiniano na medida em que assume as pre-existências e compreende o espaço contemporâneo como algo em constante mutação, o que vai ao encontro do que Lavoisier escreveu.**<sup>169</sup>

<sup>166</sup> SMITHSON, Peter - Disse, “what was missing was man” quanto à Carta de Atenas. Este, era membro do Team X.

<sup>167</sup> Uso o termo modernismo de forma pejorativa para indicar a massificação como uma perda de qualidade da arquitetura moderna construída em larga escala, para o menor número de pessoas e da forma mais rápida possível (pré-fabricada). O urbanismo proposto por Le Corbusier, exposto como uma doutrina na Carta de Atenas, foi massificadamente construído na Europa do pós-guerra, principalmente sob a forma de enormes conjuntos habitacionais modernistas (muitas vezes repetições de um projecto só). JACQUES, Paola Berenstein. “A participação comunitária na cidade contemporânea.” Resenhas Online, São Paulo, ano 03, n. 035.01, Vitruvius, nov. 2004.

<sup>168</sup> LOPES, João Caria (?) Crítica do livro “Nova Iorque Delirante”, de Rem Koolhaas. Revista Estudoprévio, Universidade Autónoma de Lisboa.

<sup>169</sup> “Na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma.” LAVOISIER, Antoine.

06



## 06\_ METAMORFOSES CULTURAIS E DECADÊNCIA



Ilustração Anónima | Lebbeus Woods | 10.06.2015

Parte da culpa da incompreensão patente no psicológico individualizado, parte da própria fuga ao tema no âmbito académico e cívico.

É curiosa esta relação que a descontração que uma cultura têm com o psicológico dos seres Humanos – o incerto, a dúvida. Em parte é completamente compreensível o porquê da fuga desta temática e até a incompreensão inegável. É demasiado complexo... Por vezes esta complexidade pode ser uma autêntica tempestade ensurdecadora onde não se compreende bem o que é real e irreal.

Na imagem de Lebbeus Woods, é extremamente expressiva, e demonstra a desconstrução da tradicional casa – a efemeridade temporal. Esta desconstrução não é uma associação puramente hedonista, muito pelo contrário – é uma necessidade, uma construção psíquica que se sabe como garantida pelo tempo.

Talvez seja por isto que em todo o arquitecto existe um *vis-à-vis* na sua formação e maturação como profissional, em que se gera um vencedor consoante uma polarização de postura contemporânea – *screw-you avant-garde Modernism* vs. *neo-luddite Traditionalism*. O que falha nesta polarização é a não compreensão da verdadeira disciplina da Arquitectura que é a pluralidade, diversidade. Colocando isto em exemplo talvez precisar-se-ia mencionar a recente reacção de Frank Gehry, em que respondeu ao realçar de críticas recorrentes ao seu trabalho com um piteiro, sendo que numa aplicação prática colocar-se-ia então o F. Gehry vs. Andres Duany (por exemplo). Temos portanto um polo que nega o modernismo e pretende recriar algo sem ressurgimentos do passado, por outro temos uma pessoa demasiado acoplada ao passado que vem a resultar numa imagem do que já não é mais feito no nosso contemporâneo, mas que existe pelo menos um exemplo clássico/neo-clássico por país.

Penso que o que mais justifica a incompreensão do espaço por parte de uma determinada cultura, neste tipo de realidades é precisamente o factor da diferença. Nem todas as culturas possuem a capacidade para compreender uma alteração drástica na malha e padronização das cidades. Muitas, tendem a odiar muitos projectos que para nós (Arquitectos) são intocáveis e sagrados. Por exemplo: O óculo do Panteão se fosse tapado com um vidro para ser mais cómodo, de modo a garantir que não chovesse lá dentro nem a brisa se sentisse, provavelmente para os cidadãos seria algo inerte à sua experiência humana, mas para nós Arquitectos e profissionais de proximidade seria um sacrilégio e/ou uma atrocidade).

Às vezes ponho-me a olhar para uma pedra. Não me ponho a pensar se ela sente.  
Não me perco a chamar-lhe minha irmã. Mas gosto dela por ela ser uma pedra,  
Gosto dela porque ela não sente nada. Gosto dela porque ela não tem parentesco nenhum comigo.

(...) Eu nem sequer sou poeta: vejo. <sup>170</sup>

Campanha da OA intitulada “Madeira: proteger as paisagens culturais da região.” | OA | 08.06.2015



1959



2015

Quando introduzo o excerto de Caeiro, faço-o com o intuito de injectar a sensação de que o estranho é natural, que a confusão é óbvia em parte. O Homem reage de formas diferentes ao espaço e à matéria. Ainda assim pode-se dizer que **“a subjectividade tranquiliza o parvo e intriga o sábio”**. <sup>171</sup> Isto é inegável. Toda a controvérsia retém aqui a sua complexa arguência de décadas.

Nas imagens da paisagem da madeira e a evolução do ordenamento do território desde 1959 até aos dias de hoje, como se pode observar, parte da herança cultural da paisagem desapareceu. Sucumbimos à ruína da hipocrisia da construção barata? E a cultura, essa não tem mais lugar no espaço das cidades. O resultado das edificações produzidas pelos rotulados ‘Starchitect’ são precisamente uma repercussão desta perda secular. Ora vejamos bem. Até na antiguidade clássica se construíam grandes zonas de convívio e reunião cultural, para a comunidade – teatro ao ar livre, fórum, coliseu (Império Romano), ágora (Grécia), etc. É claro que as populações precisam de actividade caótica. Todos precisamos de estímulos capazes de nos intrigar de modo a gerar controvérsia e dar espaço para a discussão.

<sup>170</sup> CAEIRO, Alberto. “A Espantosa Realidade das Cousas”.

<sup>171</sup> LINHARES, Ludgero Arruda (2015)



Fundação Louis Vuitton, em Paris (França) | Frank Gehry | 10.06.2015

Na imagem acima pode-se ver um dos edifícios mais recentes do Arquitecto, considerado pelo New York Times como o melhor do Mundo. Esta Fundação para a Louis Vuitton gerou grande controvérsia por não se relacionar com a cultura pitoresca parisiense. É assumido. O edifício não tem nada que ver com a envolvente arquitectónica, até porque se encontra num parque. O próprio Arq. Frank Gehry sabe disso e não teve medo de o fazer, muito pelo contrário, pois toda a sua carreira foi fundada sob a premissa de que há falta de estimulação sensorial no espaço urbano, no espaço público. O que as pessoas fazem nas suas casas a elas diz respeito, mas nos espaços destinados à população torna-se claro que o espaço não pode ser um conjunto de volumetrias, estilo 'caixa', que infelizmente tanto resume a tendência contemporânea, patrocinada pela globalização. Imaginemos uma cidade formada apenas pelas referidas caixas simples e formais. O que resultaria dessa cidade? As ruas, como seriam distinguidas? Seriam elas por nomes de pessoas célebres ou acabaríamos por cair na tendência utópica de organizar o espaço público por sectores?

Qualquer ser humano, admitiria que este conceito de cidade infinita o assustaria. Onde é que fica o espaço livre? O espaço sensorial? Os estímulos deixaram de poder existir no espaço citadino e resta-nos a funcionalidade pura e dura industrializada? Bem, nos últimos filmes que pudemos ver de utopias cinematográficas conseguimos ver que existirá sempre uma polarização/segregação da qualidade do espaço público – a zona dos pobres e a dos ricos.

172

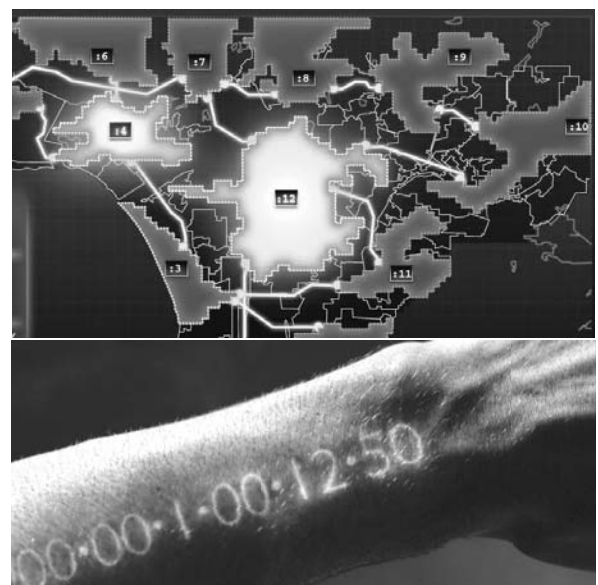
---

<sup>172</sup> BLOMKAMP, Neill. Filme "ELYSIUM" 2013.



“Endless Architecture” | Sadler, 2005 | 03.06.2015

O importante a reter não é que A ou B produz Arquitectura de má qualidade (para os colegas de profissão e críticos), mas sim o efeito com que se controla a mentalidade da cultura local como se produz e reproduz isso. Não querendo apoiar, de modo algum, a peça literal como objecto de correcção publicitária. Duvido até que isso seja algo de produtivo... O que esse tipo de Arquitectura (?) produz é nada mais, nada menos que uma Las Vegas – uma rua cheia de superfícies comerciais, com grandes atrocidades luminosas que sugam toda a atenção para elas, a cada passo que os transeuntes dão no espaço público. O que se defende é a preservação da cultura – mentalidade, traços físicos (se é que os existem), vontades, necessidades, e outros. Defende-se uma Arquitectura ponderada, mas livre. Sem repressões e ‘racismo’ arquitectónico, pessoal ou de grupo. As cidades do futuro necessitam do hedonismo, do prazer e da estimulação.<sup>173</sup>



Time Zones, no filme In Time. Relógio temporal, no filme In Time | 11.06.2015

<sup>173</sup> ELLARD, Colin (2015) “Places of the Heart: The Psychogeography of Everyday Life”

Este filme é consideravelmente recente e após o ver, tive necessidade de rever novamente mais duas vezes. Porquê? Achei que era de um tremendo realismo e a eventual futuro que a nossa descendência terá de sofrer – a extinção das cidades dará lugar a uma série de sectores onde se irá separar as zonas por classes económicas, e por seu direito absoluto a extinção do espaço público livre. Com isto pretendo realçar a importância do espaço público – a rua e toda a sua magnitude, a praça, o parque, o jardim, o espaço de água, a universidade, etc. Assumo pintar o futuro de forma tenebrosa, mas sejamos sinceros... Não é para lá que nos estamos a dirigir? Infectámos o planeta com gases que nem na última era glacial estiveram tão altos. Conseguimos alterar a natureza do clima, e das espécies. Estamos em vias de esgotar os recursos de combustíveis fósseis conhecidos no Planeta. Ainda assim? O que ensinamos nas escolas de Arquitectura é a fazer casas. É a fazer o que se faz à décadas, e faço-me à expressão “mal e porcamente”. É de uma extrema arrogância que não haja mais espaço para as academias exigirem o pensamento, antes dos automatismo ‘escravagista’ exigidos e erroneamente associados a qualidade. Deixo para ilação do leitor pensar sobre o futuro – sobre a cidade onde habita e como a imagina daqui a uns 60 anos.



Kowloon Walled City. Cortesia de 'City of Darkness Revisited'. | Autoria Desconhecida | 12.06.2015

A construção da cidade é da responsabilidade cívica. Não devemos esperar que a pensem por nós. Hoje, mais do que ontem, e mais do que amanhã; é necessária a participação dos cidadãos na reflexão do espaço público. No fim de contas quem habita o espaço público? Não é o Homem ? Então porque é que excluimos por vezes o mesmo do pensamento corrente (?) dos arquitectos e capitalizamos o espaço através da economia e da política? É uma repercussão? Talvez. Não seria já hora de alterarmos o rumo para o qual caminhamos – uma distopia massiva? Na imagem em baixo, apresento (aos desconhecem) a Kowloon Walled City, com 33 000 pessoas e 8 800 casas. No seu auge, era o sítio mais condensado no planeta. No fim, viu-se completamente desajustada e ficou num limbo por mais de um século, até ser demolida.

Hoje, surgem tópicos na discussão arquitectónica e urbanística como ‘microtopia’... Será este o nosso futuro? Viver num espaço desajustado, ou forçado, porque somos Humanos classificados como POBRES e como tal não temos direito a qualidade de vida? Penso que é

aqui que deve residir a questão mais crucial desta tese, pois uma solução urbanística é possível. Nós temos imenso potencial arquivado nas listas do IEFP – Instituto do Emprego e Formação Profissional –, e uma quantidade de produção intelectual num limbo frustrante. Formamos todos os anos profissionais cada vez mais ajustados à realidade. Hoje existe nos cursos de Arquitectura, não só unidades curriculares da área mas também Gestão, Economia, Planeamento Urbano, Desenho Urbano, entre outras. Qual a função destas? Não é óbvio? A ideia é dar as competências necessárias ao estudante para ele ter tudo para poder operar individualmente. Na verdade isto é ilusório porque não acontece. O que acontece é que invés do previsto, formamos profissionais com a noção de que é impossível fazer-se Arquitectura conceptual apenas. É necessário a cooperação das várias áreas, já introduzidas nos programas curriculares de forma auto-didacta, mas mais importante e crucial é que o Arquitecto compreenda que é sozinho não consegue concretizar os seus sonhos. Esta ideia de que o Arquitecto consegue fazer tudo é já antiga, e como tal deve-se contribuir para uma renovação da ideia do arquitecto. Como? Penso que isso seria fácil; da mesma forma que ensinamos às crianças, as ciências da terra e da vida, se deve ensinar Arquitectura.



Skhayas Craper, 2014 | Justin Plunkett | 12.06.2015

A presença do Homem na terra começou por ser um milagre e um privilégio que poucos planetas, do nosso sistema solar, se puderam dar à honra de hospedar. Não deixemos este acontecimento que começou por ser uma honra, e até à data único, acabar mal. A valorização do Homem, acabou por ser banalizada nas cidades, e o ‘Super-Homem’ apontou um dos maiores defeitos para o empresário (proprietário de milhares de contratos de trabalho) – super poderes, capazes de accionar sentimentos de conforto e segurança, nos demais, no momento da acção –, que por sua vez termina com a banalização da própria cidade que sofre do contexto que o Homem criou. Se o corpo não sente, a mente não compreenderá. Isto, comprova-se com palavras de Milton Santos, **“A intensificação das relações comerciais, induzindo à orientação da produção para a venda, é ao mesmo tempo um fator de alienação regional e de alienação do homem.** Como já não produz mais para prover às suas

necessidades mais imediatas, num mundo onde a monetarização se generalizou, **o homem se vê condenado a ser uma mercadoria**, um valor de troca no mercado de trabalho. Nos países desenvolvidos, a racionalidade da alienação encontra contrapartida no emprego ou na ajuda financeira aos desempregados. No Terceiro Mundo, essa racionalidade permanece abstrata: o sistema ainda não pôde, aí, inventar uma falsa verdade para camuflar a realidade do não-emprego e da miséria.”<sup>174</sup>



Pavilhão Central 'Ceiling' da Venice Biennale of Architecture | © David Levene | 12.06.2015

Este ano, 2015, hospedou a Bienal de Veneza, cujo curador nomeado foi o Arq. Rem Koolhaas, o aclamado 'Corbu' do nosso século – o XXI. Ele, escolheu para a edição deste ano o tema “Fundamentals”, tendo esta como principal reflexão a crítica do entorpecimento do crescimento, ou pior, das identidades nacionalizantes pela modernidade, através dos elementos integrantes da Arquitectura. Na imagem acima – o pavilhão central “Ceiling” –, destaca-se pela evolução do tecto, onde se constata que de facto houve um retrocesso em questões prazerosas, e um aumento do rendimento económico e técnico – com todas as tubagens e tectos falsos que forram os vazios criados para ocultar todas as necessidades actuais de um edifício.

Quanto à percepção do espaço, são raras as vezes em que o pensamento corrente atinge a ideia do arquitecto e/ou urbanista. Isto é, quando o Arquitecto outrora desenhava grandiosas cúpulas ou simplesmente tímidas, as pessoas pensam e admiravam-nas pelo factor cénico que lhes é atribuído. O Arquitecto inicialmente fê-lo pelo simples facto de que tinha de resolver os nós, no caso das basílicas, entre o transept e a nave principal; aqui surgia ainda uma outra situação – o afastamento das fachadas e o problema da luz insuficiente na zona central da basílica e como tal o Arquitecto eleva essa cúpula dando espaço a entradas de luz na mesma; ainda no mesmo pensamento, existia um outro problema. Sendo um espaço de reunião e peregrinação existia o problema da salubridade do ar, dadas as doenças tipicamente assustadoras e horríficas cujas fachadas previamente anunciavam (em alguns casos). A

---

<sup>174</sup> SANTOS, Milton - “Pensando o Espaço do Homem”. 5ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

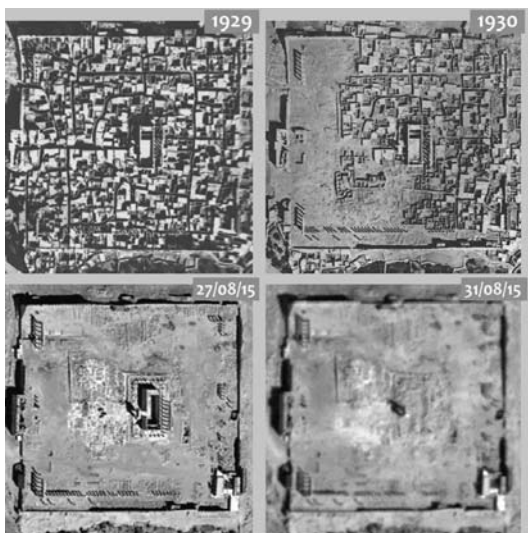
solução? O zimbório, uma simples zona que permitia a circulação de ar vertical dando assim um arejamento contínuo, no espaço da basílica e resolvendo o problema das doenças, em parte.

“Architecture is now a tool of capital, complicit in a purpose antithetical to its social mission.”<sup>175</sup>



Billboard de um Complexo Habitacional em Construção, prometendo as condições retratadas nas imagens. | Autoria Desconhecida | 13.06.2015

Hoje, em pleno século XXI acordamos com o fim(?) de uma guerra no Iraque, e o começo de uma com o Daesh. **Quando os restos de culturas antigas caíram nas mãos de terroristas (Daesh), pedras e património cultural foram também decapitados, tal como as vidas humanas.** As ruínas antigas preservadas no Médio Oriente, não são apenas uma herança síria ou iraquiana, mas um património que está ligado ao mundo inteiro. O nascimento da civilização poderia muito bem estar nesta terra. Se perdemos mais um "Nemrud" e/ou "Palmyra", dentro de poucos anos, grande parte da, senão toda, a história do mundo antigo será apagada, passo a passo, na agenda de apagar a memória das pessoas pela actividade terrorista do Estado Islâmico (ISIS).



“An ancient city is a world, and its destruction is the end of a world. If we rightly bemoan the extinction of plant and animal species, we should also be troubled by the loss of an ancient city, regardless of how far away it may be, for being the loss of a part of the process that shaped humanity.”<sup>176</sup>

Fotografias Aéreas do Santuário de Bel, Palmira | NASA

<sup>175</sup> DE GRAAF, Reinier. (OMA) “Architecture is now a tool of capital, complicit in a purpose antithetical to its social mission.” AR. 2015.

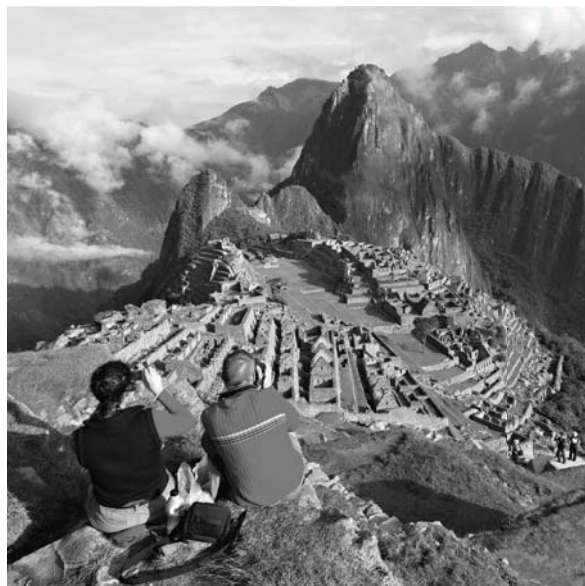
<sup>176</sup> MOSBACH, Martin.

| 14.06.2015



Fotomontagem "Decapitação Cultural" | Humam Alsalim e Rami Bakhos | 14.06.2015

Nesta linha de pensamento, e ainda assim divergente, o cenário da destruição/decomposição tornou-se algo atractivo. Hoje, introduzem-se conceitos novos no mundo do marketing da arquitectura e do clientelismo assegurado pelo turismo, ou outros tipos de fontes de rendimento – o turismo rural, por exemplo. Existe hoje uma situação paralela extremamente curiosa, a ruína vazia e a reabilitada; uma adoptada por turistas mais conservadores que planeiam viagens a Machu Picchu (por exemplo) com o intuito de se sentarem na montanha, e olhar para a paisagem que outrora os habitantes da cidade pré-colombiana olharam; outros pretendem simplesmente visitar/pernoitar diariamente num castelo e/ou casa antiga, como se o património edificado se tratasse de uma paragem de comboio. Na eventualidade do descontentamento, estes, usam plataformas como o 'trip advisor' (ou outras) para fazer comentários depreciativos. Após uma visita ao Castelo de São Jorge (Lisboa), um turista anónimo, espanhol, afirma que “*não vale a pena subir tão alto para depois não ver nada além de pedras*”; ou no caso do Palácio da Pena, uma turista chamada Kim, estadunidense, afirma “*Este é, sem dúvidas, o palácio mais feio e ridículo alguma vez construído por alguém no mundo*”; ainda um outro caso, mas desta vez no caso do Templo Romano de Évora, uma turista chamado Dierregui, belgo, afirma “*Tudo o que resta são umas poucas colunas escurecidas que parecem ter sido feitas de cimento*”. Comentários que facilmente se chamariam de 'depreciativos' relativamente ao passado e à cultura identitária, de certos países, neste caso Portugal. <sup>177</sup>



Turistas anónimos em Machu Picchu. | Autoria Desconhecida | 14.06.2015

---

<sup>177</sup> FILIPE, Pedro Miguel da Silva - “Leia os mais caricatos comentários de turistas que visitaram Portugal”, Conexão Lusófona, 2015

“How important is it—if at all—for architects to consider the ultimate decay of the buildings they design?

After all, it is the new building that realizes best their ideas, hopes, aspirations, and the prospect of its being diminished over time amounts to their diminishment, as well. **Most architects dislike the idea of buildings’ decay and work hard to avoid it by the careful selection of materials, systems, and methods of assembly that will withstand the forces of nature continually attacking them, chiefly those of weather.** Nevertheless, there is a tendency to decay inherent in materials and systems themselves—an entropy—that no amount of care in design or maintenance can overcome. Buildings will inevitably decay, and there is nothing architects or those charged with a building’s upkeep can do about it. So, what is an architect to think or do about it?

The most common thing is to forget about it. Or, to put it in psychological terms, to deny it, much as we put out of our thoughts our own inevitable decay and extinction. We tend to proceed in life as though we will live forever, thereby remaining optimistic enough to believe what we do has some enduring value and meaning. Without this capacity for denial, most would become paralyzed by despair. If architects did not believe their designs had some enduring qualities, it would be difficult to believe in what they do. So, even the designer of temporary architectural installations believes they will endure through various forms of documentation—photos, film, even reconstructions—and thus finds sanctuary in denial.

There is, of course, another, less common and more difficult way, and that is to embrace or at least accept decay from the start.

I personally find the Romantic fascination with ruins problematic. From Capar David Friedrich to Albert Speer (Hitler’s architect and town-planner), the evocative power of ruins has worked to produce powerful emotions, often for ideological—religious and political—purposes, making the motives exploitative, at the least. As a marketing device, nostalgic emotions of loss can sell paintings and politicians and their policies, but do little to advance knowledge.

Still, there is a tougher, more critical edge to the acceptance of the decay of buildings and their inevitable ruin that places architecture in a unique position to inform our understanding of the human condition and enhance its experience. Chiefly, this is to include in design a degree of complexity, even of contradiction embodied in the simultaneous processes of growth and decay in our buildings, that heightens and intensifies our humanity. Thankfully, there is no stagy, contrived method to accomplish this in architecture. Each architect must find their own, unique way.”<sup>178</sup>

Este texto, do Arq. Lebbeus Woods, intitulado ‘Arquitectura Inevitável’ funciona como uma espécie de declaração para uma produção de pensamento crítico sobre o tema da decadência. Anuncia-nos um mundo iludido e em decadência, devido ao abandono das zonas rurais, ao empobrecimento da qualidade de vida nas cidades, e a uma economia estagnada na classe social alta.

Assim, nasce uma nova tendência, sem um nome aparente, que se dedica à preservação da ruína. Um exemplo disto, é o projecto dos “Brandlhuber+Emde, Schneider Arquitectos, que transformaram uma velha fábrica de lingerie, em Krampnitzsee (Berlim), numa casa impressionante. Tendo tido uma abordagem inovadora em todas as áreas, os Arquitectos, tiraram partido da estrutura pré-existente, cobrindo as paredes com betão projetado áspero. A escadaria, sauna, lareira, cozinha e grandes áreas de estar estão localizadas no centro do espaço, permitindo que os habitantes controlem melhor os níveis de calor nos meses mais frios. O projeto de quatro anos incluiu a criação de novos vãos, tendo estes sido abertos de dentro para fora, resultando num efeito bruto, ruidoso, e original a partir do exterior.

---

<sup>178</sup> WOODS, Lebbeus. *Arquitectura Inevitável*.



Antivilla, de Brandlhuber+ Emde, Schneider Arquitectos | © Erica Overmeer | 08.06.2015



Antivilla, de Brandlhuber+ Emde, Schneider Arquitectos | © Erica Overmeer. | 08.06.2015

Conseguimos ainda encontrar este tipo de Arquitectura ao longo do Mundo e cada vez mais. Um outro exemplo, seria talvez o edifício do Mercado Municipal de Braga, do Arq. Eduardo Souto de Moura. O antigo Mercado do Carandá, em Braga, foi desenhado nos anos 80 como mercado convencional, função que veio a revelar-se, incapaz de exercer atractividade suficiente sobre o sector comercial da cidade. «**A ideia era fazer uma rua coberta, um fragmento de cidade capaz de propor uma malha urbana; essa malha aconteceu, aconteceu demais, e o mercado abafou**»,<sup>179</sup> justificou à TV do Minho, o Arq. Eduardo Souto de Moura, que dedicou os seus primeiros esboços a esta obra e, com ela obteve o seu primeiro reconhecimento público. Perante tais constatações, o Município, decidiu reconverter o espaço numa escola de dança contemporânea, e uma escola de música, fazendo-se acompanhar de lojas e de outros aproveitamentos para fins culturais. «**Nas várias visitas que fiz à ruína, constatei que o mercado era usado como ponte, como rua, atravessamento necessário entre**

<sup>179</sup> Brandlhuber + Emde, Schneider Arquitectos. Memória Descritiva do Projecto Antivilla. Archdaily. 2015.

**dois eixos da cidade**»,<sup>180</sup> explica o Arquitecto bracarense, que propôs, a remoção da cobertura original, o desenho de um jardim e a execução de uma rua.

Dividida, em termos espaciais, em três parcelas, a renovação e requalificação deste, ficou visualmente marcada pela demolição da pala da cobertura e a manutenção, em ruína, dos respectivos pilares, decisão que pretendia «**manter o testemunho da pré-existência**»,<sup>181</sup> disse Souto de Moura.

“Because of where and when I grew up, it never occurred to me until later in life that **there are people who don't believe in progress, or who don't view human history as an ever upward moving line in the graph, or who even have time to think about history let alone philosophise on it.**”<sup>182</sup>



Reconversão do Mercado Municipal de Braga |  
Eduardo Souto de Moura | 18.06.2015

Existe, portanto, uma espécie de “*apartheid*” em que separamos em dois blocos, um apoiante de tudo o que é silencioso e branco, outro apoiante do ruído, distorção<sup>183</sup> e diferença “colorida”. Esta é uma guerra liderada por cabeças de destaque, que eventualmente se alteram de tempos em tempos, em que a manutenção das regras ou dos protótipos regularizados pelo tempo e em contraparte a ruptura dessas regras e protótipos em promoção da inovação e alterações metamórficas instaladas, pontualmente e cautelosamente, pela teoria e pensamento crítico do entorno social, cultural, e arquitectónico.

Esta batalha é algo que não vê o fim de terminar, mas que se compreenda o seguinte: ou este “apartheid” é desmantelado e aceite de igual forma pela sociedade no território, ou, o mesmo permanece e com ele a segregação facciosa controlada por quem apenas tem dinheiro, estes que são sempre os primeiros a preencher requisitos de usuários para a condição metamórfica e inovadora.

---

<sup>180</sup> Idem

<sup>181</sup> Idem

<sup>182</sup> COUPLAND, Douglas (2014) “Growing Up Utopian”, in Everywhere is Anywhere in Anything is Everything.

<sup>183</sup> “I think perfection is ugly. Somewhere in the things human make, I want to see scars, failure, disorder, distortion.” - YAMAMOTO, Yohji (?) The [khooll.com](http://khooll.com)

07



## 07\_ ARCH(SALES)MAN: CONTEXTO DO SÉC. XXI



Koolhaas com, o Pres. Tailandês, Ma Ying-jeou e o Mayor Hau Lung-pin. | Autoria Desconhecida | 20.06.2015

"Basically, I'm having difficulties with Awards. There's always a lit bit like a wake and therefore I tried to find a way to show that I'm still alive. And what I'm trying to do is to give a lecture about 4 unrealised ambitions, that I still carry and time will tell that I will occur 60 in these ambitions.

It's probably a good thing for an architect to be born in this city at this moment, because the whole idea of change is radically present and the whole idea of reconstruction is equally present.

It's probably also a good idea for the brands of an architect to take their child to a completely country on the other side of the world. It's probably a good idea to be taken to Indonesia, to a recently independent country with no sympathy for the Dutch and therefore an obligation to go and live like an Indonesian, and have an experience with another religion and other culture. It's also probably a good idea to be in Paris in 68. Not as a revolution but as a journalist. And is also probably a good idea to be an emergent architect at the end of the Cold War. Maybe this is unusual kind of theory, but I think the Cold War was a moment of exceptional mutual intelligence and preoccupation, when 1/2 the World knew more about the other half, than currently is the case. It was probably also interesting to start my career at the fall of the wall and the end of the 80's. My organization of block: the west, the east and the non-aligned, the entire World would turn in a neoliberal paradise. But, the market economy interfered and intervened and a market economy kind of addressed the consequences for architecture. You could be a respectable architect in the late 50's by doing this kind of work (Nonsense Block Constructions). **But to be a real architect in the late part of the 20st century you had to be a salesman, and sell-in on very often difficult conditions your work.** There was no a priori effect I think the market economy made it impossible to be an architect like this person, that I always look with a little bit envy, because these architect is obviously not a very interesting person – He's witnessing the blueprints office design but he as is back to the building, that is being kind of realized, in the full confidence that the building behind him will be the faithful executive for the plans in front of him. And he also knows that is work is serving mankind. **I envy him, because his confidence is now inaccessible to us.**" <sup>184</sup>

<sup>184</sup> KOOLHAAS, Rem. Agenda: 4 Ambitions, in Charles Jencks Award Lecture 2012, RIBA.



Arquitecto anónimo, final do século 20. | Autoria Desconhecida | 20.06.2015

Tal como Koolhaas aborda no seu discurso durante a conferência de aceitação do Charles Jencks Award, em 2012: existiram muitas épocas para se ser um arquitecto sem preocupações e admirado. Nomeadamente no final dos anos 50, ou pós Guerra Fria, pelas razões óbvias. No primeiro caso, atrevo-me a dizer que o 'Sprawl' já se tinha apropriado de uma parte considerável do território periférico das cidades mais populadas e, que isso viria a facilitar a vida a um Arquitecto – com certeza não devia ser uma profissão com a atual fama, ou influência. No segundo momento, torna-se condescendente a razão, mas a realidade é que. A falta de capacidade dos arquitectos contribuírem para a sociedade inteligente que se formou, após as épocas conturbadas da história do planeta abalou grande parte da imagem do Arquitecto como elite. Em suma, a elite da raça Arquitecto foi derrubada pelos próprios arquitectos que começaram a centrar-se no design das edificações invés das prioridades humanas. Esta incapacidade gera-se depois do sprawl, que acabou por aumentar a consciência das pessoas para a qualidade de vida e começou-se a questionar o ordenamento do território. Sendo que a importância do arquitecto acabou por se tornar algo cada vez menos elitista e começou a cair em desuso, tal como referido anteriormente – a queda da raça outrora uma elite. Antes qualquer arquitecto facilmente se tornaria respeitável por praticar arquitectura com blocos, agora o cenário mudou-se e as pessoas exigem mais que simples blocos limpos genéricos, em implantações genéricas. Entretanto, estamos agora a enfrentar uma fase em que a economia atropelou esta situação e que a função do arquitecto está novamente a elevar-se para a crucial tarefa de contenção de custos de obra, bem como controlo das legislações aplicáveis (desconhecidas por muitos). Nós (Arquitectos), neste momento estamos a visualizar um futuro para a arquitectura como algo fabril e barato. Nunca antes se tinham visto projectos de casas amovíveis, e de baixo custo com tanto espólio como agora.

“To make the point, Koolhaas considered architecture through the eyes of the consumer media, specifically Time magazine: no architects have appeared on the cover since the '60s.”<sup>185</sup>

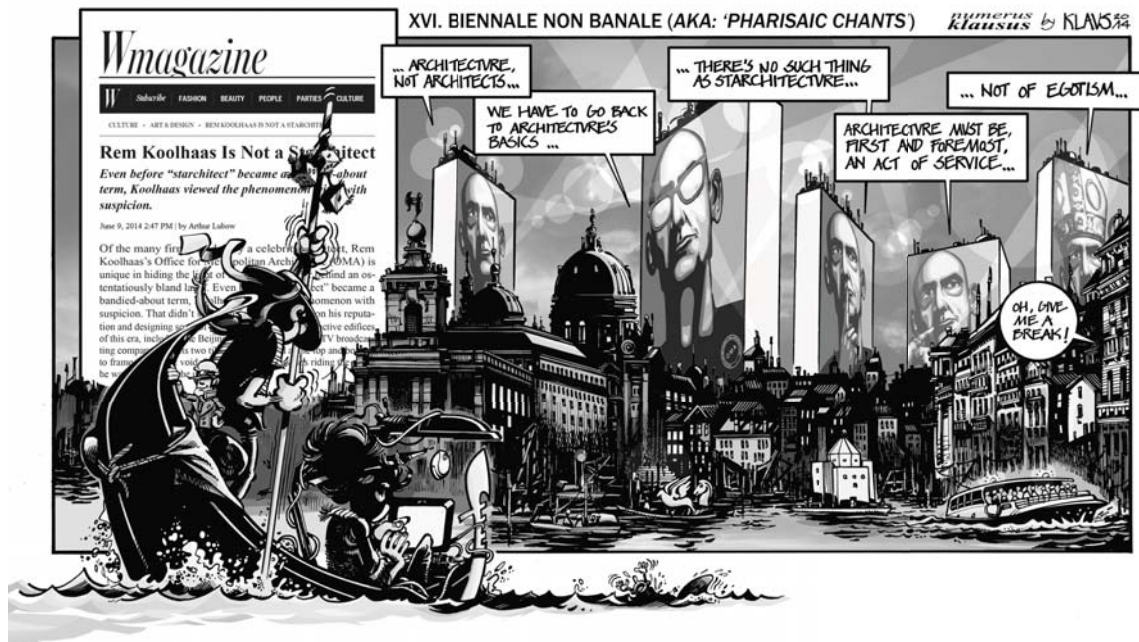


Time Magazine: Crescimento do Mercado Económico e aparecimento de Arquitectos na capa até aos anos 60 | OMA/AMO | 21.06.2015

Penso que é importante que se transmita que a produção arquitectónica de momento é fraca, tal como o Arq. Frank Gehry revelou ao dizer que: “Cerca de 80% da Arquitectura hoje-em-dia é pura merda”; acontece porque os interesses sócio-culturais estão focados na carteira e não na qualidade de vida. Antigamente dava-se rédea larguíssima, e agora nem rédea se pode dizer existir. É verdadeiramente triste que o futuro dos nossos centros históricos estejam entregues às caixas de vidro e betão que vemos contaminar todo o território da cidade. Onde não existia telha passa a haver e, onde outrora existiu qualidade de vida vernácula, hoje existe mediocridade abusiva e intensa.

Numa conversa informal que tive com um amigo, cujo nome não nos interessa, perguntei o que ele pensava do assunto, uma vez que se encontra num estado entorpecido pela ignorância. A resposta que obtive foi e passo a citar: “actualmente a maior parte das pessoas não têm muito dinheiro, e muito menos ‘tempo’ para se preocupar com muitos pormenores. Acabam por querer algo rápido e que lhes desenrasque a situação.” Esta reacção acaba por ser a resultante social das mensagens incansáveis dos Arquitectos como Koolhaas que ainda defendem ideais sócio-políticos, que se compreendem como os mais indicados para a profissão, bem como uma forte presença crítica na requalificação do Arquitecto. Tal situação pode observar-se na imagem em baixo, em que surge uma voz que diz “Oh, Give me a break!”.

<sup>185</sup> in “AN WALKABOUT: FESTIVAL OF IDEAS, UN STUDIO, AND ARMANI.” A|N Blog - Architect's Newspaper. 2015.



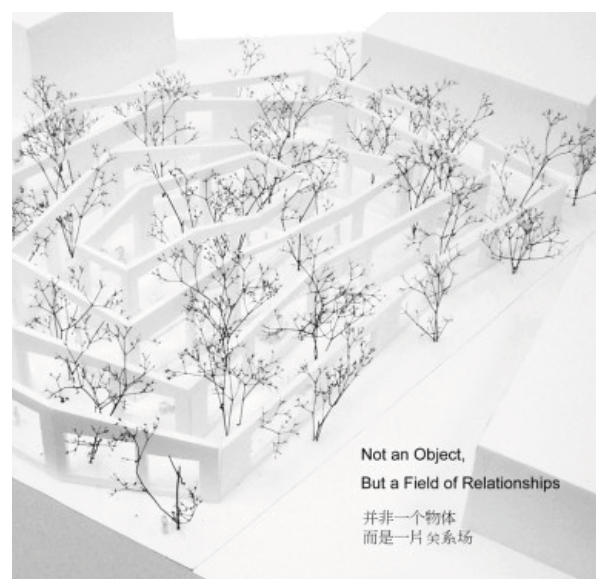
Cartoonn sobre Rem Koolhaas | Wmagazine | 22.06.2015

Esta ilustração demonstra a saturação de declarações – conselhos (?), ou AVISOS de Koolhaas, que dado as suas proporções acabam por ser ironizados por cronistas, que o rotulam como egocêntrico e “self-absorbed” por afastar todos os intervenientes dos discursos críticos durante as entrevistas, tornando o discurso pessoal. Penso que o facto de Koolhaas ser já por muitos considerado o Corbusier do século XXI, acaba por atrair a tenção dos mídia em força, e grande atenção e dedicação; ele acaba por ser tornar o Arquitecto que defende ser o necessário para o futuro da profissão – uma pessoa que use o marketing, a economia, a gestão e a capacidade de Relações Públicas, em prol de uma maior clarificação da profissão – quase uma manipulação contida e inconsciente. O resultado? É um dos arquitectos com mais publicações em revistas e jornais, e um dos mais desejados por qualquer mídia, pela sua habilidade de processar as questões de uma forma lógica e rápida, e produzir respostas sustentadas em factos, bem como de introduzir a tal opinião pessoal, ou declarações como à pouco mencionei. A situação retratada na crónica gráfica acima, é o resultante da nossa cultura capitalista que ameaça banalizar qualquer situação a partir do momento que não rende; mesmo quando os ‘sermões’ dos Arquitectos são benéficos à sociedade, acabam por cair em descredito ou até aborrecimento social por uma questão de desinteresse e falta de incentivos capitalistas – sendo que, monetários ou físicos. O intelecto é uma ameaça a qualquer arquitecto que acabe de se formar. A produção crítica é vista como aborrecida, pois com tanta oferta de matéria da área em revistas, jornais, e sites e/ou páginas – enuncio a Architectural Digest (Revista de Arquitectura e Design), que oferece uma série de artigos sobre temáticas da construção e decoração de habitações ou serviços. Esta, como tantas outras, acabam por ser a ‘Maria’ do nosso Mundo e não revistas de conteúdos críticos. O mercado pede, o Homem proporciona. No caso, de forma intensa, mesmo que com baixa componente critica e reflexiva. Ainda assim, a maiora do Homem do nosso contemporâneo assume saber do que se trata a

Arquitectura, com base neste tipo de divulgações. O resultado assume-se pelo Mundo em que actualmente vivemos.

O típico NAS – Nods and Smiles (Consente e Sorri) –, que os arquitectos têm vindo a desenvolver acaba por ser o que os destrói. Reacções permissivas perante situações claramente recriminatórias, é precisamente o que se evita fazer com as crianças; evita-se fazê-lo porque futuramente isso irá fazer-se sentir na educação da própria criança, relativamente às suas reacções. Não é esta situação um pouco familiar em todos nós – Humanos? Sendo que o que escrevo vá, de facto, ao encontro da realidade, julgo que a postura dos Arquitectos e Urbanistas não podem de modo algum compactuar com esta falta de opinião critica que se tem vindo a incentivar com a crise. Vejamos uma coisa; a crise não passa de uma limitação de recursos. Se pensarmos bem no cenário composto, encontramos alguma razão nas pessoas que ultimamente tem vindo a desenvolver alguns estudos extremamente pertinentes, como é o caso do Arq. Sou Fujimoto, que recentemente teve a sua exposição no CCB – Centro Cultural de Belém, intitulada ‘Futuro Primitivo’ sob a premissa: “**Viver numa casa é semelhante a viver numa árvore.**” Ora se começarmos a pensar neste assunto, o que ultimamente temos observado com grande intensidade e sucesso, são artigos e propostas de projectos de Arquitectura sustentáveis, bioclimáticos, ou outro pois já não compreendo a diferença entre tantos os que têm surgido. A arquitectura enfrenta hoje uma maior preocupação, que os nossos antepassados ignoraram por questões de manipulações dos média e lobbying quanto ao excessivo consumo dos recursos naturais do planeta aclamado de Terra, ou Azul, consoante a perspectiva. Acabou-se por iniciar-se um período de descontrolo quanto à construção e exploração dos recursos naturais. No fim, os lobistas conseguiram o que queriam – salvar os seus interesses pessoais e financeiros. E nós? O território não é mais para o Homem Comum? Pertence-lhe. Penso que a thesis do Arq. Sou Fujimoto faz todo o sentido, e como tal deixo-vos um excerto do texto facultado pelo próprio para o CCB, durante a sua exposição – Futuro Primitivo.

Arquitectura como Floresta, Exposição ‘Futuro Primitivo’, no CCB, Lisboa | Sou Fujimoto | 22.06.2015



«Acredito que a Arquitectura do futuro seja como uma Floresta. Na floresta, das folhas, insectos e sementes até à grande escalada dos troncos das árvores, todo um conjunto de coisas verdadeiramente diversas coexiste e está em relação. **É esta diversidade que me atrai, uma riqueza nascida do espaço, entre a ordem e o caos.** Se uma Arquitectura como Floresta for criada, vai ser um lugar de complexidade, rico em diversidade, muito além daquilo que existe na arquitectura e nas cidades de hoje. E os seus habitantes vão ser uma parte orgânica dessa diversidade. Os projectos aqui expostos são tentativas de criar noções novas de natureza e ambientes feitos pelo homem, como a floresta tridimensional, a floresta geométrica, a floresta urbana, etc.

Alguns destes projectos foram construídos, outros são apenas conceitos, e outros, ainda, estão em desenvolvimento. Variam de pequenas ou, mesmo, microscópicas arquitecturas até edifícios colossais e infra-estruturas urbanas com 700 metros de altura. A Arquitectura como Floresta aqui apresentada é o futuro da Natureza e o futuro da Arquitectura. **A Floresta é a origem e lança luz sobre o futuro da Arquitectura.»** <sup>186</sup>

Num dos possíveis cenários, prevê-se então um retorno às raízes da Arquitectura – a um primitivo moderno, de forma a construir um futuro melhor. Sou Fujimoto relaciona a cidade com uma complexidade da Natureza – dinamismo, fluxo e estrutura; a floresta acaba por ser uma grande cidade dentro do que acaba por ser uma metrópole – o reino animal. Se pensarmos um pouco nesta situação acabamos por compreender que a imensidão do orgânico é algo que ainda hoje é místico ou simplesmente desconhecido, por muitos arquitectos. Penso que deve haver algum tipo de fobia à situação, pois cada vez mais prevejo um distanciamento acentuado, em função da ordem e do previsível – eixos ortogonais, por uma questão de facilidade de projecção. O que me pergunto é se isto não é algo que possamos ter fobia... Acaba por ser irónico este futuro que construímos...

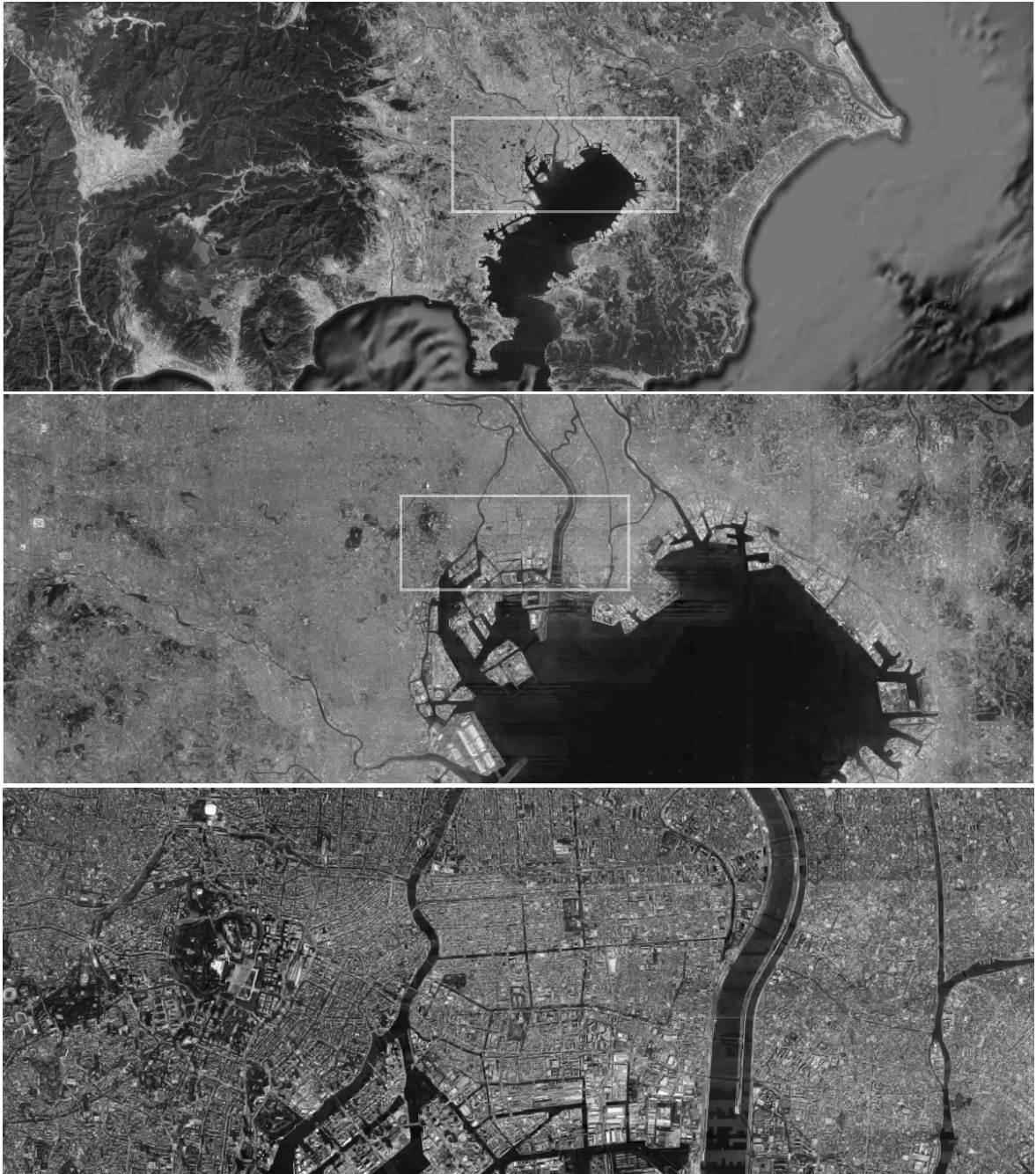
Tem cidades mas não tem casas,  
tem oceanos mas não tem água,  
tem florestas mas não tem árvores,  
tem montanhas mas não tem rochas.  
O que é?

Um Mapa. <sup>187</sup>

---

<sup>186</sup> FUJIMOTO, Sou. Arquitectura como Floresta. Exposição "Primitive Future". CCB.

<sup>187</sup> Autoria Desconhecida.



Ortofotomapa da Cidade de Tóquio, Japão; a 20 km, a 5 km, e a 1 km | Carlos Vasconcelos Matias | 23.06.2015

“Você deve orientar-se...não por livros, ou por endereço, mas caminhando, pela visão, pelo hábito, pela experiência; aqui cada descoberta é intensa e frágil; ela pode ser repetida ou recordada apenas pela memória do rastro que foi deixado por ela em você.”<sup>188</sup>

---

<sup>188</sup> BARTHES, Roland. Empire of signs. New York, Hill and Wang, 1982, p.36.



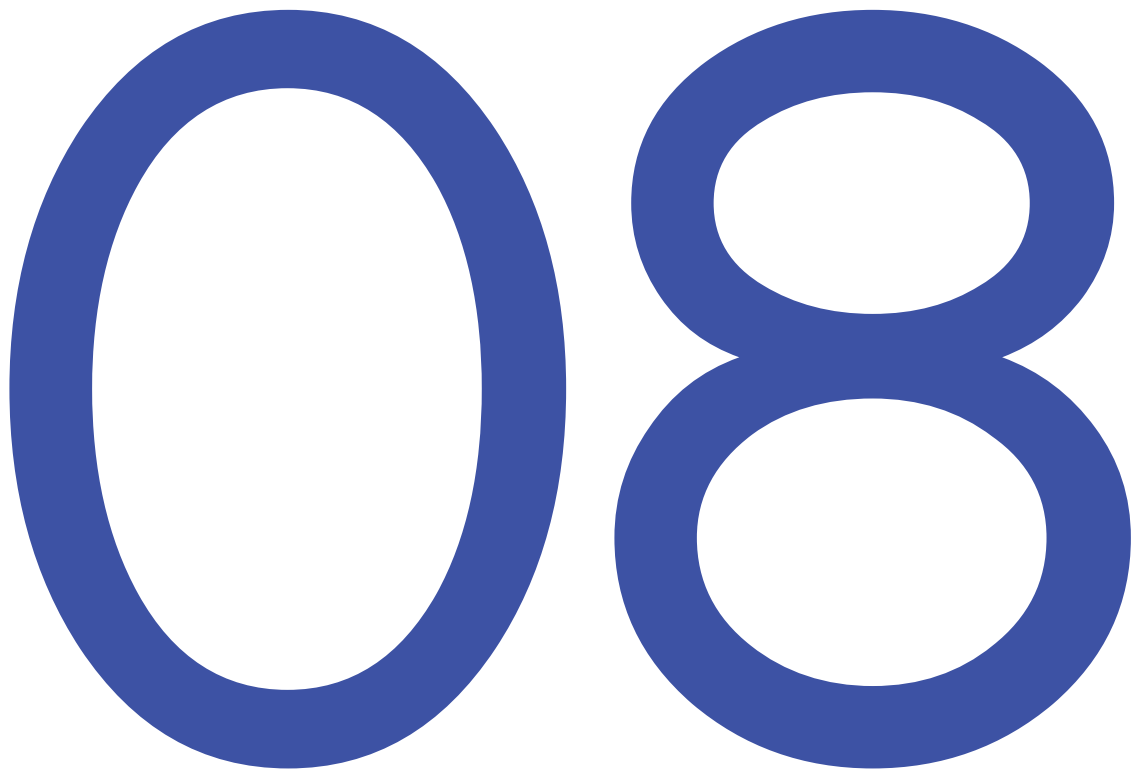
Sliced Porosity Block | Steven Holl Architects | © Hufton + Crow | 23.06.2015

De certa forma, pensa-se interessante introduzir, e assim, finalizar este capítulo, com um manifesto do Arq. Lebbeus Woods.

- **Arquitetura e guerra não são incompatíveis.** Arquitetura é guerra. Guerra é arquitetura.
- **Eu estou em guerra com o meu tempo, com a história, com toda a autoridade que reside em formas fixas e aterrorizadas.**
- Eu sou um dos milhões que não se encaixam, que não tem nome, família, doutrina, lugar para chamar de seu, nenhum começo ou fim conhecido, nenhum “sítio sagrado ou primordial”.
- **Eu declaro guerra** a todos os ícones e finalidades, **a todas as histórias que poderiam me acorrentar a minha própria falsidade**, aos meus próprios temores mesquinhos.
- **Eu conheço apenas momentos, e vidas que são como momentos, e formas que aparecem com força infinita, que logo “se dissolvem no ar”.**
- **Eu sou um Arquitecto, um construtor de mundos, um sensualista que venera a carne e a melodia, uma silhueta contra o crepúsculo.** Eu não posso saber o seu nome. Nem você pode saber o meu.
- **Amanhã, nós começaremos juntos a construção de uma cidade.** <sup>189</sup>

---

<sup>189</sup> FRACALOSSO, Igor. “Espaço livre e a Tirania dos Tipos.” Traduzido do Original - “The End of Architecture?”, Prestel, 1993” -, de Lebbeus Woods.



## 08\_ PRESERVAÇÃO CULTURAL E OS VÁRIOS TIPOS DE ABORDAGEM

"We are surrounded by crismongers who see the city in terms of decline. I kind of automatically embrace the change. Then I try to find ways in which change can be mobilized to strengthen the original identity. It's a weird combination of having faith and having no faith." <sup>190</sup>



Fondazione Prada | OMA | © Bas Princen | 30.06.2015

### 08.1\_ CONTEXTUALIZAÇÃO À PRESERVAÇÃO



Hospital de Butaro | MASS Design Group | © Iwan Baan. | 30.06.2015

Não é simples processar a informação da mudança. Há uma série de razões para as pessoas repudiarem o novo e o real – medo de perder a memória do passado, medo da 'desculturização', medo... E não é o suficiente? Compreende-se como sendo uma resposta

---

<sup>190</sup> KOOLHAAS, Rem. "Why is Rem Koolhaas the worlds most controversial Architect?" Smithsonian Magazine. 2012.

válida e plausível; uma resposta cheia de dúvidas pois tudo o que lhes resta são praças ou edifícios em ruínas no centro histórico, ou no meu caso – as ruas... Pouco se mantém nas cidades de hoje. O peso do passado é um fardo para muitos, e uma mais valia para outros que o forjam, com o intuito de o intensificar para fins turísticos. Sendo um transeunte diário de uma cidade, qualquer um de vós saberá dizer as alterações que ocorrem na paisagem que inconscientemente gravam em cada ‘passeio’. Sendo, assume-se que o medo e a política são a razão plausível para grande parte dos problemas que se encontram abundantemente pelas cidades do mundo moderno.

A história que se segue é da autoria de Marika Shioiri-Clark arquitecta que tira partido do design para dar força à mudança global e para combater a desigualdade. Enquanto frequentava a Universidade de Harvard, co-fundou o MASS Design Group – grupo sem fins lucrativos, e iniciou o projecto do ‘Butaro Hospital em Ruanda’. Neste artigo, que apareceu originalmente em GOOD como "Building a Rwandan Wall", ela explica o processo pelo qual o hospital foi construído e defende reivindicações de que o projeto, liderado por um grupo de arquitetos ocidentais, era, de alguma forma, de natureza colonialista.



Butaro Hospital em Ruanda | MASS Design Group  
| © Iwan Baan | 30.06.2015

“Em uma colina na zona rural de Ruanda está um hospital que um pequeno grupo de colegas de classe e eu projetamos e construímos enquanto estudantes, morando naquele país por alguns meses. O hospital, que se tornou nosso primeiro projeto como ‘MASS Design Group’, foi mundialmente reconhecido e aceito pela comunidade local – vários membros ajudaram a construir com suas próprias mãos (Isto foi um pouco o que aconteceu em Portugal no pós 25 de Abril, com o SAAL).

(...) **Como a maior parte dos edifícios na área, nós usamos rocha vulcânica local** para as paredes. Tendo visto muitas paredes frágeis, sujeitas a erosão, optamos por trazer a esfera do artesanato mais próxima a uma técnica mais sustentável. Após a construção de maquetes de estudos, juntou-se a mão-de-obra local, que deu início à construção de facto das paredes do edifício, fazendo todo o seu entorno. A **técnica local** melhorou muito ao longo da construção e, no final, os pedreiros voluntariamente decidiram derrubar e refazer a primeira parede.”<sup>191</sup>

---

<sup>191</sup> SHIOIRI-CLARK, Marika. "Building a Rwandan Wall". GOOD.



Butaro Hospital em Ruanda | MASS Design Group  
| © Iwan Baan | 30.06.2015

“Depois de compartilhar nossa história em uma conferência recentemente, respondi a várias críticas de participantes preocupados que o uso de uma estética diferente, ocidental, nas paredes desencontrava-se com os métodos construtivos tradicionais. Com a introdução de uma nova técnica, eles alegaram que estaríamos desvalorizando as vozes e cultura locais, substituindo-as por ocidentais, assim como os missionários fizeram usando a religião. Para certificar-se, estou ciente que nenhum edifício e nenhum esforço está imune à crítica, nem deveriam estar. Mas desde então, tenho sido incapaz de levar a cabo um confronto com dois arquitetos que provavelmente nunca trabalharam em Ruanda.

(...) Era estranho ser comparada a uma missionária cristã, especialmente por que sou alguém o mais distante disso: uma mulher meio-japonesa criada agnóstica em Berkley, Califórnia. **Sim, colocando um edifício totalmente não-contextual, construindo em um local como a zona rural de Ruanda sem pensar na comunidade e em sua cultura seria irresponsável. Mas, recriar o que foi encontrado em uma comunidade, mesmo que aquele modelo não sirva para a saúde ou subsistência de sua população, é igualmente irresponsável. Estaremos paralisados no tempo se tivermos medo de usar nossas habilidades de design para ir além do estrito vernáculo.**

(...) **Há um equilíbrio crítico que surge da dedicação** de algum tempo em entender a comunidade, como fizemos ao viver com locais. Aproveitando a nossa compreensão, pudemos então propor novas soluções projectuais. O arquiteto de Ghanaian, Joe Ossae-Addo, fala sobre arquitectura **"Inno-native" - uma combinação de inovação e tradição local**. Na IDEO.org, onde se deu a aula inaugural de bolsistas no ano passado, utilizamos o termo **"human-centered design"** para definir esta metodologia.

Num lugar como Ruanda, não é neo-colonialista trabalhar por projetos de alta qualidade contando que se esteja profunda e verdadeiramente comprometido com a comunidade.

É paternalista acreditar que africanos não desejam inovação ou empregos tanto quanto qualquer outra pessoa no mundo. Na verdade, os pedreiros de Ruanda que trabalharam no hospital usando técnicas modernas, agora são conhecidos por toda região e além. Onze membros da comissão local formaram recentemente a COTCR, a Cooperativa de Técnicos e Construtores de Rwinkwavu, através da qual agora eles são capazes de orientar outros trabalhadores sobre a **construção baseada na comunidade. Novas capacidades técnicas não devem ser degradantes à cultura; elas podem ser uma fonte poderosa de orgulho e subsistência.**

Em seu discurso de abertura para a Clinton Global Initiative (CGI) Annual Meeting 2015 cujo tema foi "Projetando para o Impacto", o ex-presidente norte-americano, **Bill Clinton usou o Hospital de Butaro como inspiração e modelo do poder do design em criar oportunidades.**”

“Claramente, o campo do design de impacto social está a ganhar força. **Mas, neste trabalho, é fundamental ser capaz de distinguir quais os aspectos do design que se enquadram sob a égide da inovação e quais constituem tentativas prejudiciais que dizimam a cultura indígena.** A diferença, na minha opinião, está na responsabilidade do projectista em colocar-se dentro da comunidade que busca causar impacto, a fim de obter a compreensão real dos seus hábitos e necessidades.”<sup>192</sup>



Hospital de Butaro | MASS Design Group | © Iwan Baan | 30.06.2015

É claro que estes são exemplos de projetos utópicos. Um exemplo famoso é o “*Play Pump*”. Inicialmente anunciado como uma tecnologia inovadora para água potável, os trabalhadores arrancaram as bombas de água existentes para substituí-las por novas bombas de potência alta, que eram mais difíceis de serem operadas e requeriam maior esforço do que o bombeamento comum que eles removeram. Em retrospecto, este problema pode parecer óbvio, mas muitas vezes os arquitectos pulam as etapas de obtenção de dados locais sobre a comunidade, assumindo as respostas.

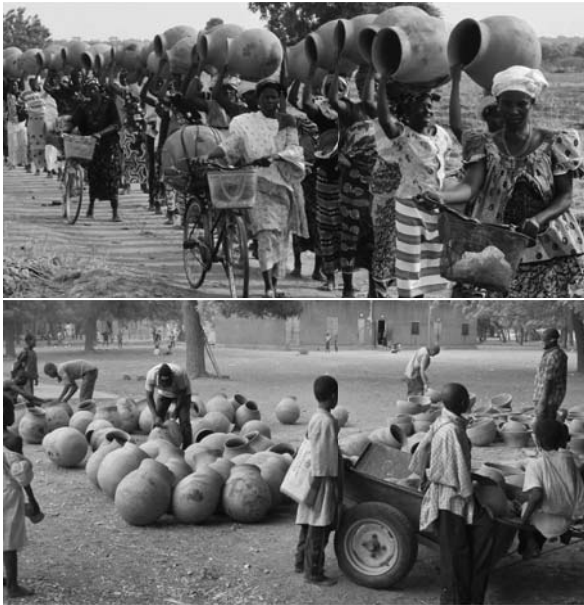
O projecto tem a capacidade crucial de encobrir o passado existente para evidenciar novas soluções. É um novo campo altamente criativo, e também confuso. Mas nós não fazemos nenhum favor a nós próprios ao admitir que africanos são tradicionalistas ingênuos. Isto, afasta-nos deles e não nos permite fazer nosso trabalho propriamente: o qual decorre de uma compreensão e respeito mútuos.

**A África pode parecer a anos luz de distância da nossa realidade quotidiana, mas lembremo-nos que todos nós procuramos a mesma coisa para as nossas vidas: espaços para trabalhar, morar e descansar com dignidade.**

Tal como este exemplo poderia-se perfeitamente enunciar o trabalho de Diébédo Francis Kéré, que sabia exatamente o que queria fazer quando obteve o seu diploma em arquitectura, pela Technische Universität em Berlim, Alemanha. Queria voltar para a sua aldeia, Gando, em Burquina Faso, para ajudar os seus vizinhos a tirarem proveito da sua formação. Na entusiasmaste e inspiradora palestra para o TED, Kéré exhibe algumas das belas estruturas que ele ajudou a construir na sua pequena aldeia, incluindo uma escola primária que ganhou um prémio, **feita totalmente de argila por toda a comunidade**, tal como no caso anterior.

---

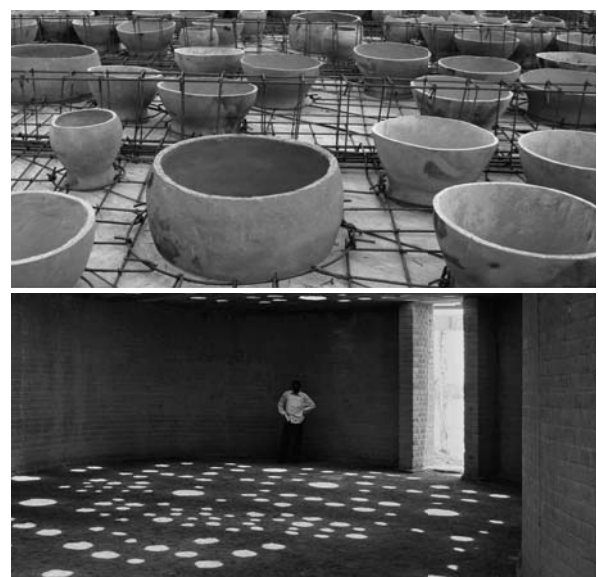
<sup>192</sup> SHIOIRI-CLARK, Marika. "Building a Rwandan Wall". GOOD.



“I use design to improve education and create sustainable buldings for my people.”<sup>193</sup>

Habitantes de Gando, Burkina Faso. | Autoria Desconhecida | 01.07.2015

Com os materiais e objectos mais abundantes disponíveis no local, Kéré assume a sua cultura vernácula e com o conhecimento empírico do seu povo, projectou todos os edifícios mais recentes em Gando. Nas imagens acima, pode observar-se várias pessoas das periferias de Gando, que se juntaram aos trabalhadores da obra da Biblioteca da Escola, e contribuíram com vários potes que eles próprios moldam. Mantendo-se com a mesma paleta de materiais, como os edifícios circundantes, as paredes da biblioteca são construídas com blocos de terra comprimidos feitos com argila local. A geometria da biblioteca é formalmente diferente dos outros, por causa da sua forma elíptica orgânica reminescente do invólucro vernáculo tradicional na região. A intenção do espaço é para engrenar métodos de ensino tradicionais tribais entre idosos e crianças com o ambiente de aprendizagem mais padronizado das escolas.



Biblioteca da Escola de Gando, Burkina Faso (Em Construção). | Autoria Desconhecida | 01.07.2015

<sup>193</sup> KÉRE, Diébédo Francis. 2015.

Aliando a sua cultura à tecnologia que aprendeu a manipular em Berlim, conseguiu fazer o seu papel de arquitecto na perfeição. Acima de tudo, o seu valor deve-se à sua humildade de compreender o seu ambiente, que na verdade lhe era familiar, que só veio reforçar a aliança entre a arquitectura moderna e vernácula. Aqui pode-se observar uma preservação cultural patente e enraizada já no ambiente, mas que privava de fundos ou conhecimento científico para se actualizar.

Penso que este colmatar final se consegue transmitir a verdadeira direcção que a Arquitectura deve tomar – praticar o essencial, para depois se preocupar com o resto. Atenção que quando digo isto, pretendo focar-me nas zonas não metropolitanas ou citadinas. As zonas metropolitanas ou citadinas, apresentam-se de uma outra forma, divergente à anterior apresentada.

“You can learn from the past  
but you can’t continue to be in the past;  
history is not a substitute for imagination.”<sup>194</sup>

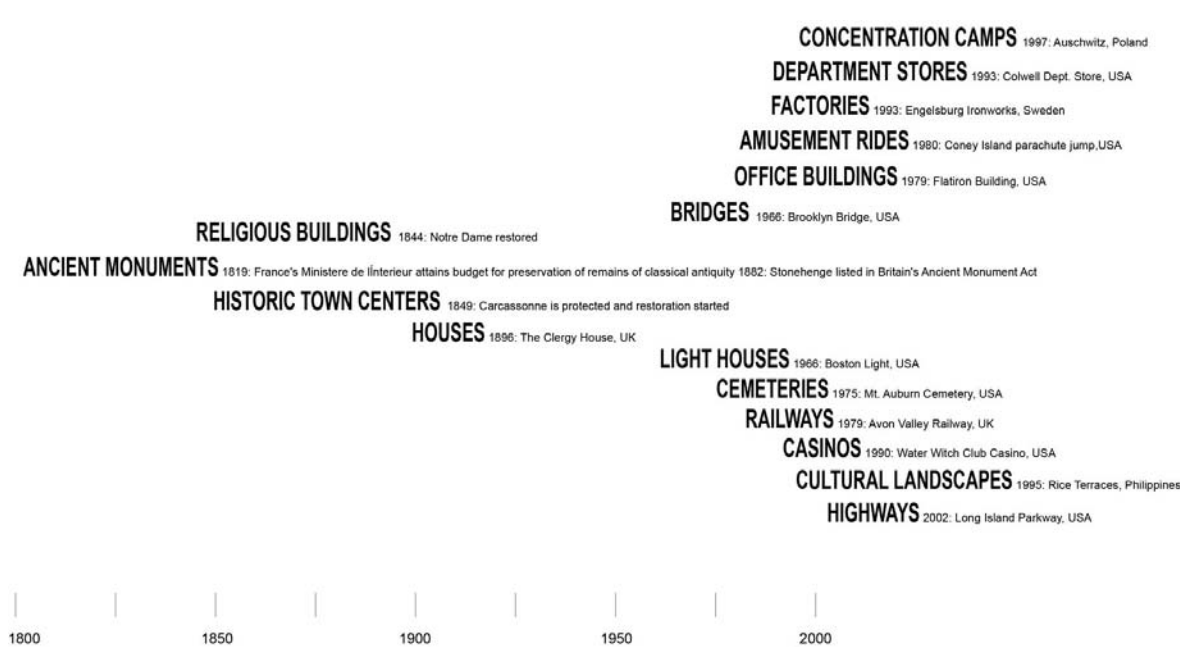
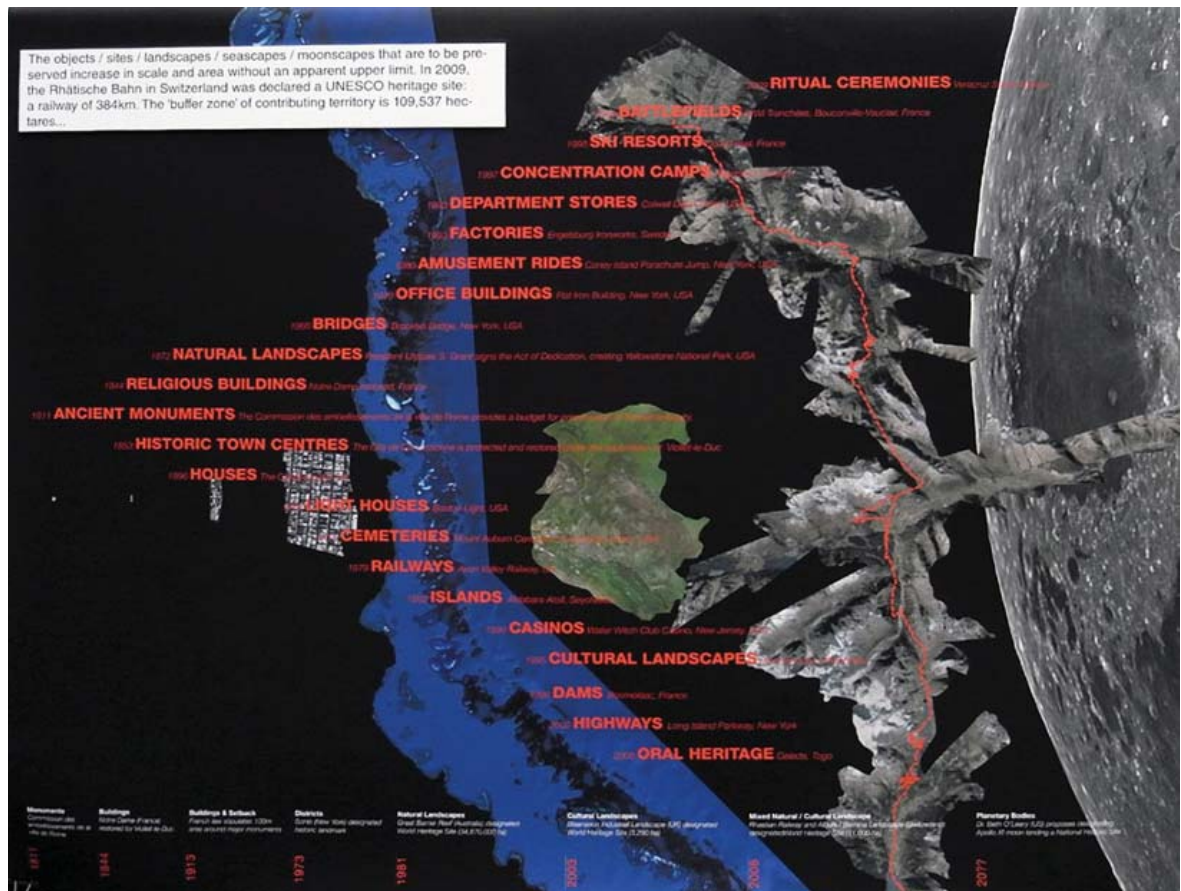
A abordagem para com a cultura citadina, deve ser diferente, uma vez que não estaremos perante uma cultura vernácula, mas sim uma cultura já mestiça e extremamente mais evoluída tecnologicamente. Assim, as exigências e até permissões alteram-se completamente face ao caso anterior. Há uma grande problemática que envolve a preservação das edificações que segundo a Monditalia a Europa apenas se encontra preservada a 21%. Isto, tem vindo a contrariar-se com as estratégias de classificação da UNESCO, desde 2009.<sup>195</sup>

Existem outras preocupações que só se poderão solucionar após um estudo ao estilo de vida local, de modo a identificar quais as deficiências que se podem solucionar. Como tal apresentar-se-á uma tese acerca das várias técnicas da preservação cultural, identificadas por este autor, sendo elas: a parasita, a camuflagem, a penetração/inclusão, a desconfiguração, a forjar, e a interpretação.

---

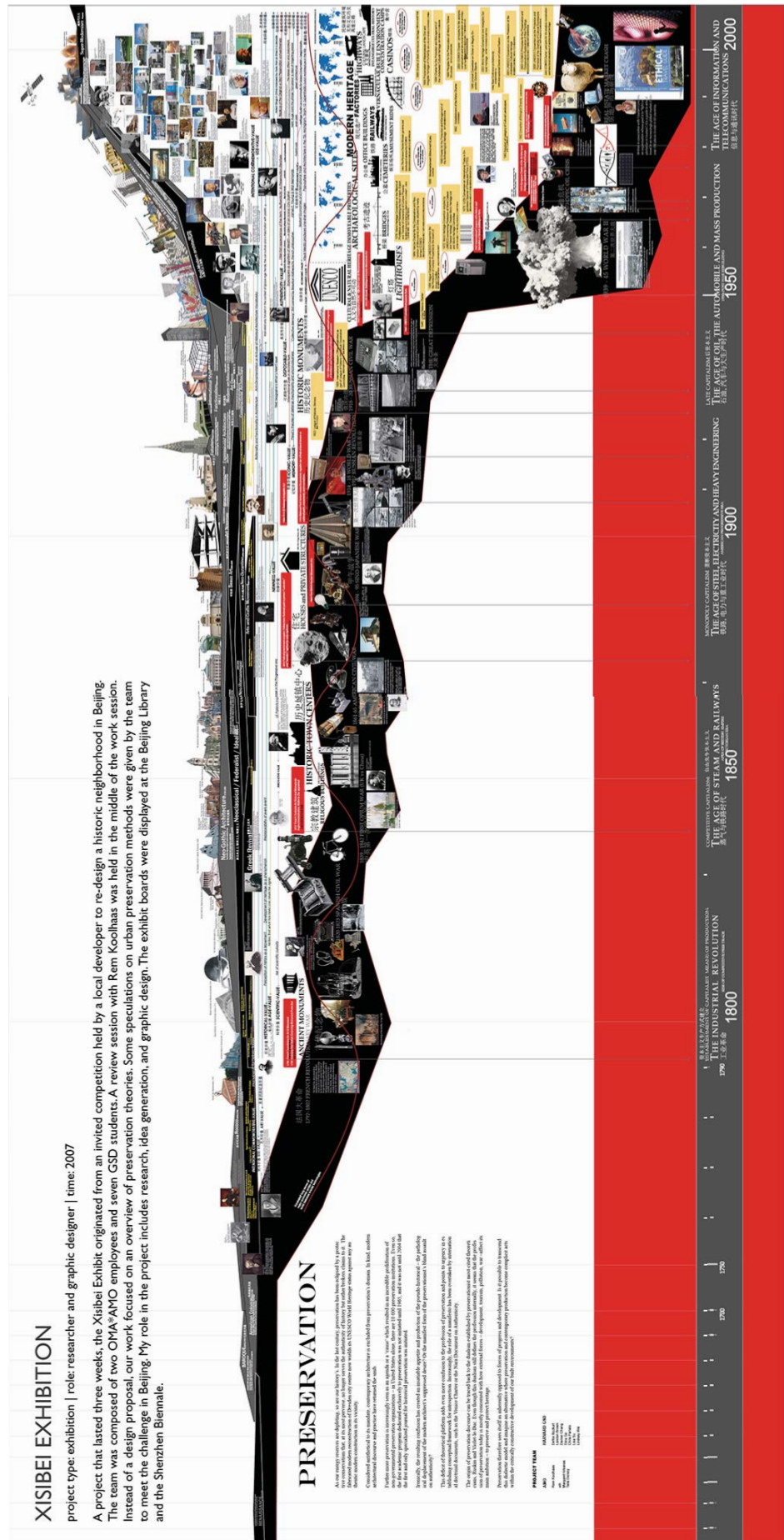
<sup>194</sup> GEHRY, Frank (2009) “Frank Gehry: The Houses.”, Mildred Friedman, Sylvia Lavin. Rizzoli.

<sup>195</sup> Ver gráfico na página seguinte.



Fotomontagem e Gráfico da Exposição CRONOCAOS | AMO/OMA | 01.07.2015

Gráfico da História da Preservação<sup>196</sup> - Exposição Xisibei (2007) | OMA / AMO | 08.07.2015



<sup>196</sup> Consultar gráfico nos Anexos, em versão ampliada.

## 08.2\_ PARASITA



pa • ra • si • ta

1. Que come ou vive à custa alheia.
2. Viver à custa de outrem. = EXPLORAR
3. [Figurado] Inútil, supérfluo.
3. [Botânica] Diz-se das plantas que **nascem e se desenvolvem sobre outras** plantas.
4. [Zoologia] Diz-se do animal que, interior (entozoário) ou exteriormente (epizoário), vive à custa da substância de outro. <sup>197</sup>

Hotel Porto Bay Liberdade, Rua Rosa Araújo,  
Lisboa | Arq. Frederico Valsassina | 09.07.2015

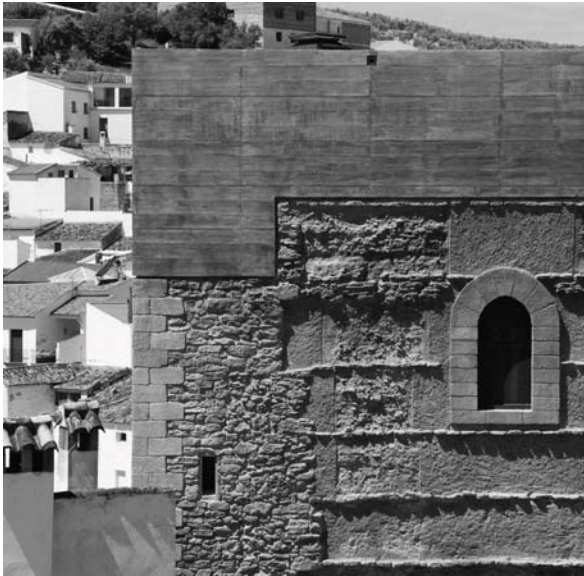
Praticar este tipo de Arquitectura nem sempre é fácil. A solução acaba sempre por corromper o aspecto formal do edifício, ou composição anterior, contudo acaba por obter a sua justificação nas mudanças culturais e temporais. Como é óbvio não se pode praticar o mesmo tipo de arquitectura numa época que entretanto se viu lisonjeada com tecnologia capaz de fazer construções maravilhosas – em menos tempo, com menos gastos, e com menos esforço técnico. A praticabilidade é uma palavra que muito resume assertivamente a mentalidade do século XXI. Nós já estamos tão mecanizados para fazer a nossa função e papel na sociedade que sabemos quando devemos ser mais infantis/jovens e quando essa fase se resume apenas a uma altura do dia, e eventualmente com o seu tempo, se extingue. Somos robôs da nossa própria criação, mas não de tecnologia, por ela. Uma espécie de IA – Inteligência Artificial, apesar de que humanos. Identificamos este tipo de reacção em massa nas nossas universidades, em que é facultado aos estudantes um ensino baseado na reprodução automatizada de conteúdos científicos instantâneos, onde o lugar da discussão crítica perdeu a sua força e a aceitação das palavras do professor ganharam o efeito ilusório de verdade/certeza absoluta.

Ser um Arquitecto que essencialmente faz Arq. Parasita, pode parecer redutivo e até um sacrilégio, contudo deveria pensar-se que a maioria dos edifícios nas grandes cidades (e até nas pequenas) são antigos e estão em devoluto ou abandonados. Em todas as cidades existe aquele edifício antigo, mas magnífico, que nunca vimos abrir as suas portas, ou acender as suas luzes. Uma pena. Um sentimento de revolta surge, ainda assim, quando o infeliz(?) do Arquitecto escolhe não reabilitá-lo da forma mais convencional que seria reconstruí-lo exactamente como era, mas sim adapta-o as necessidades da sua época temporal e transporta-o para o futuro. Enfim, concede-lhe vida.

---

<sup>197</sup> in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Consultado em 2015.

Como outros exemplos apresentam-se os seguintes: Teatro Éden em Lisboa (Frederico Valssassina), Palacete do Relógio (Alexandre Marques Pereira), Novo Mercado de Milão (Studio Fuksas), Casa E/C (Sami Arquitectos), Restauração da Torre 'Setenil de la Bodegas' (Fernando Visedo Manzanares) e Filarmónica de Elbe (Herzog & de Meuron).



Torre 'Setenil de la Bodegas' | Fernando Visedo Manzanares | 03.11.2015

Elbe Philharmonic Hall | Herzog & de Meuron | 03.11.2015



## 08.3\_ CAMUFLAGEM

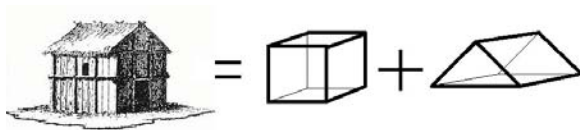
ca • mu • fla • gem

1. Acto ou efeito de camuflar ou de se camuflar.
2. Arte de **dissimular** material de guerra ou tropas de observação inimiga.
3. **Disfarce**.
4. **Dissimulação**; fingimento. <sup>198</sup>



Museu Neues - "Ilha Museu" de Berlin | David Chipperfield | 10.07.2015

Em contrapartida da técnica anterior, esta é vista com muito melhor crítica pelas pessoas pela sua capacidade fabulosa de não deixar cicatrizes mentais à população. Como é sabido, o cérebro humano não processa as coisas da mesma forma: as formas, por exemplo são processadas de forma parcial por cada ser humano. Alguns possuem uma maior capacidade ao que se pode dar o nome 'liberal' e como tal aceitam mais facilmente formas fora do comum: cubo, cilindro, pirâmide e esfera. Mesmo dentro do grupo maior que processa as formas simples e puras como sendo as certas, por serem as mais racionais e lógicas, por vezes podem não aceitar as formas menos comuns em edifícios: como a esfera e a pirâmide.



Decomposição volumétrica de uma cabana simples | Autor Desconhecido | 10.07.2015

E isto comprova-se com o testemunho de Celeste Carneiro, professora e psicóloga no Instituto Junguiano da Bahia e Arteterapeuta Junguiana e Transpessoal na Instituto Junguiano da Bahia, **a grande maioria das pessoas foi acostumada a pensar e agir de acordo com o paradigma cartesiano, baseado no raciocínio lógico, linear, sequencial, deixando de lado as suas emoções, a intuição, a criatividade, a capacidade de ousar soluções diferentes.** António Damásio, respeitado e premiado neurologista português, radicado nos Estados Unidos e com muitos

<sup>198</sup> in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Consultado em 2015.

trabalhos publicados, no seu livro “O erro de Descartes”, afirma que “o ponto de partida da ciência e da filosofia deve ser anti-cartesiano: **“existo (e sinto), logo penso”**. A visão do homem como um todo, é a chave para o desenvolvimento integral do ser. Utilizando mais o hemisfério esquerdo, considerado racional, deixamos de usufruir dos benefícios contidos no hemisfério direito, como a imaginação criativa, a serenidade, visão global, capacidade de síntese e facilidade de memorizar, entre outros.

Como outros exemplos apresentam-se os seguintes: Convento das Bernardas (Eduardo Souto Moura), Câmara Municipal de Castelo Branco (?), Terraços de Bragança, em Lisboa (Siza Vieira), Bairro do Chiado, em Lisboa (Siza Vieira), Passeio das Cardosas, no Porto (FAA Arquitectos), Praça D. Diogo de Menezes, em Cascais (Miguel Arruda) e Casa em Moledo (Eduardo Souto de Moura).

## 08.4\_ PENETRAÇÃO

pe • ne • trar

1. Entrar em, transpor, passar para dentro.
2. [Figurado] Chegar ao **íntimo** de, tocar profundamente.
3. Repassar.
4. Chegar a perceber, **compreender**, descobrir, descortinar.
5. Entrar, introduzir-se.
6. Chegar (ao interior).
7. [Figurado] Insinuar-se, comover, **chegar à alma**.
8. Entender, perceber, tomar conhecimento.
9. Convencer-se, compenetrar-se. <sup>199</sup>

Fundação Prada em Milão | Arq. Rem Koolhaas (OMA) | 11.07.2015



Relativamente quanto a este tipo e/ou abordagem, a coisa complica-se – estamos portanto perante um híbrido entre o tipo parasita e o camuflagem. Esta solução é sempre vista com um olhar mais misterioso, e observador por parte das pessoas e normalmente costuma ser bem aceite pela sua capacidade híbrida de compreender o passado e aceitar o futuro – uma fusão.

“Architecture in the past 20 years has been focused far too much on the expression of individual architects. The new Fondazione is not a preservation project and not new architecture. **It is about respect for what was here.**” <sup>200</sup>

<sup>199</sup> in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Consultado em 2015.

<sup>200</sup> KOOLHAAS, Rem. Koolhaas Talks Prada for Metropolis 2015.

Rem Koolhaas, arquitecto responsável pelo projecto da Fundação Prada, em Milão, afirma desde a grande abertura que o complexo fabril foi uma renovação e não uma reconstrução. Afirmou numa outra entrevista já apresentada nesta dissertação, que quando não há nada de errado com um edifício não faz sentido construir outro. Neste caso Koolhaas foi extremamente criticado pelos média por não ter conseguido produzir um efeito, que ele próprio abomina – o efeito “TCHANAM”, ou de surpresa e brilho. A verdade é que o edifício em si, possui muito pouco interesse e isso é o que perturba muito os críticos de arquitectura pelo mundo. A realidade patente no discurso de Koolhaas, é que não faria sentido destruir um complexo de insuficiência qualitativa, quando se pode melhorar este mesmo complexo e fazer com que a sua qualidade se eleve. Sendo que uma das suas abordagens foi pintar uma das torres pré-existentes de dourado para marcar uma posição de destaque interior, e uma outra torre capaz de suplantar as necessidades exigidas pelos clientes que exigiram altura.

Isto lembra uma passagem do aclamado livro de ficção do autor Dan Brown, o Código de Da Vinci, onde eleva o complexo do Museu do Louvre, com principal enfoque na praça de entrada:

“A nova entrada do Louvre de Paris tornara-se quase tão famosa como o próprio museu. A controversa e neomoderna pirâmide de vidro concebida pelo arquitecto americano de origem chinesa I. M. Pei continuava a atrair o escárnio dos tradicionalistas, na opinião dos quais destruíra a dignidade da praça renascentista. **Goethe descrevera a arquitectura como música petrificada, e os detractores de Pei descreviam a sua pirâmide como unhas a raspar numa ardósia.** Os admiradores progressistas, em contrapartida, exaltavam a construção de vidro transparente com vinte e um metros e sessenta e cinco centímetros de altura como uma espectacular sinergia de estrutura antiga e método moderno – **um elo simbólico entre o antigo e o novo** – que abria ao Louvre a porta do próximo milénio.”<sup>201</sup>

Como outros exemplos apresentam-se os seguintes: Fábrica de Resina e o Novo Museu de Arte Contemporânea, em Marinha Grande (Cremascoli Okumura Rodrigues Arquitecto), Museu Louvre, em Paris (I.M. Pei), Cidadela de Cascais (Gonçalo Byrne), e Museu de Arte Contemporânea de São Miguel, nos Açores (João Mendes Ribeiro, Francisco Vieira de Campos e Cristina Guedes).

---

<sup>201</sup> BROWN, Dan. 'O Código Da Vinci'.

## 08.5\_ DESCONFIGURAÇÃO/DESCONSTRUÇÃO

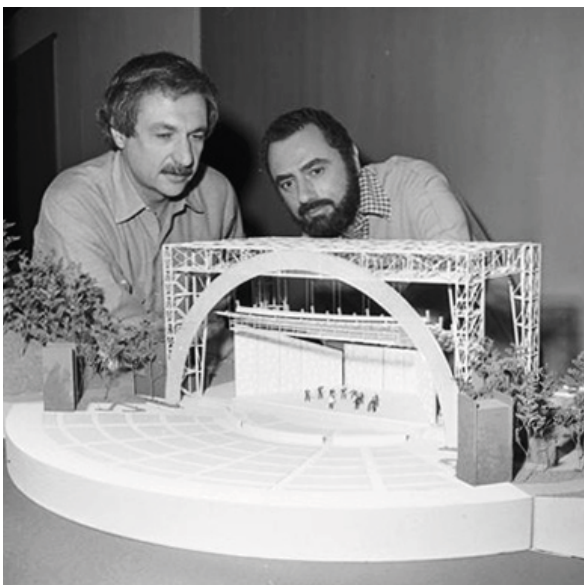


Museu Guggenheim Bilbao | Arq. Frank O. Gehry | Autoria Desconhecida | 11.07.2015

des • con • fi • gu • rar

Alterar ou alterar-se a configuração de um programa ou sistema informático ou de um equipamento. <sup>202</sup>

Esta, pode ser talvez a técnica mais arriscada e menos aceite pelas pessoas, em geral. A desconfiguração de um espaço e/ou edifício(s) é banalmente associada à demolição, ou destruição, contudo isso não é verdade. Esta desconfiguração surge após o modernismo, como movimento contrário resultando no pós-modernismo, que foi apoiado por quatro grandes arquitectos: **Charles Moore**, **Robert Venturi**, **Denise Scott Brown**, e **Michael Graves**. Este último, é um notável devido ao seu Edifício Portland, de 1982, cujo o critico Charles Jencks chamou: "o primeiro maior monumento do pós-modernismo".<sup>203</sup> Este foi o movimento que rompeu com as regras do modernismo e devolveu a liberdade à arquitectura.



Frank Gehry e Peter Wexler, 1976. | Autoria Desconhecida | 11.07.2015

<sup>202</sup> in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Consultado em 2015.

<sup>203</sup> JENCKS, Charles. "The Language of Post-Modern Architecture". 1984.

Gehry surge na história, com a sua prática em alguns projectos em 1962, Los Angeles. Foi o autor do Pavilhão Concord, e um dos herdeiros encarregues do Hollywood Bowl, de Frank Lloyd Wright, em que Gehry projecta uma nova cobertura em concha. Tendo começado o seu percurso na desconfiguração/desconstrução uns anos mais tarde, aquando a construção da sua casa pessoal em Santa Mónica, Califórnia, de 1978 a 1991. Anos mais tarde, após a construção do que viria uma dos projectos mais conhecidos do mundo – o Museu Guggenheim de Bilbao –, deparou-se com a charneira da sua carreira. Hoje, é um marco de extrema importância para a cidade de Bilbao (Espanha), bem como o mesmo acontece em Los Angeles (Califórnia, EUA), com o Walt Disney Concert Hall – um primo afastado do edifício em Bilbao.



Walt Disney Concert Hall | Arq. Frank O. Gehry | Autoria Desconhecida | 11.07.2015

É importante realçar que o Gehry era um Arquitecto conhecido pelos seus edifícios a cru, e portanto low-budget – com materiais baratos, e com um aspecto inacabado. O Museu Guggenheim de Bilbao foi o seu primeiro edifício de proporções XXL. Ali, ele resolve optar por uma solução ousada, e com ela alcançou o seu título, nada desejado, de “starchitect”. Pelas palavras de Paul Goldberger **“Bilbao was one of those rare moments when critics, academics, and the general public were all completely united.”**<sup>204</sup> E, segundo o artigo “Architecture in the Age of Gehry” da autoria de Matt Tyrnauer, para a Vanity Fair (2010), o Arquitecto Philip Johnson – padrinho da Arquitectura moderna –, viajou para Espanha, em Fevereiro de 1998, para ver o recém acabado Museu de Bilbao. Terá permanecido de pé no átrio da grande estrutura, revestida de titânio com seu Arquitecto, Frank O. Gehry, enquanto as câmeras de televisão de Charlie Rose o capturavam a gesticular na direcção do torço dos pilares, sensualmente curvos, que suportam o teto de vidro e aço, dizendo, **“A Arquitectura não é sobre palavras. É sobre lágrimas.”**<sup>205</sup> Com soluços pesados, ele acrescentou: “Tenho a mesma sensação na Catedral de Chartres.” Bilbao teria acabado de abrir suas portas, mas P. Johnson, o principal apóstolo das duas formas dominantes de arquitetura do século XX –Modernismo e Pós-modernismo –, e árbitro supremo dos estabelecimentos do design, estava preparado para anunciar no local. Ele, P. Johnson, ungiu F. Gehry como **“o melhor Arquitecto que temos hoje”** e mais tarde declarou que a estrutura era **“o melhor edifício do nosso tempo.”**<sup>206</sup>

---

<sup>204</sup> GOLDBERGER, Paul. “Architecture in the Age of Gehry.” Vanity Fair. 2010.

<sup>205</sup> JOHNSON, Philip. Conversa com Frank Gehry, no dia da Inauguração do Museu Guggenheim de Bilbao. 1998.

<sup>206</sup> TYRNAUER, Matt. “Architecture in the Age of Gehry.” Vanity Fair. 2010.



“What is the most important piece of architecture built since 1980? Vanity Fair’s survey of 52 experts, including 11 Pritzker Prize winners, has provided a clear answer: **Frank Gehry’s Guggenheim Museum in Bilbao** (28+4 votes). But parsing the votes, which also anointed Renzo Piano’s Menil Collection, Peter Zumthor’s Thermal Baths, and Sir Norman Foster’s HSBC Building, among other significant structures, Matt Tyrnauer examines the complex legacy of Modernism and the impact of its greatest renegade.” <sup>207</sup>

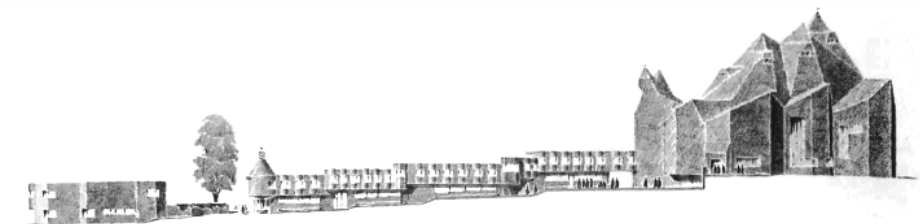
Museu Guggenheim de Bilbao | Arq. Frank O. Gehry | 11.07.2015

Pode-se então afirmar que a desconfiguração parte de um processo crítico intuitivo, ou não, capaz de manifestar novas preocupações e até atracções. Segundo o Arquitecto Renzo Piano, “a Arquitectura de Frank é na verdade uma explosão. É sobre energia; é sobre alegria. **É movimento congelado.**” Isto pode comprovar-se também pelas palavras com que, Gehry, descreve a referência para a aparência de um dos seus edifícios, “One particular image of an Edwardian woman captured my imagination. **The movement of the dress as she promenaded along the seafront provided the inspiration for the historical references...**”

Como outros exemplos apresentam-se os seguintes: Cidade da Cultura da Galiza (Peter Eisenman), Museu de Ontario (Daniel Libeskind), Catedral de Maria (Gottfried Böhm), Centro de Biologia – Universidade de Frankfurt (Peter Eisenman), Casa Gehry, em Santa Mónica, Califórnia (Frank Gehry), Competição “The Peak”, em Hong Kong (Zaha Hadid), Parc de la Villette, em Paris (Bernard Tschumi), Museu Judeu, em Berlim (Daniel Libeskind), Terraço Falkestrasse, em Viena; Arranha-céus de Hamburgo; Edifício de Apartamentos, em Viena (Coop Himmelb(l)au + Wolf D. Prix + Helmut Swiczinsky) e Fórum Sintra (ARX Portugal).



Catedral dos Peregrinos de Maria | Gottfried Böhm | 11.07.2015



<sup>207</sup> TYRNAUER, Matt. “Architecture in the Age of Gehry.” Vanity Fair. 2010.

## 08.6\_ FORJA



for · jar

1. Trabalhar ou fazer (alguma coisa) na forja.
2. [Figurado] **Inventar**, maquinar. <sup>208</sup>

Convento de Santa Maria do Bouro | Arq. Eduardo Souto de Moura + Arq. Humberto Vieira | Autoria Desconhecida | 12.07.2015

Naturalmente este é um conceito um tanto perigoso, como se deve entender pelo nome – **forjar** –, este, carrega com ele uma conotação negativa quando associada a ruínas históricas, não tanto quando se fala de uma mera casa em terreno não classificado.

Há-que entender que a invenção é uma das funções principais da Arquitectura, sem ela não poderia existir e perdurar no tempo. O tempo depende da adaptação e invenção, para que se consiga compreender as mudanças nas linhas temporais do passado. Associado a esta ideia, surge a reconstrução – uma técnica que se vê hoje, século XXI, uma das mais compreensíveis e tentadoras. Todos os Arquitectos sonham em trabalhar com uma ruína. É algo que soa sempre a tentação. O importante é perceber o como, sendo que neste caso estaria-se a falar da reconstrução no sentido de inventar o que já não existe e apenas deixou vestígios. No caso da obra de Eduardo Souto de Moura, considera-se que concentra-se essencialmente, nesta sua fase de carreira, nas reconstruções e com isso surge a do antigo convento de Santa Maria do Bouro – onde o Arquitecto basicamente manipulou a ruína à sua vontade e reposicionou pedras sob as mesmas premissas. Talvez uma situação semelhante, possa ser encontrada no seu projecto do antigo Sanatório das Penhas da Saúde, da CP, na Serra da Estrela, onde o Arquitecto destrói o edifício na sua totalidade no interior, deixando apenas o que se pode chamar de ‘casca’ – as fachadas exteriores –, tendo reconstruído uma planta como uma ‘mimese’, fazendo apenas algumas alterações exteriores/interiores necessárias à readaptação.

Um outro exemplo polémico, foi o Paço dos Duques, que beneficiou de obras de reconstrução entre 1937 e 1959. Estas obras de beneficiação foram pautadas por vicissitudes várias, devido sobretudo à sua conturbada história, à escassa documentação existente e ao contexto histórico particular em que esta recuperação se desenrolou.

As obras de reconstrução do Paço dos Duques de Bragança efectuadas pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), com projeto da autoria de Rogério de

---

<sup>208</sup> in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Consultado em 2015.

Azevedo, tiveram por base uma atenta observação comparativa de paços senhoriais franceses e, ao que se crê, catalães. O Arquitecto Rogério de Azevedo em colaboração com Arquitecto Baltazar Castro, é o responsável pela intencionalidade artística e historiográfica da intervenção, tendo sido o seu trabalho uma referência onde, os arquitectos que se seguiram na direcção da obra, se inspiraram.<sup>209</sup>

A intenção de restauro foi desde logo criticada. Primeiro por Marques da Silva, no Jornal Notícias de Guimarães, de 6 de maio de 1934, onde escreveu que "**completar o que se não conhece, inventando, é atentar contra a arte, contra a verdade histórica**", (conservação das ruínas) "**tão interessantes como sugestivas, impregnadas de toda a ação do passado e que mais ferem a nossa sensibilidade é o que se faz nos países cultos do mundo. Desnaturá-las para ficarem muito compostas e completas, fazendo-se novo onde nada existia ou existia diferentemente é um crime. E sem dúvida, para se conseguir a adaptação do Paço dos Duques, ter-se-ia de construir mais de novo do que existe de antigo**"<sup>210</sup>; postumamente por Alfredo Pimenta, no Correio da Manhã, de 1942, onde escreveu que "**A reconstituição dos Paços dos Duques é mero problema de desafiar a crítica. A qualquer solução que se lhe dê, em face da penúria absoluta de documentos é puramente conjectural: não sairemos nunca do mundo das «reconstituições integrais»**".<sup>211</sup>

Como outros exemplos apresentam-se os seguintes: Parthenon em Nashville, EUA (William Bell Dinsmoor + Russell E. Hart), Museu Neues - "Ilha Museu" de Berlin (David Chipperfield), Palácio Quinhentista e respectiva muralha de Castelo Branco (DGEMN), entre outros.



Paço dos Duques de Bragança, fotografias anterior e posterior à intervenção na década de 40 | Rogério de Azevedo + Baltazar Castro/DGEMN | 12.07.2015

<sup>209</sup> Consultado no site [pduques.culturanoorte.pt](http://pduques.culturanoorte.pt)

<sup>210</sup> MARQUES DA SILVA, José (1934) Em comentário, no decorrer das obras do Paço dos Duques, no Jornal Notícias de Guimarães.

<sup>211</sup> PIMENTA, Alfredo (1942) Em comentário, no decorrer das obras do Paço dos Duques, no Correio da Manhã.

## 08.7\_ PAGUROIDEA



ermitão

1. O mesmo que eremita.
2. Pessoa que cuida de ermida.
3. [Zoologia] Crustáceo decápode de abdómen mole, que, para se proteger, vive em conchas abandonadas. <sup>212</sup>

Casa/Estudio | Arq. Ricardo Bofill | 13.07.2015

Recorte de uma Ilustração sobre a transformação hipotética do “pagurus fabricius”, 1775 para o “lithodes latreille”, 1806. Numa tentativa de tentar explicar a assimetria dos caranguejos–ermitas, Perez (1934) usou uma figura fictícia a segurar um pacote, enquanto descia uma escadaria de uma casca de caracol. A pessoa ir-se-ia sentir mais confortável a carregar o pacote na mão esquerda porque existe mais espaço vazio nesse lado. A implicação foi que as cascas destes animais ficaram assimétricas com o tempo, tendendo para ser destras, fazendo também com que os crustáceos da família paguroidea acabassem por se adaptar, favorecendo o lado esquerdo. | 13.07.2015



Um dos fenómenos que marcou a arquitectura da transição do século XX para o XXI foi uma ofegante competição, entre arquitectos, para produzir o melhor ângulo, a melhor curva – atraente, sedutora e inovadora –, o sistema de repetição e diferença, graficamente mais eloquente, vulgarmente conhecido como módulos. Curiosamente, ou talvez nem por isso, nada disso é *trendy* nos dias de hoje. Porém, face a derrota da prática política – do ponto de vista ético –, face à crise económica que daí viria a resultar, tanto que o presságio realizou-se, e face também à necessidade de reformas do mercado por substituir as aparências por outras – como se a resolução do problema pudesse passar por aí, imagine-se; mudou-se o conforto e com ele novas necessidades surgiram, ainda que não é por o conforto ser diferente em cada

<sup>212</sup> in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (Consultado em 2015).

década que o problema se resolve apenas por responder ao mesmo –, surge no panorama arquitectónico internacional o recorrente fenómeno, uma penalização que a arquitectura e a comunidade internacional tem de pagar de tempos em tempos: procura-se a redenção da arquitectura através da compreensão da sua praticabilidade como área social e, portanto, assegurar melhorias no estado social.

A oposição entre estas duas realidades, em arquitectura, não são muito interessantes: por um lado, reside a ideia do âmbito disciplinar conservador, em que, a arquitectura apresenta-se como uma escultura do espaço – uma ideia de artisticidade insolitamente alheia a fenómenos como o deste tema (em discussão), para clarificar dá-se como exemplo, os *readymade* que o artista Marcel Duchamp produziu; por outro lado, está uma desistência em arquitectura enquanto arte: uma arquitectura radicalizada pela moral. Trata-se portanto da oposição entre um devaneio ocular e uma abnegação missionária/humanitária. Ou, ainda, entre estética e ética, onde na última se encontra a moral.

“Quer isto dizer que a aparência dos edifícios deixa de ter qualquer significado? Julgo que não. Pelo contrário. Há uma diferença assinalável entre a construção literal como puro expediente (**constrói-se assim porque não se considera a questão da linguagem**) e a construção literal proposta por alguém que **opta deliberadamente por ela como linguagem**. Desde que a possibilidade de uma linguagem literal passou a fazer parte do corpo teórico da arquitectura (designadamente na obra de Hannes Meyer), ela passou a ser uma linguagem por direito próprio. Não há arquitectura de autor sem linguagem. A literalidade é, inclusive, mais do que meramente «mais uma» linguagem: é um *statement* sobre a linguagem. **É uma linguagem (uma determinada lógica formal inerente à aparência das construções) contra a linguagem (contra a centralidade que pode ser atribuída a essa lógica formal como factor qualitativo da arquitectura).**”<sup>213</sup>

Num sentido inverso, a ideia que define ‘aquilo que a obra é’ caracteriza-se pela sua natureza sintética, e portanto, o que exclui quaisquer formalismo que ultrapasse o estritamente necessário à ideia pura e crua.

A arquitectura é uma área muito distante da arte, mas a “enunciabilidade”<sup>214</sup> – o desinvestimento naquilo que as coisas parecem, a favor daquilo que as coisas são – cumpre um propósito semelhante em ambas. A ausência do *entertainment* visual desvia o entendimento do projecto para outro lugar, para um baseado na desilusão ou insatisfação. Numa situação de limite, o desapontamento que projectos deste tipo podem causar conduz frequentemente à pergunta “Isto é arte?” ou “Isto é arquitectura?” – conduz portanto a uma análise cirúrgica para compreender a essência, as entranhas do objecto em observação. Portanto, longe das variações formais em torno de um modelo reconhecível de arte ou de arquitectura, trata-se de projectos cujo alcance é a especulação sobre aquilo que pode ser considerado arte ou arquitectura, é um objecto de auto-reflexão.

**O que diferencia a arquitectura da arte é o facto de ela ter o dever, e portanto limitação, e a oportunidade de criar obras que ajudam a suportar o quotidiano.** A arquitectura é feita para que com ela aconteça algo, e não para que seja ela o acontecimento – uma abnegação.

---

<sup>213</sup> CAPELA, José (2015) “Arquitectura pela arquitectura (Lacaton et Vassal: mode d’emploi).” Revista Punkto.

<sup>214</sup> Conceito que José Capela descreve no seu artigo “Arquitectura pela arquitectura”, para a Revista Punkto.

Esta abnegação, é motivo, parece, de estudo dos arquitectos Anne Lacaton & Jean-Philippe Vassal. Ao mesmo tempo que parecem recuperar os 100 anos de atraso da artisticidade da arquitectura, criam obras que são radicalmente arquitectónicas – espaços abertos a que quem os habita lhes invente o uso e a ocupação. Um pouco, talvez, se poderia dizer do projecto dos Aires Mateus no mercado da ribeira, no Cais Sodré (Lisboa), em que resolveram libertar o espaço e preservar a estrutura existente, para que no futuro se possa adaptar melhor às mudanças programáticas. É esta abnegação que talvez caracterize melhor o que é este tipo de preservação que se pretende salientar.

Como outros exemplos apresentam-se os seguintes: Lx Factory (Autor Desconhecido), Antivilla (Brandlhuber+Emde, Schneider Arquitectos), Palais de Tokyo, Paris (Lacaton&Vassal), Das Gelbe Haus Flims (Rudolf Olgiati) MUDE (Ricardo Carvalho + Joana Vilhena), Extensão do Parlamento Holandês, Den Haag, Netherlands, 1978 (Rem Koolhaas/OMA), Milstein Hall (Rem Koolhaas/OMA), St. Ann's Warehouse, Brooklyn waterfront (Marvel Architects), Edifício 'Economia', Praga, República Checa (Ricardo Bofill), Mercado da Ribeira (Aires Mateus), Espaço de Arte Contemporânea no Antigo Convento de Madre de Deus, Sevilha, Espanha (sol 89), Vivenda Niop, Champoton, México (AS arquitectura + R79), Lofts em Berlin Mitte, Berlim, Alemanha (plajer & franz studio) e Superfície Comercial 'Kaufhaus des Westens' (KaDeWe) (Ippolito Pestellini Laparelli + Rem Koolhaas/OMA).

“A desvalorização «conceptualista» do objecto (um programa estético) e a valorização do uso (um programa ético) são uma e a mesma coisa. Arquitectura.” <sup>215</sup>

## 08.8\_ INTERPRETAÇÃO



in · ter · pre · ta · ção

1. Sentido em que se toma o que se ouve ou o que se lê, e que se julga ser o verdadeiro.
2. Explicação.
3. Desempenho (do papel pelo actor).
4. Comentário, **versão**. <sup>216</sup>

in · ter · pre · tar

1. Fazer a interpretação de.
2. Tomar (**alguma coisa**) em determinado sentido.
3. Explicar (a si próprio ou a outrem).
4. Desempenhar um papel ou executar uma obra musical. <sup>217</sup>

Casa do Chá da Boa Nova | Arq. Álvaro Siza Vieira  
| 14.07.2015

<sup>215</sup> CAPELA, José (2015) “Arquitectura pela arquitectura (Lacaton et Vassal: mode d’emploi).” Revista Puncto.

<sup>216</sup> in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

<sup>217</sup> Idem.

De certa forma pode-se dizer que esta é a técnica mais apreciada pelos Arquitectos projectistas – Arquitectura intuitiva. Há um certo prazer pretensioso, que parte pelo ‘Génio’ e através da ‘Natureza’ para criar algo novo. Um processo capaz de suplantar uma série de problemáticas sem a pressão de cânones ou de pré-concepções aborrecidas, ou com aparente inconveniência.

Relembro a obra de P. Zumthor e de Siza Vieira, que tanto abordam esta temática – intuição e interpretação. No livro de P. Zumthor, “Pensar a Arquitectura”, escreve um texto intitulado “Uma Intuição das coisas”, em 1988, onde realça a importância da interpretação poética dos espaços, através da memória – um processo assumidamente seu. Relembra o passado, associado às memórias com que crescemos, e remetendo para uma ideia de leitura crítica do espaço compositivo no mundo.

#### Uma intuição das coisas | 1988

##### À procura da arquitectura perdida

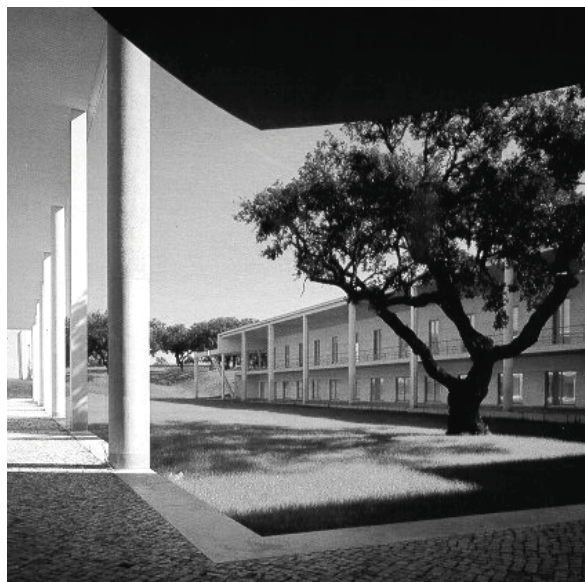
“Quando penso na arquitectura, ocorrem-me imagens. Muitas destas imagens estão relacionadas com a minha formação e com o meu trabalho como arquitecto. Contêm o conhecimento profissional da arquitectura que pude ganhar no decorrer do tempo. Outras imagens têm a ver com a minha infância. Lembro-me desse tempo em que vivia a arquitectura sem pensar nisso. (...) As memórias deste tipo contêm as vivências arquitectónicas que conheço. Constituem a base de ambientes e imagens arquitectónicas que tento explorar no meu trabalho. (...)”

##### Paisagens completas

“A presença de certas obras provoca em mim algo misterioso. Parecem simplesmente estar lá. Uma pessoa não lhes dá nenhuma atenção especial. E, no entanto, é quase impossível imaginar o lugar sem elas. Estas obras parecem estar firmemente ancorados ao chão. Funcionam como parte integrante do seu espaço envolvente e parecem dizer: “eu sou tal como tu me vês e daqui faço parte.” Conseguir projectar edifícios que, no decorrer do tempo, se unem desta forma natural com a figura e história do lugar desperta a minha paixão. Cada nova obra intervém numa certa situação histórica. Para a qualidade desta intervenção é crucial que se consiga equipar o novo com características que entrem numa relação de tenção significativa com o existente. Para o novo poder encontrar o seu lugar, precisa primeiro de nos estimular para ver o existente de uma nova maneira. Lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago já não é o mesmo.”<sup>218</sup>

---

<sup>218</sup> Zumthor, Peter (2005) Pensar a Arquitectura, Ed. Gustavo Gili, Barcelona.



Escola Superior de Educação | Arq. Siza Vieira | 14.07.2015

Este processo, sendo o mais usado pelos Arquitectos, é também o mais explorado, e como tal associa-se a um processo faseado – a observação, a experimentação, e as conclusões.

Na primeira vez em que Bergson, um filósofo francês, desenvolve a sua ideia sobre a intuição como método, o que ocorre em “Introdução à Metafísica”, ele fá-lo opondo-a à análise, ao método científico analítico. **Para o filósofo francês há: “duas maneiras profundamente diferentes de conhecer uma coisa. A primeira implica que rodeemos a coisa; a segunda, que entremos nela. A primeira depende do ponto de vista em que nos colocamos e dos símbolos pelos quais nos exprimimos. A segunda não se prende a nenhum ponto de vista e não se apoia em nenhum símbolo.”** <sup>219</sup>

À primeira forma de conhecimento, Bergson chamará análise, e à segunda, **intuição**. A cada uma caberá, portanto, um tipo de conhecimento da realidade: científico ou metafísico. Duas ciências que têm métodos bastante diferentes e que têm por objetivo o conhecimento, de um lado, da matéria, de outro, da duração.

**A intuição, para Bergson, é a coincidência com o objeto estudado, o simpatizar-se com as coisas, é o abster-se por um momento da separação entre sujeito e objeto para apreender o que é o objeto, nele mesmo, sem intervenção da linguagem, dos conceitos ou dos símbolos, imergindo, assim, na duração real.** Com efeito, a definição geral do método intuitivo dada por Léon Husson em seu livro “L’intellectualisme de Bergson”, o qual pretende explicar a génese e o desenvolvimento do conceito de intuição no pensamento bergsoniano, é a seguinte: **“O método [...] consiste essencialmente em um esforço do espírito para ultrapassar os conceitos todos, a fim de se pôr em presença da realidade que eles exprimem.”** <sup>220</sup>

---

<sup>219</sup> BERGSON. “Introdução à Metafísica.” p.133.

<sup>220</sup> HUSSON, Léon. “L’intellectualisme de Bergson.” 1947, p. 13.

O método intuitivo bergsoniano é, essencialmente interior, no sentido de se voltar primeiramente para dentro, em direção ao espírito, pois, como já foi dito, a intuição “**é a visão direta do espírito pelo espírito**”<sup>221</sup>

Assim, compreende-se, para este autor, que o processo desta técnica associada à interpretação, seja semelhante à indução de Bergson.

Como outros exemplos apresentam-se os seguintes: Piscinas das Marés (Siza Vieira), Assembleia Nacional do Bangladesh (Louis I. Kahn), Arranha-céus ‘Beekman’ (Frank O. Gehry), Memorial para os Judeus Assassinados na Europa (Peter Eisenman), Louvre de Abu Dhabi (Jean Nouvel), Termas de Valls (Peter Zumthor), Escola Superior de Educação de Setúbal (Siza Vieira), Fundação Nadir Afonso, Chaves (Siza Vieira), e Atelier Bardill em Scharans, Suíça (Valerio Olgiati).

“A Arquitectura deve ser uma expressão do nosso tempo e não um plágio das culturas do passado.”<sup>222</sup>



Centro Sócio-Cultural de Costa Nova (Aveiro) | ARX Portugal | Fotografia de Rui de Carvalho Vieira | 20.01.2016



Atelier Bardill em Scharans (Suíça) | Valerio Olgiati | 20.01.2016

<sup>221</sup> BERGSON. “O Pensamento e o Movente.” p. 234.

<sup>222</sup> LE CORBUSIER

09



## 09\_ ARQUITECTURA DE ANSIEDADE: TRANSGRESSÃO; CENÁRIO TURÍSTICO



Fotografia de David Oliveira | 20.07.2015

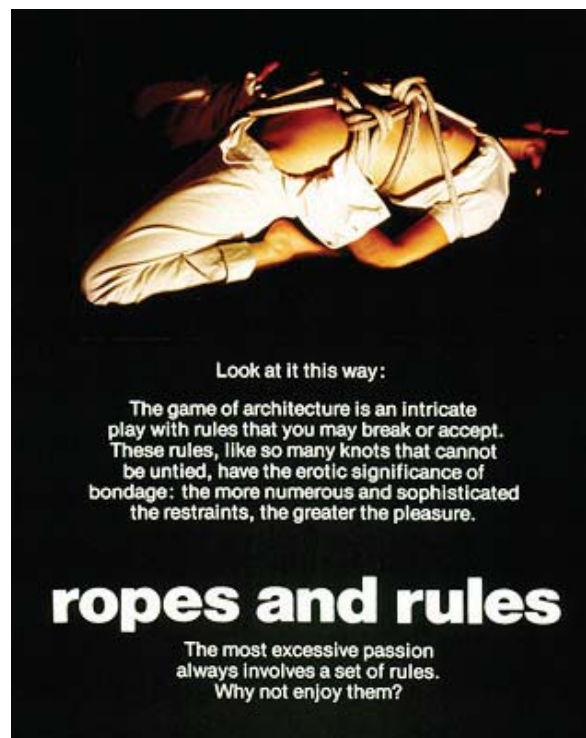
Como é claro, os Arquitectos possuem na sua natureza uma tendência de querer planejar algo que os transcende – um legado. Esta realidade reflecte-se extremamente bem nas novas cidades do séc. XXI, em que tudo é planeado de raiz como Masdar, do Arq. Norman Foster. A realidade é que a Arquitectura correcta, e escreve-se correcta pois a precisão é necessária nesta profissão e os arquitectos devem possuir capacidades técnicas, humildes, e históricas;<sup>223</sup> a arquitectura deve ser algo pontual – acupunctura arquitectónica, deve encontrar a sua natureza entre o ambiente local – sempre regional.

Bernard Tschumi, escreveu acerca de transgressão pela primeira vez num ensaio intitulado ‘Architecture and Transgression’ em 1976. Publicado no “Oppositions”, um jornal de Arquitectura, que tinha como principal tema teoria da Arquitectura, o ensaio foi uma tentativa de provocar arquitectos e teóricos a explorar mais do que as regras da Arquitectura, e em vez disso confrontarem-se onde essas regras são transgredidas. O ensaio explora a relação do conceito (um produto desmaterializado pela mente) de experiência (um entendimento sensual produzido pelo corpo) na arquitectura. Tschumi argumenta que a coalescência destes elementos dentro dos projectos arquitectónicos implica um paradoxo, devido à “impossibilidade do questionamento simultâneo da natureza do espaço e, ao mesmo tempo, produzir ou experiência um espaço real”.<sup>224</sup> Ele propõe ainda, contudo, que estes elementos paradoxais no entanto coexistem dentro dos projectos de Arquitectura; estas oposições paradoxais são negadas, portanto a Arquitectura é inerentemente transgressora.

---

<sup>223</sup> VITRÚVIO POLIÃO, Marcos. “*De Architectura Libri Decem*”

<sup>224</sup> TSCHUMI, Bernard. “Architecture and Transgression.” *Oppositions Journal*. 1976.



Anúncio do livro "Advertisements for Architecture" (1976-1977) | Bernard Tschumi | 20.07.2015

Transgressão, é uma palavra muito ambígua, sendo proveniente da literatura, filosofia, e claro da religião, e de uma grande parte da nossa sociedade – nós (natureza humana). Mas qual a importância desta, para a arquitectura, ou qual a sua conotação? Aqui, encontra-se uma grande discussão crítica capaz de descoser alguns tabus e até pré-concepções da matéria. A arquitectura em si, possui uma longa história, esta de cerca de 3/4000 anos, dependendo dos critérios de contagem. E neste período, ela começou a apoderar-se de uma série de ideias, e uma série de pré-concepções que toda a gente toma como garantido. Chamar-se-lhe ia um dicionário de ideias – um clichê. Mas quando se questiona clichês/ideias. é necessário perceber onde é que estes não se enquadram. Na Vila Savoye, de Le Corbusier, estava sob ameaça de demolição. E muitos alunos de arquitectura, hoje grandes arquitectos reconhecidos, foram contra essa tentativa, um deles B. Tschumi. Talvez a Arquitectura não seja apenas sobre perfeição, mas seja na verdade sobre o que são as sensações; como interage com os nossos sentimentos e indivíduos. Na altura, o edifício estava completamente vandalizado e em num estado já de degradação considerável. Após a vitória dos tais alunos, a casa foi completamente reconstruída, faltando-lhe os adornos típicos humanos – a roupa; a casa ficou despida de ostentações. Mas a razão pela qual se introduz aqui esta peça, é porque a Arquitectura não é absoluta, é sempre relativa. Não há Arquitectura sem algo aconteça nela.

A Arquitectura é recheada na sua natureza, hoje, de restringimento; e neste, existem regras, e regulamentação acerca de 'tecnicidades' aborrecidas necessárias. Ainda que o aborrecimento surja, o Arquitecto deve saber brincar e manipular estes, de modo a que se tornem prazerosas, caso contrário a Arquitectura seria miserável. Esta, é um jogo onde os arquitectos simplesmente tomam partido das desvantagens, e tornam-nas vantagens. Nas palavras de B. Tschumi "é um jogo de xadrez com um inimigo invisível, mas este são essas regras e regulamentação".

“Architecture is not about form. Architecture is the form of knowledge with other people – mathematicians, philosophers, and even the everyday person on the streets.”<sup>225</sup>

Desta forma, os anúncios são uma forma extremamente eficaz de conseguir com que a Arquitectura alcance o factor mediático. Vários foram os textos teóricos iniciais, de Tschumi foram ilustrados para o “Advertisements for Architecture” (1976–1977) uma série de justaposições de postais com palavras e imagens. Cada um era um manifesto para ‘massas’, confrontando a dissociação entre o imediatismo da experiência espacial e a definição analítica de conceitos teóricos. A função dos ‘Advertisements’ (anúncios) – reproduzidos simultaneamente, em oposição à peça arquitectónica singular – era para accionar o desejo por algo além da própria página. Quando removido do seu habitual ‘recheio(?) promocional’, os anúncios são a própria layout final da revista, mesmo se usados ironicamente. Uma vez que há anúncios para “produtos” arquitectónicos, a lógica do “Advertisements for Architecture” pergunta: Por que não propagandas para a produção (e reprodução) da arquitetura?

“The function of the Advertisements—reproduced again and again, as opposed to the single architectural piece—was to trigger desire for something beyond the page itself. When removed from their customary endorsement of commodity values, advertisements are the ultimate magazine form, even if used ironically.”<sup>226</sup>

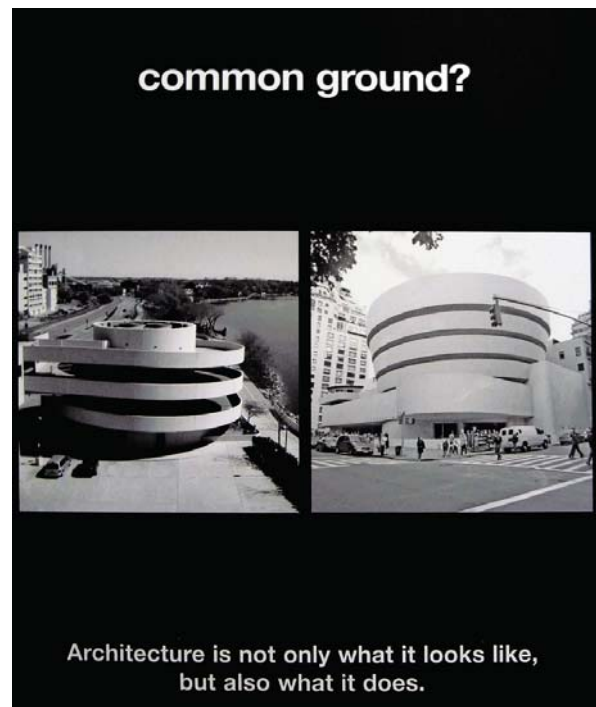


Anúncio do livro “Advertisements for Architecture” (1976–1977) | Bernard Tschumi | 21.07.2015

<sup>225</sup> TSCHUMI, Bernard. “Transgressions.” AHRA Conference. UWE Bristol. 2013.

<sup>226</sup> TSCHUMI, Bernard. “Transgressions.” AHRA Conference. UWE Bristol. 2013.

A função da Arquitectura é quebrá-la; fazer algo que as pessoas não conseguem prever. Ou seja, criar o sentimento de surpresa, provavelmente inicialmente com o cliente, que por sua vez costuma ter sempre uma ideia clichê do que quer – ideias pré-concebidas. Portanto deve-se fazer exactamente o que eles pedem (programa), mas com uma ligeira reviravolta, se é que se pode chamar-lhe isto. Talvez fosse algo mais como um efeito de requinte – algo previsível que se torna imprevisível, pelas mãos do Arquitecto. A Arquitectura é interessante até que nos providenciem um número de metros quadrados, um programa, a regulamentação. Mas ninguém nos diz como fazer esse programa na vida real – a formalização da distribuição do programa, por exemplo. Quando a Arquitectura quebra a primeira regra – funcionalidade absoluta, é quando o arquitecto se permite pensar em alternativas. Por outras palavras, a formalização dos requisitos (programa), com noção do contexto (restrições), de forma prazerosa e requintada/criativa, é o próprio resultado do ‘génio’.<sup>227</sup>



Anúncio do livro “Advertisements for Architecture” (1976-1977) | Bernard Tschumi | 21.07.2015

Na “Crítica da Faculdade do Juízo”, Kant necessita da figura do ‘Génio’, detentor da compreensão do ‘Gosto’ para fazer a ponte entre a natureza, o objectivo, e o sujeito estético – o subjectivo. **A genialidade resulta de uma subjectividade informada pela natureza.**<sup>228</sup>

Porém no capítulo 46, Kant expõe as 4 características do ‘Génio’:

- 1- O Génio tem a condição da **originalidade**, assume-se num acto de talento e não de habilidade, execução rigorosa do que pudesse ter sido aprendido segundo regras anteriores.
- 2- Mas para que não se confunda originalidade com extravagância (confusão bem actual), os seus produtos têm de ser **modelos**, isto é, não tendo sido feitos por imitação devem servir para ser imitados (embora sem livro de instruções).

<sup>227</sup> KANT, Immanuel. “Crítica da Faculdade do Juízo.” INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda. 2007.

<sup>228</sup> KANT, Immanuel. “Crítica da Faculdade do Juízo.” INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda. 2007.

3- Devido à primeira condição, não pode descrever objectivamente como se realiza esse produto: o 'Génio' "**não sabe como para isso, as ideias se encontram nele e, tão pouco tem a seu poder imaginá-las arbitrariamente ou planeadamente e, comunicá-las a outros em tais prescrições**".

4- O seu talento inato resulta das regras que a natureza dá à arte. Isto é, o '**Génio**' é um **mensageiro do poder artístico da natureza**. Sendo que para Kant, o belo natural é superior ao belo artístico.<sup>229</sup>

Ainda assim, no capítulo 50, Kant explica que o '**Gosto**' disciplina ou modera o '**Génio**' evitando "**disparates**" e contribuindo para uma "**cultura sempre crescente**". E acrescenta: se algo tivesse de ser sacrificado, esse sacrifício deveria caber ao 'Génio' e não ao 'Gosto'. Ou seja, o 'Gosto' estaria sempre a priori do Génio, sendo este o seu usuário intérprete nomeado pela Natureza. Curiosamente, ou nem tanto, Friedrich Nietzsche, filósofo, vem defender esta teoria através do seguinte excerto: "Um filósofo é um homem que ressentido, vê, ouve, suspeita, espera, **sonha permanentemente com coisas extraordinárias**; que é atingido pelos seus próprios pensamentos, que são os seus acontecimentos, como se viessem do exterior, de cima ou de baixo, à semelhança de relâmpagos; que é ele próprio, talvez, uma tempestade grávida de novos clarões; um homem fatal, à volta do qual tudo é sempre trovoadas, estrépito, rebentamento e inquietação. Um filósofo: ah! um ser que foge muitas vezes de si mesmo, que tem muitas vezes medo de si mesmo – mas que é demasiado curioso para não 'regressar a si mesmo' continuamente...".<sup>230</sup>

A simplicidade/purismo normalmente é uma dissimulação para com o presente – uma transgressão do código profissional, e por sua vez negativo; um bloqueio da futura inovação e criatividade. Por outras palavras, uma mentira bela, que contamina os sentimentos e pensamento das pessoas. A realidade presente pode muito bem ser uma 'Caixa Negra' de uma má interpretação do passado.

Mas a transgressão é na verdade um pouco mais complexa do que se pode pensar. Na literatura, por exemplo, houve um autor, de seu nome Georges Bataille, que desenvolveu uma teoria acerca desta palavra. **G. Bataille possuía uma curiosa relação com a Arquitectura, tanto que lhe escreveu um dicionário - , e como é natural começava com a letra A. Neste, a primeira palavra que rematava a primeira página do dicionário era "abattoir", palavra francesa para matadouro. Fê-lo, de modo a conseguir transmitir que a Arquitectura não é apenas "a expressão da própria alma das sociedades", mas, também tem "a autoridade de comandar e proibir".** Se pensarmos nas palavras que todos usamos: estrutura, composição, hierarquia, pirâmide (de poder), labirintos (das nossas emoções). Os Arquitectos usam muitas metáforas, e G. Bataille começou a questioná-las. Naturalmente encontrou o, mundo do labirinto (uma experiência de sensações) e o mundo do conceito abstracto. É fascinante, pois é precisamente neste sentido – nesta nuance, onde a Arquitectura encontra o seu papel – conceito e experiência. Mas a fronteira da hipérbole entre a morte e a vida – o esplendor das sensações, é onde se pode encontrar o prazer e/ou o êxtase da Arquitectura, sendo claramente o ponto de transgressão da profissão. Neste momento, a Arquitectura rompe a sua primeira regra – a

---

<sup>229</sup> Idem.

<sup>230</sup> NIETZSCHE, Friedrich. "Para Além do Bem e do Mal." cap. 292-pág. 235.

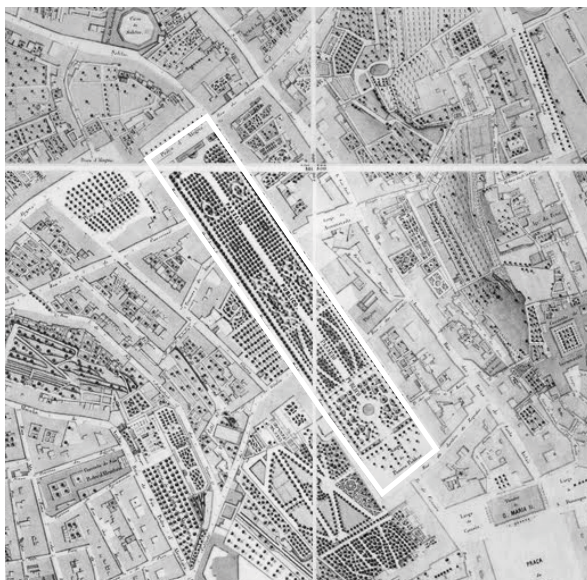
funcionalidade, e inicia o processo de emancipação dos cânones associados e permite a aleatoriedade sensorial no processo de concepção – o desejo. Aqui, torna-se possível a colisão da Arquitectura com outras áreas, permitindo assim uma maior coerência perante o que é projectado e o que é vivido. Sempre assim o foi, B. Tschumi relembra-nos esta situação com o exemplo da jardinagem renascentista, que começaram a ser o centro das cidades nos próximos séculos, tal como os ‘corredores’ de árvores, que se tornaram as ruas das cidades do futuro. Em Lisboa, aconteceu precisamente esta situação peculiar, com o passeio público (agora Av. da Liberdade), que com a expansão da cidade e naturalmente do próprio, originou uma avenida, ao estilo do Barão de’Hausmann, apesar da escala controlada (uma vez que Lisboa era uma cidade pequena).



Recortes de Jornal ilustrando a entrada do Passeio Público | Autoria Desconhecida | 22.07.2015

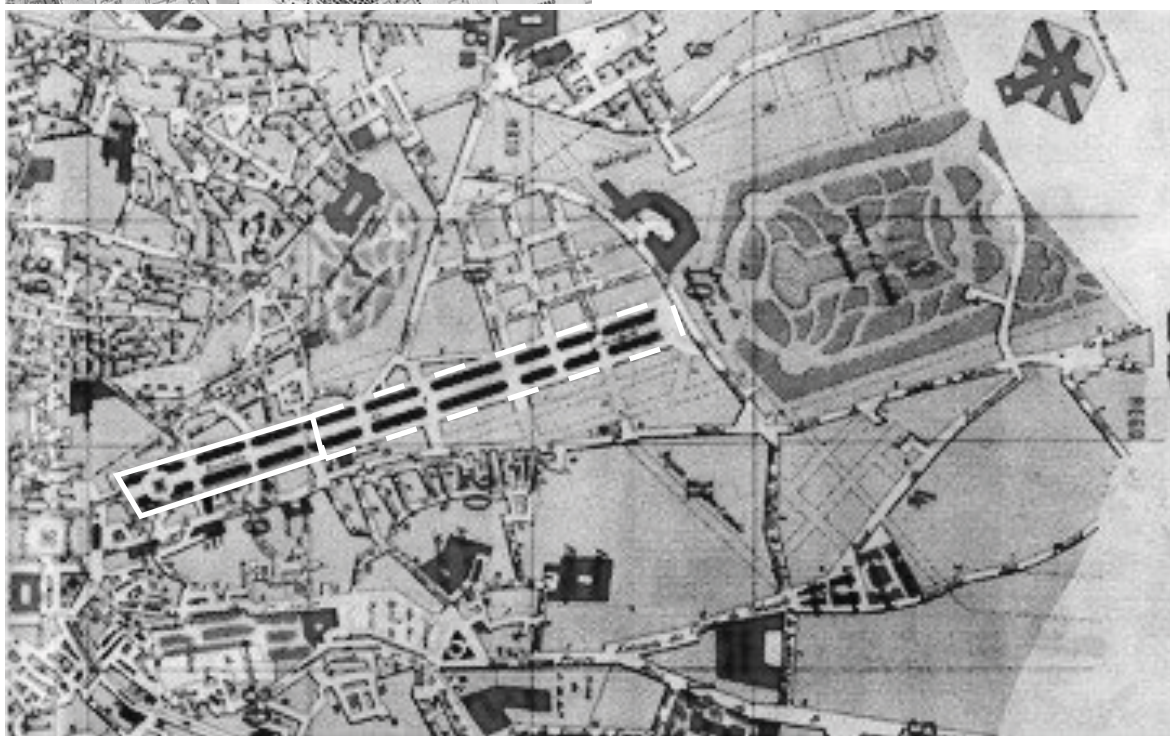


Litografias coloridas do Passeio Público | George Vivian ( Esq.) | 22.07.2015



“Às três da tarde iluminado por um sol reconfortante sob a concha azul de uma safira incomensurável, o ponto de reunião dos tafues e casquilhos da quadra oferece um quadro movimentado e pitoresco. Quem possui um vestido, um chapéu, um fato, um par de sapatos ou de botas novo para ostentar, escolhe para o exibir o estreito corredor, então compreendido na moderna Praça dos Restauradores e Rua das Pretas.»<sup>231</sup>

Passeio Público. Carta topográfica de 1856 |  
Autoria Desconhecida | 22.07.2015



Detalhe da Planta de 1888, onde está já definida a Avenida da Liberdade, bem como as vias transversais que constituem o Bairro Barata Salgueiro e o remate da cidade no Parque da Liberdade (actual Parque Eduardo VII) | Autoria Desconhecida | 22.07.2015

Esta colisão é o que faz com que a disciplina da Arquitectura se torne interessante. “Architecture is also about what it does, and not only about what it looks like.”<sup>232</sup> Aqui, realça-se a dissimulação em que a Arquitectura por vezes se encontra – um efeito entorpecido de máscara, para a qual nem sempre há coerente tradução. Interessa-nos saber se a máscara é nociva ou benigna, pois por vezes o exclusão da critica pessoal dá inicio a um ocultismo entre a comunidade, em que se perde a essência do projecto em si e se começa a preocupar cada

<sup>231</sup> NORONHA, Eduardo, - Conde de Farrobo.

<sup>232</sup> TSCHUMI, Bernard. “Transgressions.” AHRA Conference. UWE Bristol. 2013.

vez menos com o que ele faz. Um problema, por certo, apoiado pelos média, que cada vez menos se interessam com a qualidade, mas sim pela imagem – a máscara – o que vende.

“O analfabeto do futuro, disse alguém, será aquele que não sabe ler as fotografias, e não o iletrado.”<sup>233</sup>



“2053 Mediateca” | Arq. Pedro Reis | Ilustração de Luca Martinucci, Filipe Alves | 23.07.2015

Neste projecto acima, uma suposta Mediateca, projectada pelo Arquitecto Pedro Reis, a ideia assume-se como uma esfera reflectora suspensa sob a baixa pombalina. É curioso, e perturbador imaginar tal situação tencionada contra a ‘nova’ baixa de Lisboa. Se a ideia era escandalizar sob o efeito da imagem teatral, o arquitecto conseguiu, e apesar de um projecto surreal pode considerar-se um sucesso. O efeito com que se eleva sob a baixa pombalina gera uma certa polémica que impossibilita a sua construção, ainda que de um brilhantismo contemporâneo. Digo isto pois a mentalidade com que o Arquitecto do século XXI projecta já não é submetida a qualquer tipo de julgamento se não o social e o interno (à profissão), pois com as regras e regulamentação impostas, quase tudo o que é construído (legalmente) se encontra dentro dos parâmetros de uma razoável construção. Fica então o julgamento do povo e dos ‘colegas’.

Há coisa de 2 anos, (2013), saiu um artigo na Revista “Punkto”, ao albergue da autoria de Pedro Levi Bismarck, conhecido pelas seus contributos in-disciplinados sobre limites: da teoria, da prática, da política e da Arquitectura. Escreve regularmente para revistas e sites de arte e Arquitectura (Revista Bypass, Dédalo, Punkto, Jornal dos Arquitectos, Artec capital, Opúsculo Dafne). A sua investigação centra-se em temáticas compreendidas entre Arquitectura, espaço, política e vocação, a partir do qual procura (re)pensar uma certa vocação política e artística do fazer(-se) Arquitectura. O artigo denominado “Os Analfabetos do Presente” denuncia os profissionais da dissimulação visual na arquitectura, criticando assim a responsabilidade que estes possuem na (des)construção de um actual coerente(?). A crítica centra-se obsessivamente na imagem, que às suas palavras, será uma “passerelle da fotogenia

---

<sup>233</sup> BENJAMIN, Walter. “Selected Writings: pt. 2. - Little History of Photography.” 1931-1934.

nacional”,<sup>234</sup> ao se referir à Praça de Lisboa (projecto dos arquitectos Balonas & Menano). Declara ainda que a Arquitectura sofre (hoje) de um atentado semelhante a um “caleidoscópio de imagem” – uma “ditadura do espectáculo”. Acusa, **Fernando Guerra** - cara do “últimas reportagens” –, de ser um ‘zungueiro’ cujo pecado seria a sua “lente (site) olho de peixe por onde desfila como num carnaval toda a arquitectura nacional, transformou-se desde há muito num não-lugar, uma terra devastada onde tudo cabe e onde tudo, mesmo o mais medíocre dos projectos, pode aparecer.”<sup>235</sup> Afirmando ainda que “a única lei que aqui (site últimas reportagens) impera é a do negócio, a única que permite, aliás, como num suplemento imobiliário, que lado a lado convivam uma obra de Álvaro Siza e este «Passeio dos Clérigos» (Praça de Lisboa, no Porto). Nenhum critério arquitectónico, nem estético, nem político.”<sup>236</sup>



Há um buzz à volta do Porto - PÚBLICO ✓  
www.publico.pt/portugal/noticia/ha-um-buzz-a-volta-do-porto-1668022  
Empresários e habitantes estão a mobilizar os investimentos para receber a vaga de **turistas** e todos esperam que o destino não passe de moda.

Turismo está a impulsionar reabilitação no centro ... - Público ✓  
www.publico.pt/.../turismo-esta-a-impulsionar-reabilitacao-no-centro-histor...  
Turismo está a impulsionar reabilitação no centro histórico do Porto. Por Rosa Soares.  
20/06/2014 - 19:10. Aumentam os licenciamentos para reabilitação de ...

Turismo de Portugal considera Porto um 'caso de sucesso ... ✓  
fugas.publico.pt/.../340954\_turismo-de-portugal-considera-porto-um-cas...  
30/10/2014 - O presidente do Turismo de Portugal, João Cotrim de Figueiredo, afirmou hoje que o Porto é um dos "mais notáveis" casos de sucesso no país ...

Turismo do Porto - Portal Oficial - Visitar - Eventos ✓  
www.visitporto.travel/visitar/paginas/descobrir/ListagemEvento.aspx  
Local: HF Tuela Porto ... Público alvo: Público em geral ... As rochas da orla marítima do Porto terão emergido há cerca de 600 milhões de anos, por pressão do ...

Público: Turismo está a impulsionar reabilitação no centro ... ✓  
www.confidencialimobiliario.com > Ci na Imprensa  
Notícia publicada no jornal Público online no dia 20 de junho de 2014 com o título: "Turismo está a impulsionar reabilitação no centro histórico do Porto".



Pesquisa no Google, com palavras-chave: Porto + Turismo | Montagem de Carlos Matias | 24.07.2015

Quebrando um pouco todo o dramatizo envolto no artigo, surgem questões como esta ‘displasia’ arquitectónica que se vê hoje por todas as redes sociais, e sites de informação dirigida a arquitectos. Poucas são as plataformas que convergem o texto e a imagem, para desencadear consciência cívica e arquitectónica. A Arquitectura passou a ser paisagem? Uma mera imagem preparada para ser, um pano de fundo de peça teatral, orquestrada por tudo o que é fantoche da economia: marketeer, politico, advogado, fotógrafos, e o próprio arquitecto. A imagem apresenta-se hoje como uma (id)entidade autónoma, desligada de qualquer contexto, e critério que não seja o da sua produção. Dando o exemplo da Praça de Lisboa, também chamada de Passeio dos Clérigos, P.L. Bismarck avalia-a “enquanto obra

<sup>234</sup> BISMARCK, Pedro Levi. “Os Analfabetos do Presente” Punkto Journal. 2013.

<sup>235</sup> Idem.

<sup>236</sup> Idem.

arquitectónica, no seu processo de construção, na sua linguagem, na sua relação com a cidade, lugar de uma prática neoliberal de venda e concessão de espaço público, de um autoritarismo decisório da Câmara Municipal do Porto, de um processo que não fez mais que desprezar a arquitectura enquanto prática profissional e social. Mas enquanto imagem fotográfica, nos seus clichés pacientemente estudados e calculados, o «Passeio dos Clérigos» é o lugar da cidade cosmopolita, global, turística, alegre movida de uma cidade triunfante e de sucesso.”<sup>237</sup>

Comete-se o erro grave, talvez, se em cidades como a do Porto – em que existe um Siza Vieira, e vários candidatos ao seu pódio modernista –, não se começar a compreender que a Arquitectura Contemporânea só pode fazer sentido, uma vez que não existe mais um cânone em que a Arquitectura se possa basear, ou ser de alguma forma autoritária. As atitudes facciosas tipicamente centralizadas no ambiente académico têm cada vez mais dificuldade em manter a sua teimosa “fallere” de que o certo é impingir, de certa forma, ideais oriundos da sua formação modernista. Ora pensemos um pouco nos ensinamentos de Távora – grande mestre da arquitectura portuguesa –, que dizia, segundo António Olaio,<sup>238</sup> seu ex-aluno, que “arquitectura é isto: Imaginem um deserto. Espetam-se dois paus e depois alguém passa.” Reflectindo sobre as palavras que dizia e escreveu, em “Da Organização do Espaço”, só poderemos concluir que Távora acreditava numa Arquitectura diversificada, pois cada pessoa possui um percurso e/ou intelecto diferente, podendo muito bem ‘ter percorrido muitos desertos e conhecido outras culturas’. Receio há um, que esta Arquitectura do século XXI resulte numa grande incoerência linguística, mais grave que a que o “boom da construção” trouxe às cidades portuguesas. Assume-se que a Arquitectura contemporânea portuguesa possui um tímido e sedutor estilo, que também ele acaba por ser tendencialista, ou faccioso, sendo ainda banalizado por muitos profissionais que não compreendem o seu passado. Sendo que uma das dificuldades da leitura da questão identitária em Arquitectura reside, sobretudo, na “ousadia da imaginação no aproveitamento dos dados” <sup>239</sup> No fundo a dificuldade de compreensão, ou a resistência que suscita, é o resultado de uma estratégia inerente à sua formulação que, à priori, tenta escapar à força ou à inércia redutora das novas tendências estilísticas que, invariavelmente, prometem a obra à dependência de uma ingenuidade assegurada.

#### SELECTED PROJECTS



Actividade promocional aos vários projectos que são diariamente publicados | Archdaily | 24.07.2015

<sup>237</sup> BISMARCK, Pedro Levi. “Os Analfabetos do Presente” Punkto Journal. 2013.

<sup>238</sup> OLAIIO, António. “Sobre a artisticidade da arquitectura.”

<sup>239</sup> RYKWERT, Joseph, 1994, “The Use of History”, Lotus, nº81, p.129.

“Não é possível compreender a crise do nosso tempo sem criticar as formas de mediação que nos envolvem e o modo como nos deixamos conduzir por elas em direcção à terra devastada **sem ética nem poética do espectáculo**. Criticam-se as políticas neoliberais, lamenta-se o subsumir da nossa vida ao paradigma do económico e, entre nós, a ausência de reconhecimento do arquitecto na sociedade, mas somos os primeiros a participar nessa mobilização geral que nos arrasta sem sabermos. Participamos numa ironia generalizada. **Perdemos muito tempo a percorrer a passerelle diária das «últimas reportagens» e do «archdaily» e pouco tempo a ler jornais ou a ler sobre arquitectura, sobre filosofia ou sociologia.** Não se trata de saber mais ou menos sobre esta ou aquela disciplina, mas tentar compreender um pouco que seja deste tempo do qual fazemos parte. **Somos vítimas da nossa própria apatia perante um espectáculo que, enquanto afirma o direito à nossa opinião, reduz a migalhas todos os espaços do pensamento e da crítica;** que afirma constantemente a liberdade e a democracia, quando esta todos os dias nos foge pelos dedos das mãos e a pretexto de tantas coisas. **Trata-se de estar à altura do nosso tempo,** isto é, procurar encontrar ainda as respostas para esta época de crise. Mas estas não estarão certamente no reduto fechado da prática nem do consumo individual das imagens, mas na nossa capacidade de ter ainda algo a dizer sobre aquilo que fazemos, de falar já não em nome próprio, mas arriscar falar com os outros.”<sup>240</sup>

“May it be a light to you in dark places, when all other lights go out.”<sup>241</sup>



“Every EXIT is a start” | Pedro Gadanho | 14.11.2015

<sup>240</sup> BISMARCK, Pedro Levi. “Os Analfabetos do Presente” Punkto Journal. 2013.

<sup>241</sup> TOLKIEN, J.R.R. (2001) “The Fellowship of the Ring.” The Lord of the Rings, #1.

10



## 10\_ CAMP OF FAITH: THE FUTURE



Centre Pompidou, 1977 | Richard Rogers e Renzo Piano | Autoria Desconhecida | 07.08.2015

“I admire its boldness and openness as a building that participates with — and is woven into — its city, its place, its time. It was without any respect for the environment, a cultural factory where you could observe important modern art collections, a superexpressive, very colorful, complex building. It was seen as a rejection of the neighborhood, the Marais, and of Paris itself. Paris stands for French stone and light gray rooftops and beautiful natural colors, and all of a sudden you have got this architectural machine. On the other hand, the building has this democratic purpose because it attracts how many millions every year, more than the Eiffel Tower and the Louvre. I couldn't take my eyes off it when I was studying architecture. It reversed the typical model of a museum into something that was engaging and inviting to the public. Architecture at that time needed to do things differently, like a shock. **The shock liberates a lot of emotions and perceptions.**” <sup>242</sup>

fu • tu • ro

1. O tempo que há-de vir.
2. O porvir.
3. Destino.
6. Que há-de ser. <sup>243</sup>

---

<sup>242</sup> DUYSEN, Van. New York Times, 2015.

<sup>243</sup> in Dicionário Priberam, da Língua Portuguesa. Consultado em 2015.

Não se compreende pensar o Futuro sem que antes se compreenda o passado. O cenário que foi construído para o nosso Futuro é uma situação que transcende a Arquitectura, transcende transferências e salários pornográficos. Hoje, possuímos preocupações que são nada mais nada menos que o espelho de um país permanentemente pobre – Portugal –, onde o futebol funciona, inevitavelmente, quer como escapatória a uma crise profunda quer como um meio muito eficiente para entreter a população da má política, a que a administração eleita por nós (povo) não consegue fugir. E enquanto as pessoas estão entretidas com este tipo de assuntos, o Ministério da Cultura é extinto e as poucas instituições governamentais da cultura aplicam cortes ‘homicidas’ em subsídios, os arguidos de um caso ligado ao BPP são absolvidos, uma providência cautelar impede a privatização de mais uma empresa portuguesa – TAP, a mutilação genital feminina é banida na Nigéria, entre outros assuntos que deveriam estar em fórum a ser alvo de discussões e reflexões, apenas uma minoria se interessa ou consegue ter opinião formada sobre tais assuntos. Não sabem em que situação o País se encontra, mas sabem memorizar de trás para a frente todos os planteis da Primeira Liga do Futebol e, montes de coisas do género. O problema não está no futebol, muito menos no Sr. Zé Povinho que não dorme à noite a pensar na contratação do Jorge Jesus, pelo Sporting Clube de Portugal. O problema está na forma como o país é dirigido, na crise da qual não há grandes perspectivas de recuperação, na falta de estratégias a longo prazo na educação e na cultura, e o resultado está à vista. Entretanto surgem após tanto tempo a ideia de incrementar o ensino da cultura grega e latina, no ensino obrigatório. ‘Newsflash’ é irónico quando estamos actualmente a sofrer um ‘genocídio’ do Dicionário de Língua Portuguesa. Relembrei-me de uma canção intitulada “A Gente Não Lê”, escrita por Carlos Tê e pelo cantor português Rui Veloso, em que se revela o seguinte:

“E do resto entender mal / Soletrar assinar em cruz  
Não ver os vultos furtivos / Que nos tramam por trás da luz”<sup>244</sup>

Entretanto ocorre-nos gritar gatunos, entre outras palavras da gíria portuguesa que se posicionam num estatuto de ofensa. Portanto o problema é dos políticos? Facto. Em Portugal, ‘existe’ uma República desde a queda da monarquia, com o sequencial regicídio de D. Carlos I e o Príncipe Real – D. Luís Filipe, que se tornaria o próximo Rei de Portugal a caso a sua morte não fosse prematura. É público que D. Carlos I não desconhecia os riscos que corria, mas também não achava que podia fugir deles, como ficou patente no seu desabafo ao seu ajudante de campo, tenente-coronel José Lobo de Vasconcelos, alguns meses antes: **“Tu julgas que eu ignoro o perigo em que ando?** No estado de excitação em que se acham os ânimos, qualquer dia matam-me à esquina de uma rua. Mas, que queres tu que eu faça? Se me metesse em casa, se não sáisse, provocaria um grande descalabro. Seria a bancarrota. E que ideia fariam de mim os estrangeiros, se vissem o rei impedido de sair? Seria o descrédito. Eu, fazendo o que faço, mostro que há sossego no País e que têm respeito pela minha pessoa. **Cumpro o meu dever. Os outros que cumpram o seu.**” De facto morreu a exercer o seu dever, e com ele morreu o que foi a última tentativa séria de reforma do sistema parlamentar monárquico. Parte do povo chorou a sua morte em 1908, sendo que óbvio foi a realidade que

---

<sup>244</sup> MONTEIRO, Carlos Alberto Gomes (ou Carlos Tê) / VELOSO, Rui. “A Gente Não Lê”.

se criara: o Rei morrera, e o seu herdeiro com ele; estávamos sem Rei e agora teríamos um país por governar às vozes de uma República. Acontece que poucos anos mais tarde, nomeadamente em 1926, se instaurou uma ditadura provisória em Portugal, tornando-se oficial em 1933 (Estado Novo). E novamente o povo apontou a culpa ao políticos... Entretanto ora vejamos o único ponto em comum em todos os problemas do país – o povo. Não culpo as pessoas que trabalharam dia após dia ao sol para alimentar a sua família com uma sopa, não culpo ninguém do povo que trabalhou por eles e por muitos outros que nada fizeram(em) se não ocupar-se de reclamar porque o seu subsídio, dos enumerou que entretanto se vêem ultimamente. Entretanto só à uns anos se começou a ouvir falar dos apoios às empresas criativas e as chamadas incubadoras criativas. Defende-se que o problema está no posicionamento das nossas escolhas pessoais; que na verdade o problema encontra-se na defesa criminosa dos interesses pessoais e não dos colectivos. Gerir um país é um jogo de Jenga – jogo que consiste em retirar e reintroduzi estrategicamente as peças no cimo da ‘torre’ de modo a que esta não seja derrubada; sendo que esta analogia é de um não especialista em política e de um mero cidadão; se retirarmos a peça errada a torra acaba por colapsar, bem como o indevido posicionamento, imparcial, pode acabar por ter o mesmo resultado que o cenário anterior. Seja, a solução é pensar em cada movimento que efectuamos e nunca, mas nunca, distribuir as peças – neste caso os fundos, de forma inapropriado pelo território. Defende-se que o problema do país é nada mais nada menos que uma má gestão do ordenamento do território do império(?) português.



Torre Montparnasse, Paris, 1973 | Eugène Beaudouin, Urbain Cassan e Louis Hoym de Marien | Aatoria Desconhecida | 07.08.2015

“It’s legendary for being the most hated building in Paris. I want to defend it not because it’s a particularly beautiful tower, but because of the idea it represents. Parisians panicked when they saw it, and when they abandoned the tower they also abandoned the idea of a high-density sustainable city. Because they exiled all future high rises to some far neighborhood like La Défense, they were segregating growth. **Parisians reacted aesthetically**, as they are wont to do, but they failed to consider the consequences of what it means to be a vital, living city versus a museum city. **People sentimentalize their notions of the city, but with the carbon footprint, the waste of resources, our shrinking capacity, we have no choice but to build**

good high-rise buildings that are affordable. It's not by coincidence that people are going to London now not just for work but for the available space. No young company can afford Paris. Maybe **Tour Montparnasse is not a work of genius, but it signified a notion of what the city of the future will have to be.**"<sup>245</sup>

Faz todo o sentido pensar no que leva alguém a mudar. No caso acima apresentado, é evidente que foi necessário cometer um erro para que hoje, saibamos que não devemos construir arranha-céus em cidades históricas. Ou, pelo menos não nas imediações do mesmo. É neste sentido que se insere o comentário de Libeskind, e não numa tentativa pós-pós-moderna de afirmar que o edifício é feio, ou que não faz sentido. A ideia de romper o céu de Paris pode ter resultado em 1889,<sup>246</sup> mas hoje é inaceitável. O que faz sentido é compreender-se de que forma queremos viver; aprender de que forma o vamos fazer; saber como executar o que pretendemos construir.

As cidades começaram por ser o nosso campo tecnológico, na medida em que nada se semeia senão a indústria e a tecnologia, sob um horário extremista de 8h/dia no menor dos casos; no pior dos casos há pessoas a trabalhar a 3€/hora, com condições que recuam até à década de 90.<sup>247</sup>

Enfrentamos hoje uma descrença pública, geral, no que a cidade representa; as cidades hoje são na verdade fundos de investimento turístico – paisagem, se lhe quiserem chamar –, e o que outrora foi planeado para ser a ‘via verde’ da humanidade, é hoje o oposto – representa um perigo para a cultura, património edificado, e qualidade de vida.



"Bawadi" for "Grace of Intention: Photography, Architecture, and the Monument", 2006 | Florian Joy | 08.08.2015

Na imagem acima, "Bawadi" de Florian Joy, apresentada pela primeira vez numa Exposição em 15 Outubro de 2015, intitulada "Grace of Intention: Photography, Architecture, and the Monument." Nesta, discutiu-se o monumento, como peça organizadora do espaço(?),

---

<sup>245</sup> LIBESKIND, Daniel. New York Times, 2015.

<sup>246</sup> Ref. à Torre Eiffel.

<sup>247</sup> LUSA. "Nível de vida regrediu em 2013 para níveis de 1990, indica estudo." Jornal Público. 2015.

ou contaminada – quando mal interpretada, e o conceito mal aplicado. Os monumentos são deliberados gestos – objectos ou estruturas criadas para comemorar um evento, pessoa ou era. O seu significado é geralmente imposto, e muitas vezes servem como pontos focais para atributos aspiracionais, cívicos, e políticos, como valor e sacrifício, ou para sublinhar uma narrativa política fundamental. Mas o seu significado pode transformar-se ou mudar, ao longo do tempo, como a relevância de seu simbolismo flui e reflui devido às mudanças sociais e políticas. **Tal como os monumentos, a arquitectura e a fotografia, também são flexionadas com uma graça de intenção, e ambos têm a capacidade de comemorar ou representar uma nação, evento, tempo ou lugar.** Ao fotografar monumentos e edifícios, estes, transformam-se e, às vezes, revelam algumas das suas qualidades originais, evocando mais de perto a resposta pela qual eles foram originalmente projectados. Estas transformações remetem a fotografias onde a memória e a qualidade estão inerentes. **O grupo da exposição examinou o trabalho de artistas internacionais, alguns cuja obra aborda monumentos reais, alguns que olham para a arquitectura e a sua relação com a memória e, de que forma a sua importância e correspondente simbolismo pode mudar ao longo do tempo; outros abordaram a ideia do monumento do futuro - a cidade, no caso da imagem escolhida.**

«Urbanisation was supposed to be the world's quick ticket to prosperity. The average urban dweller (on paper) represents five times the economy of the rural dweller. If a rural nation becomes urban in the space of a decade, its economy – at least in theory – doubles every two years. That statistic, however, can hardly conceal the more grim reality. Over the last few decades we have seen that the spectacular growth of cities by no means entails greater and more widely shared prosperity.

What we refer to as "megacities" are mostly cities with the common feature that their development is outpaced by their growth. **A lot of these cities exist in a state of almost permanent crisis, where "urbanisation" (literally: the step towards the urbane) has come to signify the exact opposite.** In the absence of even the most basic infrastructure and provisions, many of its inhabitants find a decent urban life beyond their reach.

Just as 19th-century England saw the rise of the disenfranchised urban proletariat – so eloquently captured by the term Verelendung – the new urban economy gives rise to another disenfranchised class, this time elevated to a global scale. In this context, the statement that more than half the world's population is now living in cities does not so much signal the ultimate triumph of the urban, but more and more its demasqué.

The megacity is a subject of universal fascination and generally discussed in terms of the opportunities it creates for a mobile, business-oriented group of people, liberated from loyalties to place or nation. **With the urban condition about to become universal, we can all become "cosmopolitan".**

But it is exactly this **false promise** that embodies the most venomous aspect of the current celebration of the city. The more the world aspires to a kind of shiny urbane life, the larger the number of people will be for whom this kind of life will prove unattainable.

With the influx of new and ever-poorer inhabitants, cities resort to an ever-more elaborate repertoire of denial in the face of mounting problems. Inhabitants who "overload the system" are increasingly denied access to cities' administrative infrastructures, forcing them into a situation where they officially do not exist.

Rio's favela residents live in a state of exception, denied the civic rights of Rio's "official residents"; Moscow's immigrant workers are not counted as part of Moscow's population; and through the Hukou system in China, being a city dweller is a "birth right" that denies many of China's rural city dwellers the right to live in the city legally.

These communities increasingly constitute a class of their own, with an economy unaccounted for by official statistics and without political clout. **And thus, in the wake of a massive influx into cities, we are witnessing the emergence of another kind of "citizen of the world" – those who have drawn the short straw of globalisation and for whom being cosmopolitan simply amounts to being a new "cosmoproletariat".**

Yet, if power is ultimately a question of numbers, what will happen when the number of people whose existence is formally denied by the system (yet upon whose compliance the system ultimately depends), reaches a critical mass, large enough to rival those who have denied them access?

What will be the political legacy of those ignored by our collective administrative systems? Can a political force be constructed from people who don't formally exist?

In the 19th century, Friedrich Engel's description of the living conditions of England's working poor ultimately lead to a political theory that would radically alter the geopolitical landscape of the century after. As a consequence, the 20th century became a precarious standoff between competing political ideologies, where the leading economies of the west were systematically challenged by the lure of an alternative ideology in the form of communism seeking – and finding – the support of those left behind: in Korea, Southeast Asia, and later in Latin America and Africa.

The next round of this ideological battle will be fought not over continents, but over cities. The challenge will come from whoever will be able to galvanise the support of all those denied a voice in the urban condition.

Within less than 10 years the world's largest cities will all be located outside the west. Of the 33 megalopolises predicted in 2020, 28 will be located in the world's least-developed countries. **The metropolis, once the zenith of western civilisation, is now the property of the "third world".**

**That can be interpreted as a sign of emancipation, but who actually benefits?** Even if the economies of poorer states appear to be closing a gap with richer ones, the inequalities between individuals within states have only grown.

Despite an ever-larger number of theories trying to convince us of the contrary, the world's move towards the urban does not spell a win-win situation. **As much as globalisation has exported metropolitan conditions into the third world, it has also imported third-world conditions into the metropolis.** In becoming urban we have not overcome the fundamental inequalities of our economic system. **All we have done is to give old struggles a new arena.**

New coalitions of academia and business have emerged. There is a lot of talk about the "smart city". We can now see the favela residents or Moscow's illegal workers on a computer screen, study their informal patterns and possibly predict when they are about to make trouble. However, in no way does their visibility constitute a step towards any real civic recognition and everything that may come with that.

**In fact, it seems the "smart city" mostly blinds us to the possibility of political action. It allows the political sphere to do a Houdini act,** where the endless simulation of reality also permits the infinite deferral of political choices.

Cities are the new outer space, no longer our own creation – by us, for us – over which we exercise will, but an extraneous phenomenon that simply happens to us. **We no longer intervene in their behaviour. At best we can study them like we study the weather.**

The real question is: how much longer we can dodge the question of political responsibility? In merely observing the consequences of our own actions alongside (and on par with) natural disasters, we inevitably set the city on a course to become one.»<sup>248</sup>

No artigo, o parceiro do grupo de arquitectura europeu com uma das maiores atenções do Mundo da Arquitectura – OMA, Reinier de Graaf explica que a megacidade está sujeita a uma fascinação universal e geralmente é discutida nos termos das oportunidades que cria para um, grupo de pessoas normalmente de negócios, libertas de lealdade para com um sítio ou nação. Afirmando ainda que conceptualmente qualquer um de nós – ser humano, pode converter-se num destes 'cosmopolitas' – incoerentes quanto à sua identidade, ou base cultural. Isto na verdade acaba por ser o panorama que de momento se têm constatado no caso português, quando à desertificação dos polos rurais do país, talvez com a excepção dos naturais do norte de Portugal, que tendem a manter um sentido regionalista patriota e orgulhoso. No caso dos estudantes – os actuais representantes maiorais da comunidade jovem

---

<sup>248</sup> DE GRAAF, Reinier (OMA), "The smart city blinds us to the possibility of political action", Dezeen, 2015.

portuguesa, optam por se deslocar até onde existe o seu curso, com particular interesse pelas instituições de ensino superior do litoral com maior enfoque em Lisboa, Coimbra e Porto. Muitos destes após o término do sua graduação académica, deparam-se com um país dividido entre cultura e economia, ameaçando-os com um quase certo desemprego e, empurrando-os para a emigração. Aqui, encontra-se um perigo iminente de desculturalização ou abandono forçado da mesma. Às palavras da falecida, mas não esquecida, Sophia de Mello Breyner: “(...) **a cultura não é um luxo de privilegiados, mas uma necessidade fundamental de todos os homens e de todas as comunidades. A cultura não existe para enfeitar a vida, mas sim para a transformar - para que o homem possa construir e construir-se em consciência, em verdade e liberdade e em justiça. E, se o homem é capaz de criar a revolução, é exactamente porque é capaz de criar cultura. (...)**”.<sup>249</sup> Aponta-se esta crítica situação e, compara-se com a questão que Reinier de Graaf expõe no seu artigo para a Dezeen – uma ‘cosmopolitização’ forçada, e mesmo que não, por certo um abandono da nação e cultura.

«Whenever we think we know the future, even for a second, it changes. Sometimes the future changes quickly and completely and we're left only with the choice of what to do next. We can choose to be afraid of it. To stand there trembling, not moving. Assuming the worst that can happen or we step forward into the unknown and assume it will be brilliant.»<sup>250</sup>

Esta excerto do guião televisivo da série “Greys Anatomy”, consolida perfeitamente a ideia que se pensa estar na cabeça dos finalistas, como este autor. Existe portanto um grande medo/receio das mudanças quanto aos seus contextos naturais, mas em alguns casos repercute-se numa coragem/valentia forçada, talvez um instinto de sobrevivência... É interessante e de um grande orgulho ouvir/ler nos mídia que jovens portugueses alcançaram a excelência profissional e por inevitabilidade o sucesso. Será que isto acontece com o apoio das novas organizações políticas, que estes encontram no estrangeiro? Com certeza que não pode deixar de ser verdade. Esse apoio, é urgente que se instale aqui. Hoje.

"We are surrounded by crismongers who see the city in terms of decline. I kind of automatically embrace the change. Then I try to find ways in which change can be mobilized to strengthen the original identity. It's a weird combination of having faith and having no faith."<sup>251</sup>

A consciência humanitária varia consoante os confrontos com a realidade presente. Quando confrontado com dados assustadores, o Homem tende a amedontrar-se e tomar as rédeas da situação, ou não, como no caso dos combustíveis fósseis e camada do ozono. Maioritariamente o Homem possui consciência humanitária e ambientalista quando uma imagem dos seus filhos e restante família lhes é posta em cima da mesa – é como um jogo, como o Tschumi referia num outro capítulo desta dissertação, “a Arquitectura é como um jogo

---

<sup>249</sup> ANDRESSEN, Sophia de Mello Breyner. Intervenção na Assembleia Constituinte, a 2 de setembro de 1975.

<sup>250</sup> HARPER, William. Greys Anatomy - “Fear of the Unknown”. 2014.

<sup>251</sup> KOOLHAAS, Rem. 'Why is Rem Koolhaas the World's Most Controversial Architect?', Smithsonian Magazine, 2012.

de xadrez”, apenas temos de saber jogar com os oponentes, sendo que neste caso é a própria humanidade. O Futuro só poderá existir se medidas forem tomadas de contenção industrial nas nossas cidades, e território, para que este continue a pertencer ao homem e não às máquinas.

“Ou eu estou extremamente desatento e desinformado, ou não se passa mesmo nada de importante na arena arquitectónica, usualmente tão sanguinária e succulenta. Mesmo se ainda mandam umas bocas, as velhas vozes que gostavam de jogar o jogo da autoridade cansaram-se e calaram-se; os críticos mais lidos adoptaram causas sociais e beneméritas absolutamente anódinas; as revistas académicas balbuciam para uma audiência inexistente; a web debita obedientemente um mainsream cada vez mais igual a si próprio.” <sup>252</sup>

Postal activista com Michelle Obama, 2015 | momsdemandaction.org | 08.08.2015



O cenário é de facto muito preocupante e com ele surgiram variados problemas nas urbes do mundo. A primeira dama norte americana, Michelle Obama, manifestou-se contra a criminalidade entre as zonas periféricas, e internas das cidades americanas que continuam a vitimizar anualmente pessoas. Durante um discurso para a mobilização “Mom’s Demand Action”, em 2015, disse: **“Precisam de correr para, e não do ruído. Recomendo-vos que de forma activa procurem os sitio mais críticos, fora da rede, que possam encontrar. Porque muitas vezes, ao longo da nossa história, esses foram os lugares onde o progresso realmente aconteceu – os lugares onde mentes são alteradas, vidas transformadas, onde a nossa grande história americana se desenrola.”** <sup>253</sup>

Às palavras do Arquitecto José Mateus – do atelier ARX Portugal –, para o Diário Imobiliário, vê com alguma desilusão e pessimismo o estado da arquitectura em Portugal. Quando confrontado sobre a particularidade da Arquitectura portuguesa, face à internacional, José Mateus responde que **“Será, talvez, uma ideia de simplicidade, de algum silêncio num mundo actual mais vibrante e ruidoso.”** Com pessimismo e inconformismo, vê as alterações às leis da prática da arquitectura em Portugal, num enquadramento desastroso... Realçando, por fim, que “são necessárias mudanças profundas nas disposições regulamentares que

<sup>252</sup> GADANHO, Pedro - “On Not Writing / Sobre Não Escrever”, Shrapnel Contemporary. 2014.

<sup>253</sup> OBAMA, Michelle. Discurso para “Mom’s Demand Action”. 2015.

enquadram a construção e a prática da arquitectura”, por uma melhor arquitectura nacional. Sendo que, o Estado teria de voltar a “apostar mais na qualidade do ensino, percebendo a especificidade da formação em arquitectura.”<sup>254</sup>



Exército Clone da República Galáctica, em Star Wars: Clone War | Lucas Films | 09.08.2015

Considerando o desinteresse do governo português (actual coligação PSD/CDS) na formação académica dos novos profissionais, bem como a sua integração nos patamares da sociedade, surgem problemas como o actual. Portugal tornou-se uma fábrica de produção de indivíduos graduados, preparados e prontos para cumprir o seu serviço profissional. De certa forma, recordando o famoso filme “Star Wars: Clone Wars”<sup>255</sup>, em que existe um Complexo de Preparação e Treino Militar na cidade fictícia de ‘Tipoca’. Em certa parte do filme, inicia-se uma batalha entre droids e clones; “Confederação de Sistemas Independentes” e “República Galáctica”, onde anteriormente num diálogo é dito: **“com estes novos droids de batalha, que construímos para vocês, obtiveram o melhor exercito de toda galáxia.”** Portugal, encontra-se a caminhar para uma semelhança com ‘Tipoca’, e o seu ‘Centro de Preparação’. Torna-se necessário pensar onde e como o futuro poderá beneficiar de algo equivalente a um ‘exército’ profissional de Arquitectos com qualidade superior.<sup>256</sup> Não fará sentido, e as medidas devem ser tomadas hoje, para que o futuro não se torne algo (sur)real, como começa hoje a parecer.

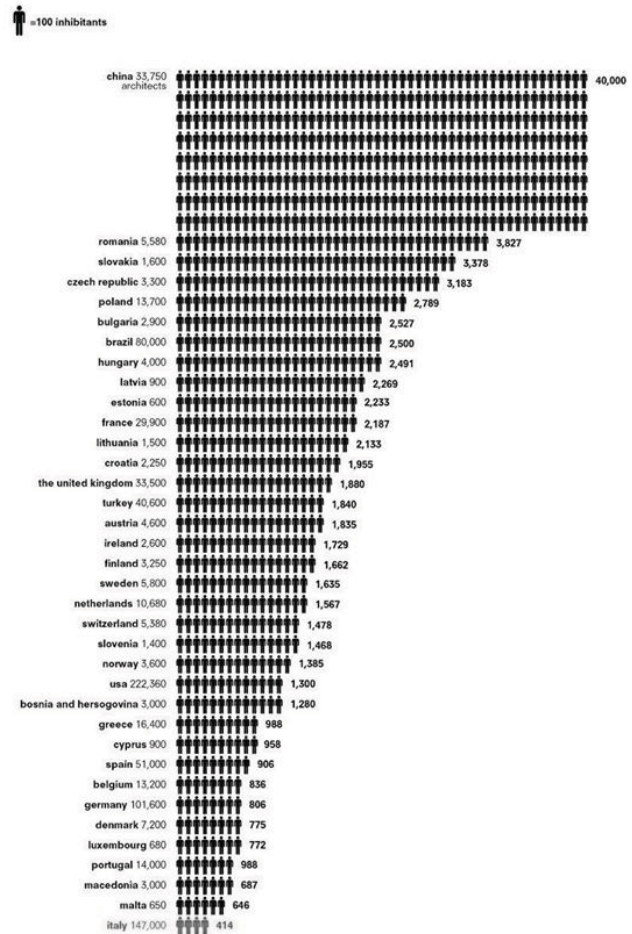
---

<sup>254</sup> MATEUS, José. “Arquitectura em 3 Perguntas.” Diário Imobiliário. 2015.

<sup>255</sup> LUCAS, George. “Star Wars: The Clone Wars.” 2008.

<sup>256</sup> Situação alarmante defendida por Raquel Varela, no programa televisivo da RTP1 - Prós e Contras XII-, onde afirma que “este modelo de exportações é o abismo social.” 2014. [https://www.youtube.com/watch?v=Q\\_YP5vZZVPY](https://www.youtube.com/watch?v=Q_YP5vZZVPY)

## inhabitants / 1 architect

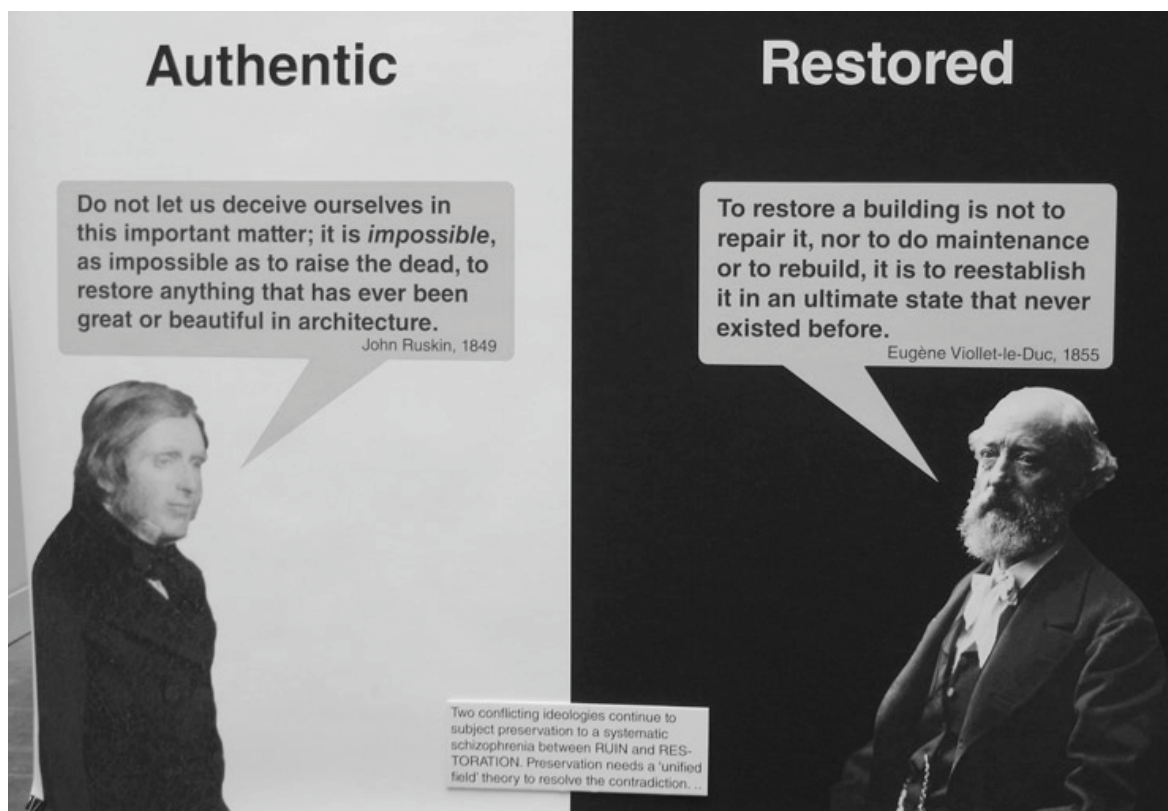


© Monditalia Twitter Page (<https://twitter.com/monditalia>) | 09.08.2015

A Bienal de Veneza possui várias exposições e uma delas é a “Monditalia”, esta publicou esta semana (Setembro 2015) um gráfico que comprova que por cada 988 habitantes de Portugal, um é Arquitecto. O que se deve compreender não é a extensão deste exército de profissionais, mas a discussão presente no seu alargamento nos últimos anos face ao mercado de trabalho. Tudo possui um custo e o que estamos a pagar há cerca de 30 anos é o da extinção do Arquitecto como profissional. Temos hoje, que contribuir mais do que ontem. Tal como já foi exposto anteriormente num outro capítulo,<sup>257</sup> através de um gráfico da revista TIMES, onde se expôs a realidade patente na nossa própria ilusão – o papel do arquitecto foi descreditado a partir da década de 60 e até hoje não conseguiu reaver o seu papel de orientação. É de facto preocupante pois quando existe uma poderosa massa crítica disponível nas academias espalhadas por todo o mundo, e especialmente em Portugal, o nível de entendimento público é cada vez menos, ou simplesmente desinteressado, uma vez que os Arquitectos simplesmente não se preocupam mais com a mediação dos seus projectos para com a humanidade.<sup>258</sup>

<sup>257</sup> Referência ao Cap. 05 - “Arch(sales)man: the current situation”

<sup>258</sup> CHANG, Lian Chikako - “TIME Magazine covers stopped showing architects; architects stopped being taken seriously.” Archinect: Live Blog. 2012.



Exposição Cronocaos | OMA/AMO | 11.08.2015

Um problema bem maior surgiu - a reconstrução. É urgente que se comece a pensar a cidade como um organismo, não basta observar e percorrer as suas “veias e venículas”, é necessário restaurar os canais que sustentam a sua vitalidade e portanto, os fogos. Felizmente começa-se hoje a ver em cidades grandes, como Lisboa ou Porto, o rejuvenescer de alguns dos edifícios mais antigos dos perfis urbanos. Surgem com uma nova layer, luz, e até algum crescimento volumétrico. Ainda que, não é um exemplo apreciado por muitos, o que faz com que evolução e preservação seja danificada pelo caminho. Rem Koolhaas, defende muito bem este tipo de situação na exposição do seu atelier, OMA, e aponta para uma perspectiva de futuro diferente da exercida desde o modernismo até há bem pouco tempo.

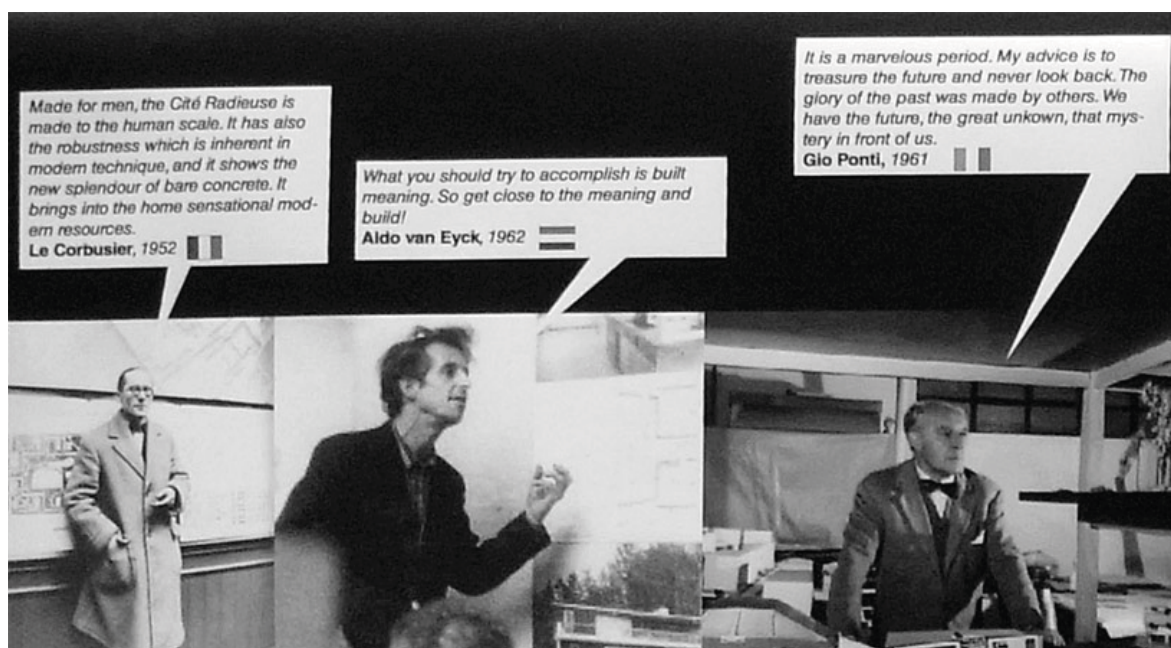
Tendo sempre se interessado no passado, o OMA tem estado fortemente envolvido com projectos relacionados com as questões do tempo e da história desde a sua criação há 35 anos. Juntamente com o escritório AMO, a exposição CRONOCAOS ilustra o presente ano como o ponto de atrito perfeito entre duas direções: a ambição do mundo para resgatar territórios cada vez maiores do planeta, e a raiva global para eliminar as provas do pós-guerra da arquitectura, como um projeto social. Ambas tendências - preservação e destruição -, são vistas por destruir lentamente qualquer sentido de uma evolução linear do tempo.

“As the scale and importance of preservation escalates each year, the absence of a theory and the lack of interest invested in this seemingly remote domain becomes dangerous. After thinkers like Ruskin and Viollet-le-Duc, the arrogance of the modernists made the preservationist look like a futile, irrelevant figure. Postmodernism, in spite of its lip service to the past, did no better.”<sup>259</sup>

<sup>259</sup> KOOLHAAS, Rem - “OMA: CRONOCAOS preservativos tour.” 2010.

Ao olhar para trás, nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial, o forte papel do arquitecto no sector público criou um terreno fértil para a arquitectura, como um projeto social, florescer.

No entanto, nos últimos tempos, o optimismo que o modernismo encarnou, sobre a capacidade da arquitectura para organizar o mundo social está desaparecer, devido a um sector público debilitado pelo mercado. O resultado, é um consenso global de que a arquitectura pós-guerra foi um desastre, estético e ideológico, cujo efeito pode ser visto pela arquitectura “flamboyant” do mercado económico de hoje, muitas vezes construídos com uma data de validade comercial. A nossa renúncia completa para a arquitectura contemporânea é evidenciada pela expectativa de “vida” curta dessas estruturas.



Exposição Cronocaos | OMA/AMO | 11.08.2015

Os edifícios modernos, de alguma forma, escaparam do corpo coletivo da preservação, tornando-se numa forma exequível da geração de um envelope financeiro oportunista.

O que deve ser o outro extremo do “continuum”, não é, ao mesmo tempo, um desejo mundial prolífico para preservar todos os outros tipos de arquitectura. Em 1972, uma convenção das Nações Unidas sobre a protecção do património cultural e natural, estabeleceu os critérios de selecção da herança que ainda obedecemos nos dias de hoje. Quase 12% do planeta está atualmente marcado como “preservado”, enquanto continua a isolar áreas maiores como “fora dos limites” a uma taxa assustadoramente rápida. Estas áreas são declaradas como isso, sem ter sido efectivamente pensadas a um nível transparente. Hoje, a preservação não sabe bem o que fazer com o seu novo “império”.

Em resposta, AMO desenvolveu uma teoria do seu oposto: não o que manter, mas o que desistir, o que eliminar e abandonar. Esta, evoca e pretende destilar o que exatamente,

como sociedade, devemos considerar de importância cultural, ao mesmo tempo abrindo caminho para revelar uma fina camada livre de crosta da nossa civilização.<sup>260</sup>



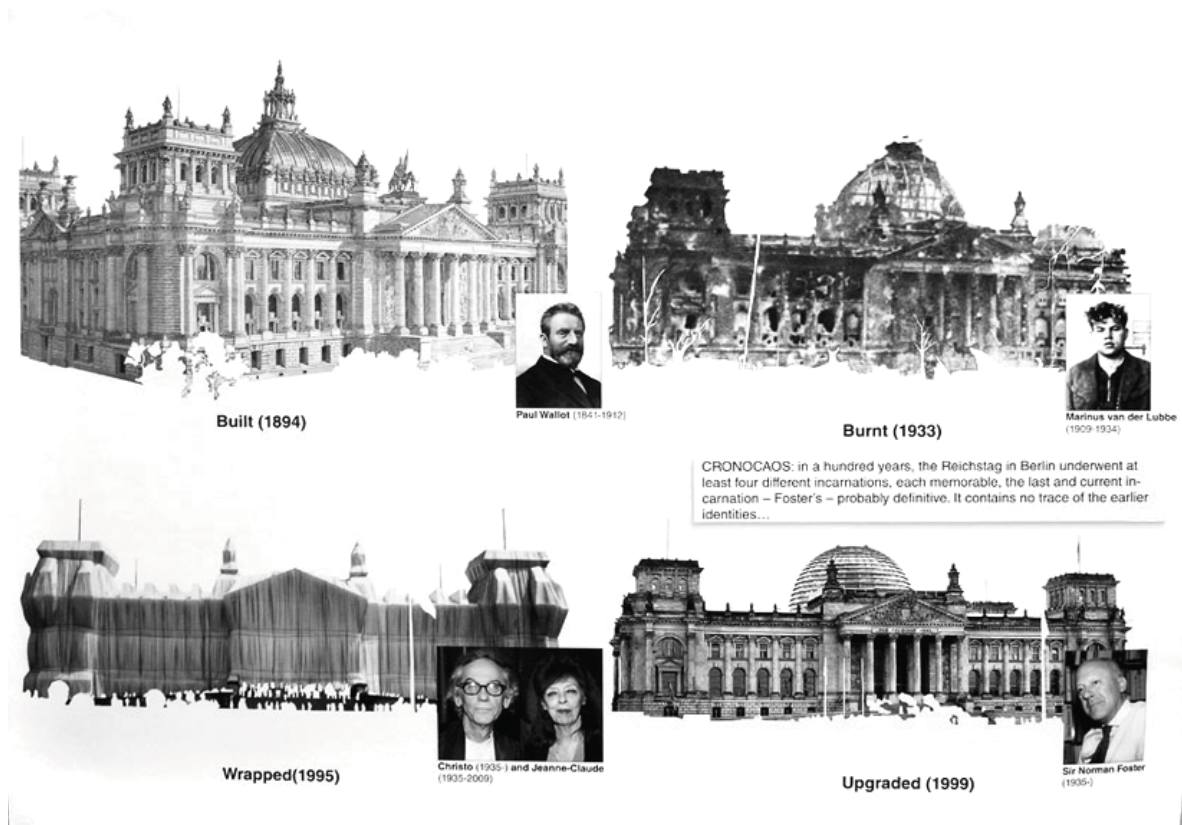
Exposição Cronocaos | OMA/AMO | 11.08.2015

Cerca de 12% do planeta agora “cai” sob vários regimes de preservação natural e cultural. “Através do nosso respeito pelo passado, a herança está-se a tornar mais, e mais, a metáfora dominante para nossas vidas hoje – uma situação que chamamos Cronocaos”, diz Rem Koolhaas. “Estamos a tentar descobrir como é que o futuro da nossa memória se vai parecer.”<sup>261</sup>

Em cerca de 100 anos o Reichstag, em Berlim, foi submetido a, pelo menos, quatro encarnações diferentes, cada memorável, a última e mais recente encarnação – do Arquitecto Sir Norman Foster –, provavelmente definitiva. Não contém nenhum traço das identidades iniciais. Foi um erro? A teoria da evolução pode ser perfeitamente aplicada à Arquitectura no que toca à preservação e restauro da nossa herança cultural e identitária. É inconcebível acreditar nas procrastinações que temos observado nos últimos anos que nos deixaram nada mais do que degradação, fábulas ou restauros que podem apenas ser apreciados a modestas quantias de visita temporária, alguns sem permissão para fotografar.

<sup>260</sup> HOLT & LOOBY, Michael & Marissa - “Cronocaos at the New Museum: In OMA's exhibition, preservation becomes a platform for a wider debate around the dilemma of the architectural profession.”, DOMUS, 2011.

<sup>261</sup> Fonte: Base de dados do website OMA - <http://oma.eu/news/cronocaos-omas-exhibition-on-preservation-opens-in-new-york>.

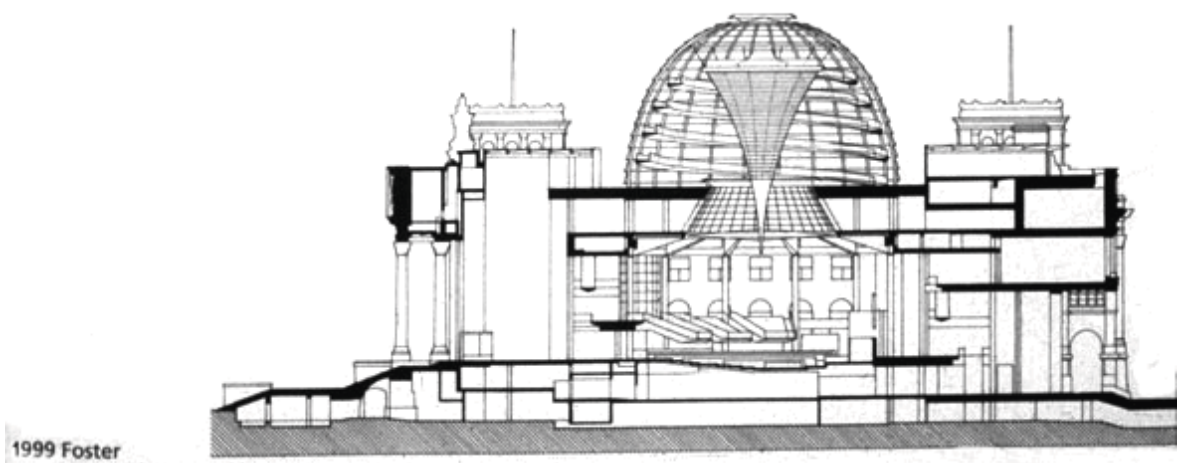
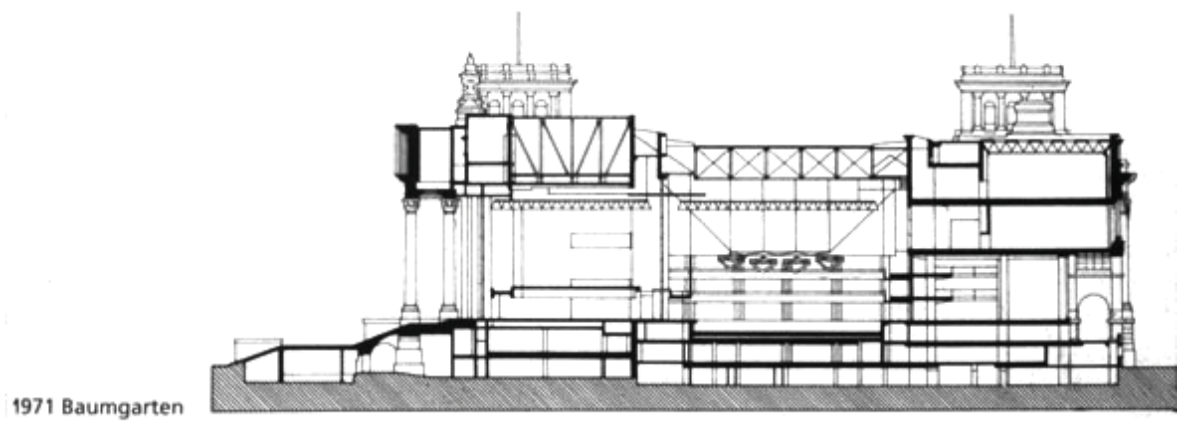
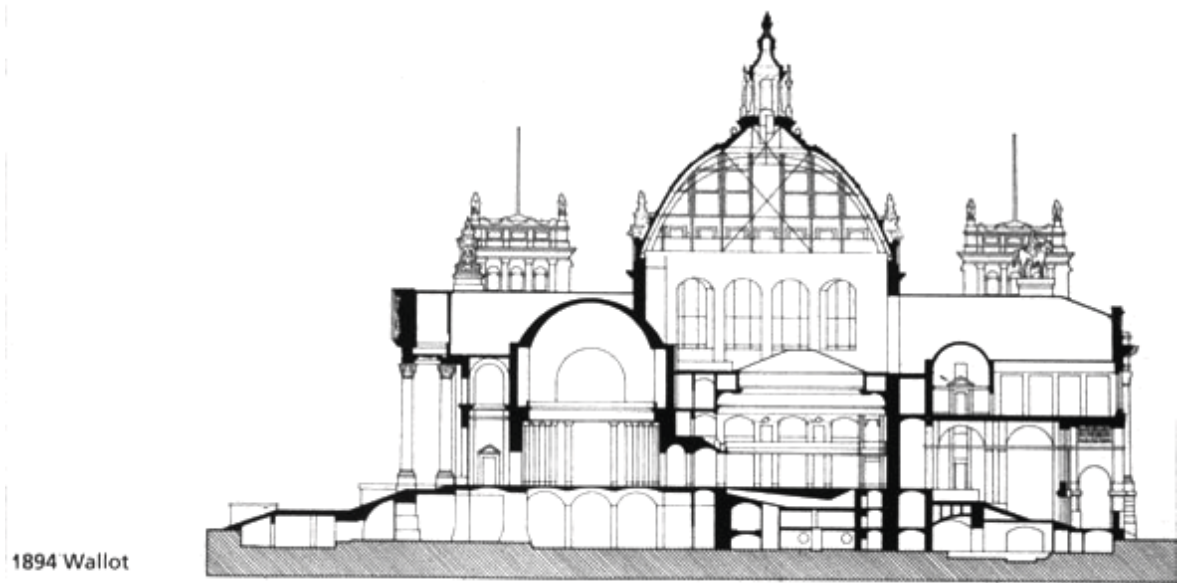


Evolução do Reichstag, na Exposição Cronocaos | OMA/AMO | 12.08.2015

Ainda assim, devemos ter em mente que o restauro, como o conhecemos, pode muito bem estar a cicatrizar a nossa cidade e garantir cada vez mais as fábulas turísticas que conseguimos identificar nos dias de hoje, cada vez, em maior quantidade.

Existem duas ideologias belicosas quando se trata do tema da conservação: ruína vs. restauração. Muitas vezes num projeto de "restauração" escava-se o edifício em questão, resultando numa espécie de farsa, onde a "estrutura histórica" acaba por ser um edifício completamente novo em si. Estes, envelopes burocráticos de preservação, de facto, promovem transformações radicais. A sua linguagem e os seus códigos são demasiado redutores e primitivos para servir ao seu objectivo: para gerar um, chamado, "ajuste" entre o que existe e o que é o renovado (mas que é, de facto, muitas vezes totalmente reconstruído). Produz-se portanto uma nova linguagem arquitectónica de consumismo disfarçado.<sup>262</sup>

<sup>262</sup> OUROUSSOFF, Nicolai - "An Architect's Fear That Preservation Distorts", The New York Times, 2011.



Evolução do Reichstag – Wallot (1894), Baumgarten (1971) e Foster (1999) | OMA/AMO | 12.08.2015



Exposição Cronocaos | OMA/AMO | 12.08.2015

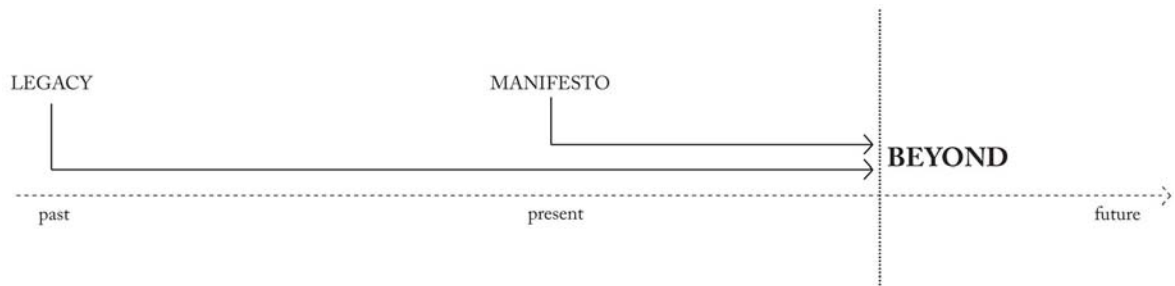
Se o papel da preservação é identificar e manter elementos que tornam uma cidade única, Pequim contém um vasto arsenal de relativamente nova arquitectura e situações urbanas que merecem a mesma consideração que o velho centro e os *hutongs*,<sup>263</sup> a substância genérica da cidade chinesa mais característica do passado de Pequim. Invés de um foco aparentemente inevitável no centro – o mais velho, o mais bonito, a parte mais histórica – diferentes modelos de preservação podem ser imaginados: uma “cunha” poderia gravar, de forma sistemática e sem preconceito estético, todos os desenvolvimentos que ocorreram num sistema urbano ao longo do tempo; uma grelha poderia agir como uma forma de amostragem, um modelo estatístico de preservação capturando cada condição urbana. Em vez de um monólito temporal – um centro permanente intacto e uma periferia em constante mudança – a cidade vai ser definida e enriquecida por fases: o antigo e o novo estariam num diálogo permanente.

**“What happens if all architecture older than 25 years is scraped? An entire territory is liberated as a strategic reserve. The city can think of itself in terms of creative transformation.”** 'La Défense é uma reserva estratégica em Paris, que tem actuado como zona de expansão privilegiada durante o período em que a cidade estava a passar por uma transformação de modernização. O primeiro sector agora cheio – e com a opinião europeia de que tudo o que é histórico deve ter o direito à vida eterna – o escritório de Rem Koolhaas, OMA, procura maneiras de criar bases para nova Arquitectura ao mesmo tempo que preserva

<sup>263</sup> Em Pequim, “hutongs” são vielas formadas por linhas de “siheyuan”, residências de pátio tradicionais. Muitos bairros foram formados pela união de um siheyuan para outro para formar um hutong, e, em seguida, juntar um hutong para outro. A palavra hutong também é utilizado para se referir a tais zonas. Desde meados do século XX, o número de hutongs de Beijing caiu dramaticamente à medida que são demolidos para abrir caminho para novas estradas e edifícios. Mais recentemente, alguns hutongs foram designadas como áreas protegidas numa tentativa de preservar este aspecto da história da cultural chinesa.

o "Teatro do Progresso". Integrado nesta investigação estão projectos com previsão de catástrofes naturais e a minimização de danos<sup>264</sup>, sendo que **as alterações climáticas continuam a ser um campo em limbo, no que toca à investigação e acção política na sua concretização, que Koolhaas admite ser crucial para o futuro da humanidade e Arquitectura.**

"I don't want just words. If that's all you have for me, you'd better go." <sup>265</sup>



'Call For Papers' para a edição STUDIO#09 intitulada "BEYOND". | Studio Magazine | 20.10.2015

"I look forward to a major rethinking in how we conceive architecture by the way it affects our emotional state. Architects may use the latest scientific results on the influence that forms, spaces, and surfaces have on our long-term health. That radical change in design perspective will generate an entirely new emotionally-nourishing architecture. Up until now, architects have been too caught up in a global fashion game to notice the scientific revolution occurring in understanding human perception and our visceral connection with the environment. But the evidence has become overwhelming, and pressure has built up from powerful outside agencies, threatening to make the usual image-based architecture irrelevant. At the same time, the hollow icons peddled by arrogant publicity-seeking starchitects will gradually lose favor with a better-informed public. Today's media darlings could soon be eclipsed by a new generation of practitioners who are genuinely concerned with our well-being." <sup>266</sup>

<sup>264</sup> Referência ao Projecto de Nova Iorque para controlo de cheias do grupo OMA e BIG. Consultado em: <http://www.archdaily.com/512516/oma-wins-rebuild-by-design-competition-with-resist-delay-store-discharge> em 20.01.2016

<sup>265</sup> FITZGERALD, F. Scott. "The Beautiful and Damned".

<sup>266</sup> SALINGAROS, Nikos Salingaros (2016) "50 Architects Tell Us What They Are Looking Forward to in 2016." ArchDaily.



Ascent of the Blessed |  
Hieronymus Bosch |  
20.10.2015



# 11\_ REGIONALISMO CRÍTICO, GLOBALIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO



"AUTONOMIA" | Aatoria Desconhecida | 20.08.2015

“A primeira questão é explicar por que a teoria, história e a crítica são muito importantes. São muito diferentes mas têm que ver com a concepção, com as bases, com a consciência, com a vontade. Nesse sentido, ainda que seja óbvio, é óbvio que todos os grandes arquitectos da história, arquitectos e arquitectas contemporâneos, os que se destacam ademais de uma grande criatividade, isto sem dúvida, grande capacidade de gestão, de projecto, de interpretar a realidade, são pessoas extremamente cultas e têm grandes conhecimentos de teoria, história e crítica. Quer dizer, ter um bom conhecimento de teoria não implica em ser um bom arquitecto, mas não se pode ser um bom arquitecto, uma boa arquitecta, sem ter bons conhecimentos. Isso o dizia o poeta T.S. Elliot, o crítico dizia: **A diferença entre um grande artista e um artista medíocre, podendo ter a mesma capacidade criativa, é a grande cultura de um grande artista.** Desde Palladio a Le Corbusier, Rem Koolhaas, Zaha Hadid, Lina Bo Bardi ou Paulo Mendes da Rocha. O que os fez destacar-se... a Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, etc.”<sup>267</sup>

<sup>267</sup> MONTANER, Josep Maria (2015) “Sobre arquitectura, teoria e crítica.” Entrevista por Beatriz Silva Correira. (Consultado em: <https://www.youtube.com/watch?v=Su0dph0LPtE>)

## 11.1\_ REGIONALISMO CRÍTICO



Casa das Histórias Paula Rego Cascais, Portugal |  
Arq. Eduardo Souto de Moura | © FS+SG |  
20.08.2015

Vivermos num mundo moderno teve uma repercussão – ainda por decidir se negativa ou positiva, mas maioritariamente positiva –, tendo como resultado a acessibilidade e transmissão de informação entre pessoas, com todo o acesso que têm a tecnologias e, a prova disso é a nossa rotina diária – passamos mais tempo a olhar para um ecrã do que para o que nos rodeia.

Na década de 90 alguns arquitectos e críticos, como Kenneth Frampton, tiveram a ideia do conceito “Regionalismo Crítico”<sup>268</sup> – este, consiste na fundação de uma ideia de “escola”<sup>269</sup> regional que seriam influenciadas por relações e ideias globais<sup>270</sup>, mas, personalizadas e adaptadas a uma zona específica. Desta forma, facilmente um edifício obterá uma relação forte com o clima, lugar, técnicas de construção, herança cultural e com a própria sociedade.

*“The term ‘Critical Regionalism’ is not intended to denote the vernacular as this was once spontaneously produced by the combined interaction of climate, culture, myth and craft, but rather to identify those recent regional ‘schools’ whose primary aim has been to reflect and serve the limited constituencies in which they are grounded.*

*Among other factors contributing to the emergence of a regionalism of this order is not only a certain prosperity but also some kind of anti-centrist consensus – an aspiration at least to some form of cultural, economic and political independence.*

*The concept of a local or national culture is a paradoxal proposition not only because of the present obvious antithesis between rooted culture and universal civilization but also because all cultures, both ancient and modern, seem to have depended for their intrinsic development on a certain cross-fertilization with other cultures. As Ricoeur seems to imply in the passage quoted above, regional or national cultures must today, more than ever, be ultimately constituted as locally inflected manifestations of ‘world culture’. It is surely no accident that this paradoxal proposition arises at a time when global modernization continues to undermine, with ever increasing force, all forms of traditional, agraria-based, autochthonous culture. From the point of view of critical theory we have to regard regional culture not as*

---

<sup>268</sup> Tal como já foi mencionado anteriormente nesta dissertação.

<sup>269</sup> Referência à “Escola do Porto” (Portugal).

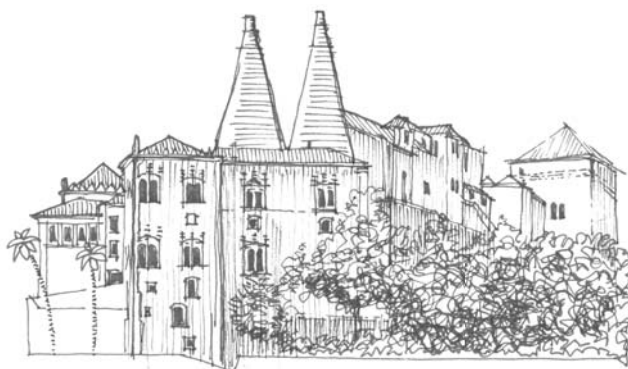
<sup>270</sup> Referência às teorias de Le Corbusier e Frank Lloyd Wright, por exemplo,

*something given and relatively immutable but rather as something which has, at least today, to be self-consciously cultivated. Ricour suggests that sustaining any kind of authentic culture in the future will depend ultimately on our capacity to generate vital forms of regional culture while appropriating alien influences at the level of both culture and civilization.”* <sup>271</sup>

Esta ideia foi muito influente e, na verdade, surgiram várias escolas que adoptaram-no ao seu trabalho de investigação e ensino<sup>272</sup> – Escola da Catalunha, Escola do Porto, Escola Finlandesa, Escola Holandesa e a Escola Suíça. Todas elas detêm uma configuração preferencial formal própria, bem como a abordagem perante as condicionantes, algo que acaba por se tornar até óbvio, uma vez que o próprio conceito do regionalismo crítico prevê a diferença formal, bem como intelectual, consoante a diferença territorial.

Um bom exemplo desta situação seria a ‘Casa das Histórias da Paula Rego’, do Arq. Eduardo Souto de Moura, em Cascais. O edifício é altamente questionável pela sua proximidade e distância, ao mesmo tempo, do entorno sócio-cultural. Consiste portanto numa mimese metamórfica do espaço – tanto em cor, como forma –, porém, o distanciamento para com o entorno é significativo e curioso. Uma vez no local de implantação (dentro da propriedade) o terreno, é semelhante a um parque, faz charneira com a propriedade do, também, parque Marechal Carmona e, aqui sim, existe a relação para com o entorno que se verifica na preocupação das **texturas, composição volumétrica** (uma vez que nunca ultrapassa a copa das árvores e tenta de certa forma adaptar-se à clareira pré-existente, de modo a conseguir preservar o maior número de árvores locais), e **cor** (complementar, ao verde do parque), já para o distanciamento, conseguimos observar isso na notória sede da sua inspiração – os vários palacetes da cidade, nomeadamente o Palácio dos Condes de Castro Guimarães –, que se encontra relativamente perto, nunca excluindo que as torres se encontram em casa. Quem conhece Cascais/Estoril sabe qual é a ligação. Poderia dizer-se que as duas torres são uma escolha peculiar pela posição espacial que ocupam, mas há fábulas de que Souto de Moura as teria feito, como uma alusão às torres do Palácio da Vila, em Sintra; tal como, poderia dizer-se que a cor encarnada é natural das habitações e palacetes locais, de cores quentes e vivas. Esta questão cromática é tão importante como em Jodhpur, ou em *Chefchaouen* – “*The Blue City*” (Marrocos) –, com o “azul Klein”, em maior abundância. **Seja, o edifício aproxima-se do entorno pela cor, textura, e volumetria, afastando-se significativamente das referências iniciais através das mimese que alimenta.**

Palácio da Vila, Sintra | © Bonecos de Bolso | 20.08.2015



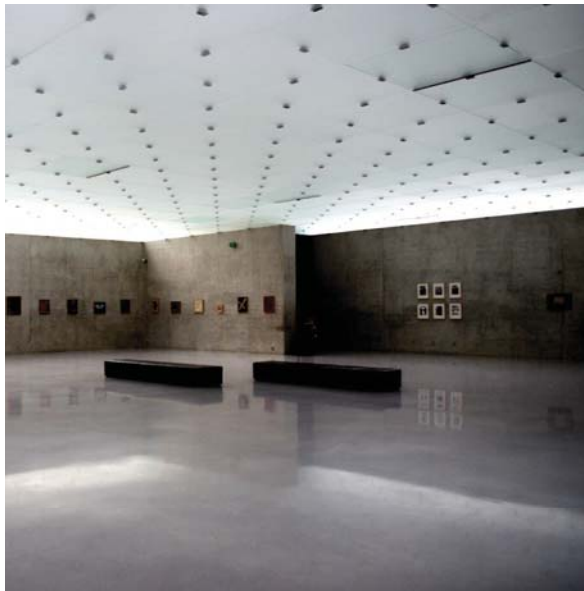
<sup>271</sup> FRAMPTON, Kenneth - “Critical History of Modern Architecture”, p.314.

<sup>272</sup> SHUMKOV, Ivan R. - Online Class: “Globalization and Critical Regionalism” - Contemporary Architecture MOOC. Open Online Academy, 2014. (<https://www.youtube.com/watch?v=Tgjbxy4nJ-4>)

*“A arquitetura moderna nunca se tornou um sistema formal consistente, comparável ao do classicismo europeu entre 1750 e 1925. Por mais que a arquitetura moderna tenha chegado a estar fora da vanguarda artística Europeia, sempre foi de alguma maneira pluralista no que diz respeito a essas lealdades formais primárias, como o purismo, neoplasticismo, construtivismo, expressionismo, etc. Inclusive se para alguns a arquitetura moderna poderia ser devidamente reconhecida como de cor branca mais ou menos unificada, cobertura plana, segundo as linhas do chamado estilo internacional canônico de Hitchcock e Johnson, que data de 1932, a obra dos arquitetos modernos europeus depois da Segunda Guerra Mundial nos anos 50 era invariavelmente muito diversa. Também pode ser citado o trabalho do pós-guerra da Alvar Aalto, que não tinha nada a ver com o estilo internacional, nem mesmo no período de sua canônica Biblioteca de Viipuri, de 1938-1939.”* <sup>273</sup>



“The Blue City” – Xexuão, Marrocos | Autoria Desconhecida | 21.08.2015



Museu Kunsthau in Bregenz | Arq. Peter Zumthor | © Peter O'Toole | 21.08.2015

Penso que seja aqui que se encontra a essência do Regionalismo Crítico e onde a Arquitectura contemporânea se reconcilia com o passado e com a identidade. Como outros

---

<sup>273</sup> FRAMPTON, Kenneth - Entrevista a K. Frampton, com Nicolás Sica Palermo, numa cafeteria perto de Washington Square (Nova York, EUA), Vitruvius, 2010.

exemplos poderia-se ter escolhido ainda o Cemitério de Igualada (Enric Miralles + Carme Pinos), a Casa de Chá da Boa Nova (Álvaro Siza Vieira), o Museu Kunsthaus in Bregenz (Peter Zumthor)<sup>274</sup>, entre outros.

Retomando à imagem com que se introduziu este capítulo – a autonomia –, toma-se o caso de um jovem escritor siciliano, Giorgio Vasta, que desconstrói a identidade das novas gerações. Vasta sente que as gerações nascidas na década de 70, 80 e 90, cresceram com a percepção do ‘fim do presente’ e do presente como o ‘fim’. Se esta impossibilidade ou incapacidade de ter perspectiva é própria dos jovens de hoje, então esta, diz Vasta, deveria tornar-se o seu baluarte: *“Because if our connotation is uncertainty – alienation not as an anomaly but as a permanent experience of the real – in that case it becomes fundamental to not turn uncertainty into an alibi but to use it as a tool for knowledge. To have the courage of uncertainty.”*<sup>275</sup>



Hemeroscopium House | Ensamble Studio | © Roland Halbe | 22.08.2015

A incerteza mencionada por Vasta é sinónimo de crise, com a precariedade de duas faces que, portanto, torna-se ambivalente e que não é recomposta num objeto dialético. Por um lado, a condição de insegurança económica, causada pelas consequências traumáticas da chamada “flexibilização” do trabalho no capitalismo globalizado, reduz o sujeito a um (bio-político) estado de precariedade permanente. Por outro lado, no entanto, a necessidade de uma identidade que é precária e resistente ao mesmo tempo, e que está localizada do lado de fora e contra o sistema capitalista, implicaria a possibilidade da existência de uma margem na qual nos podemos pronunciar numa crítica cultural. Tomando o caso das “indústrias criativas”,

---

<sup>274</sup> ZUMTHOR, Peter - *“The art museum stands in the light of Lake Constance. It is made of glass and steel and a cast concrete stone mass which endows the interior of the building with texture and spatial composition. From the outside, the building looks like a lamp. It absorbs the changing light of the sky, the haze of the lake, it reflects light and colour and gives an intimation of its inner life according to the angle of vision, the daylight and the weather.”*

<sup>275</sup> VASTA, Giorgio - “La Repubblica”, 6-10-2009.

estas, parecem ter incorporado a precariedade como um modo de produção cultural. Se isso for verdade, a questão, é determinar a margem de "heteronomia relativa" aceitável para sobreviver economicamente sem sacrificar a liberdade artística. Pode-se perguntar que tipo de autonomia é prevista pela resistência dos artistas e arquitectos contra o capitalismo e se o seu confinamento numa margem "autónoma" pode levar, pelo contrário, para a despolitização da estética das avant-gardes? Uma coisa é certa – as novas gerações, e a actual, não vai tolerar por muito tempo a ideia de ter que recorrer a ideias "standart"<sup>276</sup> e vão procurar novas soluções, algumas dessas que já têm vindo a surgir na nossa história. A realidade terá que mudar ou pelo menos aprender, e permitir, alterações que eventualmente possam justificar-se existir.



"Welcome to Reality" (Bem-Vindos à Realidade) |  
Álbum de Ross Copperman | 22.08.2015

## 11.2\_ EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO E CONSEQUENTE PRESERVAÇÃO/RECUPERAÇÃO DO PATRIMÓNIO EDIFICADO

"Os Analfabetos do século XXI não serão aqueles que não sabem ler e escrever, mas aqueles que não sabem aprender, desaprender e reaprender."<sup>277</sup>

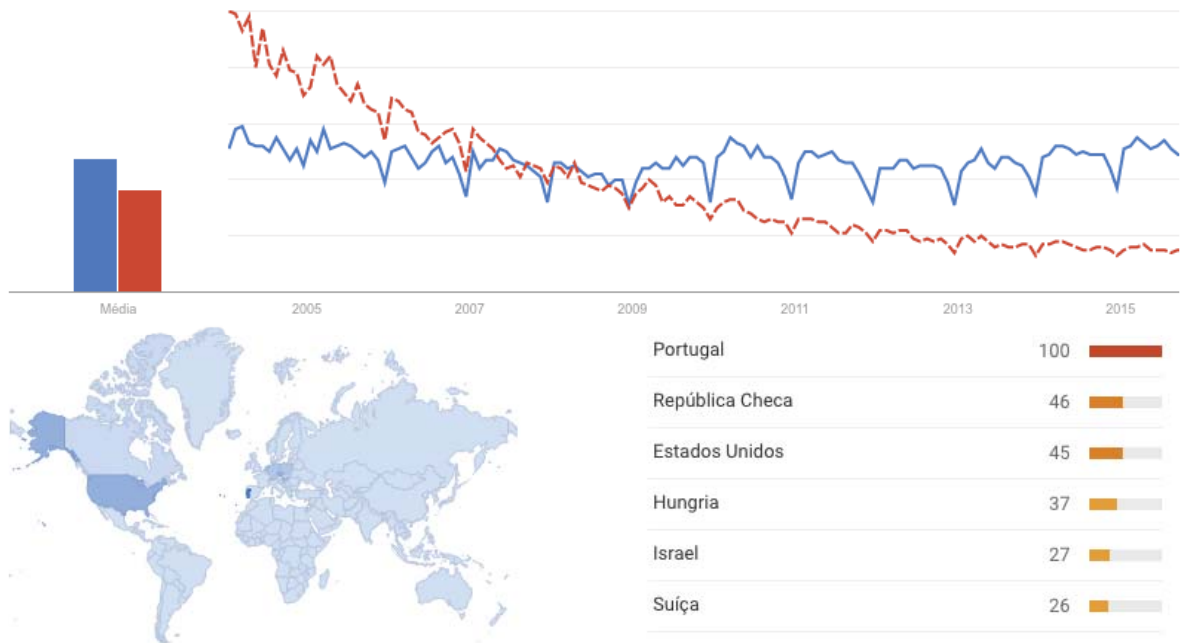
Estaremos portanto a falar de uma inversão da capacidade crítica no campo do belo/gosto (ambos bem distintos, apesar da sua óbvia correlação). Hoje mais do que há uns 100 atrás compreendemos que **podemos mudar** e coexistir com outras leis independentes à nossa

---

<sup>276</sup> BELOGOLOVSKY, Vladimir (2015) "Interview with Ensemble Studio: The New Generation Will Not Accept Standard Solutions. We Need an Entirely Different City." Archdaily.

<sup>277</sup> TOFFLER, Alvin

existência. Recorrendo às palavras de Antón Garcia-Abril quando numa entrevista<sup>278</sup> respondeu – à pergunta de Vladimir Belogolovsky, “O que é Arquitectura para ti?” –, **“Architecture is a primary need and it materializes culture and time. It expresses human spirit and desires, and conglomerates all these into a spatial condition. It is an amazing transformation of human attitude toward living.”** <sup>279</sup> Tornou-se portanto claro que a “preservação”, no seu sentido corrente, tomou o controlo absoluto, ou quase, da forma como os Arquitectos operam nos tecidos urbanos históricos, ou outro.



Nível de Interesse Público Mundial: Requalificação (AZUL) e Herança Cultural (VERMELHO) | Google Trends | 23.08.2015



Nível de Interesse Público Nacional: Requalificação (AZUL); Recuperação (VERMELHO); Cultura (AMARELO); Arquitectura (VERDE) | Google Trends | 23.08.2015

“The Phenomenon of universalization, while being an advancement of mankind, at the same time constitute a sort of subtle destruction, not only of traditional cultures, which might not be an irreparable wrong, but

<sup>278</sup> BELOGOLOVSKY, Vladimir (2015) “Interview with Ensamble Studio: The New Generation Will Not Accept Standard Solutions. We Need an Entirely Different City.” Archdaily.

<sup>279</sup> Tradução para Português - “Arquitectura é uma necessidade primária e, materializa cultura e o tempo. Expressa o espírito humano e os seus desejos, e aglomera todas estas numa condição espacial. É uma transformação maravilhosa da atitude humana para com a vida.”

also of what I shall call for the time being the creative nucleus of great civilization and great cultures, the nucleus on the basis of which we interpret life, what I shall call in advance the eternal and mythical nucleus of mankind.”<sup>280</sup>

A globalização recorre portanto a uma certa quantidade de padrões homogêneos, que podem ser ou não um perigo. **A história revela que as maiores mudanças ocorreram em épocas de ruptura** e apoiando, de certa forma, a teoria de darwin que no início aqui foi apresentada, comprova-se e vê-se relevante para o estudo da questão identitária e cultural.



Divisão alemã em 1946 | 01.09.2015

Recuando um pouco na história da Europa, nomeadamente ao pós-2ª Guerra Mundial (1945), Berlim ficou altamente danificada, encontrava-se portanto no “*Stunde Null*” (a hora zero). Na Conferência de Potsdam, a Alemanha foi dividida pelos Aliados em quatro zonas de ocupação militar; as três zonas a oeste viriam a formar a República Federal da Alemanha (conhecida como Alemanha Ocidental), enquanto que a área ocupada pela União Soviética se tornaria a República Democrática da Alemanha (conhecida como Alemanha Oriental), ambas fundadas em 1949. A Alemanha Ocidental estabeleceu-se como uma democracia capitalista e a sua contraparte oriental, como um Estado comunista sob influência da URSS.

Na parte de Berlim controlada pelo regime comunista, foi construído em 1973-76 o “Palast der Republik” (Palácio da República) de Heinz Graffunder e Karl-Ernst Swora. Em 1989-90, o regime comunista de certa forma desapareceu, uma vez que ocorreu a reunificação da Alemanha<sup>281</sup>, e gerou-se um problema no centro de Berlim, num terreno anteriormente ocupado por um outro palácio, o Berliner Schloss (Berlin Castle), começou então as discussões entre as quais se discutia a reconstrução do antigo palácio, que teria sido demolido pelos comunistas.

<sup>280</sup> RICOEUR, Paul - “Universal Civilization and National Cultures”, 1961.

<sup>281</sup> KOOLHAAS, Rem (2013) Conferência “Preservation of History.” Harvard GSD. (Consultado em: <https://www.youtube.com/watch?v=8kvZQ5TfnfQ>).



“Berliner Schloss” (ANTES) e o “Palast der Republik” (DEPOIS) | Autoria Desconhecida | 01.09.2015

O novo palácio, o “*ex-líbris*” do estado socialista alemão, foi demolido em 2009 para dar lugar à reconstrução do antigo, “Berliner Schloss”. Entretanto a economia local e do momento não se apresentava em condições de financiar um projecto de tal ego, sendo que a cidade era demasiado pobre, o que fez com que a demolição do “Palast der Republik” tivesse ficado suspensa por 10 anos. Assim foi até que houve uma infestação de asbesto e teve de haver um processo de limpeza que acabou por retirar o seu antigo esplendor ao edifício, contudo foi encontrado uma nova estética – um simples esqueleto, talvez até, utópico.<sup>282</sup> Por interessante, ou não, foi neste momento que a população começou a considerar o futuro do “Palast der Republik”. A crítica possível que se poderia fazer seria a mesma que implícita e obviamente notória, quanto à postura adjacente à da Alemanha, por querer reconstruir o antigo “Berliner Schloss”. **Será que faz sentido reconstruir algo que já não existe?** Aliás, construir, porque para reconstruir requer uma pré-existência visível e notoriamente dentro do que se considera recuperável, não era o caso. Esta ideia não seria diferente da de (re)construir a grande parte restante do Palácio da Ajuda, em Lisboa. **Alerta-se portanto para a situação, possível de crítica, que é a hipocrisia do pensamento corrente quanto à postura adoptada neste tipo de situações.** No caso do “Palast der Republik”, seria minimamente credível que as intenções simbólicas dos grupos apoiantes da preservação do mesmo, fosse a de querer deixar o dito esqueleto do palácio a cru. **“A estética não requer ser algo bom ou bonito para que exista. Um funeral pode ser estético”**<sup>283</sup>, com toda a sua beleza sinistra e o que dela advém. Era necessário que se

<sup>282</sup> KOOLHAAS, Rem (2013) Conferência “Preservation of History.” Harvard GSD. (Consultado em: <https://www.youtube.com/watch?v=8kvZQ5TfnfQ>).

<sup>283</sup> DOMINGUES, José António Duarte (2015) Aula de Estética e Criticismo sobre o “Aesthesis”, UBI.

compreendesse isto. O Caos é estético, e até poético. A não ser que mudemos a nossa mentalidade para compreender que a teoria e a crítica não possuem uma função de gaveta, aparato, aparagem, pantomínice, poder-se-à afirmar que no que diz respeito à habilidade de recuperação e preservação de edificações, e espaços públicos, “o design substituiu a política.”<sup>284</sup>



“Quanto mais uma cidade é destruída mais se torna susceptível de ser preservada e evoluir, para que possa no futuro oferecer cultura histórica.”<sup>285</sup>

Dresden depois da II Guerra Mundial | Autoria Desconhecida | 02.09.2015

*“I generally believe that we shouldn't tear down buildings that are still usable. (...) The idea of preservation dates back to the beginning of the modern age. During the 19th century, people essentially felt that something had to be at least 2,000 years old to be worthy of preservation. Today, we already decide during the planning stages how long a building should exist. **At first, historical monuments were deemed worthy of preservation, then their surroundings, then city districts and finally large expanses of space.** In Switzerland the entire Rhaetian Railway has been added to the list of UNESCO World Heritage Sites. The dimensions and repertoire of what is worthy of preserving have expanded dramatically. (...) It would be madness for an entire period of architectural history that had a major influence on cities around the world to disappear simply because we suddenly find the style ugly. This brings up a fundamental question: **Are we preserving architecture or history? We have to preserve history. Future generations, after all, should understand the past.** To achieve this, we need to selectively preserve history and a building can represent history. When you stroll through Rome, you embark on a journey through over 2,000 years of history. That's wonderful. (...) In my generation, it was all about tackling new challenges. We identified with the ideals of the French Revolution, namely liberty, equality and fraternity, and in that kind of culture, people were very interested in new things. **The new generation is more concerned with comfort, security and sustainability. It is in keeping with this lifestyle that people want to live in buildings with a history.** (...) **If we assume a new attitude toward preservation, then we need a new attitude toward demolition.** We once made a radical proposal for Paris in a competition: The district beyond the city's La Defense neighborhood is made up of miserable and mediocre architecture because at the time aesthetics weren't taken into consideration in the planning. **Instead of expanding Paris, we said they should tear down every building there that was older than 25 years. The beauty of this idea is that you can create something better every 25 years.** (...) (about the rejection of Paris government in a urban proposal) But that doesn't matter, because our competition entry was still a statement. For us, the balance between old and new is a very, very important issue. **We shouldn't be sentimental about everything that is a few decades old. Without balance,***

<sup>284</sup> KOOLHAAS, Rem (2013) Conferência “Preservation of History.” Harvard GSD.

<sup>285</sup> Idem.

*we run the risk that some cities will become their own museums while other urban centers will generate a frenzy of new architecture that springs up virtually overnight.”*<sup>286</sup>

## REUSE BUILDINGS. REUSE ENERGY.



Campanha Americana de Sensibilização para a Sustentabilidade e Preservação | Autoria Desconhecida | 02.09.2015

The greenest building is the one that's already built.

Foi enviado a este autor, pela *GSAPP Transcripts*<sup>287</sup> da *Columbia University Graduate School of Architecture, Planning and Preservation*, o livro “*Preservation Is Overtaking Us*”. Este, resultado de uma conferência do Arquitecto Rem Koolhaas, no dia 17 de Setembro de 2004, na Columbia University (GSAPP), onde se discutiu precisamente o salientado no excerto anterior (KOOLHAAS, Rem (2015) “We Shouldn’t Tear Down Buildings We Can Still Use.” Spiegel Online International.) onde se consegue constatar que há pelo menos 11 anos que ele tem vindo a reforçar a ideia de que “**Estamos a viver uma incrível e um momento ligeiramente absurdo, nomeadamente que a preservação está a ultrapassar-nos.**”

---

<sup>286</sup> KOOLHAAS, Rem (2015) “We Shouldn’t Tear Down Buildings We Can Still Use.” Spiegel Online International.

<sup>287</sup> A GSAPP Transcripts é um registo dos maiores eventos ocorridos na Columbia University Graduate School of Architecture, Planning and Preservation. Evidenciam que a simples ideia da publicação é um acto de tornar algo público, os vários livros como este formam uma corrente de discussão crítica interna e externa. (Livro oferecido no mês de Outubro de 2015 a Carlos Vasconcelos Matias.)



City-image in a crisis of consumption, “Beijing Brandalism: The Commodification of an Urban Identity” (2006) Cambridge University. | Dissertação do crítico de Arquitectura, Oliver Wainwright, do The Guardian | 06.09.2015

Inicialmente evidencia o cenário paradoxal da China, uma vez que estava a projectar um edifício para lá. Segundo ele, a China estaria na altura a sofrer de uma repercussão que se viria a evidenciar com o tempo – a ruralidade. Enquanto que no Ocidente sempre houve uma complexa crítica e discussão quanto ao futuro das cidades e da Arquitectura, na China o tema manteve-se num limbo fascista. Em contrapartida o actual cenário do ocidente, que chega a uma total, ou quase total saturação de construção, encontra-se com o problema dos ossos dos antigos edifícios que criara no passado, já no oriente existe uma total necessidade de construir habitação em grande massa. Temos portanto esta necessidade de habitação e infra-estruturas, na China, então o que aconteceu nos últimos anos é que as cidades têm sofrido transformações radicais nas suas periferias o que se tornou pouco previsível o crescimento periférico das mesmas. Se observarmos o caso de Pequim, ou Beijing, que começou com uma cidade-ideal quadrada, com quatro lados, três portais em cada um desses lados, e com um sistema regrado típico da cultura chinesa, hoje encontra-se um descontrole ansioso pela globalização forçada dos espaços e da cidade, talvez o nome que se pode dar à situação será “Brandalism”<sup>288</sup>

*“The city ... does not tell its past, but contains it like the lines of a hand, written in the corners of the streets, the gratings of the windows, the banisters of the steps, the antennae of the lightning rods, the poles of the flags, every segment marked in turn with scratches, indentations, scrolls.”*<sup>289</sup>

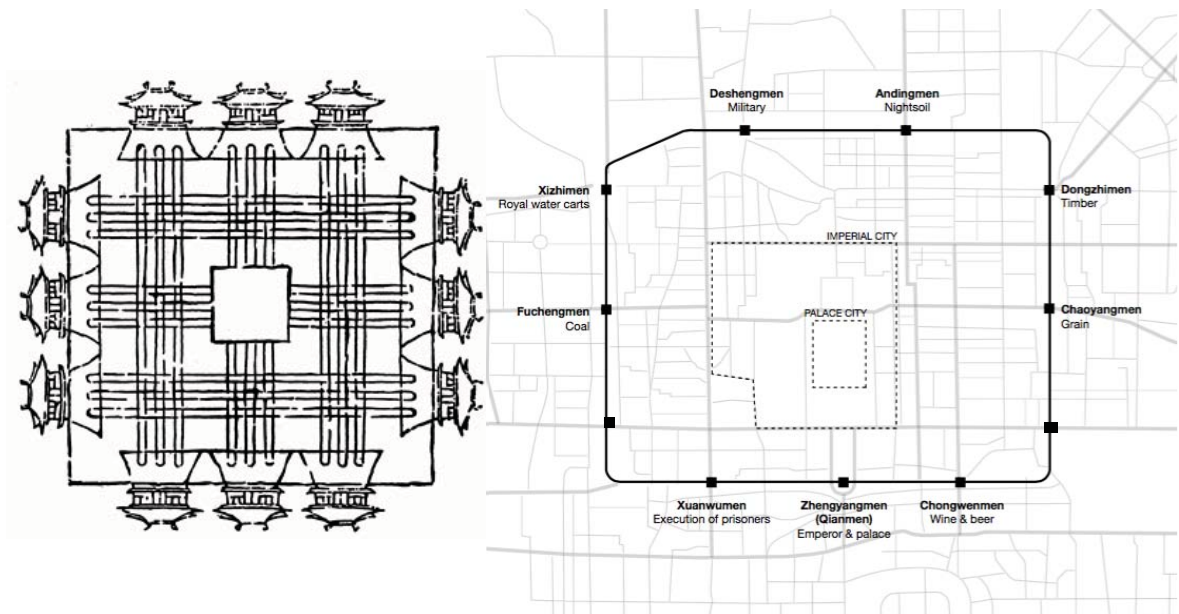
*“A whole history remains to be written of spaces – which would also be a history of powers ... Anchorage in a space is an economic-political form which needs to be studied in detail.”*<sup>290</sup>

---

<sup>288</sup> Conceito usado pelo crítico de Arquitectura, pelo The Guardian, Oliver Wainwright, na sua tese de mestrado intitulada “Beijing Brandalism: The Commodification of an Urban Identity” (2006) Cambridge University.

<sup>289</sup> CALVINO, Italo (1974)

<sup>290</sup> FOUCAULT, Michael (1980) “The Eye of Power.” In *Power/Knowledge*, ed. Colin Gordon, cited in Bray, 2005.



1 - Representação da cidade capital ideal, como descrita no “*kaogong ji*” capítulo do “*zhou li*” (周礼.考工记);

2 - Plano da cidade, salientando os 9 portais associados ao tráfego da Dinastia Ming. | Dissertação do crítico de Arquitectura, Oliver Wainwright, do The Guardian | 06.09.2015

Retomando um pouco ao livro de Rem Koolhaas. Estas pressões culturais obrigaram então a uma maior consciencialização do que é preservar e então Koolhaas descreve a situação como “almost anything that is architecturally important in China is **enterring both an absolute ideological void and a completely defenseless situation.**”<sup>291</sup> Apesar de ele não mencionar qual o projecto a que se refere assume-se que seja o arranha-céus do CCTV, onde tal como já foi abordado nesta dissertação houve uma série de implicações críticas na abordagem ao local, bem como à sua fachada – **onde foi impresso a planta da antiga cidade sob a forma de “arranhões”**, se lhe pudermos chamar assim –, essa sensibilidade acabou por se tornar viral e hoje é um dos edifícios com uma atractividade tão grande quanto a Cidade Proibida.

Koolhaas despreza o rótulo com que por vezes é associado – *starchitect* –, e portanto nega toda as pré-concepções que desse nome advêm. Seja, apesar de ter noção que esse contexto foi criado por ele próprio, despreza-o.

Seria interessante mencionar que a situação que se está a viver na cidade de Pequim, neste momento é de uma grande crise ética e cultural, tal como já foi aqui exposto, mas essa tensão que começou por ser algo com que não se estaria à espera, terminou por ter um efeito se calhar positivo, pois **“a ‘destruição’ de Pequim tornou-se numa questão política.** Tal como os direitos humanos, preservação está agora a tornar-se num ‘botão de emergência’ que impossibilita as várias facções políticas de tanto soar o alarme da preservação como não.”

O que se pode observar é que a própria ideia de viver numa megacidade num *hutong* é algo poético e bem agradável. A escala é baixa, o silêncio é abundante nas ruas dos *siheyuan*. Apesar de feudal e anti-globalização, o que veio a garantir a destruição de muitos

<sup>291</sup> KOOLHAAS, Rem (2004) Conferência “Recent Work: OMA.” Columbia University, GSAPP Transcripts.

bairros típicos. Os hutongs à volta do Portal *Qianmen* permaneceram o centro das ruas de comércio de Pequim, tal como se pode observar nas imagens em baixo – a primeira da dinastia Qing, do século XVIII; a segunda do século XX; e a terceira nos dias de hoje, século XXI.



1- da dinastia *Qing*, do século XVIII; 2- do século XX; 3- dos dias de hoje, século XXI | Dissertação do crítico de Arquitectura, Oliver Wainwright, do *The Guardian* | 06.09.2015

Em 2002, o atelier OMA recebeu do Governo de Pequim, uma comissão que os permitiu investigar e definir para a China uma forma específica de preservação. “Este foi um daqueles momentos únicos em que nos aproximámos - e talvez poderia dizer que eu me aproximei -, de um dos mais íntimos sonhos utópicos, onde se encontra uma arquitectura que não faz nada.”<sup>292</sup> Talvez numa profissão como a da arquitectura, onde se parte do princípio que haja uma alteração violenta – pois toda a mudança é violenta para que haja de facto uma alteração propriamente dita –, possa encontrar o outro extremo da sua natureza adormecida, que se ocupa da preocupação de não fazer nada.

*“Has preservation become a dangerous epidemic? Is it destroying our cities? (...) Mr. Koolhaas’s vision is even more apocalyptic. A skilled provocateur, he paints a picture of an army of well-meaning but clueless preservationists who, in their zeal to protect the world’s architectural legacies, end up debasing them by creating tasteful scenery for docile consumers while airbrushing out the most difficult chapters of history.*

*The result, he argues, is a new form of historical amnesia, one that, perversely, only further alienates us from the past.”*<sup>293</sup>

<sup>292</sup> KOOLHAAS, Rem (2004) Conferência “Recent Work: OMA.” Columbia University, GSAPP Transcripts.

<sup>293</sup> OUROUSSOFF, Nicolai (2011) “An Architect’s Fear That Preservation Distorts.” *Art & Design - Exhibition Review*, *The New York Times*.

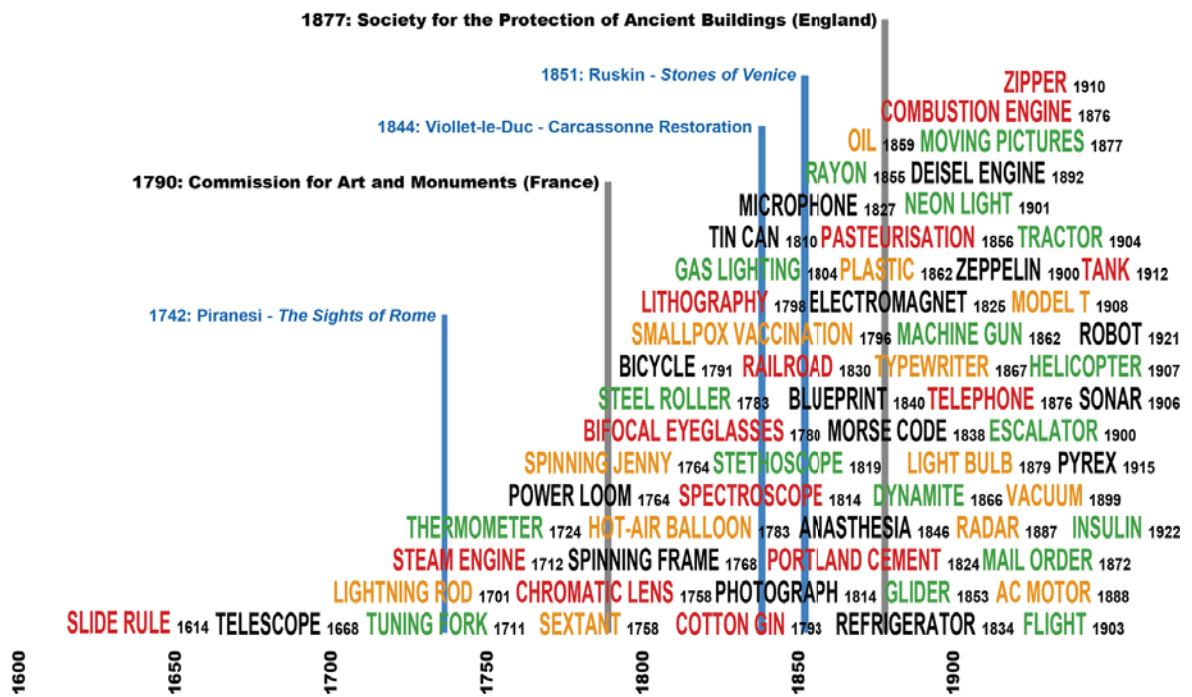


Gráfico da Relação da Invenção da Preservação Moderna para outras Invenções Modernas | OMA/AMO |

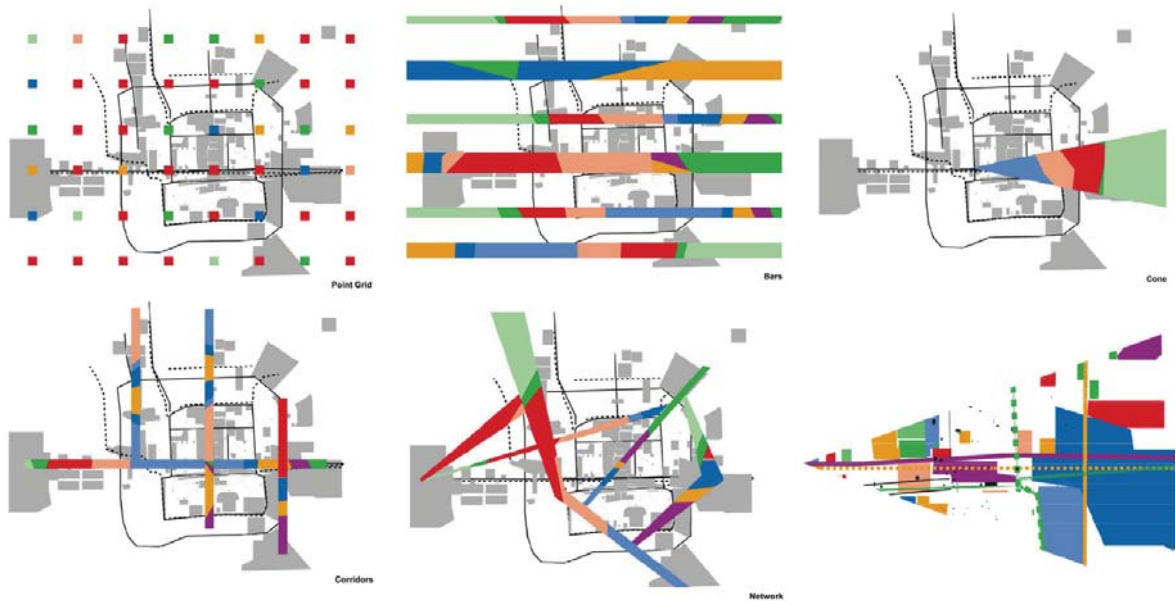
08.09.2015

A abordagem de Koolhaas partiu por encarar a preservação em geral, e naturalmente investigou a história da preservação. A primeira lei da preservação alguma vez definida é de 1790, alguns anos depois da Revolução Francesa – que por si só é já algo interessante. Outro momento muito importante foi em 1877, quando, na Inglaterra Victoriana, num momento muito intenso da civilização inglesa, foi quando surgiu a segunda proposta de preservação. Seguidamente leva-nos numa viagem pelo frenesim das invenções até ao século XIX, sendo que “se tomarmos atenção às invenções que estavam a surgir nestes dois momentos – cimento, estetoscópio, fotografia, blueprints, etc. – apercebemo-nos que a preservação não é o inimigo da modernização, mas na verdade uma das suas invenções. O que faz todo o sentido porque claramente toda a ideia da modernização levanta (...) a questão do que manter.”<sup>294</sup>

Foi então que ele pensou em impor uma regra para todo o centro de Pequim, uma espécie de código de barras onde definiria que barras seriam para preservar para sempre e quais que seriam para ir renovando ao longo do tempo sistematicamente. Desta forma conseguir-se-ia preservar a cultura chinesa tal como ela se encontrava, de uma forma muito democrática, o bom, o mau, as auto-estradas, os monumentos chineses, a mediocridade, o feio, e desta forma conseguiria preservar-se a condição da autenticidade do espaço. Propõe ainda que se pense na cidade de forma faseada, como um sistema agrícola de manutenção da qualidade da terra.<sup>295</sup>

<sup>294</sup> KOOLHAAS, Rem (2004) Conferência “Recent Work: OMA.” Columbia University, GSAPP Transcripts.

<sup>295</sup> Este método consiste em dividir o terreno em 4 partes rotacionadas, no sentido horário ou anti-horário, no fim das colheitas, onde 1 delas ficaria sempre em descanso e portanto sem nada plantado.



Gráficos de Estratégias de Preservação na cidade de Pequim – Grelha Pontual, Barras, Cone, Corredores e Relações Espaciais | OMA/AMO | 09.09.2015

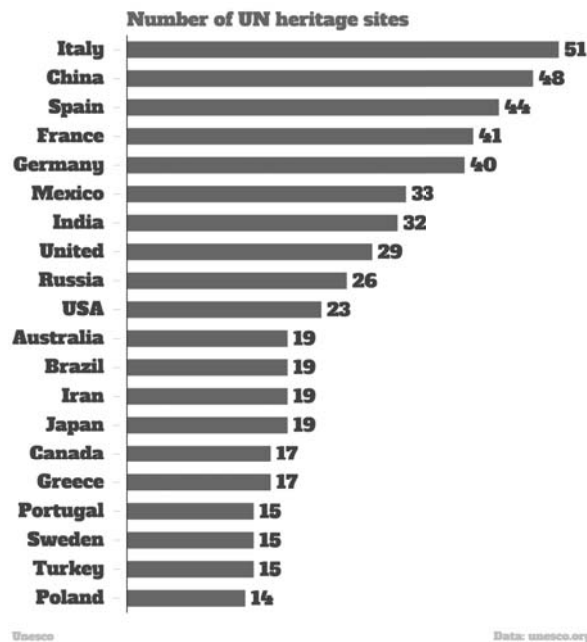
Esta ideia, de previsão de crescimento e preservação, para o futuro da cidade não é algo novo para a cidade de Pequim, uma vez que em 1958, durante a segunda fase do grande plano urbano de *Mao Zedong* com o “*Great Leap Forward*”. Tendo sub-urbanizado o urbano, ele, direccionou-se para a resolução do problema da sobrepopulação através de um programa de dispersão em massa. “O prego no caixão de uma urbanidade condenada à morte”<sup>296</sup>, este programa teve como objetivo difundir a cidade numa ‘região urbana’, vinte e oito vezes maior do que o centro da cidade planeada originalmente, mas destinada à mesma população alvo. “A população da cidade original deveria ser reduzida dos 5 milhões existentes para cerca de 3,5 milhões, enquanto os restantes 1,5 milhões seriam descentralizados em ‘colectivos espalhados’ e separados por uma cintura verde destinada à actividade agrícola. “Visionando a unificação do estilo de vida, práticas de trabalho e comportamento social da população rural e urbana chinesa, este programa contrariamente ao previsto minou a restante vitalidade da cidade e estabeleceu um precedente generalizado de expansão dispersa.”<sup>297</sup>

<sup>296</sup> WAINWRIGHT, Oliver (2006) “Beijing Brandalism: The Commodification of an Urban Identity.” Cambridge University.

<sup>297</sup> Idem.



<sup>298</sup> É uma certeza que este alienamento é real, a prova disso é que, actualmente, já 12% do superfície do planeta foi considerado histórico, por grupos como a UNESCO.



“This has become a global phenomenon. All over the world, historic centers are being sanitized of signs of age and decay, losing any sense of the identity that buildings accumulate over time. Facades are carefully scrubbed clean; interiors, often blending minimalist white walls and a few painstakingly restored historic details, are reduced to a bland perfection. And new buildings are designed in watered-down period styles, further eroding the distinction between what’s real and what’s fake, and producing what Mr. Koolhaas calls a low-grade, unintended timelessness.”<sup>299</sup>

Gráfico com as percentagens de locais galardoados como património pela UNESCO.<sup>300</sup> | Independent Journal | 11.09.2015

Algo ainda mais irresponsável é a própria “idade” dos edifícios que, pelos mesmos grupos que patentearam como património **12% da superfície da Terra, são considerados património**, que cada vez mais continua a encolher. No século XIX apenas antigos monumentos receberam protecção legal, enquanto que hoje os edifícios com 30 anos estão a receber os mesmo privilégios – locais históricos. O próprio arquitecto Rem Koolhaas já sofreu deste entorno intelectual duvidoso, com o seu projecto para uma habitação em Bordeaux, França, que apenas 3 anos após a sua construção, 1998, foi considerado um monumento nacional.

“This phenomenon is coupled with another disturbing trend: the selective demolition of the most socially ambitious architecture of the 1960s and ’70s — the last period when architects were able to do large-scale public work. That style has been condemned as a monstrous expression of Modernism.”<sup>301</sup>

<sup>298</sup> Segundo o autor do artigo do NYT, “The result, he argues, is a new form of historical amnesia, one that, perversely, only further alienates us from the past.” OUROUSSOFF, Nicolai (2011) “An Architect’s Fear That Preservation Distorts.” Art & Design - Exhibition Review, The New York Times.

<sup>299</sup> OUROUSSOFF, Nicolai (2011) “An Architect’s Fear That Preservation Distorts.” Art & Design - Exhibition Review, The New York Times.

<sup>300</sup> Consultado em: <http://i100.independent.co.uk/article/these-are-the-countries-with-the-most-un-world-heritage-sites--bkBRen2sdx>)

<sup>301</sup> OUROUSSOFF, Nicolai (2011) “An Architect’s Fear That Preservation Distorts.” Art & Design - Exhibition Review, The New York Times.

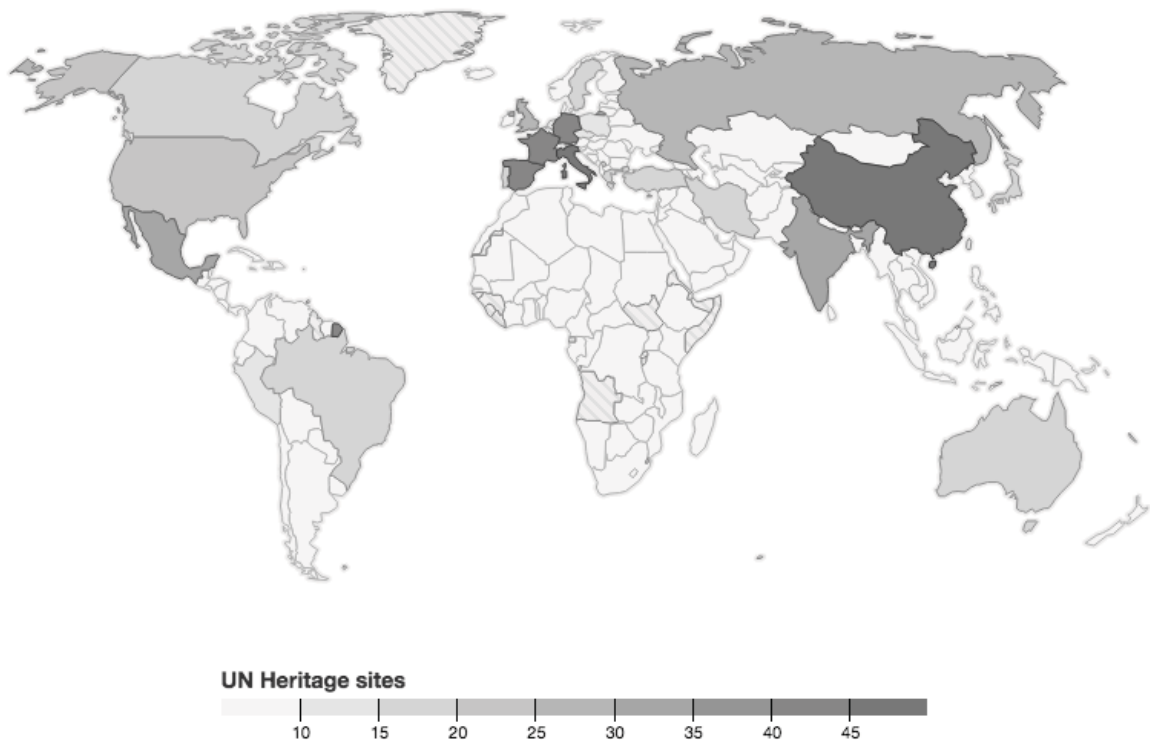


Gráfico com as quantidades de locais galardoados como património pela UNESCO.<sup>302</sup> | Independent Journal | 11.09.2015

Contrariamente a esta situação, nas antípodas, existe uma emergência crítica e intelectual em torno do que fazer com as edificações, em estatuto de ruínas. O mais recente caso do *Daesh*, em Palmyra e nos outros locais onde se encontravam vestígios de Património da Humanidade foram destruídos, ou reduzidos a percentagens muito inferiores às encontradas. Anteriormente a este atentado foi a demolição por parte dos talibãs afegãos, que apagaram todos os vestígios dos budas de proporções gigantescas, em Bamiyan, em Março de 2001. É importante, e actual, mencionar os estragos irrecuperáveis da guerra civil na Síria, que dizimou grande parte de uma das cidades mais antigas do planeta, Aleppo, bem como outras como Bosra e Crac des Chevaliers.<sup>303</sup> E não esquecendo a antiga ameaça, ou talvez não tão antiga, da destruição da esfinge, que se tornou selo de todo o Egipto juntamente com as pirâmides de Gizé.

“Countless buildings and cities have been destroyed over the course of history, whether by cataclysmic accident or belligerent design. The question has always been – **what to do in the aftermath?** We build to **remember**. We also build to **forget**. Should a structure be recreated just as it was, a replica rising from the rubble or ashes? Should something new emerge? Something that honours its predecessor in its grandness or ambition, or that so far overshadows it that it slips from memory? **Should we perhaps**

<sup>302</sup> Consultado em: <http://i100.independent.co.uk/article/these-are-the-countries-with-the-most-un-world-heritage-sites--bkBRen2sdx>)

<sup>303</sup> BARTLETT, Evan (2014) “Satellite imagery shows destruction of Syria's world heritage sites.” Independent Journal. (Consultado em: <http://i100.independent.co.uk/article/satellite-imagery-shows-destruction-of-syrias-world-heritage-sites--xyYmsWuQSx>)

preserve a ruin exactly as it has fallen, leave the rubble as a symbol of human frailty and as a lesson to future generations of the artistic and cultural cost of war and intolerance?”<sup>304</sup>



Imagens de Satélite da Antiga Cidade Histórica de Aleppo (limite vermelho), em Dezembro de 2001 (esquerda) e Agosto de 2014 (direita) | AAAS/NASA | 11.09.2015

**Sim.** Tornou-se claro com os mais recentes actos de terrorismo, e com uma ameaça constante da continuação de tais actos e expansão dos mesmos para o resto do mundo, nomeadamente a Europa, que a única forma que temos de preservar a memória dos locais é talvez recorrer ao comunismo que nada faz quanto a este sentido. É claro que **o século XXI vai ser o pioneiro da construção em luz** – a projecção do irreal, do já defunto –, tal como se pode observar na fotografia em baixo, onde se consegue perceber que o local onde estaria um dos conhecidos “Budas de Bamiyan” está ocupado, mas não é de forma física, mas sim psíquica, ou talvez seja de facto física na medida em que a luz é uma matéria controlável e manipulável – uma projecção, um vislumbre, uma **memória** do passado. Este projecto foi da iniciativa de um casal chinês, que usou a técnica da projecção holográfica por laser 3D.



Projecção de um 3D do que seria o buda de Bamiyan, Afeganistão | AFP | 11.09.2015

<sup>304</sup> CRAWFORD, James (2015) “The lives and deaths of buildings: Should we try to preserve ruins?” Independent Journal.

12



# 12\_ CONSIDERAÇÕES FINAIS: IDENTIDADE, COGNIÇÃO E ÉTICA

## 12.1\_ AFIRMAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE IDENTIDADES CULTURAIS: O CASO EUROPEU



Documentário “European Identity”, com a participação de 16 Escritórios de Arquitectura. | 20.11.2015

"A recordação não tem apenas que ser exacta; tem que ser também feliz; é preciso que o aroma do vivido esteja preservado, antes de selar-se a garrafa da recordação. (...) Recordar não é de modo algum o mesmo que lembrar. Por exemplo, alguém pode lembrar-se muito bem de um acontecimento, até ao mais ínfimo pormenor, sem contudo dele ter propriamente recordação. A memória é apenas uma condição transitória. Por intermédio da memória o vivido apresenta-se à consagração da recordação."<sup>305</sup>

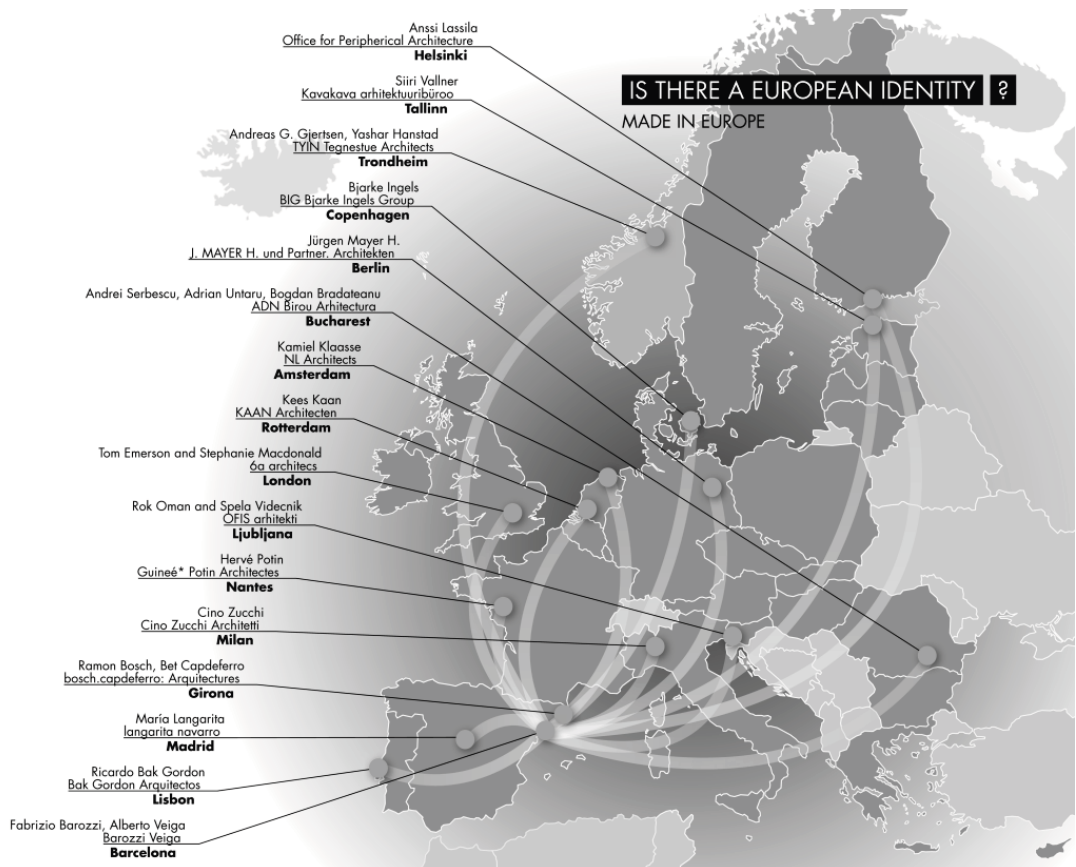
**Existirá uma identidade europeia?** Este documentário, intitulado como na questão colocada, é um projeto que dá continuidade ao debate sobre a identidade arquitectónica, que começou em 2014 na *Biennale di Venezia*. Este, reflecte um amplo e variado panorama, reunindo os pontos de vista de vários arquitectos numa extensão de 16 cidades, de Londres a Lisboa, de Bucareste a Trondheim. Este é um debate aberto em torno de uma questão que **não está à procura de uma resposta única, mas sim uma reflexão em curso** (que foi o que esta dissertação se dispôs inicialmente) que nos vai ajudar a entender o que é a cultura identitária, o que nos distingue, o que nos une e o que nos torna diferentes. Desta forma, demonstra-se uma ampla paleta de visões/percepções da perspectiva de cada arquitecto, através da sua experiência como professores, investigadores e também a profissional, dentro e fora da Europa. **Estas diferentes formas de entender a arquitectura, localização, tradições e**

---

<sup>305</sup> KIERKEGAARD, Søren Aabye, (1845) “In Vino Veritas”

tecnologia constroem um mapa de sensorial capaz de gerar um cenário mental de identidade cultural.

Aos arquitectos convidados, é-lhes colocada a questão da possível existência de uma identidade cultural europeia, bem como as qualidades que se destacam na sua localidade, como uma cidade europeia. Para estes profissionais **existe, pois a nossa identidade é um somatório de identidades, e que grande parte da nossa enorme riqueza reside precisamente no nosso respeito pelas diferenças. O valor do domínio público, de convivência harmoniosa, de reconhecimento da perspectiva local, a conexão com o que já existe, a cidade e as suas camadas de história, etc. Este é o lugar onde podemos encontrar os nossos valores comuns - capacidade metamórfica e compreensão do espaço público como parte de um todo.**



Esquema das Participações no Documentário “Is There a European Identity?” | Fundació Mies van der Rohe | 20.11.2015

OFIS arhitekti – Liubiana (Eslovénia): “There is a certain tradition, history, and continuity that you can read in European architecture.” <sup>306</sup>

NL Architects – Amesterdão (Holanda): “European identity can be understood as awareness within its context.” <sup>307</sup>

<sup>306</sup> VIDEcNIK, Spela (2015) Documentário “European Identity - Made in Europe”, Fundació Mies van der Rohe

<sup>307</sup> KLASSE, Kamiel (2015) Documentário “European Identity - Made in Europe”, Fundació Mies van der Rohe

Barozzi Veiga – Barcelona (Espanha): “I see European architecture as more of a collage of entities, than of one single identity.”<sup>308</sup>

BIG – Copenhaga (Dinamarca): “The work that we are producing, which you could argue would be Danish architecture, is actually created by people from all over Europe working in Copenhagen.”<sup>309</sup>

Kaan Architecten – Roterdão (Holanda): “If we are European, if we behave as Europeans, we automatically make European architecture, because our architecture is a reflection of our culture, of who we are and how we live.”<sup>310</sup>

J. MAYER H. und Partner, Architekten – Berlim (Alemanha): “Architecture today is a bridge between the past and the future. It’s something that relates to the historic heritage but also provides a vision of where we want to live, how we want to live, and how the architecture we want to live in should look.”<sup>311</sup>

Em contrapartida, a Europa assume-se como um aglomerado mestiço de várias sub-regiões (e várias religiões), isto se assumirmos a Europa como uma só região. Num trabalho comissionado a Rem Koolhaas e a Reinier de Graaf, pela Comissão Europeia, para conceber um símbolo europeu que representasse todos os países membros, os mesmos conseguiram-no através de um código de barras com as cores nacionais de cada país. Isto é, formataram o conceito do sonho europeu como um produto, o que acaba por ter a sua lógica uma vez que a Europa é essencialmente capitalista e sobrevive de trocas internas. É uma espécie de fusão de contextos que foi gerada, apesar de segregados e com diferente economia, e condensada – o novo, novo mundo.

É importante ter em conta os testemunhos acima transcritos, nomeadamente o do Arquitecto Bjarke Ingels que diz que produz, não só mas também, para a Europa pela Europa (uma vez que o atelier é composto por pessoas de toda a Europa), acrescenta ainda que acha muito curioso e incrível haver uma diversidade tão grande num local pequeno, quando comparado a outras nações, por exemplo os EUA em que existe sensivelmente a mesma linguagem para as diferentes situações; e o testemunho do Arquitecto Jürgen Mayer-Hermann, ao dizer que a arquitectura é uma ponte entre o passado e o futuro, e portanto que, o que se modifica e nos torna únicos é a liberdade, de como/onde queremos viver, e como isso se pode fazer sentir na comunidade regional, nacional e europeia.

Existirá uma identidade europeia? Tudo indica para que sim. Uma coisa é certa, existem várias, o que só vem confirmar e credibilizar o tema desta dissertação.

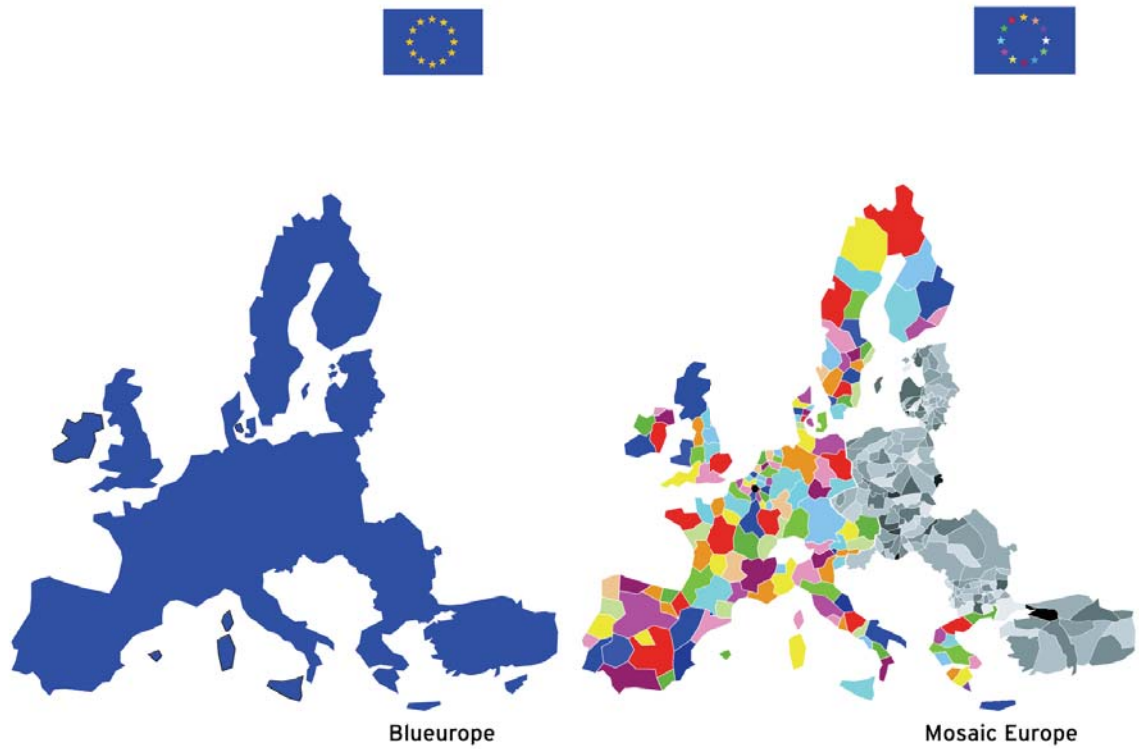
---

<sup>308</sup> BAROZZI, Fabrizio (2015) Documentário “European Identity - Made in Europe”, Fundació Mies van der Rohe

<sup>309</sup> INGELS, Bjarke (2015) Documentário “European Identity - Made in Europe”, Fundació Mies van der Rohe

<sup>310</sup> KAAAN, Kees (2015) Documentário “European Identity - Made in Europe”, Fundació Mies van der Rohe

<sup>311</sup> MAYER-HERMANN, Jürgen (2015) Documentário “European Identity - Made in Europe”, Fundació Mies van der Rohe



Formatação da Europa - união vs mosaico | OMA | 21.11.2015

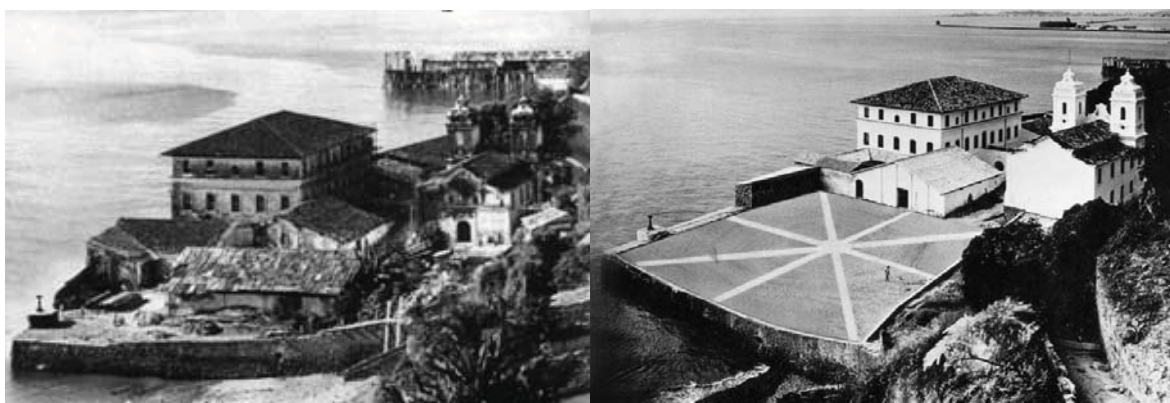


Diversidade Religiosa na Europa | OMA | 21.11.2015

## 12.2\_ ESQUECER PARA PRESERVAR: COGNIÇÃO COMO MÉTODO

“To choose doubt as a philosophy of life is akin to choosing immobility as a means of transportation.”<sup>312</sup>

“Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo e esquecer os caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia; e se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.”<sup>313</sup>



Solar do Unhão | Arq.<sup>a</sup> Lina Bo Bardi | 28.11.2015

“É uma vista estranha, que nos mostra uma rua da qual nós realmente não conhecemos nada. Lisboa foi perdida em 1755. Foi como se tivesse caído uma bomba nuclear.”<sup>314</sup>

Annemarie Jordan Gschwend: “Para mim, o que é interessante é a vida na rua. Lisboa tinha uma grande população negra. E o quadro não mostra apenas a população negra, mostra também os estrangeiros que ajudaram Lisboa a tornar-se a grande cidade comercial que era no século XVI. Os quadros também mostram animais. Há um cão que está a abocanhar uma ave. E é um peru. É uma ave que veio da América e que os portugueses tornaram numa ave global, levando-a para a Índia e para outras partes do mundo.” “Por isso, estas pinturas possuem, acrescento eu, uma ressonância extraordinária na nossa contemporaneidade. **Não devemos esquecer que os grandes momentos históricos de prosperidade e desenvolvimento beneficiaram sempre do ambiente multicultural, do seu inevitável efeito de miscigenação (mesmo que não desejada pelas elites), ou da liberdade de comércio e do pensamento que as trocas de bens e de ideias sempre representaram em todas as épocas. O passado e as suas imagens, podem assim ajudar-nos a defender uma maior abertura à importância da preservação da LIBERDADE como um valor (talvez o único) verdadeiramente inalienável.**”<sup>315</sup>

<sup>312</sup> MARTEL, Yann (2001) “Life of Pi”.

<sup>313</sup> TEIXEIRA DE ANDRADE, Fernando

<sup>314</sup> GSCHWEND, Annemarie Jordan (2015) Apresentação do Livro, no Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa. Público.

<sup>315</sup> SANTOS, David (2015) Em comentário ao artigo “A quinta avenida do século XVI ficava em Lisboa”, por Nicolau Ferreira no Jornal Público.



As duas pinturas encontradas numa mansão inglesa revelam o quotidiano de Lisboa, a capital de um império durante os Descobrimentos | SOCIEDADE DE ANTIQUÁRIOS DE LONDRES (Consultado em: <http://www.publico.pt/ciencia/noticia/a-quinta-avenida-do-seculo-xvi-ficava-em-lisboa-1716946>) | 16.12.2015

O espaço construído detém, através da matéria, a memória – ideologias, tradições e traços culturais, económicos, e políticos – dos que o habitam. Seria impossível, inconveniente talvez, manter integralmente a memória materializada na produção arquitectónica cultural, sendo que o preço a pagar seria a incapacidade de discernir diferenças, da falta de filtragem, ou ainda o perigo da pausa temporal conservadora, seria impedir o curso natural da história, cultura, vida que comportam mudanças sociais e portanto identitárias. O processo, doloroso, de reabilitação da memória – patente no acto da preservação cultural e portanto identitária –, corresponde a uma programação parcial do esquecimento, o controlo selectivo daquilo que se considerou relevante e que interessa reacender como um depósito valiosíssimo cultural, identitário, arquitectónico, da humanidade.

“Nas análises de projetos arquitetônicos de requalificação, a atenção, naturalmente se volta num primeiro momento para aqueles elementos que serão mantidos e, portanto, ficarão como legado de um tempo vivido. Mas, se a memória pressupõe o esquecimento como seu reverso, as intervenções exigem portanto uma ação crítica definindo o que de fato merece continuidade em um novo tempo. E como não se pode, nem se deve, fixar uma materialidade em sua totalidade, pois isso implica na pretensão de fixar o tempo passado, há que se definir criteriosamente o que esquecer.”<sup>316</sup>

No projecto do Solar do Unhão,<sup>317</sup> da autoria de Lina Bardi, o complexo foi valorizado no seu volume principal, sendo que, desvencilhando-se dos anexos e dos restantes volumes que ameaçavam a sobriedade do volume principal. Enfatiza-se aqui a operação de purificação do pátio. Em parte, o projecto é marcado pela forma da nova escadaria, desenhada de forma engenhosa, reinventando o encaixe dos “carros de boi”<sup>318</sup>, mas, é a recuperação do pátio do Solar do Unhão, despojado de todos os volumes ermitas, a decisão mais determinante e crítica da intervenção.

Este tipo de operações cirúrgicas ao ambiente e corpos residentes acabam por se tornar também algo danoso, sendo que estas ações são identificadas na documentação e nos desenhos técnicos que precedem o traçado da intervenção, como recomenda expressamente a Carta de Veneza de 1964.<sup>319</sup> Desta forma o registo das metamorfoses físicas ocorridas nos corpos arquitectónicos ou espaços não se perdem.

---

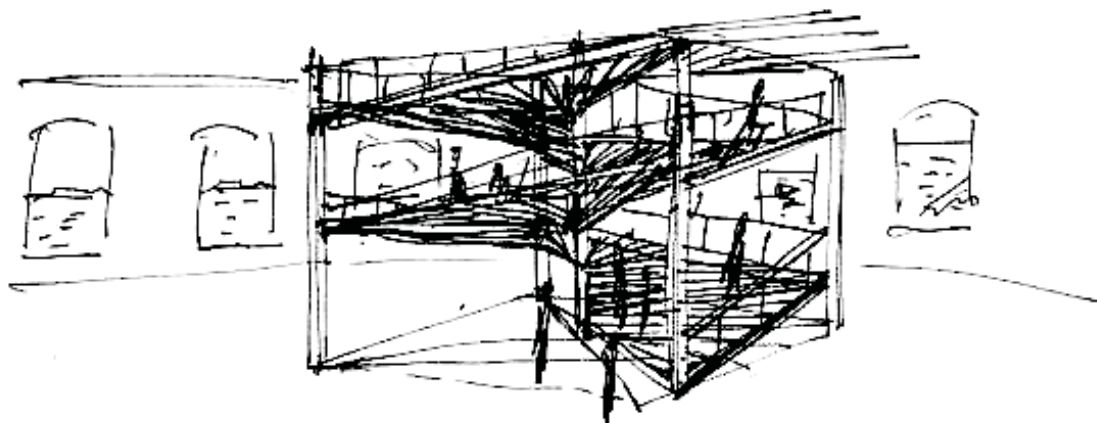
<sup>316</sup> ALMEIDA, Eneida de; BOGÉA, Marta (2007) “Esquecer para preservar.” Vitruvius.

<sup>317</sup> Ver fotografias no início do capítulo.

<sup>318</sup> ALMEIDA, Eneida de; BOGÉA, Marta (2007) “Esquecer para preservar.” Vitruvius.

<sup>319</sup> Carta Internacional redigida pelo III Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos. Veneza, 1964. Ver art. 16º.

Carlos Matias



Stair perspective – Main exhibition hall. Solar do Unhão, 1959. Picture by Henrique Luz © ILBPMB | 17.12.2015

A análise das “operações cirúrgicas” em preexistências de valor cultural requer imperativamente o balizamento dos critérios adoptados em projecto, com aqueles preceitos desenvolvidos no campo disciplinar da preservação de património cultural e de interesse público. Neste sentido, é absolutamente fundamental considerar a reflexão teórica, nesta dissertação exposta e explicitada, como instrumento que formula os princípios gerais a serem re-elaborados.

“qualquer comportamento em relação à obra de arte, nisso compreendendo a intervenção de restauro, depende de que ocorra ou não o reconhecimento da obra de arte como arte”.<sup>320</sup>

Seja, o valor atribuído ao objecto condiciona a ação, isto é, a própria intervenção deverá articular o seu conceito não com base nos procedimentos burocráticos disponíveis pela legislação em vigor, mas com base no conceito que se faz da obra – recorrendo ao subjectivismo.

“Chega-se, desse modo, a reconhecer a ligação indissolúvel que existe entre a restauração e a obra de arte, pelo fato de a obra de arte condicionar a restauração e não o contrário”.<sup>321</sup>

Segundo Brandi, a noção de **restauro equivale ao “momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplici polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro.”** Depreende-se portanto que: restauro é

<sup>320</sup> BRANDI, Cesare (2004) “Teoria da restauração.” Trad. Beatriz M. Kühl. Cotia, Ateliê Editorial. p. 28.

<sup>321</sup> Idem.

uma **acção crítica**, atento ao **juízo de valor**, focando-se para o reconhecimento da obra de forma estética e histórica; do reconhecimento **surge a obrigação de conservação**; por tratar de obras de arte, a **restauração deve privilegiar a estética**, por constituir o essencial que define a obra de arte com uma função mediática e sensorial. Deste ponto de vista, inverte-se o raciocínio – **a adição reclama a subtracção**. Delineia-se portanto o conflito entre as duas instâncias e a resolução é determinada por aquela que tem maior peso – adição ou subtracção.

“E como a essência da obra de arte deve ser vista no fato de constituir uma obra de arte e só em segunda instância no fato histórico que individua, é claro que se a adição deturpa, desnatura, ofusca, subtrai parcialmente a vista, essa adição deve ser removida”.<sup>322</sup>

**Realça-se que passará sempre por ser o juízo de valor a determinar a persistência da decisão histórica ou estética, na conservação ou remoção dos corpos impuros à obra original.**

323

Porém, se Cesare Brandi é uma referência obrigatória para a definição de “restauro”, a reflexão de Alois Riegl revela-se necessária para ampliar o debate crítico em torno do tema, a partir da investigação dos diferentes sentidos atribuídos pela sociedade ao bem de interesse patrimonial – valor de anciandade, de novidade e de uso – e das exigências simultâneas e muitas vezes contraditórias provenientes das atribuições de valores. As várias operações, como: **conservação, consolidação, renovação**, correspondem a procedimentos metodológicos completamente distintos entre si – tal como já se pode comprovar nesta dissertação num capítulo anterior, em que se apresentou vários.

Às vezes o processo de limpeza, simplificação, reitera um certo raciocínio *à priori* ampliando-o segundo o melhor “espírito” de uma memória presente nos tempos das pré-existências, em que a narrativa de um mito o fazia sobreviver, prezando-se assim a liberdade de invenção em detrimento da fidelidade do relato “palavra a palavra”.<sup>324</sup>

“Historical reality has two sides. One is made up of facts, events, material realities, and one of the ideas, images and dreams.”<sup>325</sup>

Há alguma coisa na natureza da imprecisão dos relatos da memória coletiva que deixa fissuras abertas a outros entendimentos e assegura a transmissão de um legado, de uma interpretação, uma mediação da narrativa “palavra a palavra”, recorrendo-se à metáfora no processo de materialização arquitectónica.

---

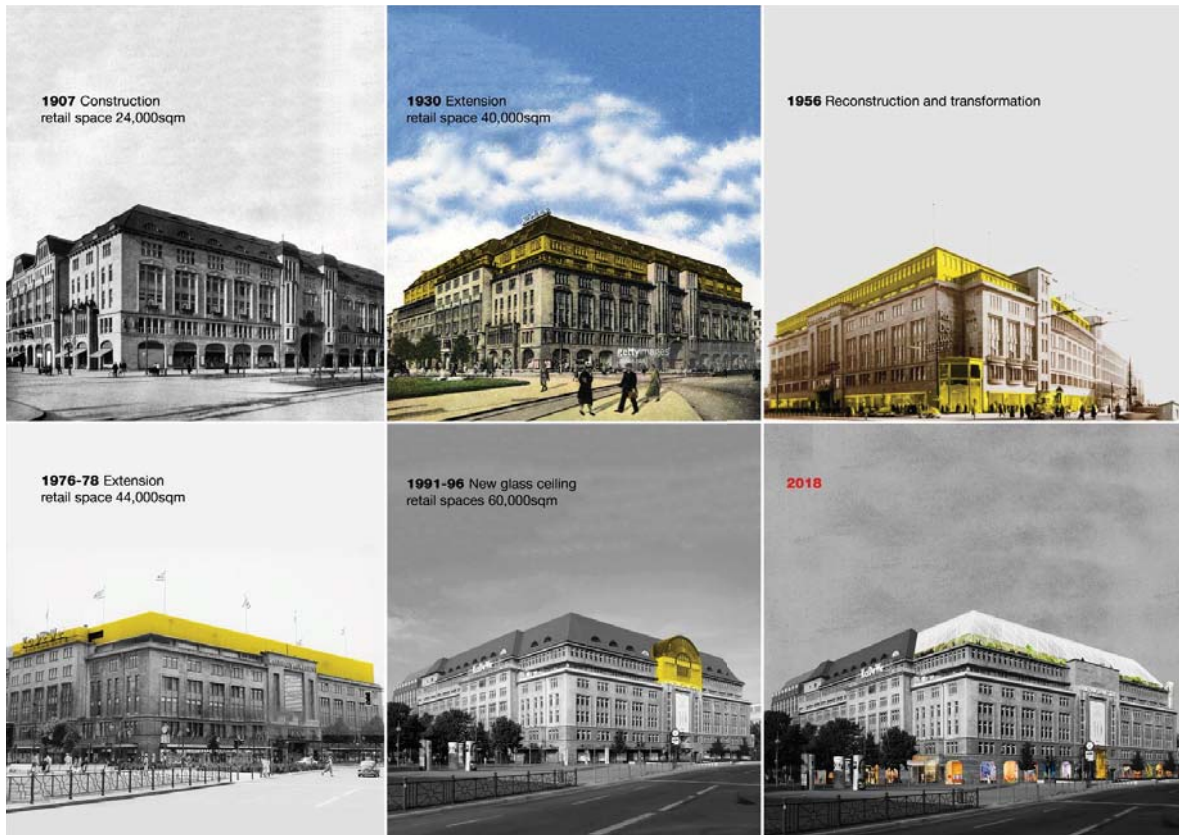
<sup>322</sup> BRANDI, Cesare. Op. cit., p. 84 (o grifo é nosso).

<sup>323</sup> Exemplo: Palácio do Reichstag ou o Kaufhaus des Westens (KaDeWe), o segundo com uma adição projectada para 2017 pelo grupo OMA.

<sup>324</sup> LE GOFF, Jacques (1984) “Memória”. Enciclopédia Einaudi, vol. 1 – Memória-História. Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, p. 18.

<sup>325</sup> LE GOFF, Jacques (1985) “The Medieval Imagination”.

“A melhor defesa de uma arquitetura histórica autêntica é o complemento de uma autêntica arquitetura contemporânea.” <sup>326</sup>



Evolução do dept. comercial Kaufhaus des Westens (KaDeWe), Berlim (Alemanhã) | OMA/AMO | 18.01.2016

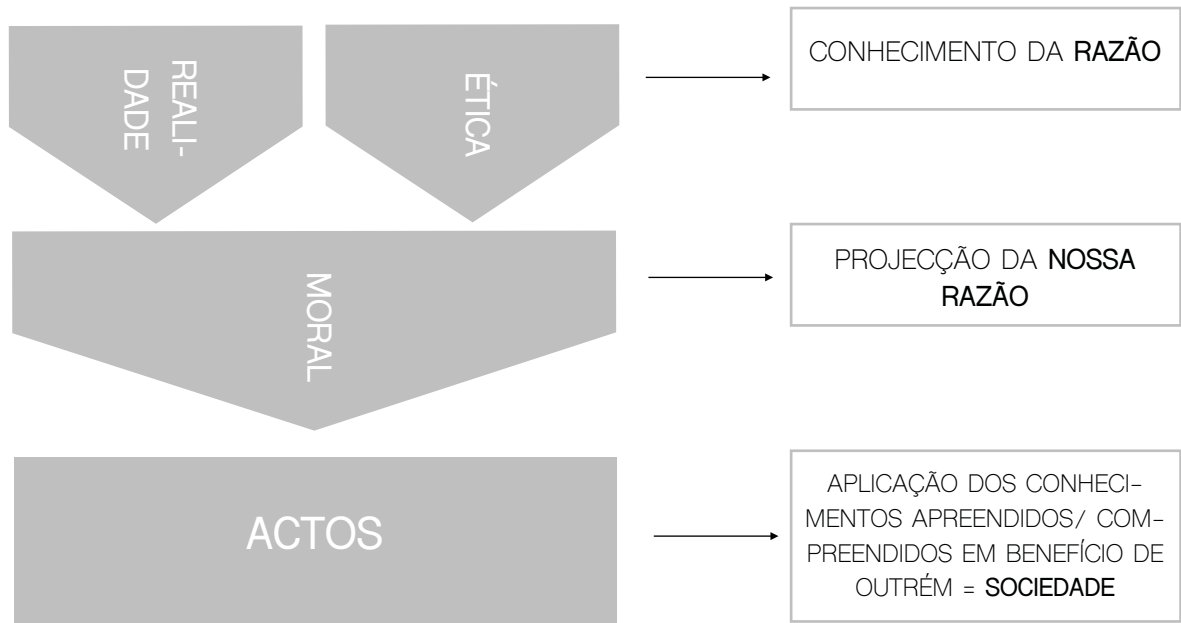
As demolições presumem a revelação da lógica de preservação implícita nos projetos. Nessa perspectiva, o legado de um tempo ao outro é criteriosamente analisado, tendo em vista que **preservar pressupõe decidir o que manter, como lembrança, mas também o que esquecer.** Daí a importância de documentar os processos de alteração ao património<sup>327</sup> – demolições e critérios de organização. Além da desejável transparência que faz com que a evidência de decisões tomadas possam configurar um tecido mais coletivo quer a propósito do esquecimento, quer a propósito da recordação. Conceito que para S.A. Kierkegaard é totalmente distinto de lembrança: “Recordar não é de modo algum o mesmo que lembrar. (...) **A memória é apenas uma condição transitória.** Por intermédio da memória o vivido apresenta-se à consagração da recordação.” <sup>328</sup>

<sup>326</sup> SORKIN, Michael (2003) “Patrimônio arquitetônico e metrópoles em extensão”. Rua – Revista de Urbanismo e Arquitetura, v. 1, n. 8 (Patrimônio: Maquinaria e Memória). Pág. 15. Salvador.

<sup>327</sup> Referência ao estipulado no Art.16 da Carta de Veneza de 1964.

<sup>328</sup> KIERKEGAARD, Søren Aabye, (1845) 'In Vino Veritas'

## 12.3\_ A MORAL E ÉTICA NA ARQUITECTURA: POR UMA COMUNIDADE ACTIVA!



Fundamentação da Moralidade, sob a tutela da realidade e ética. | 19.12.2015

- Is that your definition of moral (...), Dr. McCord? Is that your definition?

(...)

- (...) I'd like to answer that. You ask an interesting question, Jeff. I'd like to start by making a distinction that I usually make on the very first day of my Morals and Ethics class. **A lot of people say that morals are how we treat the people we know, and ethics are how we treat the people we don't know.** So morals are what make us a good parent, a good friend, a nice neighbor. **But ethics are how we build a society.** That's the true test of our higher self. **But what happens, Jeff, when society is ruled by the subjective morals of, say, you and your family and you choose to project that onto complete strangers, is that we all end up with a society that's governed by self-aggrandizement.** So, really, by calling to make sure you're the first little pedant to jump off your chair and teach me a lesson with smug superiority about your own particular moral point of view when you know precisely nothing of the situation, **you've done your part to contribute to the erosion of our entire social fabric.** Pat yourself on the back. Bravo. <sup>329</sup>

Conseguirá a Arquitectura, por intermédio do Homem, afectar uma Identidade Cultural, nas nossas cidades? Se sim, primeiro, terá sempre de ter um plano cuidado quanto à sua intervenção; segundo, inovar as tipologias culturais existentes; terceiro, intervencionar temporariamente em alguns casos pontuais; quarto, exercer uma papel de curador quanto ao debate, seja por parte<sup>330</sup> de profissionais instruídos ou por parte do homem comum.

<sup>329</sup> GREGORY, Joy (2015) "Waiting for Taleju". Série Televisiva Madam Secretary.

<sup>330</sup> GIANOTTEN, David (2014) Conferência "Talking Architecture" OMA. The Wheeler Centre, in Melbourne, Australia. (Consultado em; <http://oma.eu/lectures/talking-architecture>)

Ainda sobre este tema, o arquitecto brasileiro, Marcelo Carvalho Ferraz, que foi colaborador de Lina Bo Bardi (1977 a 1992) e de Oscar Niemeyer (2002), em entrevista para a Vitruvius, pela Raíssa Pereira Cintra de Oliveira respondeu à questão da dificuldade que é lidar com este grande tabu da nossa cultura, é a preservação do património. Transcreveu-se o excerto, em baixo, por ser muito claro, de uma forma facciosa, uma aprovação de abordagens pró-contemporâneas. Quanto à falta de solução para alguns edifícios que não podem ser usados propõe que não sejam conservados, ainda que, frisa, dependerá sempre das capacidades de cada profissional.



Lina Bo Bardi (centro), com André Vainer (esq.) e Marcelo Ferraz (dir.): autores do surpreendente projecto arquitectónico do Sesc Pompeia (atrás) | Foto: Divulgação | 11.11.2015

Raíssa de Oliveira: Como é a luta em lidar com o património e a cidade existente no dia-a-dia de um arquiteto? <sup>331</sup>

Marcelo Ferraz: Essa é uma questão que me atrai muito e me incomoda muito. E uma coisa que incomoda faz você pensar. Incomoda porque é uma questão com a qual nós lidamos todos os dias. E não é somente em relação àquele património oficialmente colocado, mas à cidade como um todo. Você tem que fazer intervenções contemporâneas, construir na cidade que é refeita todos os dias. E aí você não encontra somente o património classificado e que tem um “selo”: Esse património é tombado pelo Estado, pela União e pela municipalidade. O tempo todo estamos esbarrando com essa questão de como fazer uma intervenção na cidade em relação a algo mais ou menos valioso. Acho que o património “classificado” é algo fantástico para refletirmos sobre a prática de projeto. Porque é como se ele fosse um espelho. Um espelho para o qual você olha e diz: será que estou à altura de fazer algo ao lado

---

<sup>331</sup> CINTRA DE OLIVEIRA, Raíssa Pereira (2007) Entrevista realizada no escritório de Marcelo Ferraz, ao mesmo, pela arquitecta Raíssa Pereira Cintra de Oliveira. Vitruvius. (Consultado em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/08.030/3295?page=1>)

disso? Algo que em algum momento foi selecionado pelos homens e considerado bom? Essa provocação deveria servir para todos os arquitetos. Acho que a grande maioria não dá importância a essa reflexão e por isso a cidade está este farrapo, desconectada. Uma pessoa sequer pensa em dar uma continuidade em uma calçada ou num recuo de carros. As coisas são feitas completamente soltas. Os órgãos de preservação desde 1937 se preocuparam em classificar e preservar aquilo que tem um valor documental, principalmente documental. Ultimamente a gente tem discutido também outras escalas de valores, chegando hoje à questão imaterial. Mas é uma coisa nova ainda e, por outro lado, não dá pra ficar conservando tudo e todas as coisas porque você vai encher a cidade de cacarecos, como a **Lina dizia. Não é por aí.** Mas, aquilo que pode sobreviver e ser transformado e adaptado à vida contemporânea, é ótimo que seja. **Não é preciso destruir a cidade velha e construir uma nova: elas andam paralelamente.** Não é preciso ser contra torres altíssimas de apartamentos e escritórios porque você quer preservar a cidade antiga com a escala baixa e vice-versa. Você tem que trabalhar com coisas que conseguem sobreviver, que conseguem atender o uso atual. **Eu acho o uso uma questão fundamental, ele é que determina o valor.** Eu acredito nisso, se a coisa não tem mais uso não é possível ser aproveitada, não deve ser conservada. Se não é um documento, um grande testemunho da construção ou de alguma técnica arquitetônica, não tem porque ser conservada. **Mas por outro lado depende muito do talento das pessoas. Uma antiga fábrica pode virar um grande conjunto habitacional, por que não? Ou um hotel!** As fábricas da Zona Leste poderiam virar hotéis, flats. Ficaria maravilhoso. **É uma experiência deliciosa pra todo arquiteto. Mas não é o que acontece.** As pessoas olham de maneira tacanha: isso era uma fábrica e não dá mais para usá-la. Ora, você pode ter torres, elementos novos para as habitações, complementos. A questão está na capacidade do profissional. Neste ponto concordo com Lina e Lucio Costa: **Lucio dizia que cada caso é um caso e eu acredito nisso. Cada caso é um caso que tem que ser analisado. . O que derrubar? Derrubar metade? Conservar a outra? Enfim, quais as escolhas que você está fazendo.** Na arquitetura o tempo todo você está fazendo escolhas. Cada vez que a gente faz uma escolha uma nova realidade é colocada. **A arquitetura é uma coisa absolutamente dinâmica e que pode alterar completamente a realidade. Por isso essa dificuldade de se formar critérios e parâmetros rígidos. Porque os parâmetros são móveis, são relativos.** <sup>332</sup>

É importante portanto compreender a capacidade de analisar o território e a própria proposta, deste modo assegurar a sua estabilidade coesa, cautelosa e a mais indicada. **É portanto extremamente crucial, e necessário, que exista uma pratica reflexiva acerca de todas as componentes teóricas aqui introduzidas, bem como outras do foro profissional e cívico que se venham a confirmar necessárias e válidas estudar.** Essencialmente não há teoria crítica, – mundo inteligível –, que se sustente sem que a mesma tenha em vista alcançar melhoramentos reais, – mundo físico, ou pelo menos solucionar problemas actuais ou futuros. É ainda importante acrescentar, e realçar, que «**Architectura sine idea, vana architectura est**»<sup>333</sup> pois, para além do ponto anterior, pior será se a Architectura produzida for desprovida de qualidade.

Salienta-se o perigo da venda ao desbarato do território e do património, – uma desvalorização do património –, de modo a dar lugar a empreendimentos turísticos e outros, por parte de quem possui apenas interesses lucrativos pessoais com a destruição do território. Tal problemática é visível no ‘cartoon’ (abaixo) da autoria do famoso Steve Cutts, que afirma “**the general insanity of mankind is an almost endless pot of inspiration!**”<sup>334</sup>

<sup>332</sup> CARVALHO FERRAZ, Marcelo (2007) Entrevista realizada no escritório de Marcelo Ferraz, ao mesmo, pela arquitecta Raíssa Pereira Cintra de Oliveira. Vitruvius. (Consultado em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/08.030/3295?page=1>)

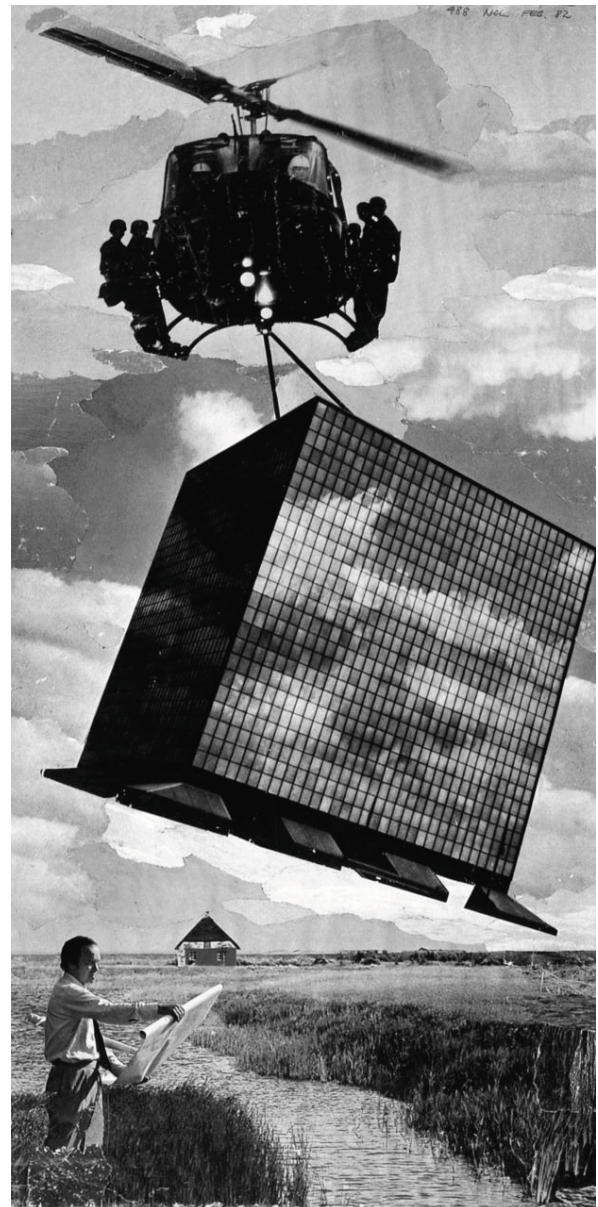
<sup>333</sup> BAEZA, Alberto Campo (2011) “A Ideia Construída”. Caleidoscópio Editora.

<sup>334</sup> CUTTS, Steve (2014) “How we Impact Our Planet – Animated Short Films and Interview with Steve Cutts.” Featured E-Magazine



Banalização do planeta, território nacional e pessoas em prol do capitalismo | Steve Cutts | 20.12.2015

"Form Follows PROFIT,  
Is The Aesthetic Principle Of Our Times." <sup>335</sup>



'First the building then the site' | Nils-Ole Lund |  
17.01.2015

"Quem produz a arquitectura não são os arquitectos, mas a sociedade, as pessoas. Os arquitectos fazem a síntese a partir do que os rodeia, do que conhecem, do que lêem e vêem." <sup>336</sup> Este excerto é-nos lembrado por André Tavares,<sup>337</sup> que muito sucintamente consegue desdobrar os tabus que condicionam a forma pejorativamente no século XXI, fá-lo, numa sessão de apresentação na Fundação Gulbenkian, onde explica o tema da Trienal de Arquitectura de Lisboa para o período vinculado entre 6 de Outubro a 11 de Dezembro de 2016, submetendo-se ao tema "A Forma da Forma"; acrescenta, André Tavares, que "O que

---

<sup>335</sup> ROGERS, Richard

<sup>336</sup> TAVARES, André (2015) "A próxima Trienal de Arquitectura de Lisboa regressa à forma para pensar o mundo." Jornal Público.

<sup>337</sup> André Tavares e Diogo Seixas Lopes, arquitectos e teóricos, são os comissários-chefes da próxima Trienal de Arquitectura de Lisboa, que acontece de 6 de Outubro a 11 de Dezembro de 2016, e que foi apresentada em traços gerais na Fundação Gulbenkian, em Lisboa, instituição parceira e cenário de uma das três exposições nucleares desta que é a quarta edição.

qualifica e transforma as cidades é a forma. Ela é a síntese, não é um simples devaneio intelectual.” Tornando-se portanto, “um lugar de gestão de conflitos, por exemplo, entre o autor do projecto e o dono da obra, um lugar de conciliação de vontades.” E, sendo a forma a manifestação mais comum para um arquitecto, pode ainda apresentar-se com um factor mediático e/ou performático, a forma descortina então a entrada do intelectualismo restrito arquitectónico a um público não especializado.

Torna-se portanto evidente a importância da comunicação por parte da arquitectura para com a população, que subtilmente constrói as *guidelines* para que a mesma possa acontecer e surgir como algo metamórfico no território, nunca como algo incomodativo. Aos comentários inúteis, pois diga-se de passagem que não acrescentam rigorosamente nada ao discurso intelectual ou mediático, salienta-se a sua ignorância mas nunca os descartemos pois também com eles se pode aprender e adquirir a compreensão. É também importante ainda não esquecer que a inocência é uma semente, pressupõe uma maturação, que por sua vez pode ser controlada ou descontrolada, o que condiciona a percepção e compreensão resultando numa possível ignorância, ou não... **O capitalismo é o inimigo número um da arquitectura**, mas também o seu mecenas, é importante conseguir relacioná-los e saber apurar a inocência humana para que esta não descambe e se transforme num clichê mal maturado da Natureza que apenas compreende o conservadorismo extremista, a consistência, a submissão e a resignação.

Aristoteles escreveu o livro “Ética a Nicômaco”, *Nicomachean Ethics*, uma das suas principais obras sobre Ética. Nesta expõe-se sua concepção teleológica e eudaimonista de racionalidade prática, a sua concepção da virtude como mediania e as suas considerações acerca do papel do hábito e da prudência. No primeiro Livro, **Polis - “Comunidade Política”**; segundo Livro, **Regime**; terceiro Livro, **Cidadania**; quarto Livro, **Teoria Constitucional**; quinto Livro, **Mudança = Revolução/Instabilidade**; sexto Livro, **Democracia vs Oligarquia**; sétimo Livro, **Melhor Estado = Melhor Qualidade de Vida**; oitavo Livro, **Educação**. Ou seja, a Ética a Nicómaco, trata da felicidade como guisa essencial para o Homem; trata das virtudes, da sensatez, do que se pode e do que se deve fazer; trata a possibilidade da nossa existência de acordo com as escolhas que fazemos; trata de autonomia, de viver com gosto; trata da procura do prazer pelo prazer - e do prazer pela honra; trata da justiça; trata das formas de vida que levam à felicidade; e trata da procura do amor. Apesar de ser um livro fundamental para a cultura do ocidente, não deixa que a sua pertinência seja discutida a nível mundial.

Para Aristóteles e seus escritos, toda a racionalidade prática é teleológica,<sup>338</sup> ou seja, orientada para um fim/“bem”, através do *éthos* (costume/tradição) e da *práxis* (acção) humana. À Ética cabe determinar o *‘summum bonum’* (finalidade suprema), que preside e justifica todas as outras, bem como a maneira para alcançá-la. **Essa ‘summum bonum’ é a ‘eudaimonia’ (prosperidade/felicidade)**, que não consiste nem nos prazeres, nem nas riquezas, nem nas honras, mas numa vida virtuosa. A virtude, por sua vez, se encontra no justo meio entre os extremos, e será encontrada por aquele dotado de *‘phronesis’* (prudência) e educado pelo hábito no seu exercício.

---

<sup>338</sup> Teleologia é o estudo filosófico dos fins, isto é, do propósito, objectivo ou finalidade.

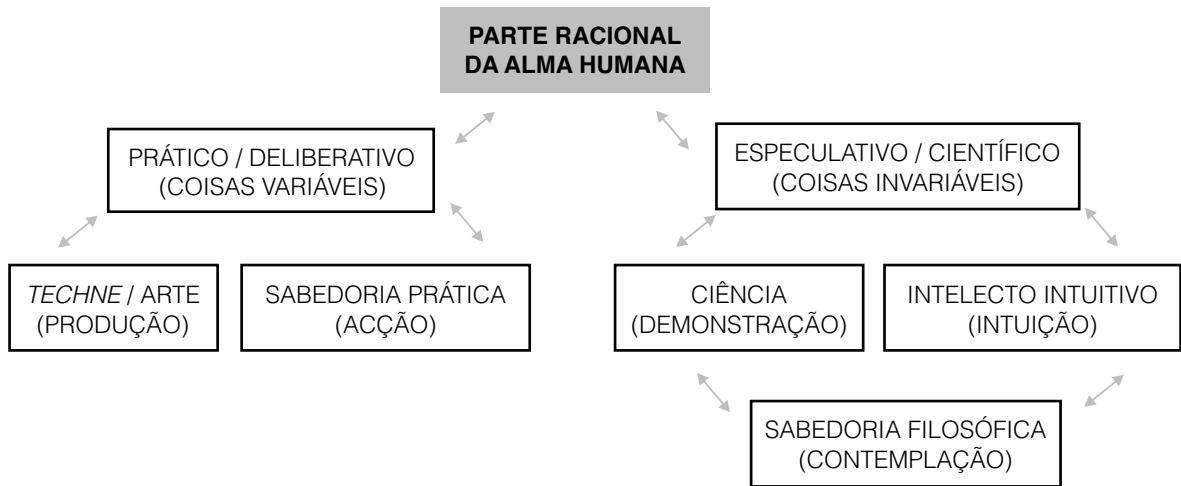


Gráfico retirado do artigo científico “Noções introdutórias sobre a ética das virtudes aristotélicas” | Idalgo J. Sangali e Jaqueline Stefani | 20.12.2015

“Vemos que toda cidade é uma espécie de comunidade, e toda comunidade se forma com vistas a algum bem, pois todas as ações de todos os homens são praticadas com vistas ao que lhes parece um bem; se todas as comunidades visam a algum bem, é evidente que a mais importante de todas elas e que inclui todas as outras tem mais que todas este objetivo e visa ao mais importante de todos os bens; ela se chama cidade e é a comunidade política.”<sup>339</sup>

A questão central para os teóricos da virtude é “Como devo viver?”. A resposta por eles dada a esta questão é: “Cultive as virtudes”. Só cultivando as virtudes poderemos prosperar como seres humanos. Mas o que é uma virtude? É um padrão de comportamento e sentimento – uma tendência para agir de certa maneira e desejar e sentir certas coisas em certas situações. Ao contrário de Kant, Aristóteles pensava que ter as emoções apropriadas era essencial para a arte de viver bem. Uma virtude não é um hábito irrefletido; muito pelo contrário, implica um juízo inteligente sobre a resposta apropriada à situação em que nos encontramos. **“O perigo consiste na possibilidade de os teóricos da virtude se limitarem a redefinir os seus preconceitos e formas de vida preferidas como virtudes e as actividades de que não gostam como vícios. (...) Outra crítica à teoria da virtude é o facto de pressupor a existência de uma coisa a que chama a natureza humana, existindo por isso padrões gerais de comportamento e sentimentos apropriados para todos os seres humanos.”**<sup>340</sup>

“Is history shaped by the will of great men, or is history shaped by advanced forces of individual control.”<sup>341</sup>

<sup>339</sup> ARISTÓTELES (2009) “Ética a Nicômaco”, Livro I, Quetzal Editores.

<sup>340</sup> WARBURTON, Nigel (1999) “Philosophy: the Basics”, London/New York, Routledge, pp.5457; Tradução de: ALEXANDRE, António Franco e MURCHO, Desidério (1998) “Elementos Básicos de Filosofia”, Lisboa, Gradiva, pp.8791.

<sup>341</sup> MINTON, Anna (2015) Debate: “Why is ethics such an important issue for architects?” Architectural Review.

De uma forma mais simplificada, para que se compreenda o entendimento da ética e da arquitectura na mesma frase ou contexto, coloca-se a pergunta, **porque é que a ética é um tópico tão importante para a Arquitectura?**

É difícil, pois não há uma resposta simples. Para qualquer seguidor do debate arquitectónico, seria difícil não estar consciente da massa crítica de artigos, ao longo dos últimos anos, que lidam com a questão do papel político e social da arquitetura, e, mais amplamente a "agência de arquitetos"<sup>342</sup>. Cada vez mais tornou-se importante, para os arquitectos, que os seus projectos tenham alguma relevância social, quer seja pela crise económica ou política no mundo, quer seja pelo que os média escrevem sobre os mesmos arquitectos; não há nada mais satisfatório para um arquitecto do que saber que o seu trabalho importante a alguém, que mudou algo, que fracturou a tradição da capitalização e privatização do espaço público em prol do estado social. A narrativa convencional que se vê na profissão da arquitectura é essencialmente um ataque, sendo esta constantemente corroída pela crescente especialização de funções no projecto de construção; um arquitecto cujo trabalho corre mal durante o período de construção, é absolutamente "atacado" pelos média, um exemplo disso seria talvez a Zaha Hadid Architects e o seu projecto no Qatar – foi altamente criticada, não os seus contribuintes ou arquitectos sénior mas ela pessoalmente, por "aparentemente" terem morrido alguns trabalhadores durante a construção do projecto, ao qual se veio a verificar que seria um engano ao qual resultou em processos judiciais. **O arquitecto é apenas mais uma pequena roda denteada, na extensa, complexa e agressiva máquina de desenvolvimento da indústria.** A arquitectura está actualmente a ser impulsionada pelo tom imperativo em que o risco está constantemente presente – uma propaganda de medo, que se tem vindo a provar que move pessoas a construir uma revolta descontrolada e irracional contra outrem –, **o conceito da abstracção, na actividade do arquitecto, está em vias-de-extinção pois foi diminuído favorecendo a oportunidade comercial.** Parte da arquitectura, está portanto, a ser marginalizada pelo conservadorismo – esquecendo em certa parte o público, para quem muitos ainda defendem ser o propósito da disciplina –, e mediocridade que colocam o arquitecto numa posição à margem do design, ou pior, da publicidade. Os arquitectos acabam então por ser apenas úteis – uma vez que o mercado da indústria da construção muitas vezes constrói atrocidades como blocos de habitação aleatoriamente pela cidade, numa tentativa de oferta futura, em muitos dos casos não envolvendo de todo o arquitecto no seu processo. Os profissionais de arquitectura passaram apenas a ser úteis quando o seu nome ou assinatura pode ser manipulado para criar valor. Assim, enquanto o sistema de "*starchitect*" é, por um lado, uma produção do mundo da arquitectura contemporânea e dos *mídia*, por outro, ela é fortemente reforçada/incentivada pelas necessidades do comércio imobiliário.

Resta então tentar compreender como é que a ética encontra o seu lugar no mundo prático... Um exemplo que Rory Olcayto, do *Architects' Journal*, apresentou, num debate organizado pela AR acerca deste tema, o caso de Oslo em que a cidade impôs uma "corrente de ética" em todos os edificios da cidade. Foi um verdadeiro exemplo do que pode ser alcançado, com vontade política, onde os arquitectos podem tirar partido. **"Ethics are, after all, a relative concept – the manifestation of a moral ideal – and one need not have to delve too far**

---

<sup>342</sup> HOPKINS, Owen (2015) "Why is ethics such an important issue for architects?" *Architectural Review*.

into the annals of human history to discover that one person's morality is another's immorality, and vice versa." <sup>343</sup>

"There is usually no right answer to an ethical dilemma, but there are certainly right ways of dealing with them." <sup>344</sup>

"Understanding that our built environment is the product of many forces, it can dialectically be reduced to the tensions between creation and destruction, addition and subtraction, and erection and demolition." <sup>345</sup>



Joseph Rykwert, 2014. | Architects Journal | 20.12.2015

No livro *"The Seduction Of Place"*, Joseph Rykwert desenvolve um discurso mais voltado para o público geral do que o habitual, onde **faz um apelo a favor da participação e da ação comunitária, das iniciativas de cidadãos em protestos coletivos para resolução de problemas urbanos**. Trata da responsabilidade de arquitectos e restantes profissionais, e lembra que todas as manifestações urbanísticas são, antes de mais, política. Rykwert, além de propor um maior envolvimento da comunidade, também realça diferentes maneiras de se resolver os problemas urbanos, por outras palavras, da passagem do protesto ao projeto na construção do espaço urbano. Com um discurso semelhante ao de Jane Jacobs em *"Morte e Vida das Cidades Americanas"*, Rykwert escreve acerca do "mal estar urbano" e os possíveis "remédios" para melhorar o mesmo.<sup>346</sup> Defende a sutileza e a modéstia nas intervenções urbanas<sup>347</sup>, e termina o livro invertendo uma máxima de Daniel Burnham<sup>348</sup> que dizia: "Não

---

<sup>343</sup> HOPKINS, Owen (2015) "Why is ethics such an important issue for architects?" Architectural Review.

<sup>344</sup> HALL, Jane (2015) Debate: "Why is ethics such an important issue for architects?" Architectural Review.

<sup>345</sup> "Taking Buildings Down" (2016) Storefront for Art and Architecture - "Competition of Competitions". Soho, Londres (Reino Unido). Consultado em: <http://www.citylab.com/design/2016/01/storefront-for-art-and-architecture-taking-buildings-down-competition/423534/>

<sup>346</sup> Na época da publicação do livro de Jane Jacobs (1961), Lewis Mumford publica na revista New Yorker um artigo crítico com o irónico título: THE SKY LINE "Mother Jacobs Home Remedies" (Consultado em: <http://www.newyorker.com/magazine/1962/12/01/the-sky-line-mother-jacobs-home-remedies>). Jane Jacobs respondeu, afirmando que além de machista, Mumford nunca gostou de grandes cidades como Nova York.

<sup>347</sup> Os projectos e intervenções urbanas são cada vez mais espetaculares e midiáticos nas mais recentes revitalizações urbanas, que sempre acabam por expulsar a população mais pobre do local, através da "gentrification".

<sup>348</sup> Daniel Burnham é o autor do Plano de Chicago, de 1909, um modelo para a modernização das cidades nos EUA.

faça planos pequenos”. Rykwert, contrariamente a Burnham, aconselha: “Faça planos pequenos, e muitos deles”.<sup>349</sup>

No epílogo, Rykwert, como não poderia deixar de ser<sup>350</sup>, relembra o caso do 9/11, em Nova Iorque, e comenta como este reforça a questão do valor simbólico da arquitectura. Uma ironia que subtilmente passa despercebida na história da arquitectura, as torres gémeas do WTC, destruídas por um ataque terrorista em 2001, foram inauguradas em 1972, quando ainda eram as torres mais altas do mundo, símbolo do poderio económico dos E.U.A. e da posição central de Nova Iorque no comércio mundial. O ano de 72 foi também o ano de início do “Pós-modernismo”, principalmente por causa da implosão do *Pruitt Igoe*, já nesta dissertação abordado, sendo que para Charles Jencks foi o término oficial do Modernismo.<sup>351</sup>

**Joseph Rykwert realça a função simbólica e metafórica da arquitectura.** Protesta contra a arrogância da arquitectura, contra a megalomania dos projectos faraónicos contemporâneos, e propõe, no lugar dos mega-monumentos, projectos mais modestos, mais subtis, em suma, mais humanos. Algo que poderia talvez ser resumido da seguinte forma: **Pressão Cívica vs Função Simbólica.**

Rykwert deixa uma mensagem final bem clara – ética no pensamento, na concepção, na execução e, para o futuro –, pede para que os arquitectos **prestem mais atenção às consequências previsíveis do que projectam**; e para que a comunidade preste atenção aos projetos dos arquitectos e restantes profissionais, e também às posições quanto às questões urbanas dos políticos. “Quase um slogan do tipo: **ao votar pense na forma de cidade que você deseja!**”<sup>352</sup> O recado fica ainda mais explícito no final do texto: “**Talking thought and giving voice loudly and publicly can still be a powerful weapon and can operate at many levels. Never mind your political candidates views on abortion and gay rights – or any other factional interest, however important. Quiz him on his stand about matters of city texture and ask him if he knows that the fabric of the city is a metaphor for the society which you and he or she want to bring about. Demand to see any urban project, and consider its implications for energy consumption, for retail trade, for the provision of public space, or its adequacy for demonstrations and for public gatherings, not just for parks for leisure activities. Demand mixed use, and space for urban markets and urban farming in conjunction with housing. Insist that rapid urban transport be a public service, not a business enterprise.**”<sup>353</sup>

---

<sup>349</sup> RYKWERT, Joseph (2009) “The Seduction of Place.” Oxford University Press.

<sup>350</sup> Uma vez que todo o livro é focado na capital mundial - Nova Iorque -, segundo ele.

<sup>351</sup> O movimento moderno já tinha terminado com o final dos CIAM e a construção em massa de conjuntos habitacionais já vinha sendo muito criticada na Europa desde os anos 1950, principalmente pelo próprio Team X entre outros.

<sup>352</sup> JACQUES, Paola Berenstein (2003) “A participação comunitária na cidade contemporânea.” Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 5, n. 2. São Paulo, NERU, p. 97-98.

<sup>353</sup> RYKWERT, Joseph (2009) “The Seduction of Place.” Oxford University Press.



“Architectural code of ethics in a post-global era: A pragmatic response to spatial corruption.” | Nathalie Eldan | Future Architecture Platform | 20.01.2016



# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## BIBLIOGRAFIA

- **ARISTÓTELES** (1945) "Ethica Nicomachea".
- **BAEZA**, Alberto Campo (2011) "A Ideia Construída". Caleidoscópio Editora.
- **BAEZA**, Alberto Campo (2015) "Principia Architectonica". Caleidoscópio Editora.
- **BECKER**, Caroline Valada. "Distopia, Alegoria e Redescoberta dos Sentidos: O Ser Humano em meio ao Caos", PUCRS.
- **BENJAMIN**, Walter (1975) "A modernidade e os modernos". Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- **BERNSTEIN**, Fred (2015) "Fashion Forward: At an old distillery complex, Rem Koolhaas's Prada Foundation mixes one part creative preservation with one part bold new architecture." (Consultado em: [http://archrecord.construction.com/projects/Building\\_Types\\_Study/museums/2015/1507-prada-foundation-oma.asp](http://archrecord.construction.com/projects/Building_Types_Study/museums/2015/1507-prada-foundation-oma.asp)).
- **BISMARCK**, Pedro Levi (2013) "Os Analfabetos do Presente." Jornal Punkto. (Consultado em: [http://www.revistapunkto.com/2013/05/os-analfabetos-do-presente-pedro\\_20.html](http://www.revistapunkto.com/2013/05/os-analfabetos-do-presente-pedro_20.html)).
- **BURSTEIN**, Julie (2015) "The Pantheon: A Lesson in Designing with Light." Studio 360. (Consultado em: <http://www.studio360.org/story/aha-moment-steven-holl-at-the-pantheon/>).
- **BUTLER**, Judith (1990) "Gender Trouble: Feminism And the Subversion of Identity".
- **CARBONARA**, Giovanni (1976) "La reintegrazione dell'immagine". Roma, Bulzoni.
- **CARNEIRO**, Celeste (2000) "A Arte e o Cérebro no Processo da Aprendizagem." (Consultado em: <http://www.cerebromente.org.br/n12/opiniao/criatividade2.html>).
- **COELHO**, Alexandra Prado (2015) "Lisboa já descobriu o Tejo?" (Consultado em: <http://www.publico.pt/culturaipilon/noticia/lisboa-ja-descobriu-o-tejo-1702279>).
- **COELHO**, J. G. Bergson (1998) "Intuition and Intuitive Method". Trans/Form/Ação (São Paulo), v.21-22, p.151-164.
- **COELHO**, Teixeira (1981) "O que é utopia?" São Paulo: Brasiliense. (Série Princípios).
- **COMPAGNON**, Antoine (1999) "O demônio da teoria: literatura e senso comum." Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- **DARWIN**, Charles (2009) "A Origem das Espécies: Através da Selecção Natural ou Preservação das Raças Favorecidas na Luta pela Sobrevivência." Colecção Planeta Darwin, Planeta Vivo. Tradução de Ana Afonso.

- **DE GRAAF**, Reinier (2015) "The smart city blinds us to the possibility of political action." Opinion Article, Dezeen. (Consultado em: <http://www.dezeen.com/2015/07/16/reinier-de-graaf-oma-opinion-megatropolis-smart-cities-political-action-favela-rio-brazil-cosmoproletariat/>).
- **FERRAZ**, Marcelo Carvalho (1996) "Lina Bo Bardi." São Paulo, Instituto Lina Bo e P. M. Bardi.
- **FREIRE**, Cristina (1997) "Além dos mapas." São Paulo, SESC/Annablume/FAPESP.
- **FUNARI**, Pedro (2005) "A diversidade e o patrimônio em discussão". Drops, n. 13.05. São Paulo, Portal Vitruvius.
- **GOLDBERGER**, Paul (2001) "Swiss Mistique". Vanity Fair. (Consultado em: <http://www.vanityfair.com/culture/2001/07/peter-zumthor-architect-buildings>).
- **GUNTHER**, Paul (2015) "Saving Place: 50 Years of New York City Landmarks," AN Blog, The Architect's Newspaper.
- **HAUFFE**, Thomas (1998) "Design: A Concise History."
- **HUYSEN**, Andréas (2000) "Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia." Rio de Janeiro, Aeroplano.
- **JACOBY**, Russel (2007) "Imagem Imperfeita - Pensamento utópico para uma época antiutópica." São Paulo: Civilização Brasileira.
- **JENCKS**, Charles (1984) "The Language of Post-Modern Architecture".
- **JIMENEZ**, Marc (1997). "*Qu'est-ce que l'esthétique?*". Paris: Gallimard, pp.18-20.
- **KIERKEGAARD**, Søren (1846) "Concluding Unscientific Postscript".
- **KOOLHAAS**, Rem (2000) "Ceremony Acceptance Speech." Pritzker Architecture Prize.
- **LANGE**, Alexandra (2015) "Seven Leading Architects Defend the World's Most Hated Buildings." New York Times. (Consultado em: [http://www.nytimes.com/interactive/2015/06/05/t-magazine/architects-libeskind-zaha-hadid-sellidorf-norman-foster.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/interactive/2015/06/05/t-magazine/architects-libeskind-zaha-hadid-sellidorf-norman-foster.html?_r=0)).
- **LAPARDELLI**, Ippolito Pestellini; **BYSTRYKH**, Janna; **PETERMANN**, Stephan (2015) "Demolition. The Berlage spring Masterclass." AMO/OMA.
- **LORDELLO**, Eliane e **LACERDA**, Norma (2007) "A memória das cidades e a diversidade cultural nas temporalidades ciberculturais." www.vitruvius.br, Arqutextos, n. 083.03. São Paulo, Portal Vitruvius, abr.
- **LUBIN**, Gus (2013) "Why Architect Le Corbusier Wanted To Demolish Downtown Paris". Business Insider. (Consultado em <http://www.businessinsider.com/le-corbusiers-plan-voisin-for-paris-2013-7>).
- **LUSA** (2015) "Qualidade de Vida dos Portugueses em 2013 recua até 1990." (Consultado em: <http://www.publico.pt/economia/noticia/nivel-de-vida-regrediu-em-2013-para-niveis-de-1990-indica-estudo-1701349>).

- **MANNA**, Eduardo Della (2008) “Broadacre City: meio ambiente, desenvolvimento sustentável e ecologia social.” *Arquitextos*, Vitruvius. (Consultado em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.095/148>).
- **MANO**, André Correia Coimbra (2013) “A estrutura enquanto elemento da linguagem Arquitectónica”, Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Arquitectura. Pág.9.
- **MATOSO**, José (2006) “A Identidade Nacional.” Gradiva.
- **MILET**, Vera (1988) “A teimosia das pedras. Um estudo sobre a preservação ambiental no Brasil.” Olinda, Prefeitura de Olinda.
- **MILHEIRO**, Ana Vaz (2012) “Nos Trópicos Sem Le Corbusier: Arquitectura Luso-Africana no Estado Novo”. *Relógio d’Água*.
- **MILHEIRO**, Ana Vaz; **NOBRE**, Ana Luiza; **WISNIK**, Guilherme (2006) “Coletivo. 36 projetos de arquitetura contemporânea.” São Paulo, Cosac Naify.
- **RIBEIRO**, Eduardo Soares (2013) “Bergson and Intuition as a Method in Philosophy”, *Kínesis*. (Consultado em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/eduardoribeiro.pdf>).
- **RICOEUR**, Paul (1991) “Ideologia e utopia.” Lisboa: 70.
- **RYKWERT**, Joseph (2009) “The Seduction of Place.” Oxford University Press.
- **RODRIGUES**, Pedro Jorge Dias Pimenta (2007) “Património, Território e Topologia do Lugar, no Brasil, no Estado de Goiás; Contributo para a metodologia projectual do espaço urbano e estruturas de suporte em Arquitectura.” UTL.
- **SARAMAGO**, José. (1995) “Ensaio sobre a cegueira.” São Paulo: Companhia das Letras.
- **SELF**, Jack (2015) “Does politics have any place in architecture?” *The Architectural Review*.
- **TYRNAUER**, Matt. (2010) “Architecture in the Age of Gehry”, *Vanity Fair*. (Consultado em: <http://www.vanityfair.com/culture/2010/08/architecture-survey-201008>).
- **WHITMAN**, Walt (1983) “Folhas das folhas de relva.” Geir Campos. São Paulo, Brasiliense, p. 81-82.

#### VIDEOGRAFIA

- **BLOMKAMP**, Neill (2013) “Elysium” Sony Pictures.
- **FUJIMOTO**, Sou (2011) Conferência “Primitive Future.” Harvard GSD.
- **HUSTWIT**, Gary (2011) “Urbanized”.
- **LANG**, Fritz; **HARBOU**, Thea von (1927) “Metropolis”
- **McTEIGUE**, James; **LLOYD**, David (2005) “V For Vendetta” Silver Pictures.
- **MEIRELLES**, Fernando (2008) “Blindness” Focus Features.

- **RTP2** (?) “A Casa e a Cidade”, RTP. (Consultado em: <http://www.rtp.pt/programa/tv/p27233>).
- **TSCHUMI**, Bernard (2003) Conferência “Transgressions: Advertisements for Architecture”. (Consultado em: <https://www.youtube.com/watch?v=EauVVcCsOGQ>).
- **VARELA**, Raquel (2014) “Prós e Contras XII”, RTP1.
- **KOOLHAAS**, Rem (2013) Conferência “Preservation of History”. Harvard GSD. (Consultado em: <https://www.youtube.com/watch?v=8kvZQ5TfnfQ>).
- **KOOLHAAS**, Rem (2013) Conferência “Preservation of History.” Harvard GSD.
- **WIMMER**, Kurt (2002) “Equilibrium” Dimension Films.

BUILD BRIDGES,  
NOT WALLS.

# ANEXOS